

Working Papers em Linguística

I-1,19,32

hiznado, que entre os mais bens, que possu
pepe habua curawa mutata de nome co
geta, que houve por herança de meus Pais, a qual pelo
bons servicos, que me tem prestado desde que estive estudan
do em Pernambuco, e vivendo - me sempre em interroga
cao desde que heramos meus a the hoje que meus so
mos maiores de 60 annos, pelo hoje 50 annos / forro
como de facto forrado a tenho de hoje p.^o sempre a fine
de gozar de sua liberdade como se fora a respeito de
sauda the esta cortada a fôrma, que tem todo o vigor
ainda q. a fôrma formabi. the falta, pois he me in ha
luz, e espontanea vontade forro esta curawa go a
tuitamente, e pelo amor de Dey em attenção aos longos
annos de servico, que della tenho recebido, como a cima
dize, pelo doze esta registada nos Livros dos Not.
que he a fôrma p. the do vigor. Phi de Dou
de 1855

Formas e fórmulas

de tratamento

do mundo hispânico,

luso e brasileiro

Jose Martiniano S. Alencar.
Jose Martiniano S. Alencar.

Working Papers em Linguística, v. 20, n. 2, 2019

Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis - SC - Brasil

Editora-chefe

Izete Lehmkuhl Coelho

Coeditores

Marco Antonio Martins

Izabel Christine Seara

Organização

Izete Lehmkuhl Coelho

Leandra Cristina de Oliveira

María Eugenia Vázquez Laslop

Editoração

Ana Cláudia Fabre Eltermann

Clóvis Alencar Butzge

Cecília Augusta Vieira Pinto

Érica Marciano de Oliveira Zibetti

Gésyka Mafra

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder

João Paulo Zarelli Rocha

Raquel Gomes Chaves

Fernanda Delatorre

Conselho Editorial

Adair Bonini, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adriana Fischer, Centro Universitário de Brusque, Brasil

Aline Cacilda Koteski Emilio, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Ana Cláudia Souza, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

André Berri, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Clarice Nadir von Borstel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Cláudia Regina Brescancini, Pontifícia Universidade Católica – RS, Brasil

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cristine Gorski Severo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edair Maria Gorski, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edwiges Maria Morato, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Fabio Luiz Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Felício Wessling Margotti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Helena Guerra Vicente, Universidade de Brasília, Brasil

Heronides Maurílio de Melo Moura, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Izabel Christine Seara, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Josias Ricardo Hack, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leandra Cristina de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leonor Scliar Cabral, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Lucélio Dantas Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luizete Guimarães Barros, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Magdiel Medeiros Aragão Neto, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mailce Borges Mota, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Inêz Probst Lucena, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Izabel de Bortoli Hentz, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Teresa Santos Cunha, Universidade do Estado de Santa Catarina

Márluce Coan, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maurício Eugênio Maliska, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

Monica Mano Trindade, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Morgana Fabiola Cambrussi, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Nara Caetano Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nelita Bortolotto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nívea Rohling, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Otávio Goes de Andrade, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Renato Basso, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Roberta Pires de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rodrigo Acosta Pereira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ronald Taveira da Cruz, Universidade Federal do Parnaíba Piauí, Brasil

Rosângela Hammes Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rosely Xavier, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Bueno Borges da Silva, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Tarcisio de Arantes Leite, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Vidomar Silva Filho, Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Werner Heidermann, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sumário

NÚMERO TEMÁTICO INTERFACES DA PROSÓDIA

APRESENTAÇÃO	3
Leandra Cristina de Oliveira, Izete Lehmkuhl Coelho, María Eugenia Vázquez Laslop	

ENTREVISTAS

UMA ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO FARACO	7
Izete Lehmkuhl Coelho, Leandra Cristina de Oliveira	

ENTREVISTA COM VIRGINIA BERTOLOTTE	15
Leandra Cristina de Oliveira, Izete Lehmkuhl Coelho	

ARTIGOS

THE DIACHRONIC EXPANSION OF PT. VOSSA MERCÊ > VOCÊ AND SP. VUESTRA MERCED > USTED	24
Martin Hummel	

FEIRA DOS ANEXINS, DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, E OS PRIMEIROS REGISTROS DE VOCÊ	60
Leonardo Lennertz Marcotulio, Daví Lopes Franco	

EU LHE ALEMBRO A VOCÊ: SOBRE O LUGAR DE VOSSA MERCÊ E VOCÊ NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS	85
Vanessa Martins do Monte	

O SISTEMA DE TRATAMENTO EM CARTAS BAIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE A POSIÇÃO DE SUJEITO	109
Elane Santos e Santos, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro	

A PERCEPÇÃO E A ACEITABILIDADE DE FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS EUROPEU (PE)	135
Célia Regina Lopes, Maria Antónia Mota	

O ESTATUTO VARIÁVEL DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO DOS SÉCULOS XIX E XX	175
Juliana Sander Diniz, Márcia Cristina de Brito Rumeu	

ANÁLISE DIATÓPICO-DIACRÔNICA DOS COMPLEMENTOS PRONOMINAIS DE VERBOS NA ESCRITA BRASILEIRA DOS SÉCULOS XIX E XX	195
Marco Antonio Rocha Martins, Kássia Kamilla de Moura, Franklin Costa da Silva	

IMAGEM DA CAPA

LOC. ORIGINAL I-1,19,32 - MANUSCRITOS

ALENCAR, JOSÉ MARTINIANO DE, 1794-1860

TÍTULO [CARTA DE ALFORRIA] [MANUSCRITO]

IMPRENTA RIO DE JANEIRO, RJ : [S.N.], 1855.

ACERVO.BNDIGITAL.BN.BR/SOPHIA/INDEX.ASP?CODIGO_SOPHIA=2854

APRESENTAÇÃO

Leandra Cristina de Oliveira | [Lattes](#) | leandraletras@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Izete Lehmkuhl Coelho | [Lattes](#) | izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina | CNPq

María Eugenia Vázquez Laslop | [CV](#) | mvazquez@colmex.mx
El Colegio de México

Este número *Formas e fórmulas de tratamento do mundo hispânico, luso e brasileiro* sistematiza resultados de alguns trabalhos apresentados no III Congresso *Formas e fórmulas de tratamento do mundo hispânico e luso-brasileiro* (IIICFFT), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, entre 7 e 9 de maio de 2018. Os artigos, em geral, estão relacionados à análise histórica e diacrônica do tratamento e à reconstrução diacrônica a partir da sincronia variacionista, duas das temáticas propostas no Congresso. Os resultados apresentados buscam discutir aspectos sócio-históricos, geográficos e estilísticos envolvidos no uso das fórmulas e formas de tratamento, bem como algumas correlações dessas formas com clíticos e formas verbais imperativas com foco especialmente no português.

O número abre com duas entrevistas, uma realizada com o Professor Doutor Carlos Alberto Faraco e outra com a Professora Doutora Virginia Bertolotti, representando o mundo luso e brasileiro e o mundo hispânico, respectivamente. Destaca-se na entrevista com Faraco o seu texto clássico *O tratamento você em português: uma abordagem histórica* publicado pela primeira vez em 1996 e recentemente reeditado pela revista *LaborHistórico* (v. 3, n. 2, 2017). A importância dessa obra para as discussões sobre o tratamento em português é visível nas inúmeras citações ao texto encontradas em trabalhos de teses e dissertações defendidas no Brasil e em artigos diversos escritos em periódicos científicos. Na entrevista à professora Virginia Bertolotti, recupera-se sua trajetória de pesquisa a partir da publicação de sua tese *Los cambios en la segunda persona del singular durante el siglo XIX en el español del Uruguay*, em 2011, dando destaque ao livro «*A mí de vos no me trata ni usted ni nadie*». *Sistema e historia de las formas de tratamiento en la lengua española en América* (BERTOLOTTI, 2015), sem deixar de lembrar seus numerosos artigos em livros e revistas da América, dos Estados Unidos e Europa.

Os textos apresentados na sequência, de certa forma, dialogam com as entrevistas, quando mostram o alcance dos resultados de pesquisas sobre as formas e fórmulas de tratamento. O primeiro artigo deste número, *The diachronic expansion of Pt. vossa mercê > você and Sp. vuestra merced > usted*, de Martin Hummel, traz reflexões teóricas importantes a respeito das formas ainda em fase de gramaticalização, fazendo um convite à reflexão sobre a expansão diacrônica dos pronomes *você* e *usted* no português e no espanhol, respectivamente. Hummel traz para debate questões importantes sobre as inúmeras variantes reduzidas dessas formas nominais encontradas já no século XVI. A fixação tardia de uma dessas formas (*vossa mercê* e *vuestra merced*) se deu, segundo o autor, por uma simples questão de padronização.

O segundo e o terceiro artigos deste número trazem reflexões bastante relevantes a respeito da datação da nova forma de tratamento *você* no português. *Feira dos Anexins, de D. Francisco Manuel de Melo, e os primeiros registros de você*, escrito por Leonardo Lennertz Marcotulio e Daví Lopes Franco, propõe-se a apresentar o texto de Melo, assim como a problematizar a datação da nova forma de tratamento *você* na história do português. Na literatura, a data de 1666 tem sido marcada como o primeiro registro de ocorrência da forma *você*, fazendo referência à obra *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo. Embora a datação seja questionada por Menon (2009) e esse questionamento tenha sido reconhecido por Marcotulio e Franco, o texto *Feira dos Anexins* de Melo ainda permanece desconhecido por parte de especialistas. Os autores realizam uma investigação bem detalhada desse texto e observam que a forma *você* é bem produtiva nessa obra, coexistindo com outras formas de tratamento como *tu*, *vós*, *vossa mercê* e *o senhor*.

Na sequência, vem o artigo de Vanessa Martins do Monte, *Eu lhe alembro a você: sobre o lugar de vossa mercê e você na história do português*. A autora investiga fontes documentais manuscritas quinhentistas e seiscentistas que trazem ocorrências abundantes de *vossa mercê* e também formas de *você* que nunca foram analisadas em pesquisas sobre formas de tratamento com o propósito de trazer novas reflexões à luz do tratamento na história do português. Uma das contribuições deste artigo é a atestação do *terminus a quo* da palavra *você*, que data de 1638. Outras decorrências da análise são a defesa de uma necessária interdisciplinaridade dos estudos de Filologia, Paleografia e Linguística Histórica, além da necessária constituição de um diálogo efetivo entre os projetos coletivos que pesquisam a história do português, considerando-se sua sócio-história comum.

O quarto artigo, intitulado *O sistema de tratamento em cartas baianas: uma análise sobre a posição de sujeito*, com a autoria de Elane Santos e Santos, Mariana Fagundes de

Oliveira Lacerda e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, contribui para este número temático com a análise do sistema de tratamento na posição de sujeito, que toma como base um corpus de cartas pessoais redatadas por sertanejos pouco escolarizados no período entre 1906-2000. O estudo se destaca pelo mapeamento do sistema pronominal da *variedade português popular brasileiro* (PPB), descrevendo a alternância entre as formas de referência à segunda pessoa do discurso e identificando as estratégias que condicionam os usos das formas de tratamento pelos missivistas. A discussão tem como alicerce teórico a Linguística Histórica, a Sociolinguística Variacionista e a Teoria do Poder e Solidariedade postulada pelo estudo clássico de Brown e Gilman (1960). Retomando resultados de estudos anteriores que orientam para a existência de três subsistemas de tratamento na posição de sujeito – (I) *você*, (II) *tu*, (III) *você – tu*, na amostra investigada pelas autoras, revelam-se as formas *o/a senhor/a*, *vosmecê*, *você* e *tu*, com expressivo vigor do subsistema de *você* exclusivo, especialmente em relações sociais do tipo simétrica.

Sequencialmente, o estudo *A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (pe): uma abordagem experimental*, desenvolvido por Célia Regina Lopes e Maria Antónia Mota, socializa os resultados de um experimento aplicado a 34 participantes portugueses com o objetivo de detectar o valor social assumido pelas variantes *tu* e *você* no português europeu e estabelecer uma comparação com os resultados do teste aplicado a falantes do Rio de Janeiro no ano de 2016. A partir da interface entre a perspectiva Sociolinguística laboviana e a Sociopragmática, o viés experimental levado a cabo pelas autoras aporta expressiva contribuição para o estudo do julgamento de aceitabilidade das variantes *tu* e *você* no português europeu e no português brasileiro. Entre os resultados alcançados, destaca-se a sinalização do alto grau de aceitabilidade da forma *tu* nos diferentes tipos de interação controlados no teste aplicado em Lisboa, diferentemente do que se observara no teste aplicado no Rio de Janeiro.

O sexto texto que compõe este número temático, *O estatuto variável das construções imperativas de 2sg no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX*, de Juliana Sander Diniz e Márcia Cristina de Brito Rumeu, toma como base cartas pessoais oitocentistas e novecentistas redigidas por brasileiros cultos. Com um olhar sobre as construções imperativas (*vem vs venha*), os resultados apontam para a preferência dos missivistas cariocas por construções associadas ao subjuntivo, acompanhando a forma nominativa de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular (*você*). No que diz respeito a construções imperativas vinculadas ao indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito*, estas, em termos probabilísticos, figuram como contextos de influência intermediária na aplica-

ção da regra variável em análise. A relevância do estudo situa-se na indicação de rastros históricos do imperativo abreviado já em amostras escritas do século XIX como uma repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal.

Finalizando a presente edição, o artigo *Análise diatópico-diacrônica dos complementos pronominais de verbos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX*, com a autoria de Marco Antonio Rocha Martins, Kássia Kamilla de Moura e Franklin Costa da Silva, circula no campo disciplinar da sintaxe diacrônica, propondo o mapeamento diatópico-diacrônico dos pronomes complementos de verbos com referência à segunda pessoa, com foco nas formas dativas. Confirmando a hipótese de que formas inovadoras da gramática do PB se implementam primeiro na região Nordeste quando comparada com as regiões Sudeste e Sul no vasto território brasileiro, os resultados apresentados, a partir da análise de cartas pessoais escritas no Brasil nos séculos XIX e XX, orientam, para a região Nordeste, um quadro de maior recorrência de complementos verbais nas funções acusativa, dativa e oblíqua, quando alinhados a pronome *você*, com baixa frequência do pronome *te* e implementação da forma *lhe* no sistema pronominal desde o início do século XX. Esse e outros resultados sinalizados pelos autores se contrastam ao que se encontra no estudo sobre as regiões Sudeste e Sul, sobretudo no marco temporal em que tais mudanças se implementam na escrita.

As sínteses aqui apresentadas sinalizam a diversidade teórico-metodológica que o amplo fenômeno a que se orienta este número temático da *Revista Working Papers em Linguística* possibilita. Esta publicação reúne estudos de investigadores conceituados que se movem por caminhos conhecidos, mas que, em sua experiência, empreendem também novos percursos com o objetivo de compreender e descrever um dos mais instigantes objetos no âmbito da descrição dos sistemas linguísticos: as formas e fórmulas de tratamento.

Finalizamos agradecendo imensamente aos entrevistados deste número, o Professor Doutor Carlos Alberto Faraco e a Professora Doutora Virginia Bertolotti, aos autores que enviaram seus textos, aos pareceristas *ad hoc*, à Equipe Editorial da Revista e ao Programa de Pós-graduação em Linguística, por oportunizarem esta publicação. Convidamos os leitores a fazerem parte desta conversa. Que a leitura seja prazerosa!

UMA ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO FARACO

Izete Lehmkuhl Coelho | [Lattes](#) | izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina | CNPq

Leandra Cristina de Oliveira | [Lattes](#) | leandraletras@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

Para representar o mundo luso e brasileiro, fizemos uma entrevista com o professor e linguista Carlos Alberto Faraco, destacando suas contribuições aos estudos sobre os pronomes de tratamento no português, disponibilizadas em especial em seu texto clássico *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*, publicado pela revista *Fragmenta* em 1996 e recentemente reeditado pela revista *LaborHistórico* (v. 3, n. 2, 2017). “O texto ainda respira?” Foi o que o professor respondeu ao ser interpelado pelo editor da revista *LaborHistórico* sobre a possibilidade de sua reedição. Segundo Nunes de Souza (2017), que escreveu o prefácio *Por que reeditar (e reler) O tratamento você em português: uma abordagem histórica*, “o texto respira em cada trabalho sobre formas de tratamento do português – e hoje são muitos esses trabalhos, em grande parte inspirados pelo ‘sopro’ do artigo editado pela primeira vez em 1996” (p. 109). A importância desse trabalho no âmbito das investigações sobre as formas e fórmulas de tratamento no português brasileiro releva-se como obra de referência a inúmeros trabalhos de teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidos no Brasil e a artigos diversos sobre o tema, a exemplo de alguns dos textos que estão sendo disponibilizados neste volume 20, número 2 (2019) da Revista *Working Papers em Linguística*.

Carlos Alberto Faraco é professor titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná, exercendo atualmente a função de professor colaborador dessa Universidade. Fez Graduação em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 1972 e Mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas em 1978. Doutorou-se em Linguística Românica pela University of Salford em 1982. Desenvolveu de 1995 a 1996 estudos de pós-doutorado em Linguística na University of California. Foi reitor da Universidade Federal do Paraná de 1990 a 1994. Em 1999 recebeu o prêmio paranaense de Ciência e Tecnologia, da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia e, em 2016, o prêmio Antenor Nascentes, da Academia Brasileira de Filologia.

Em uma rápida inspeção de sua obra já se observa o leque e o vigor de sua produção científica — são mais de 20 livros, 36 capítulos, vários artigos publicados em revistas científicas de prestígio, inúmeras entrevistas e artigos de divulgação científica, entre outros. Eis alguns exemplos de seus livros nas diferentes áreas de atuação: *História do português* (2019), *Para conhecer norma linguística* (2017), *História sociopolítica da língua portuguesa* (2016), *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral* (2016), *Linguagem escrita e alfabetização* (2012), *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin* (2009), *Norma culta brasileira: desatando alguns nós* (2008), *Linguística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas* (2005). Sua preocupação com o ensino de língua materna releva-se em algumas dessas obras e também na autoria de alguns livros didáticos, como *Escrever na Universidade: Fundamentos* (2019), *Escrever na Universidade: Texto e Discurso* (2019), *Língua Portuguesa: prática de redação para estudantes universitários* (2008), entre outros. Nessas obras uma das preocupações de Faraco foi mostrar formas linguísticas em variação que se distanciam da norma padrão.

Nesta entrevista, Faraco expõe brevemente os caminhos percorridos em sua tese de doutorado, *The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion* (FARACO, 1982), que culminou na escrita de seu texto sobre as formas de tratamento, *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. Menciona que uma frente bastante investigada por diversos pesquisadores brasileiros diz respeito à variação entre os pronomes *tu* e *você* para a expressão da segunda pessoa do singular, especialmente em contexto morfossintático de sujeito. Acrescenta também que a questão do tratamento do interlocutor está no cerne dos eventos de interlocução, uma área extremamente sensível no estabelecimento e manutenção da interlocução.

O resgate da história dos pronomes de tratamento em território brasileiro realizado por Faraco e a relevância desse tema para as disciplinas de Linguística Histórica, Sociolinguística e Sociolinguística Histórica oferecem ao leitor informações históricas a respeito do funcionamento do fenômeno linguístico no Brasil, trazendo hipóteses que nortearam e norteiam pesquisas desenvolvidas no país nos últimos vinte anos.

Entrevista

Coelho e Oliveira: Para começar esta entrevista, retomamos a pergunta retórica feita por Nunes de Souza (2017, p. 110) no texto *Por que reeditar (e reler) O tratamento você em português: uma abordagem histórica*: em sua opinião, “o que há no artigo que faz com que ele siga respirando”?

Carlos Alberto Faraco: Avalio que ele segue respirando porque consegui, à época, fazer uma primeira sistematização da história do *você*. Havia análises esparsas do fenômeno, mas nenhuma sistematização. E, curiosamente, cheguei a ela por um caminho que não dizia respeito, de início, diretamente ao *você*. O artigo, primeiro publicado em 1996, saiu da minha tese de doutorado, defendida em 1982. O objeto da tese era, na verdade, o imperativo em português, em especial a variação entre as formas *canta/cante* do imperativo singular. Intuitivamente, eu observei que, na variedade curitibana, na qual o pronome de tratamento do interlocutor singular é *você*, havia uma variação entre os possessivos *seu/teu* e entre as formas singulares do imperativo (*cante/canta*). Ou seja, era perceptível que havia um rearranjo de formas gramaticais: formas do sistema *tu* coexistindo com formas do sistema *você* numa variedade em que não ocorre *tu* como pronome de tratamento. As formas do sistema *tu* estavam claramente desvinculadas da sua pertença original. Para tentar entender esse fenômeno, fiz, então, um estudo histórico que me levou à entrada na língua, já no período medieval tardio, das formas de tratamento que combinam com a terceira pessoa do verbo. Nesse estudo, o foco principal acabou sendo o percurso do *Vossa Mercê* pela sua transformação no pronome *você*. Foi ficando visível que essa nova configuração das formas de tratamento tinha um impacto em várias áreas da gramática, particularmente no sistema pronominal. Ao fim e ao cabo, desapareceram formas (o *vós*, por exemplo), surgiram e se consolidaram novas formas (o *você*, por exemplo), rearranjaram-se as correlações entre pronomes (o *teu* e o *te* entram na esfera do *você*) e sobreviveram formas de uma parte já arcaizada do sistema (o *vosso*, por exemplo, ainda corrente em português europeu, agora em correlação com o *vocês*). Cheguei, então, à sistematização que está no artigo e que acabou motivando várias pesquisas posteriores de um fenômeno que é bastante complexo e tem muitas faces a ser exploradas. A sistematização foi apenas o primeiro passo para deslindar uma série de outros aspectos envolvidos na história e no funcionamento do sistema de tratamento em português. Só acrescento, a título de informação, que foi o caso do *vosso*, uma espécie de fóssil vivo na língua, que me acendeu uma luz para levantar uma hipótese interpretativa da ocorrência da forma imperativa do *tu*, num sistema sem o *tu* e em variação com a forma imperativa de terceira pessoa relativa ao *você*. Defendi que houve aqui uma desvinculação da forma da sua correlação com o *tu* e uma especialização pragmática: ela não concorre com a forma do *você*, mas coexiste com ela e aparece quando se trata de reforçar a força ilocucional do ato de fala. Também essa análise do imperativo acabou motivando inúmeras outras em sociolinguística que, de novo, têm revelado a complexidade desse fenômeno no português brasileiro. Em todas essas análises, a única coisa que critico é a tendência a se classificar o *canta* como forma do

indicativo. Penso que, por esse viés, se perdem aspectos fundamentais do belo fenômeno histórico que está aí exemplificado.

Coelho e Oliveira: Falamos um pouco mais sobre esse clássico texto *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. Nessa obra, você contextualiza historicamente o surgimento da forma de tratamento *vossa mercê* no português e sua transformação no pronome *você*, trazendo ao leitor explicações importantes sobre a datação da nova forma, discutindo e interpretando fatos apresentados na literatura da época. Embora saibamos que a datação de novas formas na língua é suscetível de novos achados e contestações, o seu texto influenciou muitos trabalhos posteriores, inclusive o de Odete Menon, *Sobre a datação de você, ocê e senhorita*, publicado na revista *Fórum Linguístico* em 2009 (v. 6, n. 1). Fato é que ao correlacionar o papel de ascensão social que uma burguesia urbana lisboeta exerceu sobre a mudança das formas de tratamento nominais, em especial de *vossa mercê*, e o contexto histórico de surgimento e difusão dessas formas, esse seu texto inaugurou no âmbito da Sociolinguística Variacionista o que chamamos hoje de Sociolinguística Histórica, consolidada principalmente na obra de Conde Silvestre (2007). Como foi escrever esta obra de expressiva relevância para os estudos de Sociolinguística?

Carlos Alberto Faraco: Foi uma experiência intelectual muito impactante. Fui, desde cedo, leitor e admirador do Antoine Meillet, que foi o linguista que, na virada do século XIX para o XX, mais claramente estabeleceu as bases gerais de uma linguística que integrasse fatos estruturais (puramente linguísticos) e fatos sociais. Ao reconhecer a realidade ao mesmo tempo estrutural e social da língua, Meillet introduzia não só uma dimensão sociológica no estudo da história das línguas, como também a necessidade de buscar uma investigação histórica capaz de correlacionar de forma adequada o especificamente linguístico e o especificamente social, o que ele fez, por exemplo, no estudo do vocabulário do indo-europeu. Cito aqui palavras dele (retiradas de seu livro *Linguistique historique et linguistique générale*. T. I [1921] Paris: Champion Editeur, 1948, p. 17) que deixam bem clara sua tese geral: “A língua é uma instituição com uma autonomia que lhe é própria; deve-se, portanto, determinar as condições gerais da mudança de um ponto de vista puramente linguístico, e este é o objeto da linguística geral; (...) Contudo, como a língua é uma instituição social, segue daí que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar para dar conta de uma mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua não passam de consequências – algumas vezes imediatas e diretas, mais frequentemente mediatas e indiretas.

Ora, quando percebi que as mudanças no sistema do tratamento em português tinham uma clara relação com mudanças sociais, senti o poder heurístico da tese do Meillet e tentei aprofundar as relações mudanças sociais/mudanças linguísticas na minha análise, sempre lembrando, porém, a observação de Meillet de que as consequências frequentemente são mediadas e indiretas (penso aqui nos impactos sobre a morfossintaxe do português a partir das mudanças no sistema de tratamento. Este diretamente relacionado a mudanças sociais e aqueles apenas mediada e indiretamente). Acabei tendo de estudar a história de Portugal na Idade Média tardia, o que me ampliou bastante os horizontes para uma história social da língua.

Coelho e Oliveira: Nas últimas décadas, as investigações sobre as formas e fórmulas de tratamento têm se ampliado e se diversificado em termos teórico-metodológicos. Podemos considerar, a título de exemplificação, os livros *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*, organizado por Martin Hummel, Bettina Kluge y María Eugenia Vázquez Laslop (2010), e *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*, organizado por Leticia Rebollo Couto e Célia Regina dos Santos Lopes (2011); as sessões temáticas contempladas em eventos científicos nacionais e internacionais de grande relevância, como as promovidas pela ALFAL, em Bogotá, em julho de 2016, e pela ABRALIN, em Niterói, em março de 2017; os eventos específicos sobre o tema, como as três edições do congresso *Formas e fórmulas de tratamento do mundo hispânico, luso e brasileiro*; e este número especial da revista *Working Papers em Linguística*. A que você acha que se deve a expressiva atenção dedicada a esse fenômeno linguístico?

Carlos Alberto Faraco: Penso que a questão do tratamento do interlocutor está no cerne dos eventos da interlocução. É uma área extremamente sensível no estabelecimento e manutenção da interlocução. Tem, portanto, amplo alcance nas relações sociais. Assim, além das questões linguísticas propriamente ditas, tais como a organização e a história do sistema de tratamento e a distribuição social e geográfica das formas, há outras muitas questões de natureza sociológica, antropológica e de psicologia social que, digamos assim, enredam esse grande e fascinante tema. Daí, certamente, a expressiva atenção que esse fenômeno linguístico tem merecido.

Coelho e Oliveira: Entre as investigações sobre os sistemas de tratamento de segunda pessoa no mundo luso-brasileiro, quais estudos merecem ser destacados e quais os principais desafios a serem enfrentados?

Carlos Alberto Faraco: Entre os muitos estudos, eu destacaria os trabalhos de Odete Menon, Célia Lopes, Márcia Rumeau, Leonardo Marcotúlio e Jânia Ramos. Há também várias dissertações e teses, ainda não publicadas, que abordam a questão por diferentes olhares: sociolinguístico, dialetológico e histórico. Esse amplo conjunto nos tem dado uma boa perspectiva da complexidade do tema e, ao mesmo tempo, ampliado nosso acervo empírico. Eu diria que há muitas coisas em aberto e muitas frentes, portanto, para investigações. Precisamos preencher, com novas documentações, lacunas da história; precisamos continuar a desvelar a grande variedade geográfica e social que existe nessa área do tratamento do interlocutor singular no português brasileiro. Estamos ainda em busca de uma ampla sistematização do quadro dos pronomes no Brasil. Para isso, é importante aproximar os estudos de *tu/você* com os estudos do *a gente* (fenômeno que também já mereceu boas análises nos trabalhos de Ana Zilles e Célia Lopes, entre outros). Por fim, acho que seria interessante refinar a história do tratamento em Portugal. Tentar esclarecer a resistência dos falantes ao *você* e, ao mesmo tempo, verificar se é fato que o *você* vem ganhando terreno por lá, como têm apontado informalmente alguns linguistas portugueses. O tema do tratamento é sem fim. No caso específico do tratamento no português brasileiro, tenho a impressão de que nenhuma outra língua românica tem um sistema tão complexo como o nosso, resultado de inúmeras vicissitudes históricas sociais e linguísticas.

Coelho e Oliveira: Seguindo nessa linha, gostaríamos que você comentasse sobre a possibilidade de o estudo da variação e mudança das formas de tratamento superarem os limites da Linguística e se expandirem a outras áreas do conhecimento e a outros campos de atuação.

Carlos Alberto Faraco: Não tenho dúvida de que o estudo da variação e da mudança das formas de tratamento precisa de uma abordagem multidisciplinar. Como disse antes, é, talvez, a área mais sensível nos eventos de interação, cheia de sutilezas. Assim, uma investigação ampla desses eventos requer informações e perspectivas teórico-metodológicas vindas de muitas áreas do conhecimento: história social, sociologia, antropologia, psicologia social. Era um pouco com essa perspectiva em mente que eu iniciava meu artigo em 1996, dizendo: “As formas de tratamento do interlocutor nas diferentes línguas naturais têm interessado particularmente a antropólogos e linguistas. Aos primeiros, interessa estudar tais formas pelo que elas podem revelar, em sua complexa diferenciação pragmática, de aspectos da cultura (crenças e valores) de determinado grupo humano”. Muito a se fazer ainda nessa imensa seara.

Coelho e Oliveira: Para finalizar esta nossa conversa, gostaríamos de nos reportar às suas últimas pesquisas relacionadas especialmente ao que você tem chamado de *pedagogia da variação linguística* (ZILLES, FARACO, 2015). Ao propor uma pedagogia que estimule “uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português, sem perder de vista uma perspectiva integradora das várias dimensões desse ensino”, como você encaixaria as formas e as fórmulas de tratamento no ensino de língua materna?

Carlos Alberto Faraco: A variação e a mudança continuam ainda longe das nossas práticas pedagógicas no ensino de português. Talvez essa dificuldade de desenvolver um ensino de português que incorpore, realística e honestamente, a variação e a mudança decorra do fato de que muitos segmentos da sociedade brasileira ainda demonizam a variação (justamente por estigmatizarem os falantes de variedades socialmente desprestigiadas). Esses mesmos segmentos da sociedade não dispõem de um quadro interpretativo para absorver, sem sobressaltos, a realidade mutável da língua (de qualquer língua). Estamos ainda muito longe de uma pedagogia sociolinguisticamente bem informada. Um exemplo clássico dessa situação é o estudo do sistema pronominal. As gramáticas escolares e os livros didáticos apresentam o sistema vigente 800 anos atrás. Algumas vezes aparecem, aqui e ali, algumas tímidas referências a fenômenos modernos, mas sem qualquer sistematização e enquadrados em simplificações dicotômicas do tipo fala X escrita; formal X informal. Ora, o sistema pronominal se alterou profundamente nesses oito séculos, em especial no tratamento do(s) interlocutor(es). Penso, então, que o estudo sistematizado da variação social, geográfica e estilística das formas e fórmulas de tratamento é uma das melhores portas para introduzir os alunos no tema da variação e da mudança. É um fenômeno muito concreto na vivência de qualquer falante e, por isso, permite uma abordagem que eu costumo chamar de realista e honesta da variação – uma abordagem que explore a língua como ela é efetivamente na contemporaneidade e em suas múltiplas dimensões sociais e estilísticas.

Coelho e Oliveira: Muito obrigada!

Referências

FARACO, C. A. *The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese (Doutorado em Linguística). University of Salford, Salford, 1982.

FARACO, C. A. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba, Ed. da UFPR, no 13, p. 51-82, 1996.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 3, n. 2., p. 108-113, 2017.

NUNES DE SOUZA, C. M. Por que reeditar (e reler) “O tratamento você em português: uma abordagem histórica”. *LaborHistórico*, vol. 3, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 114-134, jul/dez. 2017.



ENTREVISTA CON VIRGINIA BERTOLOTTI

Leandra Cristina de Oliveira | [Lattes](#) | leandraletras@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Izete Lehmkuhl Coelho | [Lattes](#) | izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina | CNPq

Introducción

Para representar el mundo hispánico, invitamos a la académica uruguaya Virginia Bertolotti, cuyas contribuciones en el ámbito de las investigaciones sobre las formas de tratamiento en el español hispanoamericano son de gran importancia y con quien hemos cruzado camino en los eventos y proyectos sobre el tema al que se orienta esta publicación.

Bertolotti es Doctora en Humanidades y Artes, Profesora Titular del Departamento de Medios y Lenguajes de la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República, investigadora de Nivel II del Sistema Nacional de Investigadores y Académica de Número de la Academia Nacional de Letras del Uruguay.

La Dra. Bertolotti ha centrado sus intereses académicos en la conformación histórica del español en América, en la gramática y en la enseñanza de la lengua escrita. Dirigió el *Programa de Lectura y Escritura en español* (Administración Nacional de Educación Pública, Uruguay) y codirige con Concepción Company Company el *Corpus Diacrónico y Diatópico del Español de América* (CORDIAM). Es autora de «*A mí de vos no me trata ni usted ni nadie*». *Sistemas e historia de las formas de tratamiento en el español en América*, coautora con Magdalena Coll de tres obras: *Retrato lingüístico del Uruguay*, de *Documentos para la historia del español en el Uruguay*, en la que también participa Ana Polakof, y de *Documentos para la historia del portugués en el Uruguay*, en colaboración con Serrana Caviglia y Marianela Fernández. Además, ha compilado recientemente un volumen titulado *Comunicación, lengua e información* y ha publicado numerosos artículos en libros y revistas de América, Estados Unidos y Europa.

En esta entrevista, la lingüista nos expone brevemente los caminos recorridos tras la publicación de su tesis en el año de 2011, los retos, las aspiraciones y las grietas en el campo de la investigación sobre las formas de tratamiento.

Además de brindarnos informaciones sobre el proceso de escritura y publicación de su reconocida obra «*A mí de vos no me trata ni usted ni nadie*». *Sistema e historia de las formas de tratamiento en la lengua española en América* (BERTOLOTTI, 2015), Bertolotti menciona las contribuciones que han aportado los estudios publicados por los brasileños Célia Lopes, Leonardo Marcotulio y sus equipos, y por el romanista Martin Hummel, sin con esto dejar de recordar la importancia de trabajos del siglo xx, como el de la hispanista argentina Frida Weber de Kurlat de la década de 1940, el trabajo de José Pedro Rona de 1967¹ y las diversas publicaciones de María Beatriz Fontanella de Weinberg sobre el tema de las formas de tratamiento.

El rescate de la historia y de los pasos perseguidos por ella misma y por otros investigadores acerca del fenómeno se desarrolla de forma relativamente sencilla en esta entrevista, la cual, a pesar de no haber tenido las pretensiones de un debate científico, llega a serlo con el tono de una exposición académica, pero informal y diversa.

Entrevista

Oliveira y Coelho: Conviene empezar esta entrevista destacando las contribuciones que ha aportado su tesis doctoral intitulada *Los cambios en la segunda persona del singular durante el siglo XIX en el español del Uruguay* (BERTOLOTTI, 2011) al campo de las investigaciones de las formas de tratamiento en el español hispanoamericano. Desde ahí, creemos interesante empezar por las siguientes cuestiones: en la actualidad ¿por cuáles desdoblamientos han pasado sus investigaciones sobre el fenómeno? ¿Con qué retos se ha enfrentado?

Virginia Bertolotti: Mi mayor reto en este momento es conseguir abandonar el tema de las formas de tratamiento. Desde hace muchos años vengo indagando sobre esto y me gustaría ya dejarlo y dedicarme a otros temas con la misma intensidad. Sin embargo, me siguen apareciendo cuestiones sin resolver, nuevas curiosidades y por lo tanto, sigo investigando.

Por ejemplo, en este momento, luego de haber logrado comprender, creo, por qué la forma *vosotros* no está presente en el español americano, que era un tema que tenía pendiente y me molestaba mucho no entender cabalmente, estoy tratando ahora —y cuando digo ahora, es al mismo tiempo que estoy respondiendo a estas preguntas— de entender exactamente cuáles fueron las razones por las cuales, cuando la forma ya estaba en desuso

¹ La entrevistada se refiere a la publicación RONA, J. P. *Geografía y morfología del voseo*. Porto Alegre: Pontificia Universidad Católica, 1967.

en América, reaparece con mucha presencia —parece revivir— en la prensa americana, entonces emergente. Y ahora me está surgiendo un problemita nuevo consistente en la relación irregular entre los singulares y sus aparentemente respectivos plurales.

En cuanto a mi tesis, que tiene ya más de diez años, creo que el aporte fundamental está en la explicación histórica de la actual extensión del voseo en América Latina, explicación que surge de la relectura de la bibliografía y del empleo de fuentes complementarias (fuentes literarias, comentarios metalingüísticos).

Oliveira y Coelho: ¿Su trayectoria teórico-metodológica ha cambiado en los últimos años? Si es el caso, ¿a qué se lo atribuye?

Virginia Bertolotti: No sé si mi trayectoria ha cambiado. Es más, no sé si tengo una trayectoria. Pero si miro hacia atrás, lo que veo es una preocupación cada vez mayor por la calidad de los datos con los cuales hacemos historia de la lengua y por la forma de interpretarlos.

¿Qué quiero decir con la forma de interpretarlos? Creo que dos cosas. Por un lado, que a diferencia de lo que sucede con la lingüística brasileña, la lingüística hispánica es muy europeísta. Quizá es un poco largo para explicar aquí, pero quienes nos ocupamos del español en las Américas (seamos latinoamericanos, alemanes, europeos o estadounidenses) solemos sesgar la mirada de los datos focalizando en el resultado europeo (o castellano) de los procesos de cambio lingüístico. De alguna manera, no solo los hablantes americanos tienen una representación europeísta de la lengua española, sino que también la tenemos los lingüistas. Por otro, y también, a diferencia de lo que sucede en buena parte de la lingüística histórica brasileña, el peso que se le da al contacto lingüístico con hablantes no europeos al hacer historia del español de América es muy bajo. Suele pensarse siempre en españoles (europeos) hablando entre sí. En el caso del Uruguay, mi país, se estudia también el contacto con el portugués, pero no se suele pensar en un contexto comunicativo plurilingüe que, a mi juicio, permite comprender mejor algunos fenómenos lingüísticos clásicos en los estudios hispánicos, como es el de las formas de tratamiento.

Oliveira y Coelho: Hablemos un poco sobre su libro «*A mí de vos no me trata ni usted ni nadie*». *Sistema e historia de las formas de tratamiento en la lengua española en América* (BERTOLOTTI, 2015), que ocupó el primer lugar en los Premios Anuales de Literatura 2014 por el Ministerio de Educación y Cultura de Uruguay. La obra se introduce de for-

ma muy didáctica familiarizando al lector inexperto sobre la temática del tratamiento. En las dos partes siguientes presenta, respectivamente, una revisión crítica y profunda de la historia de los sistemas de tratamiento en el español preamericano y americano y la síntesis de su tesis doctoral sobre la diacronía de los verbos y pronombres alocutivos singulares en el español en Uruguay. ¿Cómo fue su experiencia al escribir esta obra de gran relevancia para hispanistas y romanistas?

Virginia Bertolotti: Cansadora [risas]. Supongo que como le sucede a todos quienes investigan y escriben sobre sus investigaciones, el proceso de escritura, sobre todo en las últimas etapas, es tedioso, fastidioso y nos obliga a poner en juego habilidades que nos cuesta ligar con los procesos investigativos. Cuando sentimos que ya terminamos, hay que empezar de nuevo. Yo tuve la enorme suerte de que los dos revisores que evaluaron la obra hicieron una lectura muy fina y muy constructiva y por lo tanto trabajar con sus observaciones me ayudó mucho a mejorar el texto. La correctora de la UNAM, María del Refugio Campos Guardado, que trabajó con mi libro, es alguien de una calidad y profesionalidad enormes y eso también ayudó mucho a que la versión final fuera mucho mejor que si hubiera quedado solo en mis manos. Y en plan de agradecer, también me cabe agradecer a una estudiante de un curso que di en México que fue quien me dio la idea de escribir ese libro. Me preguntó si lo que estaba diciendo estaba escrito en algún lado, y Concepción Company Company, que estaba presente en ese momento, recogió el guante por mí y me impulsó a escribirlo.

Oliveira y Coelho: En las últimas décadas, las investigaciones sobre las formas y fórmulas de tratamiento se han ampliado y diversificado en términos teórico-metodológicos. Podemos considerar, a título de ejemplos, el libro organizado por Martin Hummel, Bettina Kluge y María Eugenia Vázquez Laslop *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (2010), que reúne 46 capítulos sobre el tema, el que organizó Leticia Rebollo Couto y Célia Regina dos Santos Lopes (2011) *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*, las secciones temáticas en eventos de gran relevancia, como los congresos internacionales de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, los eventos específicos sobre el tema, como las tres ediciones del Congreso «Formas y fórmulas de tratamiento del mundo hispánico, luso y brasileño» y la revista que aquí se presenta. ¿A qué se debe la gran atención dedicada a ese fenómeno lingüístico?

Virginia Bertolotti: Efectivamente, en el siglo XXI pareciera que ha habido una explosión en los estudios sobre tratamiento. No debemos olvidar otro antecedente como fue el Coloquio de París, del Foro de Lenguas Europeas de 2003, que estuvo dedicado a los pronombres de segunda persona y formas de tratamiento en las lenguas de Europa. Los hispanistas debemos agradecer a Martin Hummel la convocatoria al congreso que dio origen al libro del 2010, que es un texto fundamental. No solamente por la cantidad y calidad de los trabajos que allí se encuentran, sino porque ese libro nos dio realmente una mirada panorámica de qué se sabía y de cómo se venían estudiando los tratamientos (y también de los baches de conocimiento, por supuesto).

Me da la impresión de que el interés se debe a que es un tema muy interesante, pero supongo que todos los temas lo son [risas]. Hablando en serio, el español es una de las lenguas con más extensión geográfica en el mundo y por su complejo proceso de difusión y por los variadísimos entramados socioculturales que la sustentan (¿o que ella sustenta?) la variación en los tratamientos es mucha y en muchos casos asociada a las identidades nacionales o locales. Creo que por eso interpela a los estudiosos, también a los hablantes y muchas veces interpela también a quienes toman decisiones para los sistemas educativos y para la financiación de la investigación.

Por otro lado, la proliferación de estudios también puede explicarse porque es un objeto que en apariencia no requiere de muchos conocimientos previos o es de fácil acceso para los principiantes. No es lo mismo estudiar la variación gramatical que la variación léxica y este tema en alguna medida se parece al léxico, sin tener las dificultades del estudio del léxico ya que los tratamientos gramaticales constituyen sistemas o microsistemas. Además, aunque parece algo muy sencillo, es en realidad muy complejo y por lo tanto permite varios enfoques. Esas son las razones, además de la proliferación general de estudios existentes sobre casi todos los temas, que se dan por las facilidades en el acceso a los datos y a la bibliografía de los últimos años. Y también por los cambios en la economía de la academia, que presiona para la producción (creando este sobrecalentamiento académico en el que estamos, en que se publica más de lo que podemos leer), pero ya nos derivaríamos a hablar de otras cuestiones.

Oliveira y Coelho: Entre las investigaciones sobre los sistemas de tratamiento de segunda persona del mundo hispanoamericano, ¿cuáles aportes merecen destacarse y cuáles son los retos por enfrentar?

Virginia Bertolotti: Más que de lo actual, prefiero hablar de trabajos del siglo xx, que a veces, en la presión de la lectura de los últimos trabajos olvidamos que existen. Entre ellos me interesa recordar el fino trabajo de la hispanista argentina Frida Weber de Kurlat de la década de 1940, el trabajo de Rona de 1967 y los varios trabajos sobre la temática de María Beatriz Fontanella de Weinberg.

Entiendo que tenemos a estas alturas una acumulación suficiente de descripciones de sincronías, y si bien podrían seguirse haciendo estudios puntuales, me parece que ya estamos en condiciones de extraer algunas regularidades interesantes. Por un lado, porque sería muy bueno ir tras los procesos globales que permitan el trazado o los trazados de la lengua española y poder salir de la mirada anecdótica. Y por otro, porque es seguro que iluminarían sobre las formas de tratamientos en particular, pero también en general sobre las lenguas naturales.

Esa acumulación, en parte sistematizada por Moyna hace unos años y por mí hace un poco menos de tiempo, ha sido todavía poco puesta en diálogo con lo que se sabe del portugués de Brasil, en donde también se ha avanzado muchísimo gracias a los trabajos de Leonardo Marcotullio y de Célia Lopes y sus equipos. Este sería un paso para hacer aportes desde la lingüística romance a la lingüística general.

En la diacronía de los tratamientos resta mucho camino por recorrer, ya que hay zonas de las Américas de las que poco sabemos todavía, y lamentablemente, no solo en el campo de los estudios históricos de los tratamientos. Entre lo poco estudiado aún en el campo de las formas de tratamientos están los honoríficos, que, salvo *su merced* (y *vuestra merced*) casi no han sido investigados en el español hispanoamericano en perspectiva histórica.

Y hay por lo menos tres pendientes más. Hacer una buena síntesis del *voseo*, la estrella de los tratamientos americanos. Yo tengo el título de ese trabajo, pero no el tiempo para hacerlo: debiera llamarse *Qué hay de nuevo sobre el viejo «vos»*. También es necesario hacer un buen estudio gramatical histórico y sincrónico comprensivo de esta forma. Por último, y como ya ha dicho muchas veces Mayte García Godoy, es imperioso que hagamos estudios más sintagmáticos, considerando sistemáticamente todas las codificaciones del tratamiento, las pronominales, las verbales y las nominales y no focalizando solo en alguna de ellas alternativamente.

Oliveira y Coelho: Últimamente, a partir de las consideraciones de Eckert (2005, 2008, 2012, 2018) sobre las tres olas por las que pasa la Sociolingüística, fenómenos lingüísticos diversos han sido estudiados a la luz de un redireccionamiento en la interpretación

del significado de la variación, considerando, más allá del vínculo con las variables macrosociológicas, las variables microsociológicas. ¿En qué medida el marco de la tercera ola de la Sociolingüística, más centrada en el significado como indexador de identidad y, por tanto, como práctica social, indicadora y reproductora, puede contribuir para la descripción del fenómeno de las formas y fórmulas de tratamiento? ¿En qué medida es posible tomar provecho de las tres perspectivas/olas de la Sociolingüística ampliamente debatida en las publicaciones de Penelope Eckert?

Virginia Bertolotti: Insertos o no en la Tercera ola, muchos de quienes estudiamos formas de tratamiento hemos apelado a la indexación social para comprenderlas mejor. De hecho, en este trabajo que mencioné más arriba, lo que estoy encontrando es que ese uso de *vosotros* de la prensa en el siglo XIX se empleaba como una forma de indexación de grupos cuyos rasgos constituidos o imaginarios eran posturas políticas, sociales e ideológicas. En este sentido los *vosotros* eran “amantes de la libertad” o eran “buenos americanos”, pero no eran *vosotros* los “señores editores” o los “queridos amigos”. Efectivamente, las viejas y fructíferas categorías sociales del tratamiento como el poder, la solidaridad, la clase social, la distancia por clase o por sexo no permiten dar cuenta de algunos de los comportamientos lingüísticos de los hablantes. Necesitamos otras. De hecho, cuando queremos dar cuenta de una realidad muy compleja como la de los sistemas de tratamiento hispánicos, inevitablemente recurrimos a ellas, a las macrocategorías, para dar una descripción comprensible y abarcativa, aun a sabiendas de que estamos simplificando. Pero cuando queremos comprender el entramado fino o cuando queremos además de describir, explicar, esto es, comprender el porqué del uso o el cómo y porqué del cambio lingüístico, aquellas categorías macro, propias de la primera sociolingüística, a veces nos resultan escasas. Y entiendo que se pueden superar tanto desde la reintroducción de la estilística que supone la tercera ola o a través de los estudios de la variación textual de la romanística alemana y coseriana.

Oliveira y Coelho: Los estudios de las formas y fórmulas de tratamiento, más allá de los intereses de la Sociolingüística, se han fundamentado en distintas bases teóricas, como la Lingüística Histórica, la Pragmática y la Socio-pragmática. ¿A qué se atribuye ese apego a tan distintos campos teóricos de la Lingüística?

Virginia Bertolotti: A que son en apariencia simples pero en realidad muy complejas y, por tanto, enfocables desde diversos subcampos de la lingüística. Tienen un componente

gramatical, pero, a diferencia de otras zonas de la gramática, las formas y fórmulas de tratamiento cambian con cierta rapidez y evidencia, y eso las hace atractivas para el estudio histórico.

Oliveira y Coelho: Podría usted comentar sobre la posibilidad y la conveniencia de superar los límites de la Lingüística y expandir la reflexión sobre la variación y el cambio en el sistema de las formas de tratamiento de las diferentes lenguas a otras áreas del conocimiento y a otros campos de actuación.

Virginia Bertolotti: Siempre es posible y conveniente superar los límites de los campos del conocimiento. De hecho, la Lingüística como campo en su escaso siglo de vida ha revisado y ampliado sus límites. Nunca había pensado en esta pregunta, y mi tentación inicial es decir que el conocimiento de los estudios sobre tratamiento sería de pertinencia para otros campos de las ciencias sociales y humanas incluyendo en esta la geografía, los estudios sobre migraciones, sin duda, pero también para la minería de datos, para el procesamiento de *Big Data* proveniente de la comunicación interpersonal mediada por tecnologías, por decir algo.

Oliveira: Como hablante no nativa del español e investigadora interesada en los polifacéticos pronombres de tratamiento y en su multifuncionalidad en las interacciones entre hispanohablantes de los más distintos rincones, tengo que confesarle que no me resulta fácil elegir el tratamiento oportuno en la presente interlocución. Si bien existe la formalidad requerida por el género textual, nos encontramos en cierta simetría social aparte de que usted es uruguayo (y por ello aquí casi me sale un “*sos*”). ¿Qué podría decirme sobre este drama en que comúnmente se encuentra un hablante no nativo del español? ¿Se me permitiría usar el trato *vos* o “a usted de *vos* no le trata” un extranjero?

Virginia Bertolotti: Me gusta mucho la exageración de llamarlo “drama”, porque efectivamente, al hablar español, en muchos casos, estamos frente a pequeños dramas al decidir qué forma de tratamiento usar. Sería muy adecuado para mí que nos tratáramos con una forma solidaria ya que somos colegas y tenemos menos de una generación de diferencia de edad. *Sos* más joven que yo pero no podrías ser mi hija, me parece. Sin embargo, como estamos en una interacción algo formal (una entrevista) y además pública, también estaría bien un tratamiento de *usted*, aunque fuera algo anticuado en el contexto rioplatense. La retracción de *usted* es creciente en el mundo hispánico, pero es muy irregular cuánto

se ha retraído en el correr del último siglo. En México creo que solo habría tratamiento de *usted* en esta entrevista. A mí me resulta muy raro que me trates de *usted*. Entonces, nos quedan dos posibilidades *tú* o *vos*. Siendo extranjera, si me trataras de *vos* supondría que aprendiste español en inmersión en el Río de la Plata o en alguna zona voseante. Los uruguayos que tenemos tres formas para el singular, *tú*, *vos* y *usted*, esperamos y solemos dar a los extranjeros *tú*, porque el tratamiento voseante está en nuestra representación lingüística de lo rioplatense. Como siempre, esto se da en las formas más visibles, que son las pronominales; en los verbos mayoritariamente voseamos, aun sin quererlo.

Oliveira: Muito obrigada!

Virginia Bertolotti: Gracias a ti, bueno, a ustedes.

Referências

BERTOLOTI, Virginia. *A mí de vos no me trata ni usted ni nadie. Sistemas e historia de las formas de tratamiento en la lengua española en América*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México y Universidad de la República de Uruguay, 2015.

BERTOLOTI, Virginia. Los cambios en la segunda persona del singular durante el siglo XIX en el español del Uruguay Tese (Doutorado). Universidad Nacional de Rosario, 2011.

COUTO, Leticia Rebollo; LOPES; Célia Regina dos Santos (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Ed. da Univ. Federal Fluminense, 2011.

ECKERT, Penelope; WENGER, Etienne. Communities of practice in sociolinguistics: What is the role of power in sociolinguistic variation? *Journal of Sociolinguistics*, v. 9, n. 4, p. 582-589, 2005.

ECKERT, Penelope. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field 1. *Journal of sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia Vázquez (Org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. Ciudad de México: El Colegio de México / Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.



THE DIACHRONIC EXPANSION OF PT. VOSSA MERCÊ > VOCÊ AND SP. VUESTRA MERCED > USTED

A EXPANSÃO DIACRÔNICA DE PT. VOSSA MERCÊ > VOCÊ
E ESP. VUESTRA MERCED > USTED

Martin Hummel | [CV](#) | martin.hummel@uni-graz.at
University of Graz

Abstract: The widespread use of Pt. *você* and Sp. *usted* in America is a well-known fact. However, the explanation for their diachronic expansion is still a puzzling question. Given the fact that Pt. *você* and Sp. *usted* surfaced in Europe as late as the end of the 16th century, many authors wonder how these address pronouns could have spread over the whole colonial territories of Portugal and Spain, at a time when the colonization process was largely accomplished. The paper shows that this puzzling question is ill put. Pt. *você* and Sp. *usted* are reduced grammaticalized results of Late Medieval Pt. *vossa mercê* and Sp. *vuestra merced*. Both diachronic data and 20th century dialect data used for diachronic reconstruction show that an impressive bulk of reduced variants was in use already in the 16th century. The late fixing of one of these reduced forms, Pt. *você* / Sp. *usted*, is a simple matter of standardization. In this process, the colonial civil and military administration played an important role. In Portugal, the variants associated with the path *vossa mercê* > *você* were largely used in dialects, but ruled out by Lisbon's elite. This is the reason why *você* is marginal in European Portuguese.

Keywords: Portuguese; Spanish; Address pronouns; Diachrony; Diachronic reconstruction.

Resumo: O extenso uso de pt. *você* e de esp. *usted* na América é um fato incontestável. No entanto, a explicação para a sua expansão diacrônica continua a ser uma questão aberta. Levando em conta que pt. *você* e esp. *usted* apareceram na Europa somente no final do século XVI, muitos autores se perguntam como tal expansão foi possível, num momento em que a colonização estava praticamente terminada. O artigo mostra que a questão é mal posta. Pt. *você* e esp. *usted* são resultados reduzidos da gramaticalização dos tratamentos medievais pt. *vossa mercê* e sp. *vuestra merced*. Tanto os dados diacrônicos como os dados dialetais do século XX, usados pela reconstrução diacrônica, mostram que houve um sem-fim de variantes reduzidas dessas formas nominais já no século XVI. A fixação tardia de uma só destas variantes, pt. *você* / sp. *usted*, foi uma simples questão de padronização. Neste processo, a administração colonial civil e militar teve um papel importante. Em Portugal, as variantes relacionadas ao processo diacrônico *vossa mercê* > *você* eram muito usadas nos dialetos, mas a elite lisboeta recusou este uso. Por este motivo, o pronome *você* tem um uso bastante marginal no português europeu.

Palavras-chave: Português; Espanhol; Formas de tratamento; Pronomes; Diacronia; Reconstrução diacrônica.

1. Introduction

The use of Pt. *você* ‘you’ and Sp. *usted* ‘you’ for addressing a single person is widespread in present-day Portuguese and Spanish. Given the geographic extension of their use, especially in Europe and America, it comes as no surprise that their functions vary considerably. Their functions range from respectful address (formality), to almost generalized usage (default), through to the expression of high intimacy or collective identity (see Section 2). This is the reason why the English glossing with ‘you’ needs specification, which, however, can only be added for given areas, e.g., *você* ‘you (default, Brazil)’, *usted* ‘you (very formal, respectful or distant, Spain)’. The fact that they convey apparently contradictory functions, ranging from high formality to intimacy, is a challenge for linguistic explanation. Interestingly, Pt. *você* and Sp. *usted* show similar tendencies of variation. Hence, it is unlikely that variation operates at random. This underlines the methodological interest of a comparative approach.

The fact that the use of Pt. *você* and Sp. *usted* displays crucial similarities derives from their common origin: the use of the nominal forms of address Pt. *vossa mercê* and Sp. *vuestra merced* ‘Your Grace’ at court in the 14th century (HAMMERMÜLLER, 2010, p. 514). Many European courts used analogous address formulae, e.g., Engl. *Your Grace*, thus following the Habsburg tradition (the *uso de Borgoña* ‘etiquette of Burgundy’ introduced by Charles V, and the so-called *Leyes de cortesía* by Charles’ son Philip II). In other words, these forms of address came into use in a shared cultural context and in closely related Romance languages. Present-day Pt. *você* and Sp. *usted* are thus highly grammaticalized diachronic results of the same nominal model. Their diachronic grammaticalization as pronouns of address is, again, a shared feature of Portuguese and Spanish. By contrast, pronominalization did not occur, e.g., with Engl. *Your Grace* and It. *Vostra Signoria*, albeit for the latter, short forms were temporarily in use.

The common origin of Pt. *você* and Sp. *usted* suggests the idea of a comparative diachronic study aiming to explain the present-day variety of forms and functions, as well as the varying frequency of use, from marginal (Portugal, Spain) to almost generalized (Brazil, some varieties of Spanish).

Another puzzling question is the late spread of these pronouns in America. They are first attested by the end of the 16th century, at a time when the colonization process had basically been completed, as far as the establishment of American Spanish and Portuguese linguistic varieties is concerned. At that time, *você* and *usted* were each only one variant amongst a bulk of variants. Their standardization starts by the end of the 17th

century. So why do we find these pronouns everywhere? How could the most hidden American village introduce these pronouns? And, even more so, if we assume a European origin: why are they more generalized in the Americas as compared to Portugal and Spain?

This paper claims that the whole diachrony of address in Portuguese and Spanish is fundamentally a consequence of a process that replaces the Old Portuguese and Old Spanish pronouns *vós/vos* with the nominals *vossa mercê / vuestra merced*. The degree of substitution and the final configuration of their usage provide the cues for answering the above questions in terms of layering, conflation, or differentiation, that is, variation. The informal pronouns *tu/tú* are marginal elements in this process. They are not in focus here. They basically intervene in America via late colonial influence, migration from Europe, schooling, and the extension of address practices that were originally inside families (taken in the broader sense of what is considered a family in a traditional Portuguese or Spanish village).

The distinction between public communication vs. family/familiar communication seems to be crucial. According to Luz (1958-1959, p. 221), in Old Portuguese texts *tu* is almost always used in intimate relations. In addition, even at present, families practice considerably different patterns of address (e.g., OLIVEIRA, 2009, for Portugal). In this context, we have to bear in mind that during the first decades of colonization, the men who came to America had to leave both their family and their local community. This should have favored the use of the forms of address that were most likely to be used in public. For the sake of illustration, we may think of the striking contrast in present-day American Spanish between the widely documented manifold variation in address practices, and the fact that a person who is not a member of a given community will normally only be addressed with Sp. *usted* and/or the corresponding verb forms.

This paper is based on an analysis of the available bibliography on address. The layering processes will be systematically described in terms of phonetic, morphological, syntactic, and pragmatic inheritance. *Inheritance* is seen as a strong type of layering whereby the new form accepts some features from the former one.

Before proceeding to answer the questions outlined above (Sections 4 to 7), I provide some basic information concerning the use of *você/usted* (Section 2) and a feature-based approach that allows a description of contextual effects in terms of interaction between meanings of forms of address with given contexts (Section 3).

2. Some patterns in present-day variation

This section provides a rough synthesis of address patterns in present-day usage.

2.1. Formality (*usted*)

The use of Sp. *usted* as a formal, respectful term of address is by far its most important and widespread function. However, the extension (frequency) of this function varies. In Spain, *usted* has become rather marginal, as a consequence of the general “informalization of communication” during the 20th century, reflected in the expansion of *tú*. In America, *usted* and/or the corresponding verb forms are more commonly used (and especially the plural *ustedes*), but there is considerable geolinguistic variation. To give an example, in Argentina *usted* was still widely used at the beginning of the 20th century (BERTOLOTTI, 2015, p. 50), but then informal *vos* expanded, as with *tú* in Spain, and consequently *usted* has now become marginal. Argentina is an exception in this way. The following citation shows the formal use of singular and plural in Ecuador (LAVENDER, 2017, my italics), which may exemplify a typical use in most American Spanish varieties:

- (1) A: Hola mi nombre es N *su* nombre me suena conocido y *su* esposo también
B: Creo que compartimos a lo mejor del mismo Pueblo q nos vio crecer
[...]
A: Muchas gracias saludos también a *ustedes* gusto saber que nuestra gente del pueblo está bien [...]
- A: Hello, my name is N; your name sounds familiar to me and so does your husband's¹
B: I think we possibly stem from the same town that ‘saw us growing up’
A: Thanks a lot, greetings also to you [plural], a pleasure to know that the people from our town are fine [...]

In America, the plural *ustedes* is not marked for formality. In the citation, formality is only marked with the possessive *su* and lexical items, e.g., *esposo*.

2.2. Default in public communication (*usted*)

In Costa Rica and in the Venezuelan Spanish variety of Mérida, *usted* is the most generally used address pronoun. In Costa Rica, the general tendency is to use *usted* as the default form of address in public communication (MICHNOWICZ et al., 2016). *Usted*

¹ The English translation reproduces the highly inferential original text (all translations are my own).

conveys respect, but not to the same degree as in Spain. It thus comes close to a default function. It is noteworthy that this general tendency goes hand in hand with different regional patterns, e.g., the generalized use of *vos* in Cartago as a symbol of regional identity (SCHMÖLZER, 2018). It may be added that there is a recent tendency to extend the use of *vos* in Costa Rica to the detriment of *usted*. As with *vos* in Cartago, *usted* plays a role as a marker of regional identity in Mérida (SOSA, 2009); it is the form of address preferred by this community.

2.3. *Usted* of tenderness and respect

Many American Spanish varieties have developed the pragmatic patterns of *usted de cariño* ‘*usted* of tenderness and respect’ and *usted de enojo* ‘*usted* of annoyance’, especially with children (2), but also in a couple (3):

- (2) A: ¡Buenos días *mi amor*! Espero que *esté* mejor.
B: Gracias guapa mi muñeca preciosa. Sin *usted* q sería mi vida
(Ecuador, Facebook manager) (LAVENDER, 2017, my italics)

A: Good morning/afternoon my love! I hope you feel better.
B: Thanks my beautiful, precious doll. What would be of my life without you.

- (3) —Listo, *mi amor* —exclamó de pronto a sus espaldas Margarita y lo condujo de vuelta a su pieza, donde cerró la puerta—. Pero, ¡cómo se *le* ocurre *irse* al lado, *mi amor*! *Usted* debe guardar las distancias, al fin y al cabo *es* el marindango mío. ¿O no? ¡*Siéntese*! ¿Un cafecito o una cervecita? (AMPUERO, 1998, p. 86, my italics)

“Ready, my love”, shouted Margarita abruptly behind him, taking him back to his room, where she shut the door. “But how you could you do this, my love! You must keep your distance. After all, you are my man, aren’t you? Please have a seat! A coffee or a beer?”

People may take *tú* as the usual form of address for their children or partners but switch to *usted* in situations of particular intimacy, tenderness, and care (see, e.g., HELINCKS, 2016, p. 293-302).

2.4. *Usted* of annoyance

In the following Chilean Spanish example, a mother, who normally uses *tú* to address her daughter, switches to *usted* when she feels the necessity to utter an order:

- (4) [Mother]: —¡*Vaya* haciendo *su* maleta!
[Daughter]: —¡No pienso! ¡Me quedo!
[Mother]: —Mijita, los ríos arrastran piedras y las palabras embarazos.
¡La maletita!
[Daughter]: —Yo sé cuidarme.
[Mother]: —¡Qué va a saber cuidarse *usted*! Así como *la* estoy viendo *acabaría* con el roce de una uña. Y *acuérdese* que yo leía a Neruda mucho antes que *usted*.

(SKÁRMETA, 1999, p. 54-6, my italics)

M: Go and pack your bags!

D: No way! I stay!

M: My daughter, rivers drag stones and words pregnancy. Your bags!

D: I know how to take care of myself.

M: What do you mean you know! As I see you, the first touch of a finger will make you render. Remember, I read Neruda long before you.

2.5. Default (*você*), Brazil

In Brazilian standard and in many Brazilian regions, *você* is the most common form of address. It often competes with *tu*, up to the point that both may be interchangeable, and some regions prefer *tu* over *você*. However, both pronouns usually combine with third person verb forms (*você faz, tu faz*). Hence, unlike in Spanish, where *usted* may be opposed to informal *tú* or *vos*, Brazilian Portuguese *você* has almost lost this contrast. On the other hand, it is opposed to formal *o Senhor, a Senhora*, while Sp. *usted* fills the whole upper scale of formality. Hence, *você* only receives a slight pressure ‘from above’ (respectful *o Senhor, a Senhora*), but not ‘from below’ (*tu*) (cf. RUMEU, 2013, on the use of *você* in Brazil since the 19th century; for general aspects see *História dos pronomes de tratamento*, 2015, and LOPES et al., 2018a,b).

2.6. Marginal *você*, Portugal

In Portugal, *você* not only contrasts with informal *tu* and formal *o Senhor / a Senhora*, but its role overall is rather marginal. It may convey anger and annoyance in asymmetric relations, as well as a slightly higher degree of respect in symmetric relations such as friendship, especially as a situational switch in a conversation between people who generally use mutual *tu*. The expression of anger, but also of informal respect, calls to mind the – certainly stronger – contrast of Sp. *usted de cariño/enojo*. As pointed out by Bermejo and Guilherme (2018, p. 361), “not even the Portuguese speakers agree in determining the contexts where it [*você*] can be employed”. In other words, in many situations they would feel uneasy employing it.

3. Functional principles underlying diachronic change

The functions of forms of address are often described with concepts such as *politeness, courtesy, intimacy, formality, informality, power, solidarity*, etc. While these concepts may adequately characterize given situations or established scenarios of address, they cannot be used for a baseline functional description. Such a functional description requires clear complementary features that gain full pragmatic meaning by interacting with contextual features.

In the following example, Sp. *tú* is used to aggressively address an old man:

- (5) –¿Paco? –preguntó el Suizo desde el umbral. Su voz resonó clara—. ¿Paco, eres tú? [...]
–Busco a Plácido del Rosal –masculló mientras se acercaba.
–No lo conozco– repuso el librero titubeando.
–Lo *conociste* hace más de treinta años y la memoria no *te* puede fallar tanto – reclamó con un hilo de voz el Suizo [...].
–De veras, no sé de quién me *habla*.
–Sé a qué vino y lo que le *diste*.

(AMPUERO, 1998, p. 105, my italics)

“Paco?,” asked The Swiss from the threshold. His voice was clear. “Are you Paco?”
“I am searching for Plácido del Rosal”, he mumbled as he approached.
“I don’t know him”, replied the bookseller, staggering.
“You knew him over thirty years ago, and your memory can’t fail so much”,

objected The Swiss in a thin voice.

“Sincerely, I don’t know whom you are talking about”.

“I know what he came for and what you gave him”.

In this case, *tú* does not convey *intimacy*, *informality*, or *solidarity*. The situation itself may be described in terms of (physical) power, but the pronoun *tú* does not convey this information since it is mostly used in contexts of solidarity, intimacy, informality (see BROWN; GILMAN, 1960, for these terms). The citation refers to a context where social conventions of respect are violated, in this case, using *tú* to address an old man in his house without knowing him. Interestingly, the fact that *tú* conveys neither solidarity nor intimacy does not mean that the pronoun does not convey its meaning. Indeed, the violation of social norms is conveyed with basic features of *tú*: [- respect], [- distance]. Social conventions are violated exactly because the aggressor uses *tú* to convey a lack of respect and distance. Consequently, meaning and pragmatic effects have to be differentiated in linguistic analysis.

Similar problems of analysis with some of the most usual terms arise when we try to explain the American Spanish practices of frequently switching the forms of address during the same conversation with the same person(s). Helincks (2016, p. 40; on general aspects see HUMMEL, in print) cites a letter from 19th century Argentina where the same person is addressed with three forms of address: *tuteo*, *voseo*, *usted*. She further provides abundant evidence for address switching in present-day spoken Chilean Spanish. Terms such as *intimacy*, *informality*, *politeness*, *solidarity*, *power* are too strong since they aim to characterize a whole situation or even an assumedly stable social relation. In reality, the speakers rely on more basic features expressed by the forms of address to modulate their interaction with another person. In familiar or intimate situations, switching address comes close to linguistically caressing the interlocutor, playfully increasing or decreasing the degree of respect.

In all these contexts, I claim, *tu/tú* convey the same function insofar as they signal “directness”, that is, a type of communication which is not mitigated by considerations of politeness, respect, social distance, etc. In Spanish varieties where *tú* competes with *vos*, as in Chilean Spanish, the latter may mark a still closer, more direct relationship. By contrast, *usted* conveys “respect” in all situations, including in intimate communication, e.g., the *usted de cariño*. Interestingly, all pronouns expressing respect rely on indirect patterns

of address: 3rd person singular (*usted* / *você*), second person plural (*vós* / *vos*)² or 3rd person plural (*ustedes* / *vocês*), also in other languages. Table 1 suggests analyzing these pronouns of address with some basic features:

Table 1. Basic semantic-pragmatic features of *tu/tú* and *você/usted*.

Function	Linguistic Relation	Interpersonal Implicature		
		Implicature I	Implicature II	
<i>Tu/tú:</i>	2nd person	+ direct	- distance	- respect
<i>Você/Usted:</i>	3rd person	- direct	+ distance	+ respect

Table 1 reads as follows: Grammatically, the 1st and the 2nd persons are those which are directly involved in a communication act. Hence, their relation is direct and not distant in terms of spatial deixis. As a first semantic-pragmatic development, this baseline feature may be read in terms of personal “closeness” (- distance). Directness may further be interpreted in terms of not overtly marked respect. In situations such as that quoted in (5), where social norms require respect, the use of *tu/tú* is disrespectful. By contrast, the 3rd person grammatically refers to a “distant” person not directly involved in communication. Hence, its inferential metaphorical development starts from baseline “indirectness”. Now, indirect communicative strategies are often used to convey politeness (BROWN; LEVINSON, 1987), which means, in this case: respect. Interestingly, Sp. *usted* may separately convey the features “+respect” or “+distance”, according to the context. This is certainly relevant from a cognitive linguistic point of view insofar as spatial distance in the pronominal pronoun system metaphorically underlies respect and distance in address. Pragmatically speaking, *usted* is used for individual distancing, as well as for expressing respect. The scenario of *usted de cariño* happens when the intimate situation neutralizes the feature [+distance], thereby foregrounding the feature [+respect]. By contrast, the *usted de enojo* foregrounds the feature [+distance].

These features may weaken in varieties where the paradigm of address is simpler or more complex. The effect of simplification occurs in the case of the largely prevailing modern use of *vos* in Argentina, of *tú* in Spain, *usted* in Mérida (Venezuela), *você* in Brazil, or *tu* in Latin. The effect of complexity happens in the complex address system of European Portuguese. Since we are dealing with *pro-drop* languages, the overt or covert use of the subject pronouns may also be used to mitigate the binary opposition in Table 1 (see HUMMEL, in print).

² In present-day American Spanish, *vos* competes with *tú*, but, diachronically, it began as a respectful form of address.

In sum, it seems to be possible to provide a baseline explanation for using forms of address in terms of fundamental grammatical features and their pragmatic inferential metaphorical development(s). It is obvious, however, that this approach cannot explain any specific historical development. Thus, this section has only defined the features that I assume to be interacting within a given context (situation, personal relation, social relation, in-group/out-group relation, public/private, etc.).

4. The default use of Pt. *vós* and Sp. *vos* in the old language (public domain)

Until the early 15th century, Pt. *vós* could be used in all situations, from addressing common people to addressing the king, if the intention was to convey respect:

O *vós* como tratamento cortês universal e único, apto para ser utilizado em qualquer circunstância, mesmo em alocações dirigidas ao rei, só esteve em Portugal em vigor até aos princípios do século XV (CINTRA, 1972, p. 46)

Used as the general and sole polite form of address, which could be used in all situations, even addressing the king, *vós* was used in Portugal only until the beginning of the 15th century

The use of *vós* as default variant in all types of polite/respectful address apparently declined as early as the beginning of the 15th century. The fact that the default role of Pt. *vós* in the pragmatic domain of respect declined does not mean that this function was abruptly lost. According to the same author, *vós* conserved its default potential until the first half of the 16th century:

No teatro de Gil Vicente *vós* nunca deixou de ser possível como tratamento respeitoso, em nenhuma circunstância.

In Gil Vicente's theatre, it was still possible, in all circumstances, to use *vós* for respectful address.

The weakening of *vós* in the early 15th century claimed by Cintra would explain why it plays no significant role in the diachrony of American Portuguese, unlike what happens with its Spanish equivalent *vos*.

As for Spanish, King (2010, p. 535) and Moreno (2002, p. 44) observe that Sp. *vos* and the corresponding verb forms were still used as the unmarked form of address in the Spanish Golden Age, that is, until the beginnings of the 17th century. It should be added

that this only holds for the public domain, because *tú* was frequently used in private contexts. Theatre plays – which have been primarily used for diachronic research on address – use forms of address in order to increase fun and suspense. This fact somehow hides the real importance of simply using *vos* for everyday public life in the available linguistic studies (HUMMEL, in print). In addition, the fact that the first phase of colonization was undertaken by men suggests the relevance of the following observation in King (2010, p. 546) on the use of *vos* in the Golden Age:

la forma *vos* era el tratamiento que se usaba *par excellence* entre los hombres de esta época, mientras que en las conversaciones entre mujeres se encontraba con mucha más frecuencia el *tú*.

vos was the form of address used *par excellence* between the men of that epoch, whereas *tú* was much more frequent in conversations between women.

The default status of Sp. *vos* on the eve of America's colonization can also be corroborated via diachronic reconstruction. In Hispanic America, the use of *vos* was and still is widespread, especially in the colonial periphery, that is, outside the vice-royalties (today Mexico and Peru) and the Antillean bridging area, where the colonial influence caused a secondary layering of *tú* replacing *vos* (see overview in CARRICABURO, 1997). In other words, *vos* was commonly used before the later layering of *tú* changed the linguistic panorama according to the areas. If we bear in mind that the American Spanish varieties, especially those situated at the colonial periphery, were closely related to the traditions of Spanish as it was spoken (not written) in the Iberian peninsula, it is legitimate to argue that the American Spanish geolinguistic distribution of address corroborates the hypothesis of a widespread or generalized use of *vos* in Spain, at least in spoken public communication, during the first decades if not the first century of colonization.

One might object that it is circular to explain American Spanish *voseo* with the use in Spain and the use of *vos* in Spain with American Spanish, but if independent empirical data corroborate either situation, the data indeed confirm the hypothesis. The downgrading of *vos* from respectful addressing to a familiar form competing with *tú* was mainly due to the additional layering of respectful *vuestra merced* / *usted*, which is the process we will discuss in greater detail in the following section.

By analogy, the fact that Pt. *vós* has left no traces in America also supports Cintra's argument of early declining *vós* in Portugal. It had apparently already been replaced by *vossa mercê* and other nominals of this type. The fact that the most generalized usage of

você in present-day Brazilian Portuguese is still a property of the areas that were first colonized, the North-East around Salvador de Bahia, the former capital, supports the idea of an early replacement of *vós* by nominal in Portugal. As in colonial Spanish America, later migration favored the implementation of *tu*, e.g., in the State of Maranhão and the Azorian immigration in the Island of Florianópolis. Unlike in American Spanish, the use of Pt. *tu* in Brazil is not a sign of education. *Tu* is a simple alternative to *você*. Significantly, *tu* generally combines with the same third person verb forms as *você*. Consequently, in Maranhão the use of *tu* itself is not a sign of education, but second person agreement is such a sign. In some varieties, e.g., in the lower-class areas of Rio de Janeiro, its use may even be associated with this social stratum, even if the present-day tendency in Rio de Janeiro links the alternation *você/tu* more with informality than with sociolinguistic features (LOPES et al., 2009; SILVA, 2011).

5. The pronominalization of *vossa mercê/vuestra merced*

The pronominalization from *vossa mercê* to *você* and from *vuestra merced* to *usted* happened in a time span beginning with the 14th century and ending in the 17th century, as far as the standard variants are concerned. The process has been thoroughly discussed, especially for Spanish, because of its interest for grammaticalization theory (noun phrase > pronoun). In fact, the standardized forms *você/usted* emerged from countless phonetic variants that reflect different stages or different paths of development, as tentatively and selectively reflected for Spanish in Table 2 (cf. CÁRCELES, 1923; DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009, p. 1605; RIVERA, 2006; BERTOLOTTI, 2010; HAMMERMÜLLER, 2010, p. 523):

Table 2. Diachronic overview of the development of Sp. *vuestra merced* > *usted*.

<i>vuestra merçed</i> (14th century)	
<i>vuesa merçed</i>	<i>vuested</i>
<i>vuesanced</i> <i>vuesarçed</i>	<i>vusted</i>
<i>usancé(d)</i> <i>voarçed, vuarçed, vuerçed</i>	<i>usted</i> (after 1550)
<i>voaçe(d), vuaçe(d), vueçe(d)</i>	
<i>uce(d)</i>	

The increasing number of studies on the diachrony of *usted* permanently provides new and older attestations, as well as other variants. The linguists' enthusiasm for providing a first attestation is, however, somehow misleading. Many, if not most, variants coexisted, albeit not necessarily with the same geolinguistic, sociolinguistic, or textlin-

guistic distribution. For the sake of illustration, it may suffice to look at the geolinguistic distribution of Pt. *você* and its variants in the 20th century (see 7.2). In line with this, Díaz Collazos (2015, *passim*) shows that the variant Sp. *vusté* is still used in the 20th century in rural areas of Colombia. This is the reason why Table 2 does not include the years of first attestation. It reflects three phonetically plausible clines. In this context, phonetics may be a better hint for diachrony than attestation. According to the above-mentioned authors, these clines are compatible with the available attestations.

For the purpose of this paper, the relevant fact is that the phonetically altered followers of *vuestra merced* provide clear evidence for their widespread use in *spoken language*. Both the phonetic “erosion” as such and the multitude of variants underline this fact. De Jonge and Nieuwenhuijsen (2009, p. 1646-1649) mention 34 different variants of *vuestra merced*. Hence, it is clear that original *vuestra merced* was firmly established in the commonly used spoken language when colonization started, or that the process of diffusion from formal to informal communication was already significantly engaged. Consequently, this supports the assumption of *vuestra merced* having paralleled *vos* in the oral tradition. Both reached America where they deeply rooted.

In an interesting paper on private letters sent from America to Andalusia in the second half of the 16th century, Bentivoglio (2003) observes that *vos* is still preferred over *vuestra merced*: 23 letters consistently use *vos*, 13 *vuestra merced*, and 16 present alternation. Twelve of the letters that systematically use *vuestra merced* stem from the last decades (1572 to 1591). She also quotes a metalinguistic comment from 1533 where the use of *vos* was criticized. This means that top-down social and colonial pressure favored the use of *vuestra merced*. Bentivoglio also confirms its belonging to formal communication, e.g., letters directed to the colonial administration, while *vos* was already informal. Regarding the previous paragraph, this means that if the diffusion of *vuestra merced* had started in the early 16th century, it started from above in domains of formal communication. In this sense, the spread of *vuestra merced* may be explained via top down colonial pressure on America (HUMMEL, in print). The plural *vuestras mercedes* followed the same path in this period (CAMPOS, 2019, p. 130).

It is noteworthy that the spellings *você/usted* are not crucial for the grammaticalization process insofar as, e.g., *vusted* is no less grammaticalized. Hence, we have to distinguish the grammaticalization process as such from the establishment of a standardized spelling for the reduced pronominal form, that is, *usted*, in the case of Spanish, and *você*, in Portuguese. It is thus highly improbable that the generalization of *você/usted* is a sponta-

neous outcome of grammaticalization. Generalization and standardization presuppose a normative³ process of selection from a wide array of alternatives. In addition, the reduced forms competed with the long forms during the 17th and 18th centuries, conveying different degrees of respect (see GARCÍA-GODOY, 2015 on Spain and GUTIÉRREZ MATÉ, 2012 on Caribbean American Spanish).

In a recent study, García-Godoy (2016) calls into question the traditional diachrony of *usted* (see Table 2), arguing that the profusion of variants is methodologically biased by the exploration of literary sources, especially theatre, which favor the use of playful variation. In fact, in her corpus of Andalusian texts (Kingdom of Granada), which mainly includes inventories of goods and witness statements from 1492 to 1833, only three variants occur, despite the fact that forms of address are very frequent: *vusted*, *usted*, *osted* (the latter is more specifically related to the Andalusian variety). The corpus clearly confirms the close connection of these reduced variants to orality-based texts (witness statements), while literacy-based texts prefer *vuestra merced* or its abbreviations. The author concludes that the rich polymorphism of *usted* (Table 2) is a property of literary texts that cannot be extrapolated to language in general.

In view of the data in 7.2, we might however consider also the hypothesis that official texts such as those included in García-Godoy's corpus tend to standardization, in the sense of using less variants than, e.g., those used in dialects. In other words, there is not necessarily a prescriptive norm at work, but this type of text tends to reduce variation, while literary texts display the opposite tendency. It must have been almost impossible for the scribes to phonetically transcribe the dialects used by the witnesses, the same as would be the case today. This confirms the hypothesis that the standardization of *usted* was particularly favored in texts provided by the administration. By contrast, theatre plays might have used the existing geolinguistic and sociolinguistic variation as a reference, not refraining from playfully creating additional variants.

6. Morphological, syntactic, and pragmatic inheritance

This chapter provides morphological, syntactic, and pragmatic evidence for the inheritance of properties that formerly belonged to *vós/vos*. The fact that *vossa mercê/vuestra merced* follow *vós/vos*, inheriting some of their features, is crucial when we try to explain their spread and generalization. According to Eberenz (2000, p. 13), *vuestra merced* was often a simple “extension” of *vos* in certain situations.

³ “Normative” has to be taken in a broad sense, not simply prescriptive, including relevant types of text, models, discourse traditions, etc.

6.1. Morphological and syntactic inheritance

In the first place, the word structures of both Pt. *vossa mercê* and Sp. *vuestra merced* contain the second person plural possessive *vossa/vuestra*. They thereby belong to the same morphological paradigm as *vós/vos*. Second, the syntactic and morphological development of Sp. *vuestra merced* can be summarized as follows (see HAMMERMÜLLER, 2010, p. 522; see also BERMEJO, in print):

- (6a) ¿*Vos cantais, vuestra merced?*
 Do you sing, your Grace?
- (6b) > ¿*Vuestra merced, vos cantais?*
- (6c) > ¿*Vuestra merced, cantais?*
- (6d) > ¿*Vuestra merced canta?*
- (6e) > ¿*Vuesa merced canta?*
- (6f) > ¿*Usted canta?*

Vuestra merced starts to be used as a nominal form included in the respectful address of *vos*, coming close to a title used as a respectful apposition. It was thus integrated in sentences where *vos* was used as a subject pronoun (6a,b). Hence, *vos* and *vuestra merced* formed part of the same addressing paradigm (cf. DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009, p. 1637-1638). Consequently, the verb adopted the second person plural forms. Topicalization (6b,c) could place the nominal form of address in sentence initial position. The fact that Spanish is a *pro-drop* language favored the subsequent development from apposition to subject because the overt usage of *vos* was not required. In a first stage, the use of *vuestra merced* as subject did not affect the use of the second person plural forms of the verb, but the verb started to agree with the subject. Being used to address a single person, the subject was progressively perceived as a singular form. In present-day Spanish, agreement in the third person singular is exclusive in all standardized varieties of Spanish, but single varieties may show remnants of the second person plural forms, e.g., in some Andalusian areas.

Obviously, seen this way, there is no functional linguistic explanation as to why the pattern “*vuestra merced* + 2nd person plural agreement” should have developed to “*vuestra merced* + 3rd person singular agreement”. Bermejo (in print) follows the traditional theory of topics developing to subject, starting thereby to control dependent units in the sentence. It should not be overlooked, however, that nouns used for address are not sim-

ple topics converted into subjects (unlike, e.g., in Brazilian Portuguese, where sentences such as the following one are used: *O sujeito, ele vem primeiro/O sujeito vem primeiro* ‘The (grammatical) subject comes in first place’). Pragmatically speaking, forms of address always directly address a second person (see HAMMERMÜLLER, in print). This does not change if directness is mitigated by using 3rd person forms (e.g., Engl. *Sir*) or plurals (e.g., Sp. *vos*). The examples in (6c,d) show that *vuestra merced* could combine with 2nd person plural, and if we take Latin, where *tu* was the default pronoun, *maiestas tua*, *pietas tua*, *clementia tua* were naturally used (KOCH, 2008, p. 60). In Andalusia, *ustedes* combines with 2nd or 3rd person plural verb forms, according to the local variety. In other words, in the domain of address it does not go without saying that a nominal subject entails third person agreement, nor does a pronoun such as *vos*, if used to address a single person, take singular forms of the verb. Consequently, the explanation has to be retrieved in the specific diachrony of *vuestra merced*, especially its use in non-subject positions, and, possibly, the intervention of pragmatic advantages related to 3rd person indirectness.

I am tempted to introduce a remark on the present-day perception of the pronouns here. European linguists, myself included, still tend to consider Sp. *vos* as a second person plural pronoun. They thus refer to the original grammatical status of the pronoun. I have been criticized more than once for alluding to this origin by American linguists, who argue that it is just a second person pronoun, the same as *tú*. This reflects a different conscience, more schoolish in the case of linguists from Europe, closer to real “pragmatic” usage in the case of linguists from America, which is even justified regarding to the 15th/16th centuries, where the singular function already prevailed. In the same vein, the Brazilian linguist Rumeu (in print), shows herself surprised as she discovers that in her data “second person” Pt. *você* correlates with third person accusative *o/a*, not with the – from her point of view – expectable second person pronoun *te*. This would be as if a Spanish linguist wondered why *a usted le/lo veo* ‘I see you_v’ is used and not a “more expectable” but completely unusual **a usted te veo*. In fact, in Spanish, *usted* is still seen as a third person pronoun used for second person address. Possibly, the same could be said for the European Portuguese perception of *você* in contrast to Brazilian Portuguese, but this would need to be tested. The fact that the subjective perception of these pronouns is so radically different on both sides of the Atlantic is an important aspect that tends to be overlooked because the pronouns are the same.

For Hammermüller (2010, p. 517-520), the reason for the establishment of “*vuestra merced* + 3rd person singular agreement” was the general boom of title type nominal

forms of address between the 14th and the 16th centuries. These nominals were used not only for direct address but also as simple arguments of the verb (subject, object). This favored their perception as third person forms used for address, also used with article (“la vuestra merced”. lit. ‘the Your Grace’; DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009, p. 1638). But this explanation is more suggestive than fully convincing.

In fact, we have to take a step back and look at the diachrony of *vuestra merced*. According to Koch (2008), the pattern “possessive + honorific” belongs to a Latin discourse tradition going back to the diplomatic style of letters that were directed to high status persons who merited the use of an honorific noun as a face-flattering supplement to simply respectful *vos*. By the end of the 13th century, Spanish calked this tradition using the complement *a vuestra merced*, just as Lat. *ad vestram gratiam* was used in official contemporary documents (KOCH, 2008, p. 6-69; CAMPOS, 2002, p. 478; see also RECUERO, 2008, p. 1878 on the 15th century). Hints for a similar “third-person-origin” and “memory” of Pt. *vossa mercê* are provided by Marcotulio (2015).

Possibly, linguistic correction also played in favor of third person agreement, at least in the period of purification and standardization, from the 17th to the 19th century (cf. CAMPOS, 2019). The least one can say is that our concept of modern standard hardly tolerates vacillating agreement, e.g., Sp. *vuestra merced* with optional second or third person agreement, as was long the case (CAMPOS, 2019; BERMEJO, 2012). In European standard Portuguese, the agreement of *vocês* (subject) with *vos* or *lhes* (complement) is a remnant of this tradition. Despite such exceptions, we must assume that, in terms of a general tendency, standardization favored systematic and coherent agreement. This tendency acted in favor of third person agreement. The case of Pt. *vocês-vos* agreement is therefore seen as an incoherence.

These nominal formulae were not used as full forms of address in subject position but as nouns fully integrated in ordinary syntax, e.g., as complements, albeit with honorific semantics. *Vuestra merced* was initially only used to address the king, together with *vos* (see details in RECUERO, 2008, p. 1871). According to this function, the nominals were perceived as 3rd person units that were syntactically dominated by *vos* and the corresponding verb forms. It seems that the pattern “*vuestra* + honorific” simply recovered its traditional perception as a third person noun as it replaced *vos* as a form of address in subject position.

During the 15th century, the pattern “*vuestra* + honorific” was abundantly used. As a consequence of this boom, shortened variants appeared. In the long run, *vuestra merced*

underwent a grammaticalization process from nominal to pronoun, including morphological and phonetic reduction. This reduction may be considered a long-term inheritance of pronominality insofar as *vos* diachronically disappeared (Peninsular Spanish) or lost its function as a respectful form of address, becoming an equivalent to standard Peninsular Spanish *tú* (America). Obviously, all these stages have to be analyzed in terms of subsequent layerings going hand in hand with parallel coexistence (compare the geolinguistic data in 7.2). Before *usted* definitively replaced *vuestra merced*, both forms coexisted in terms of functional differentiation: *vuestra merced* was more respectful than *usted*. This fact might have regionally favored the default status of *usted* as the less formal variant, that is, a good candidate for default address.

In the Portuguese language, the development probably followed very much the same cline, even if for the moment this process has not been empirically documented. Unlike Spanish, *vós* can still be found in present-day rural dialects of Northern Portugal (HAMMERMÜLLER, 1993), while it has completely disappeared from the Brazilian varieties. This is the reason why the use of address is less complex in Brazil than in American Spanish, at least if we only consider the pronouns. The main issue is the rise of *você* in Brazil, while this pronoun is only marginally used in Portugal.

While in Spain *vos* was completely lost during the 17th century, it was commonly used in American Spanish, in paradigmatic opposition to *vuestra merced* > *usted*. According to Matthieu (1982, p. 618-619), *vos* and *vuestra merced* were used as equivalents during the first decades of colonization. In the same vein, Recuero (2008, p. 1883) refers to the mixing of the paradigms of *vos* and *vuestra merced* in the 15th and the beginning of the 16th century. This mixture explains why American Spanish has developed different paradigms in its geolinguistic variation. At that time, Pt. *vós* had already lost the competition with *vossa mercê* (and *tu*).

Since Sp. *tú* was at best conserved in familiar in-group communication, American Spanish *vos* tended to be used as a rather informal form of address in public communication, in contrast to respectful *vuestra merced* > *usted*. By contrast, in Spain respectful *vuestra merced* > *usted* was opposed to *tú*. The situation in America became rather complicated, tending to produce geolinguistic varieties, because *tú* was progressively implemented by colonial pressure and, later, by schooling. Consequently, *vos* turned out to be the vulgar informal alternative to educated informal *tú*, if there was no subsequent national (Argentina, since the end of the 19th century) or regional pressure (e.g., in present-day

Andean zones of Colombia (COLLAZOS, 2015), or the area of Cartago in Costa Rica (SCHMÖLZER, 2018) which promoted the traditional form *vos* to the detriment of the *colonial* and *schoolish* *tú* or standard *usted*.

6.2. Pragmatic inheritance

There are also some hints that point to the inheritance of pragmatic features from *vós/vos* to *você/usted*.

The present-day pattern “*usted* of tenderness and respect” (see Section 2) presents some analogy to prior pragmatic functions of respectful address. The following refers to Portuguese, but it shows that respect in intimacy was a possible pattern. Cintra (1972, p. 66) refers to the respectful use of Pt. *vós* between wife and husband:

Entre amigos ou amigas de idade e de condição social próximas ou idênticas com certeza se usava regularmente o tratamento por *tu* (o que estabelece um curioso contraste como o tratamento por *vós* entre marido e mulher).

Friends of the same age and social status regularly used mutual *tu* (which creates a strange contrast with *vós* used between husband and wife).

If the pattern is asymmetric, as in the case of children addressing their parents with *vós* while the parents use *tu*, the function is “respect + distance (authority)”. By contrast, symmetric *vós* between husband and wife reduces this combination of features to “respect”. In fact, in her study on Old Portuguese, Luz (1958-1959, p. 224, 241) cites a case of a couple which changed from *tu* to *vós* after marriage (7), as well as a case of “*vós* of annoyance” between persons who normally used *tu* (8):

- (6) *Senhora minha*: grande desdita foi haver-vos tomado por mulher.
(Trancoso, *Histórias*, p. 192)

My *Senhora*: what a wretchedness having taken you as my wife.

- (7) *Vós e vosso pai*, que almas!
(Chiado, *Compadres*, p. 108)

You and your father, what souls you are!

While (8) is a situational switch, (7) reflects a systematic change reflecting a new social status. According to its context, the example in (7) does not convey tenderness,

but simple respect. Thus, in modern European Portuguese, *você* may convey the same situational effect as *vós* in (8).

As for Spanish, the pattern “*usted* of annoyance” could formerly be expressed with *vos*. This recalls the prior use of “*vos de enojo*”, which still exists in present-day Chilean Spanish. Conceição and Marcotullio (2011, p. 232) quote a Brazilian example from the 18th century, where the author of a letter switches from *tu* to *você* in order to increase personal distance when he starts complaining about something. Hence, even if present-day Brazilian Portuguese has lost this pattern, it had existed in the past. In European Portuguese, the pattern is still known (HUMMEL, in print).

7. Diachronic reconstruction

Traditional diachrony would now analyze the consequences of the replacement of *vós/vos* in the subject position by *vossa mercê/vuestra merced* on the use of related subordinate syntactic units. The subjects *vossa mercê/vuestra merced* thus progressively entail 3rd person singular agreement on oblique pronouns (see examples in 7.1) and the use of prepositions with subject pronouns (e.g. Pt. *a/para você* instead of pronominal Pt. *te/lhe* (dative pronouns: 2nd p.sg./3rd p.sg.)). Studies on Brazilian Portuguese (e.g., RUMEU, in print, and its bibliography) and on Spanish (e.g., BERMEJO, 2018) indeed show different degrees of penetration into these syntactic domains, as well as impressive geolinguistic variation and situational variation. In the following, I will adopt another approach. Instead of diachronically following the development in texts (downstream diachrony), I will use two contemporary dialect studies for *diachronic reconstruction* (upstream diachrony). I will show that such data help to better understand the diachrony, in particular because we thereby use data from *spoken language*, putting the question of how might the oral diachrony have been.

7.1. Oblique pronoun inheritance in Southern Portugal and Andalusia

As shown in Section 6, the use of *vuestra merced* / *vossa mercê* and their pronominal successors *usted/você* in the subject position engaged a process that made the sentence be governed by the new third person form of address. This process also affected the other candidates for agreement: direct object, indirect object, reflexives, and possessives. This diachronic process can be roughly illustrated by the following stages concerning the plural forms (BERMEJO, in print):

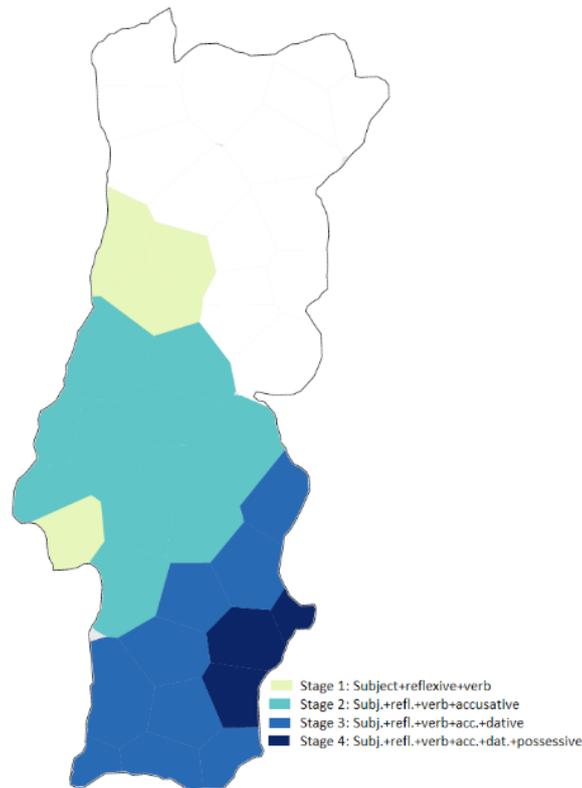
Table 3. Agreement penetration in diachrony (reconstruction).

I.	Sp.	<i>Ustedes no os disteis</i> cuenta de cuándo <i>os</i> vieron mientras <i>caminabais</i>
Pt.		<i>Vocês não vos destes</i> conta de quando <i>vos</i> viram enquanto <i>camináveis</i>
		You were not aware of when they saw you while you were walking
		>
II.	Sp.	<i>Ustedes no se disteis</i> cuenta de cuándo <i>os</i> vieron mientras <i>caminabais</i>
Pt.		<i>Vocês não se disteis</i> conta de quando <i>vos</i> viram enquanto <i>camináveis</i>
		>
III:	Sp.	<i>Ustedes no se disteis</i> cuenta de cuándo <i>los</i> vieron mientras <i>caminabais</i>
Pt.		-----
		>
IV.	Sp.	<i>Ustedes no se disteis</i> cuenta de cuándo <i>los</i> vieron mientras <i>caminaban</i>
Pt.		-----
		>
V:	Sp.	<i>Ustedes no se dieron</i> cuenta de cuándo <i>los</i> vieron mientras <i>caminaban</i>
Pt.		<i>Vocês não se deram</i> conta de quando <i>os</i> viram enquanto <i>caminávam</i>

According to this schematic representation of diachrony, the use of *ustedes/vocês* first impacted on the reflexive pronouns (Sp. *os* > *se*, Pt. *vos* > *se*) (stage I), then on the accusative (Sp. *os* > *los*; (European) Pt. conserves both, *vos* and *os*) (stage II). Since the morphological identity of Sp. *os* and Pt. *os* might cause confusion for readers, it is noteworthy that Sp. *os* is equivalent to Pt. *vos* (2nd person plural accusative), and Sp. *los* to Pt. *os* (3rd person plural). In the final stage (V), all verbs and pronouns agree with the third person subject. This ideal path does not exclude coexisting stages in present-day synchrony. Thus, unlike its Brazilian counterpart, European Portuguese has conserved both third person *os* and second person *vos*. While this reflects a conservative tendency, the replacement of second by third person verb forms has been much faster. In Spanish, the competition between second and third person verb form has produced different results in the present-day geolinguistic varieties.

The progressive replacement of the 2nd person forms by the 3rd person forms can be accessed in terms of diachronic reconstruction from present-day geolinguistic variation. The fine-tuned study of the plural forms *ustedes/vocês* by Bermejo (in print) in Southern Portugal (Map 1) and Andalusia (Map 2) provides the following result:

Map 1. Current geographical extension of the levelling in *vocés*.



The present-day geolinguistic distribution provides evidence for the southern areas being more progressive than the northern ones.

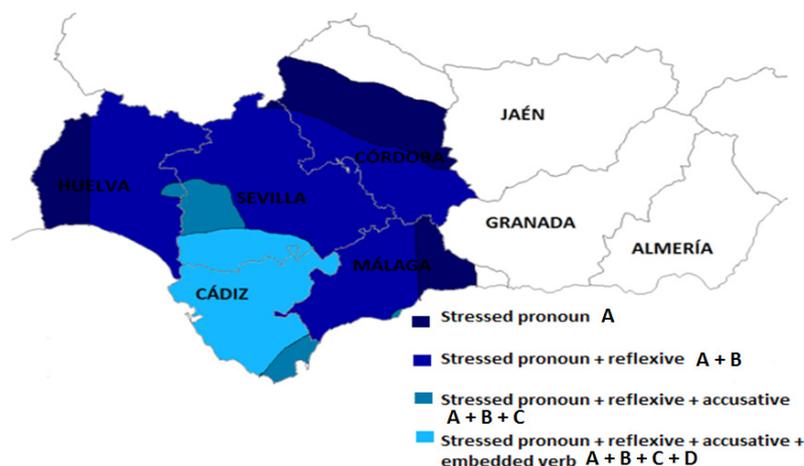
As for Andalusia, Bermejo's data show the same type of progression from North to South. Map 2 shows the current geographical extension of agreement with *ustedes* in Andalusia:

Map 2. Current geographical extension of the agreement with *ustedes*.



In this case, the dialect data from the ALPI (*Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*) allow a comparison of the already simplified present-day variation with the situation in the first half of the 20th century:

Map 3. ALPI's geographical and grammatical extension of the levelling in *ustedes*.



Without going into details, the differentiated analysis of agreement inheritance clearly displays the same dynamics as in Southern Portugal. This is one of the reasons why Bermejo claims the existence of a *south-western Sprachbund*, that is, an area where two different languages share relevant linguistic features for real reasons. While it is questionable whether “Portuguese” and “Spanish” could be considered as clearly different languages in their oral and literate beginnings, the underlying idea of area driven geolinguistic cohesion is certainly a valid one.

The data in Table 3 is a diachronic reconstruction based on the present-day data in Maps 1, 2, and 3. This is the reason why the reconstructed diachronic stages are annotated differently (stages I to V). For details see Bermejo (in print).

Given the progressive tendencies in the south-west of the Iberian Peninsula, it comes as no surprise that American Spanish shows crucial similarities with this area, e.g., the (almost) exclusive use of Sp. *ustedes*, or the loss of Pt. *vós/vos* in Brazilian Portuguese. On the other hand, the widespread conservation of *vos* in American Spanish shows that American Spanish is not the continuation of what happened in Andalusia, but a development of its own that started out of the same historical basis. By contrast, the generalized usage of *ustedes* as the only plural pronominal form of address in American Spanish can indeed be situated in line with the progressive Andalusian development. American Spanish thus suggests the hypothesis that the replacement of *vos* by *usted/ustedes* has

been faster with the plural form. In fact, in the 15th century, *vos* had almost lost its original plural function. In Spain, plural *vos* has been replaced by *vosotros* (informal) and the predecessors of *ustedes* (formal).

Unlike what happened in Spain, *vosotros* did not reach America to a significant degree, at least as far as the direct oral tradition is concerned. Its first European Spanish attestation dates from the 15th century (HAMMERMÜLLER, 2010, p. 515). In his study on the diachrony of address in Costa Rica, Quesada Pacheco (2010, p. 658-659) finds no use of *vosotros*, and de Jonge and Nieuwenhuijsen (2009, p. 1652) find only marginal use in the period from 1500 to 1600 in America (see also CAMPOS, 2019, p. 132-134 and BERTOLOTTI, 2018). Such marginal use can easily be explained by colonial influence from Europe and the general restrictions operating at that time on the use of *vosotros*. This pronoun only surfaces later, after the national independence, in highly formal and formulaic texts. This description can be extended to Hispanic America in general (see DANKEL; GUTIÉRREZ MATÉ, in print). Interestingly, Fernández Martín (2012) observes that *vosotros* was marginal and marked in 18th century Andalusia, where *ustedes* was more clearly preferred than in Madrid. In line with this, Campos (2015) finds that between 1492 and 1833 in the Kingdom of Granada the use of *vosotros* was secondary and highly marked for specific situations, *vuestras mercedes* being the preferred form for simply expressing respect. While *vosotros* was used in asymmetric relations, the plural *vuestra merced* conveyed respect in asymmetric and symmetric relations, even inside families (CAMPOS, 2019, p. 130-131). Consequently, the inheritance of agreement analyzed by Bermejo can be related to a preference for the use of *ustedes*. It is noteworthy that Fernández Martín's data stem from Cádiz, which is the most progressive area in Maps 2 and 3. As for the simplification hypothesis, which analyzes the loss of *vosotros* as a paradigmatic simplification in the context of linguistic restructuration, I agree with Campos (2019, p. 139-142) who rejects this hypothesis. Nor is simplification a general tendency of American Spanish, particularly not in the domain under scrutiny (cf. the persistence of *vos* and the rich geolinguistic variation), but also because address is too sensitive to personal and sociolinguistic factors. Thus, simplification caused by intra-linguistic factors is highly improbable. This domain only simplifies as social relations simplify (BROWN; GILMAN, 1960). In sum, it seems that the loss of *vosotros* was rather expectable in view of its restricted use, even in the Iberian Peninsula. As pointed out by Campos (2019), we should rather explain how it has lost these restrictions in Spain. Section 7.2 provides another case where it is not America but Europa that drifts apart.

It should be noted that for Bermejo (in print) and others (see bibliography in

Bermejo), *vosotros* reached America as a fully established pronoun. Consequently, its elimination is seen as a subsequent process. Even if there is evidence for this in American Spanish documents, this does not necessarily include the genuine oral tradition. From the point of view of reconstruction, the use of *vosotros* in the broad sense of Plural ‘you’, that is, not restricted to exclusive ‘you others’, seems to have been at best marginal, possibly also in the south-western Sprachbund (see previous paragraph). I freely admit that this is necessarily speculative, but the evidence from written sources is probably also biased by factors such as written language and official preference. Why should America have lost fully established *vosotros*, while it behaves conservative in most domains? Obviously, the loss could also be related to the progressive restriction of *vos* to a 2nd person singular pronoun, while at the same time *vos* came out of use in Spain. This process would indeed be posterior to the 15th century. However, the recent analysis and synthesis of this topic by Bertolotti (in print) confirms that *vosotros* is likely not to have reached significant use in America, and this from the very beginnings. Empirical studies on Andalusia (CAMPOS, 2015; FERNÁNDEZ MARTÍN, 2012) and data from America (DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009; BERTOLOTTI, in print) converge at this point.

This does not explain, however, why *vosotros* did not reach America to a significant degree. The only explanation is that it was not used in the spoken language of most of the men who set out to colonize America. It is noteworthy, in this context, that the whole south-western Sprachbund prefers the plurals Sp. *ustedes* and Pt. *vocês*. In Portuguese, the former plural function of *vós* has not been replaced by a morphological equivalent to Sp. *vosotros*. *Vocês* filled this gap. The same happened in major parts of Andalusia. Hence, there is converging evidence for preferring these forms in the south-western Sprachbund. Linguistic contact on the way to America could be another factor. The relevance of Portuguese in commercial places is a well-known fact, and, if we do not restrict our analysis to *usted/você*, we must admit that the variants, e.g., Sp. *vuesa merce(d)* and Pt. *vossa mercê*, are phonetically close enough in spoken language to have been favored by linguistic contact in a shared cultural context. In other words, we need not provide more explanation than in similar cases. It is a simple matter of selection. Some varieties of Spanish, the progressive varieties, have selected *vuestras mercedes* to the detriment of *vosotros*.

7.2. *Você* and its variants in the geolinguistic variation of contemporary Portugal

All the evidence and conjectures referred to in 7.1 cannot explain how the pronouns *você(s)* and *usted(es)*, which in this spelling are first attested by the end of the

16th century, not only reached America but deeply rooted there, often as the default form of address, at least in the public domain.

For de Jonge and Nieuwenhuijsen (2009, p. 1651-1652; cf. BERTOLOTTI, 2015, p. 132-135), the absence of *vosotros* in colonial America is still an “intriguing” question because (i) it was firmly rooted in Spain by the end of the 15th century and (ii) because the replacement by *usted* was not possible before the end of the 17th century when *usted/ustedes* first appeared. While (i) has been answered in 7.1, the principle objection against (ii) is not the earlier attestation of *usted*, already in the 16th century, but the fact that we cannot take the use of *usted/ustedes* as the starting point. All available data clearly confirm, for both Spanish and Portuguese, that not only the singular *vuestra merced/vossa mercê* but also the plural *vuestras mercedes/vossas mercês* were well established in the spoken language of the 16th century (see also 7.1). The plural *vuestras mercedes* had started to be used by the end of the 15th century (CAMPOS, 2019, p. 127). Now, it is hard to imagine that the singular forms produced a wide array of variants while the plural ones should not have. This makes no sense. Both underwent the same grammaticalization process. Consequently, the fact that the form *ustedes* as such, in this orthographic spelling, appeared too late to explain the substitution is not a valid argument since the predecessors of *ustedes* were available and largely used.

I will now try to deepen this topic from the point of view of reconstruction with contemporary dialect data from Portugal.

If we only bear in mind modern standard European Spanish and Portuguese, the generalization of Sp. *usted* in America is surprising, and that of *você* in Brazil comes close to a wonder. Both came up as late as the end of the 16th century. Although in Spain the use of *usted* is currently perceived as extremely formal – a fact that entails marginalization – it can be considered as firmly established as the standard form of respectful address if we look back to diachrony. By contrast, in present-day standard European Portuguese, the use of *você* is marginal and often negatively connoted, and this fact does not significantly change in the diachronic perspective.

The Portuguese dialectologist Paiva Boléo and his students gathered an impressive quantity of information on Portugal’s dialects between 1942 and 1974 called *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB), which remains unpublished but is still hosted at the University of Coimbra. This unique treasure consists of approximately 3,100 *Inquéritos* (questionnaires) and 1,800 *Relatórios* (reports). The first edition of the *Inquéritos* contains the answers to 550 questions; the number of questions was later extended to 757. In addition, the students were asked to provide a personal account of their observations, the

so-called *relatórios*. The data covered the whole territory of Portugal as well as the islands of Madeira and the Azores. The ILB remains largely unexplored up to the present, but Hammermüller (in print) has analyzed the data concerning *você*; that is, the amazing number of phonetic variants that stem from original *vossa mercê*.

Table 4 provides a geolinguistic overview of these data. The structure of the table reflects Portugal's rectangular geography, from North to South (1-9) and from West to East, adding the Azores and Madeira islands at the end (9). The preferred variants are in italics:

Table 4. Common forms of address in the districts of Portugal.

North (1) to South (8) plus islands (9)	West	Middle	East
1	VIANA DO CASTELO <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> buociê, buossameciê		BRAGANÇA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bacê, bancê, boncê, bōucê
2	PORTO <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bòcê bòmeciê	BRAGA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bòcê bòsjê	VILA REAL <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bocia boncê, vancê
3	AVEIRO <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bocêê, boceia bocemecê [= bossemecê] <bwòsnê>*	VISEU <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bomcê [< bomecê]	GUARDA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bòcê
4	COIMBRA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bacê bocês – bocêses [= plural-extension] bomecê, bomcê vancê (Penacova)		
5	LEIRIA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bacé		CASTELO BRANCO <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> bocé bossemecê vom'cê [< vomecê] vomessaj, vomessaji vossaj, vossaji vossamecé vossemecêj, vossemessøj vossomecê

6	LISBOA <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i>	SANTARÉM <i>você</i> <i>vomecê</i> <i>vossemecê</i> <i>vossemecê</i> <i>vomcêj</i> <i>vossemecêj</i>	PORTALEGRE <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> <i>bossemecê</i> <i>bossemê [ILB R 2225/69]</i> <i>omecê [Simão 2011, 150]</i> <i>vossemecê</i>
7	SETÚBAL <i>bocê / você</i> <i>bomecê / vomecê</i> <i>bossemecê / vossemecê</i> <i>bocei – vocéi</i> <i>vossemecêia</i>	ÉVORA <i>você</i> <i>vomecê</i> <i>vossemecê</i> <i>vossemecej</i> <i>vossemeceia</i>	BEJA <i>você</i> <i>vomecê</i> <i>vossemecê</i> <i>vomecea</i> <i>vossemecea, vossemeceia</i>
8		FARO <i>você, vomecê, vossemecê</i> <i>abeceia, amecêa</i> <i>vocêa</i> <i>vomeceia</i> <i>vòssemecêa</i> <i>voumecê</i>	
9	AÇORES (Horta) <i>vomecêa</i>		MADEIRA ---

Table 4 provides striking evidence for the generalized use of variants that are genetically related to *você*. In the first place, the obvious predecessors of *você*, mostly *vossemecê*, are followers of the original form *vossa mercê* ‘Your Grace’. In terms of diachronic reconstruction, this proves that *vossa mercê* had once been the general form of respectful address over the whole European territory of Portugal. Secondly, the dialect data further shows that *vossa mercê* was used in *spoken language*, which is the reason why there are so many phonetic variants, including processes of “erosion”, with *você* as one of the reduced variants.

If we bear in mind that American Portuguese was profoundly driven by the spoken language of the Portuguese colonists, we now easily understand what happened: the relevant fact is that a large array of spoken variants of *vossa mercê*, which is the written spelling, came to America. The ILB data further suggest that these variants were the most commonly used form for respectful address. Hence, we need no longer formulate the question of how *você* came to Brazil. The firm establishment of variants situated between *vossa mercê* > *você* was the most likely diachronic development. In other words, it was not America that drifted apart from the diachronic origins, but instead standard European Portuguese, whose drifting apart was, however, not followed by the European Portuguese dialects, as shown by the ILB. In other words, present-day Brazil is in line with the situa-

tion reflected by Table 4. This is one more example of the usual, but misleading, intuitive approach to American Spanish and Portuguese, which perceives the New World varieties as deviations from the metropolitan language. At first glance, this is intuitively plausible inasmuch as Portugal and Spain are the areas where the American varieties stem from. However, the European varieties may well have drifted apart from their origins more so than the American varieties. Consequently, the question as to which variety has drifted away should be treated as an open question to be answered with adequate empirical data. In the case under scrutiny, the contemporary geolinguistic variation in 20th century Portugal shows that Brazil has simply conserved the former “rural standard”.

All this means that the really interesting question is that of why and how *você* has gained its marginal and often negatively connoted status in European Portuguese. Diachronic reconstruction does not always provide sufficient evidence for diachrony. Its main function may even be considered as a methodology that allows the formulation of questions and hypotheses meant to guide traditional diachronic research. In this case, the fact that the variants of *vossa mercê* were used all over the Portuguese territory as late as in the 20th century suggests the hypothesis that the modern standard of address in European Portuguese is an urban phenomenon. In his manual on Brazilian Portuguese, Noll (2008, *passim*) repeatedly attributes differences to European Portuguese to changes in Europe (not Brazil!) driven by the capital Lisbon. Indeed, a widespread saying goes “*Você é estrubaria*” ‘*você* is crap’, with clear rural connotation to dung and stable (HAMMERMÜLLER, 1980). Hence, the negative connotation of European Portuguese *você* seems to derive from urban standardization moving away from rural usage. The latter is exactly the usage that won the competition in American Portuguese.

Faraco (2017, p. 121) and, referring to him, Bermejo (in print) see the development the other way round: *você* as an urban upper class phenomenon which therefore would have been negatively perceived in the countryside (they mention “*estrubaria*”). It is hard to understand, however, how the dung-connoted saying *Você é estrubaria* could have referred to an upper-class behavior. The following citation commenting on this saying, from a linguist who knows Portugal’s dialect landscape particularly well, is more convincing:

As original sources for those statements we may imagine, among others, primary school teachers and clergymen (“their master’s voice”) who were influenced by their own experience and pedagogical studies in urban

centers (mostly oriented towards the standards of Lisbon/Coimbra/Porto) (HAMMERMÜLLER, in print).

This means that “*você é estrubaria*” reflects what the educated told the rural population. But the origin of the saying is a secondary point. Table 4 shows that the use of *você* is firmly established in rural zones. A simple imitation from a high prestige variety would scarcely have reached all the rural areas, nor, and most importantly, could the diffusion of already lexicalized upper class *você* have produced the large array of attested phonetic variants. In addition, the maps referring to the geolinguistic distribution of *tu/você* in Brazil (see LOPES et al., in print) consistently show that *você* prevails in the interior of Brazil, while *tu* is more prominent along the coast. This is a clear indicator of later colonial pressure favoring *tu* in the areas that were most likely to get in contact with the European prestige variety and, hence, for *tu* layering over the followers of *vossemecê*.

I see, at best, a late European influence regarding the spread of *você* as the orthographic variant preferred of all spellings in Table 4. In fact, the last point to discuss now is why *você* is the only reduced variant of *vossa mercê* that has penetrated modern standard on both sides of the Atlantic Ocean. In Hummel (in print), I have been too radical in claiming that the spread of both Pt. *você* in Brazil and Sp. *usted* in American Spanish could be due to the influence of the colonial civil and military administration, where these pronouns were indeed used for respectful address (MONTE, 2015a, 2015b). As shown above, the spread of *vossa mercê* / *vuestra merced* can indeed be related to colonial pressure from above. The path via the civil and military administration has the advantage of being the only one where the late-born pronouns could have reached the whole colonial territories of Portugal and Spain. Indeed, historical documents provide evidence for this administrative colonial discourse tradition. However, this paper has shown that the spoken variants of Pt. *vossa mercê* and Sp. *vuestra merced* were already common place in public respectful communication. The civil and military administration probably simply influenced the selection of the pronunciations/spellings *você/usted* as the only reduced variants accepted in written standard. Hence, where grammaticalization theory sees a simple development of language (*vossa mercê* > *você*), the variationist data provides evidence for diachronic selection driven by normative forces.

8. Conclusion

The geolinguistic data allow us to put an end to an apparent aporia. If we bear in mind only modern standard European languages, the generalization of Sp. *usted* in America is surprising, and that of *você* in Brazil a wonder. By contrast, the dialect data suggest that the variants of *vossa mercê/você* have a long and coherent tradition in genuine spoken Portuguese, and, possibly, also in Spanish. From this follows that the generalization of *você* in Brazil was the most likely scenario in spoken language. This process was a simple extension of what was the most usual practice in the dialects of Portugal. For the moment, we can only suppose that exactly the same happened with Spanish. However, Spanish conserved *vos* longer than was the case for Pt. *vós*. This is the reason why the diachrony of American Spanish is more complicated.

It should be added that the method of diachronic reconstruction is not free from speculation. Occasionally, the contemporary facts are clear enough to (almost) predict diachrony, but, in general, the conjectures are more or less plausible. Hence, the main function of this methodology is that of formulating questions and hypotheses for subsequent research in diachrony. This was the main purpose of this paper. This is also the reason why I have scarcely used exact diachronic dating. This should be provided by future research.

References

- ALPI (*Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*), www.alpi.ca.
- AMPUERO, Roberto. *Boleros en La Habana*. Santiago: Planeta Chilena, 1998.
- BENTIVOGLIO, Paola. Spanish forms of address in the sixteenth century. In: TAAVITSAINEN, Irma; JUCKER, Andreas (eds.) *Diachronic perspectives on address term systems*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 177-191.
- BERMEJO, Víctor Lara. 'Ustedes' instead of 'vosotros' and 'vocês' instead of 'vós': an analysis through the Linguistic Atlas of the Iberian Peninsula (ALPI). *Dialectologia*. Special issue, v. 3, p. 57-93, 2012.
- BERMEJO, Víctor Lara. Los clíticos de segunda persona de plural en las lenguas romances de la Península Ibérica. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, v. 134, n. 1, p. 62-85, 2018.
- BERMEJO, Víctor Lara (in print). Forms of address in the south-western Sprachbund of the Iberian Peninsula: one hundred years of evolution in western Andalusian Spanish and European Portuguese. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

BERMEJO, Víctor Lara; GUILHERME, Ana. The politeness of 'você' in European Portuguese. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 11, n. 2, p. 337-366, 2018.

BERTOLOTTI, Virginia. La gramaticalización de 'usted': un cambio lingüístico en proceso. Evidencias en el Uruguay del siglo XIX. *Filologia linguística portuguesa*, n. 12(1), p. 149-177, 2010.

BERTOLOTTI, Virginia. *A mí de vos no me trata ni usted ni nadie: sistemas e historia de las formas de tratamiento en la lengua española en América*. Mexico City: UNAM / Universidad de la República Uruguay, 2015.

BERTOLOTTI, Virginia. "El problema de 'vosotros'": una curiosidad del español europeo fosilizada en América. In: BOSQUE, Ignacio; COSTA, Sylvia; MALCUORI, Marisa (eds.). *Palabras en lluvia minuciosa*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2018. p. 17-35.

BERTOLOTTI, Virginia (in print). The loss of 'vosotros' in American Spanish. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, Thomas A. (ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAMPOS, Miguel Calderón. Fórmulas de tratamiento en las cartas del Conde de Tendilla (1504-1506). In: ELIZONDO, María Teresa Echenique; MÉNDEZ, Juan Pedro Sánchez (eds.). *Actas del V Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, 2 vols., Madrid: Gredos, 2002. p. 477-487.

CAMPOS, Miguel Calderón. *El español del reino de Granada em sus documentos (1492-1833): oralidad y escritura*. Bern: Peter Lang, 2015.

CAMPOS, Miguel Calderón. Pérdida del pronombre 'vosotros' y su paradigma. In: MÉNDEZ, Juan Pedro Sánchez; AVELEDO, Antonio Corredor; CASTILLA, Elena Padrón (eds.). *Estudios de morfosintaxis histórica hispano-americana*. vol. 1: El pronombre. Valencia: Tirant Humanidades, 2019. p. 125-162.

CÁRCELES, José Pla. La evolución del tratamiento 'vuestra merced', *Revista de Filología Española*, v. 10, p. 245-280 and 402-403, 1923.

CARRICABURO, Norma. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid Arco Libros, 1997.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre 'formas de tratamento' na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COLLAZOS, Ana María Díaz. *Desarrollo sociolingüístico del voseo en la región andina de Colombia (1555-1976)*. Berlin & Boston: de Gruyter, 2015.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. História e linguagem: um diálogo sobre o tratamento na prática epistolar luso-brasileira setecentista. In: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Santos (eds.). *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 213-242.

COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.). *As formas de tratamento em português e em espanhol*. Niterói: Editora da UFF, 2011.

DANKEL, Philipp; MATÉ, Miguel Gutiérrez (in print). ‘Vuestra atención, por favor’ (‘your attention, please’). Some remarks on the usage and history of plural ‘vuestro/a’ in Cusco Spanish (Peru). In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

DE JONGE, Bob; NIEUWENHUIJSEN, Dorien. Formación del paradigma pronominal de las formas de tratamiento. In: COMPANY, Concepción Company (ed.). *Sintaxis histórica de la lengua española. Segunda parte: La frase nominal*. Vol. 2. México D.F.: UNAM / Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 1595-1671.

EBERENZ, Rolf. *El español en el otoño de la Edad Media. Sobre el artículo y los pronombres*. Madrid: Gredos, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento ‘você’ em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, v. 3, n. 2, p. 1-132, 2017 [1996].

GARCÍA-GODOY, María Teresa. El cambio ‘vuestra merced > usted’ desde la documentación archivística. In: MÉNDEZ, Juan Pedro Sánchez; TORRE, Mariela de la; CODITA, Viorica (eds.). *Temas, problemas y métodos para la edición y el estudio de documentos hispánicos antiguos*. Valencia: Tirant Humanidades, 2015. p. 661-694.

GARCÍA-GODOY, María Teresa. ¿Fue vulgar o plebeyo el origen de ‘usted’? La diacronía del pronombre de respeto desde la interfaz oral/escrito. *Oralia*, n. 19, 2016. p. 61-84.

HAMMERMÜLLER, Gunther. O tratamento de *vós* em Rio de Onor. In: SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica*. Tübingen: Gunter Narr, 1993. p. 43-54.

HAMMERMÜLLER, Gunther. “Você é estrubaria?”. *Iberoromania*, n. 12, p. 30-40, 1980.

HAMMERMÜLLER, Gunther. Evolución de las formas de tratamiento del español medieval hasta el siglo XVI. In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia Vázquez (eds.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*, México (D.F.): El Colegio de México / Karl-Franzens-Universität Graz, 2010. p. 507-529.

HAMMERMÜLLER, Gunther (in print). Retracing the historical evolution of the Portuguese address pronoun *ocê* using synchronic variationist data. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

HELINCKS, Kris. *Variation and discursive shifting of address forms in Chilean Spanish. Formal, socio-situational and pragmatic analysis of spontaneous conversation*. PhD thesis, University of Gent, 2016.

HISTÓRIA dos pronomes de tratamento no português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2015.

HUMMEL, Martin (in print). Diachronic research on address in Portuguese and Spanish. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia Vázquez (eds.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*, México (D.F.): El Colegio de México / Karl-Franzens-Universität Graz, 2010.

HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

KING, Jeremy. Ceremonia y cortesía en la literature del Siglo de Oro: un estudio de las formas de tratamiento en español. In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia Vázquez (eds.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*, México (D.F.): El Colegio de México / Karl-Franzens-Universität Graz, 2010. p. 531-550.

KOCH, Peter. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento 'vuestra merced' en español. In: KABATEK, Johannes (ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2008. p. 53-87.

LAVENDER, Jordan. 'Usted' of solidarity in Azogues, Ecuador. An analysis of data from Facebook Messenger, *Linred*, 2017. Available in: <www.linred.com>.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. Quem está do outro lado do túnel? 'Tu' e 'você' na cena urbana carioca. *Neue Romania*, v. 39, p. 49-66, 2009.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. LOPES, Célia Regina dos Santos (ed.) *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 24-141.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. LOPES, Célia Regina dos Santos (ed.) *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 142-185.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de (in print). Forms of address from the Ibero-Romance perspective: a brief history of Brazilian 'voceamento'. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento no português arcaico. *Revista Portuguesa de Filologia*, v. 9, n. 1-2, p. 55-281, 1958-1959.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Sobre la génesis de ‘vossa mercê’ en el portugués medieval. *Linguística*, v. 31, n. 1, p. 61-79, 2015.

MARTÍN, Elisabeth Fernández. ‘Vosotros/ustedes’: Estudio del tratamiento plural en el español dieciochesco. In: GARCÍA-GODOY, María-Teresa (ed.). *El español del siglo XVIII*, Bern, etc.: Peter Lang, 2012. p. 153-194.

MATÉ, Miguel Gutiérrez. El pronombre ‘usted’ en el español de Cartagena de Indias del siglo XVII y su ‘divergencia’ de ‘vuestra merced’. In: CARTELLE, Emilio Montero; ROVIRA, Carmen Manzano (eds.), *Actas del VIII Congreso internacional de historia de la lengua española*. Santiago de Compostela: Meubook / AHLE, 2012. p. 1889-1904.

MATHIEU, Nicolás del Castillo. Testimonios del uso de ‘vuestra merced’, ‘vos’ y ‘tú’ en América (1500-1650). *Thesaurus* 37, 1982. p. 602-644.

MICHNOVICZ, Jim; DESPAIN, J. Scott; GORHAM, Rebecca. The changing system of Costa Rica pronouns of address. In: MOYNA, María Irene; RIVERA-MILLS, Susana (eds.). *Forms of address in the Spanish of the Americas*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. 243-265.

MONTE, Vanessa Martins do. *Correspondências Paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: Fapesp, Humanitas, 2015a.

MONTE, Vanessa Martins do. A categoria socioprofissional: uma proposta de abordagem para o estudo das formas de tratamento. *LaborHistórico*, v. 1, n. 1, 2015b. p. 116-131.

MORENO, María Cristobalina. The address system in Spanish of the Golden Age. *Journal of Pragmatics*, v. 34, p. 15-47, 2002.

NOLL, Volker. *O português brasileiro*. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, Sandi Michele de. Negotiating identity, conflict, and cooperation within a strategic model of address. In: DENIS, Ann Denis; Kalekin-Fishman, Devorah (eds.), *Contemporary Sociology. Conflict, competition, cooperation*, Los Angeles, etc.: Sage, 2009. p. 416-432.

PACHECO, Miguel Ángel Quesada. Formas de tratamiento en Costa Rica y su evolución (1561-2000). In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia Vázquez (eds.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*, México (D.F.): El Colegio de México / Karl-Franzens-Universität Graz, 2010. p. 649-669.

RECUERO, Silvia Iglesias. Aportaciones al origen de ‘(la) vuestra merced’ como forma de tratamiento. In: COMPANY, Concepción Company; ALBA, José G. Moreno de. (eds.), *Actas del VII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, vol. 2. Madrid: Arco Libros, 2008.

RIVERA, Daniel M. Sáez. ‘Vuestra merced > usted’: nuevos datos y perspectivas. In: TOVAR, José Jesús de Bustos; ALCONCHEL, José Luis Girón (eds.). *Actas del VI*

Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española. v. 3. Madrid: Arco / Libros, 2006. p. 2899-2911.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome você no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito (in print). Variation in the paradigms of ‘tu’ and ‘você’: subject and complements in letters from Minas Gerais, Brazil, 1860-1989. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.) (in print). *Address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction*. Series Topics in Address Research (TAR). Amsterdam / Philadelphia (John Benjamins).

SCHMÖLZER, Magdalena. *El voseo en Cartago, Costa Rica*. Master thesis, University of Graz, 2018.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. Notícias recentes da presença do pronome ‘tu’ no quadro de pronomes do português falado no Rio de Janeiro. In: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Santos (eds.). *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 213-242. p. 245-262.

SKÁRMETA, Antonio. *El cartero de Neruda (Ardiente paciencia)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999 [1985].

SOSA, Enrique Obediente. Formas de tratamiento en Mérida (Venezuela) durante el siglo XVIII. *Boletín de Lingüística*, v. 21, n. 31, p. 86-107, 2009.



Data de submissão: 26/02/2019

Data de aceite: 18/11/2019

**FEIRA DOS ANEXINS, DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO,
E OS PRIMEIROS REGISTROS DE VOCÊ: REVISITANDO IDEIAS
DE LONGA DATA NO ESTUDO DAS FORMAS DE TRATAMENTO**

FEIRA DOS ANEXINS, BY D. FRANCISCO MANUEL DE MELO,
AND THE FIRST RECORDS OF VOCÊ: REVISITING LONG-STANDING
IDEAS IN THE STUDY OF ADDRESS FORMS

Leonardo Lennertz Marcotulio | [Lattes](#) | marcotulio@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Daví Lopes Franco | [Lattes](#) | davifrancoteacher@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Estudos sobre formas de tratamento na história do português costumam mencionar a data de 1666 como primeiro registro de ocorrência da forma *Você*. Essa informação, tradicionalmente aceita pela literatura e usualmente realizada a partir de Cintra (1972) e Faraco (1996), faz referência à obra *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo. Embora seja muito divulgado, esse texto ainda permanece desconhecido por parte dos especialistas. Neste sentido, o objetivo deste artigo é dar a conhecer o texto de Melo, assim como problematizar a datação da nova forma de tratamento *Você*.

Palavras-chave: Formas de tratamento; Você; Feira dos Anexins; D. Francisco Manuel de Melo; Datação.

Abstract: Studies on address forms in the history of Portuguese have usually referred to 1666 as the first record of the form *Você* (You). This information, traditionally accepted in the literature and frequently used from Cintra (1972) and Faraco (1996), refers to D. Francisco Manuel de Melo work *Feira dos Anexins*.. Although, it is widely spread, this text is still unknown by many experts. In this sense, the objectives of this article are to make it well-known and to discuss the dating of the new address forms of *Você*.

Keywords: Forms of address; Você; Feira dos Anexins; D. Francisco Manuel de Melo; Dating.

Introdução

Os estudos que se dedicam ao processo de gramaticalização *Vossa Mercê* > *Você* consideram que a história da nova forma pronominal *Você* poderia ser contada a partir do século XVII, momento em que é documentada em textos escritos. O primeiro registro de *Você*, de acordo com Cintra (1972) e Faraco (1996) – a partir de informações disponibilizadas no dicionário etimológico de Machado (1967) – dataria de 1666 ou pouco antes dessa data, sendo encontrado no texto dramático *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo.

Embora essa datação tenha sido contestada por Menon (2009), com base em argumentos filológicos e linguísticos, o ano de 1666 parece ter adquirido um valor simbólico na literatura específica sobre o tema. Se, por um lado, abundam os casos de reprodução dessa informação, por outro, o texto de Melo é praticamente desconhecido por parte dos especialistas.

Neste artigo, revisitaremos algumas ideias de longa data na literatura sobre a história das formas de tratamento no português, mais especificamente em relação à datação do primeiro registro da forma *Você*, dando a conhecer o texto que parece carregar o posto de conter o seu primeiro registro: *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo.

Para tanto, este texto está organizado da seguinte forma. Na primeira seção, trazemos a literatura mais tradicional sobre as formas de tratamento que estão na base da discussão da primeira abonação de *Você*, como Cintra (1972), Faraco (1996) e Machado (1967). Na segunda seção, apresentamos com mais detalhes o autor e sua obra: *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo. A seguir, são apresentados, na seção 3, os argumentos de Menon (2009) sobre a problemática da datação de *Você*. A análise do texto e dos dados das formas de tratamento em *Feira dos Anexins* é preocupação da quarta seção. Por fim, na quinta e última seção, esboçamos uma reflexão inicial sobre as diferentes histórias que podem ser contadas sobre a trajetória da forma de tratamento *Você* se considerarmos as diferenças entre as tipologias textuais utilizadas como fontes de estudo. A essa seção, seguem as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Sobre a primeira abonação da forma de tratamento *você*

A literatura linguística sobre formas de tratamento na história do português coincide em apontar que a forma *Você* já seria registrada no século XVII, tendo sido documentada pela primeira vez em *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, obra de 1666.

Onde estaria disponível essa informação? Percorrendo a literatura clássica sobre a forma de tratamento *Você*, nos encontramos com a obra fundacional de Luís F. Lindley Cintra (1972), *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*, na qual podemos ler na página 27:

Preocupação de muitos, antes de mais nada, em não serem tratados por *Vossa Mercê* e muito menos por uma das formas fonéticas decadentes *vossancê* ou *você* (esta última, salvo erro, atestada até agora pela primeira vez pouco antes de 1666)¹⁴, formas abreviadas intimamente associadas à degradação semântica da já antiga fórmula de cortesia (CINTRA, 1972, p. 27, grifo nosso).

A partir da leitura de Cintra, é possível obter a informação de que o primeiro registro de *Você* teria sido registrado pouco antes de 1666. De modo a complementar essa informação, o leitor é remetido à nota de número 14, que diz:

Exemplo recolhido na *Feira de Anexins*¹, de D. Francisco Manuel de Melo (p. 196 da ed. de 1916), por José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, II, p. 2180 b. (CINTRA, 1972, p. 37)

É interessante observar que, ao menos a partir da obra de Cintra (1972), não há a informação de uma datação exata, mas sim de uma obra específica. O primeiro registro de *Você*, para o autor, estaria presente em *Feira dos Anexins*, obra de D. Francisco Manuel de Melo, consultada a partir da edição de 1916. Como se verá mais adiante, a obra em questão é póstuma e não se sabe, até o momento, quando exatamente teria sido elaborada. O ano de 1666 surge, assim, como termo cronológico máximo para a redação da obra, por ter sido esse o ano de morte do autor.

Para a elaboração de seu comentário, Cintra (1972) teria utilizado como fonte de consulta o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado. Vejamos o que nos diz o dicionarista:

Vossemeccê, *pron.* Está por *vossa mercê*; daí *vosmecê*; deste, devido à rapidez da pronúncia da palavra, *você*; no séc. XVII: "... nem me pisque os olhos, que *vossê* da história não sabe pisca", D. Francisco Manuel de Melo, *Feira de Anexins*, p. 196, ed. de 1916. (MACHADO, 1967, p. 2.319)

Vemos, na obra de Machado (1967), que a referência se restringe à obra *Feira dos Anexins*, em edição de 1916. Vale ressaltar que o exemplo ao qual Cintra (1972) faz referência é apresentado na obra de Machado (1967), tendo sido extraído da página 196 da obra de D. Francisco Manuel de Melo: "... nem me pisque os olhos, que *vossê* da história não sabe pisca".

Se Cintra (1972) reproduz exatamente as informações contidas em Machado (1967), de onde viria a informação de que o primeiro registro de *Você* dataria de 1666? É

¹ Para padronizar o título do texto, utilizamos *Feira dos Anexins*. É possível, no entanto, que em algumas citações seja encontrada a forma alternativa *Feira de Anexins*, além de variações entre maiúsculas e minúsculas.

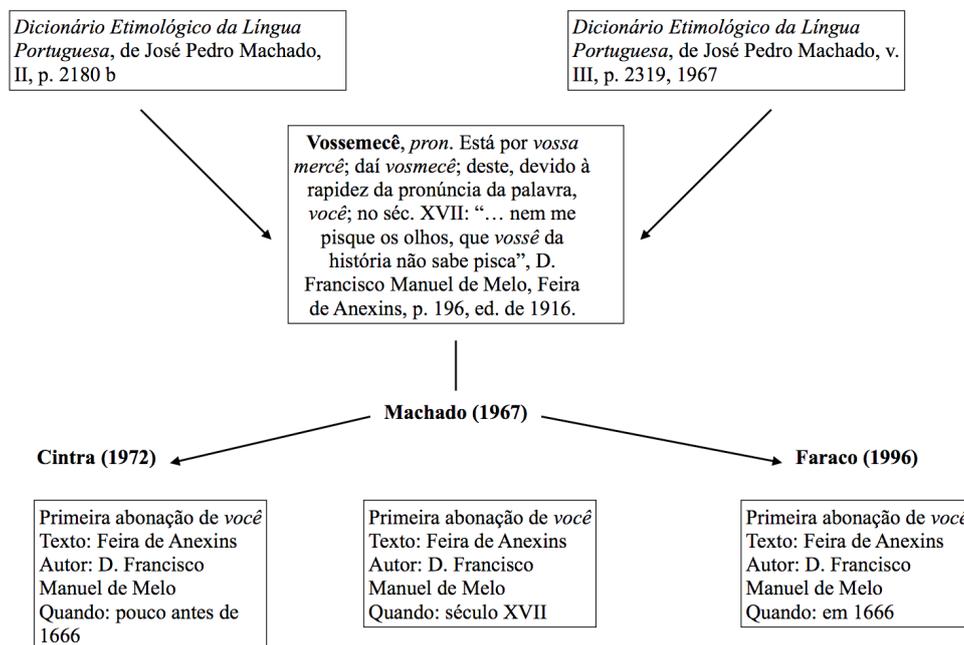
bastante provável que essa informação tenha sido intensamente propagada na literatura a partir de outra obra fundamental. Trata-se do artigo intitulado *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*, do professor Carlos Alberto Faraco, publicado originalmente na revista *Fragmenta*, em 1996.² Vejamos o que nos diz Faraco:

Antes de encerrar essas observações históricas, devemos mencionar que cronologicamente o primeiro texto escrito a ter a forma *você é Feira de anexins*, escrito por Francisco Manuel de Melo e publicado em 1666 (cf. Machado, v. III, p. 2319) (FARACO, 1996, p. 63, grifo nosso).

Podemos observar que a fonte utilizada por Faraco (1996), assim como Cintra (1972), é o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, que aponta para *Feira dos Anexins* como o primeiro texto escrito a ter registrada a forma *Você*. No entanto, diferentemente dos demais autores, Faraco (1996) afirma que o texto de D. Francisco Manuel de Melo teria sido publicado em 1666.

Sintetizamos essa transmissão das informações sobre a primeira abonação da forma de tratamento *Você* na figura abaixo:

Figura 1. Sobre a primeira abonação de *Você* a partir da literatura tradicional sobre o tema



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

² O texto do prof. Carlos Alberto Faraco, por sua elevada importância, foi reeditado recentemente e publicado na revista *LaborHistórico* (FARACO, 2017). No mesmo número em que foi publicado (volume 3, número 2, 2017), está disponível também o texto de Christiane Maria Nunes de Souza, intitulado *Por que reeditar (e reler) "O tratamento você em português: uma abordagem histórica"*, no qual a autora discute a importância e a vitalidade do texto clássico de Carlos Alberto Faraco, assim como justifica a necessidade de sua republicação.

Como se pode ver, Cintra (1972) e Faraco (1996) utilizam como fonte edições distintas do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado. A partir, no entanto, do mesmo conteúdo disponível no verbete *Vossemecê*, constroem, de forma distinta, a informação cronológica sobre o primeiro registro de *Você*. O texto original de Machado menciona o século XVII, século em que o autor de *Feira dos Anexins*, D. Francisco Manuel de Melo, teria vivido (1608-1666). Cintra (1972) aproveita a data de morte do autor como baliza limite para a elaboração do texto. Já Faraco (1996), ainda que, como os demais autores, tenha partido da edição de 1916 de *Feira dos Anexins*, oferece a data de 1666 para a publicação da obra.

São as informações propagadas por Faraco que parecem ter repercutido com mais intensidade na literatura sobre o tema e adquirem um valor simbólico de primeiro registro da forma de tratamento. Vejamos alguns exemplos:

O primeiro registro escrito de *você* data de 1666, em *Feira dos anexins*, de Francisco Manuel de Melo, o que nos faz concluir que sua circulação oral seja anterior a essa data, em Portugal (FERNANDES, 2009, p. 27, grifo nosso).

De acordo com Faraco (1996), o primeiro texto a mostrar a forma *você* data de 1666 (MARCOTULIO, 2008, p. 34, grifo nosso).

É interessante referir que o *você* é oriundo de uma forma honorífica, seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética e esta teve seu primeiro registro no texto “Feira de anexins”, escrito por Francisco Manuel de Melo, publicado em 1666 (cf. NASCENTES 1956 apud FARACO 1996, p. 63) (MOURA, 2013, p. 34, grifo nosso).

This form was documented for the first time in 1666 in the *Feira de Anexins* by Francisco Manuel Melo (cf. Soto, 1997). This is a familiar and common form of address used largely in Brazil. Its use in Portugal is minor (WILLIAMS, 2004, p. 4, grifo nosso).

Tratemos, agora, na próxima seção, do autor e de sua obra.

2. Obra e autor: *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo

D. Francisco Manuel de Melo nasceu em 23 de novembro de 1608 e faleceu em 24 de agosto de 1666. Era de uma ascendência nobre e sua formação durou cerca de dez anos na corte, em que solidificou a sua elevada posição social. Era escritor, político, moralista, historiador, epistolar, além de se voltar também para a vida espiritual (CHACOTO, 2008).

Silva (1875), no prefácio de *Feira dos Anexins*, considera que D. Francisco Manuel de Melo é um epíteto imortal e que suas obras são preciosidades:

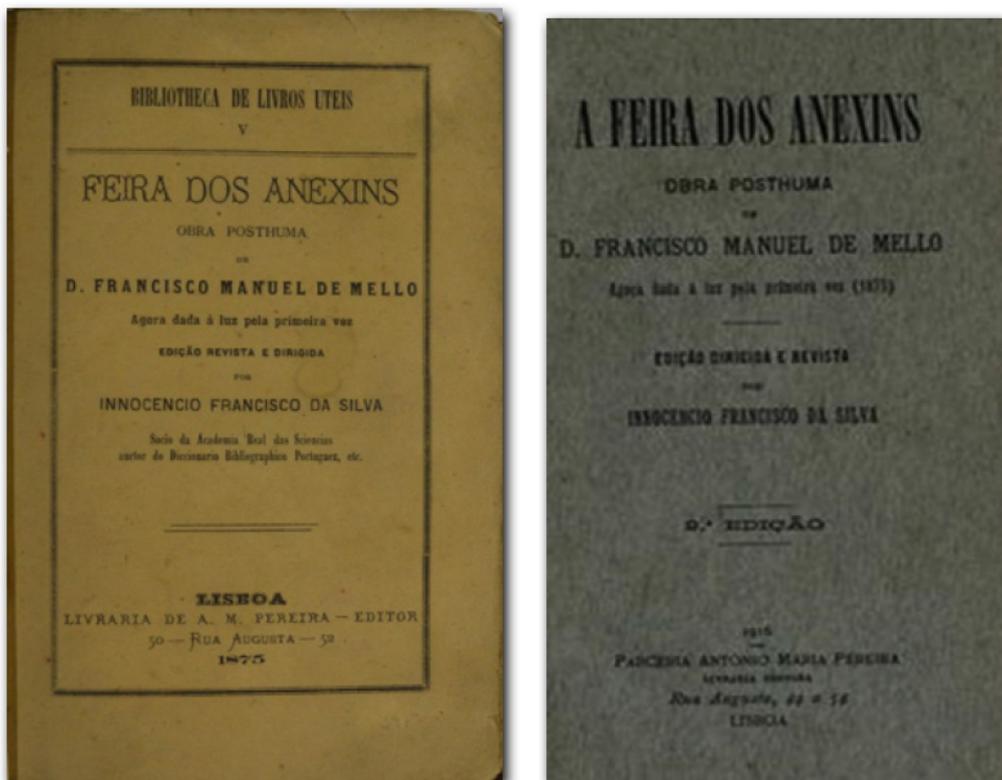
É auctor pelo qual se deve estudar, porque é um d’aquelles em que se acham vocábulos exquisitos próprios da língua; e n’este ponto como os

outros clássicos raras vezes usam (ou talvez nunca) de semelhantes vozes, faz este escritor a mesma autoridade que fariam os primeiros mestres. Os seus diálogos, os seus versos e cartas servirão muito n'esta materia ao leitor pouco instruido (SILVA, 1875, p. 20-21).

De acordo com Menon (2006), suas principais obras, juntamente com a data de publicação, foram: *Auto do Fidalgo Aprendiz* (1646); *Carta de Guia de Casados* (1651); *Apólogos Dialogais* (1655); *Epanáforas de Vária História Portuguesa* (1660); *Obras Morales* (1664); *Obras Métricas* (1665); e, por fim, *Feira dos Anexins* (1666).

Feira dos Anexins (1666) ou *Metáforas*, como é conhecida, é uma das obras de D. Francisco Manuel de Melo, tendo sido publicada após a sua morte. Foi considerada como “talvez o mais eloquente arrazoado escripto na língua portugueza, modelo de vehemencia, sentimento e estylo” (SILVA, 1875, p. 10). Essa obra foi publicada pela primeira vez, em 1875³, por Inocência Francisco da Silva, e sua segunda edição, em 1916.⁴

Figura 2. Capas das edições de 1875 e 1916 de *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

³ *Feira dos Anexins*. 1875. [Obra posthuma de D. Francisco Manuel de Mello. Agora dada á luz pela primeira vez. Edição revista e dirigida por Innocencia Francisco da Silva.] Lisboa: Livraria de A. M. Pereira – Editor.

⁴ *A Feira dos Anexins*. 1916. [Obra posthuma de D. Francisco Manuel de Mello. Agora dada à luz pela primeira vez (1875). Edição dirigida e revista por Innocencia Francisco da Silva.] 2ª edição. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira – Livraria Editora.

Segundo Chacoto (2008), a princípio seria a continuação de *Apólogos Dialogais* (1655), obra que, assim como *Feira dos Anexins*, também foi publicada postumamente. Para a autora, *Feira dos Anexins* pode designar um mercado, onde se vendem produtos, mas pode também significar confusão, desordem ou desafio. *Anexins*, por sua vez, são adágios, isto é, provérbios:

A obra *Feira dos Anexins*, publicada postumamente em 1875, se desenvolve por meio de um diálogo constante entre os personagens, que se propõem um desafio de anexins – provérbios, ditos populares (FERNANDES, 2009, p. 42).

A obra está dividida em três partes nas quais os personagens debatem o valor e a relevância dos anexins para o povo. O texto é construído a partir de diversos jogos de palavras, trocadilhos e metáforas. Na primeira delas, há seis diálogos; na segunda, há três diálogos; já a terceira difere das demais, sendo um conjunto de sete fábulas e não de diálogos como as anteriores. Os diálogos são curtos e objetivos, contendo provérbios e questionamentos.

Na primeira parte, o *primeiro diálogo* contém metáforas de cabeça, testa, cara, rosto, faces, olhos, nariz, boca, dentes, beiços, língua, queixo, barba, orelhas; no *segundo diálogo*, há metáforas sobre o corpo, pescoço, ombros, braços, mãos, dedos, unhas, peito, mama, barriga, estômago, pernas, pés; no *terceiro diálogo*, encontram-se metáforas de coração, sangue, tripas, bucho, fígado, pele, carne, humores; no *quarto diálogo*, estão metáforas de alma, potências, sentidos, dever, ouvir, cheirar, gostar, palpar; no *quinto diálogo*, as metáforas são de ações como chorar, rir, comer, beber, cuspir, cocar, andar, falar, dormir; e, por fim, no *sexto diálogo*, têm-se metáforas de cama, camisa, vestido, calça, espada, chapéu. Na segunda parte, o *primeiro diálogo* traz metáforas de Deus, céu, anjos, fogo, água, ar, terra; no *segundo diálogo*, as metáforas se referem a aves, animais, bichos, peixes, marisco; e, no *terceiro diálogo*, há metáforas sobre o ponto. Na terceira parte, como foi supracitado, há um conjunto de sete fábulas, referentes a flores, frutos, hortaliça, legumes, pão, carnes e pescados.

3. De volta à datação de Você

Se, por um lado, o primeiro registro de *Você* como pertencendo ao texto *Feira dos Anexins*, de D. Fransisco Manuel de Melo, escrito em 1666, é aceito e divulgado por muitos investigadores sobre o tema, como pudemos ver na primeira seção deste artigo, há, por outro, visões distintas acerca do assunto. Nesse sentido, trazemos, nesta seção, os trabalhos da professora Odete Menon.

Em seus textos, Menon destaca o quão difícil é delimitar uma data para o primeiro registro de uma forma, já que qualquer data está sujeita a alteração e deve ser passível de contestação. Em seu texto de 2006, Menon acredita que a forma *Você* possa ter sido registrada primeiramente em *Feira dos Anexins*:

Até prova em contrário, é na obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), *Feira de Anexins*, que aparece pela primeira vez o novo pronome, grafado **vossê(s)** (MENON, 2006, p. 129).

O texto de *Feira dos Anexins*, no entanto, levanta algumas questões interessantes relacionadas à sua datação. Em primeiro lugar, como mencionado anteriormente, não se sabe exatamente o ano de sua elaboração. A obra permanece manuscrita até 1875, quando é primeiramente publicada, tendo sido republicada em 1916. Nesse sentido, a data de 1666 é atribuída à obra por ser a data de morte do autor.

Além disso, de acordo com informações levantadas por Menon (2009) a partir da obra de Serra (1998), o que condiz com a visão de Chacoto (2008), o texto de *Feira dos Anexins* poderia ser considerado como o esboço do quinto apólogo da obra *Apólogos Dialogais*. Assumir esse ponto de vista, no entanto, nos obriga a enfrentar uma questão importante se levarmos em consideração o repertório de formas de tratamento encontrado em cada obra:

Como o *você* não aparece nos quatro apólogos (somente a forma *vossa mercê*), seria de se perguntar se, no caso de o texto da *Feira* ser “passado a limpo” para publicação, a forma teria sido alterada pelo próprio autor ou se ela se manteria. O interessante a notar, também, é que na edição das *Cartas Familiares*, feita pelo próprio autor, não aparece nenhuma ocorrência de *você*: somente *vossa mercê* (abreviado, no mais das vezes, em *V. M.*, na edição de Sarmiento, 1981); o tratamento íntimo *tu* não aparece, nem nas missivas a amigos, nem aos parentes — a esses trata em geral por *vós*, *V. M.* ou *V. S.*, conforme o caso. (MENON, 2009, p. 49).

A obra *Feira dos Anexins*, sendo ou não parte de *Apólogos Dialogais*, apresenta um comportamento diferenciado, não só em termos qualitativos, por apresentar registros de *Você*, como quantitativo, pelo elevado número de ocorrências se comparado às demais formas de tratamento empregadas.

A hipótese levantada por Menon (2009) referente à introdução de modificações no texto, elaborado no século XVII e publicado mais de dois séculos depois, pode ser

interessante e mereceria investigação mais aprofundada. Sobre essa questão, cabe-nos registrar aqui o que é oferecido na Introdução da edição de 1875 – que também aparece na de 1916 – pelo editor da obra.

A partir da publicação de 1875, é possível ler, nos *Preliminares*, as seguintes palavras do editor Innocencio Francisco da Silva:

Fôra desejo do editor e nosso, que a presente edição viesse a lume elaborada sobre o texto ou original primitivo; porém quanto a este ponto saíram baldadas todas as pesquisas e diligencias, que um e outro empregámos. Destruído provavelmente pelas vicissitudes dos annos, não podemos d'esse original achar memoria ou vestigio em parte alguma. Restava o recurso dos transumptos e com elle tivemos de contentar-nos (SILVA, 1875, p. XII, grifo nosso).

Diante da ausência do texto original, a edição de 1875 tem como base transuntos, isto é, cópias. Dentre as cópias disponíveis, todas com letras do século XVIII, tem-se notícia de, ao menos, seis cópias, tendo sido possível consultar cinco delas⁵:

Recorreu-se em primeiro lugar ao sr. A. Herculano, que para logo annuiu do melhor grado á sollicitação, facultando benevola e liberalmente a copia que possuia, pelo que devemos consignar-lhe aqui um voto de agradecimento. Essa copia comtudo comprehendia apenas a primeira parte da *Feira*, faltando-lhe por conseguinte a segunda e terceira. Quanto a esta ultima, poderia de algum modo supprir-se com os excerptos que d'ella publicou o padre João Baptista de Castro na sua *Hora do recreio*. No entretanto quiz a sorte d'esta vez favorecer-nos, deparando-nos a aquisição de outra copia (esta completa com as tres partes) que anteriormente pertencera ao finado conselheiro d'estado Fernando Luis Pereira de Sousa Barradas. E ultimamente fomos encontrar na Bibliotheca Nacional mais duas copias, uma tambem completa pertencente á livraria do celebre bibliophilo D. Francisco de Mello Manuel da Camara (vulgo o *Cabrinha*); outra só da primeira parte e assás incorrecta, que fôra comprada aos herdeiros de Manuel Thomas Pinheiro de Aragão. Todas (bem como a do sr. Herculano) são de lettra do seculo XVIII, e parecenos ser a nossa mais antiga entre todas. Diz-se ainda haver uma copia na Bibliotheca Eborensis; porém quanto a esta faltou o meio de examinal-a. (SILVA, 1875, p. XII-XIV).

Sobre o texto fixado que é apresentado ao leitor, podemos ler como foi constituído a partir das cópias disponíveis:

⁵ Para entender o processo de tradição e edição das cópias manuscritas, consultar Santos (1997).

As [cópias] que estavam ao nosso alcance foram todas confrontadas, e conferidas tão minuciosamente quanto o permittiu o estado deteriorado da nossa vista, hoje pouco menos que extincta, aproveitando em cada uma as variantes, que mais genuinas nos pareceram. Cumpre ainda assim declarar que em alguns passos, apezar de conformes entre si, as julgamos todas viciadas: mas preferimos deixal-os taes quaes, a introduzir de lavra propria quaesquer emendas arbitrarías. Da mesma sorte não julgámos que nos fosse licito alterar ou modificar a lettra do texto, ainda n'aquelles logares em que o auctor, deixando correr a penna com maior liberdade da que talvez empregaria se destinasse elle proprio a obra para o prelo, usou de vocabulos ou phrases, hoje estranháveis por ventura á delicadeza affectada dos ouvidos do nosso seculo. (SILVA, 1875, p. XIV-XV, grifo nosso)

Como se pode inferir a partir do excerto acima, é provável que nenhuma alteração tenha sido introduzida no tocante às formas de tratamento, já que houve a preocupação de manter as variantes mais genuínas do texto, por mais viciadas que pudessem parecer a um leitor do século XIX.

Devido ao problema da datação de *Feira dos Anexins*, Menon (2009) se utiliza de outra evidência, no conjunto total da obra de D. Francisco Manuel de Melo, e propõe que a primeira datação de *Você* seja recuada para o ano de 1665 – portanto um ano antes do ano de 1666, atribuído como ano de elaboração do texto. Em 1665 teriam sido publicadas, em vida do autor, as suas *Obras Métricas*, em três volumes:

Como as *Obras* foram publicadas em vida do autor, podemos afirmar, com alguma segurança, levando-se em consideração a sua data de nascimento (1608), que *você(s)* já seria moeda corrente em Portugal, pelo menos em Lisboa, desde o início do século XVII. (MENON, 2009, p. 50-51)

Nessas obras, além de formas como *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, Menon (2009) levanta algumas ocorrências de *Você*, tanto no singular, como no plural:

Ora tende, tende mão/ que vay o pano, e o Cabás/ e fem razão fe lhes faz/
não dando delles razão,/ faço comemoração/ das ditas duas vazilhas,
que fão tão honradas filhas/ que em você la as enchendo;/ tornarão logo,
correndo/ a verme às mil maravilhas. (Obras, p. 211: Décimas XXVI, Da Ociosidade mandando hum queijo a hũa Dona.) (MENON, 2009, p. 50)

Bem está vocês agora, / eftarão muito contentes, / cuidando que fe acabou; / efta leitura perene./ Iaz aqui nefta algibeira:/ lindo como um ramallete,/ cuberto de hũa celada,/ de rofas, e bem me queres,/ Armados de ponto embranço,/ para que todas as vezes; / que vocês differem:/

fayão, efa Academia atropellam./ Muficos meus amados ... (Obras, p. 213-214: Romance XXVII) (MENON, 2009, p. 50)

É bastante clara a importância do trabalho de Menon, no sentido de problematizar uma questão que é comumente aceita e sedimentada na literatura linguística. O mérito de Menon (2009), dentre tantos outros achados presentes no texto, é encontrar uma evidência datada no tempo que seja mais confiável do que as evidências disponibilizadas no texto da *Feira*. Uma investigação de natureza mais filológica poderia, por exemplo, recuar a própria datação da *Feira*, e, como consequência, esse texto continuar sendo, em princípio, o portador do primeiro registro de *Você*. Além disso, seria interessante ver a produtividade de *Você* no texto de 1665, bem como recuperar mais contexto para entender os dados oferecidos pela autora.

4. Enfim, o texto e os dados

Embora haja discussões acerca da validade de *Feira dos Anexins* como candidato ao texto que registra pela primeira vez a forma de tratamento *Você*, é notório, como tentamos mostrar, que é a partir dele, sobretudo com base em Faraco (1996), que a informação sobre a datação de *Você* é difundida, adquirindo um valor simbólico na literatura sobre o tema.

Esse texto, no entanto, permanece desconhecido por parte de muitos especialistas. De acordo com Menon (2009), *Feira dos Anexins* pode não ser uma obra tão difundida devido à sua natureza de obra rara:

[...] *você* vai aparecer consistentemente na *Feira de Anexins* (ver MENON, 2006) que, por infelicidade, permaneceu manuscrita até 1875, quando foi publicada em edição organizada por Innocêncio Francisco da Silva (nela, o pronome aparece grafado *Vossé*). Como se trata de uma obra rara, parece se justificar sua não-menção por alguns autores que já se dedicaram ao estudo da trajetória do pronome *você* no português (MENON, 2009, p. 48-49, grifo nosso).

Feira dos Anexins é considerada uma obra teatral cômica, cujo texto está estruturado em diálogos, contando com a presença de distintos personagens. Sobre a natureza do

texto e os recursos de linguagem empregados, observamos que:

Os turnos [de fala] baseiam-se no uso intenso de parônimos, homônimos, e homófonos, aproveitando-se do efeito cômico que o emprego desses termos provoca. Cada interlocutor se aproveita de uma deixa de outro participante do diálogo, para inserir sua exposição, sua crítica ou seu comentário. A estrutura do texto o aproxima, modernamente, de um desafio de repentistas, inclusive por seu caráter popular (FERNANDES, 2009, p. 42).

Uma especificidade está exatamente na identificação de personagens e cenário, que não estão descritos. A ausência dessa identificação, no entanto, pode dificultar a leitura do texto em muitos casos. Tomemos, por exemplo, a metáfora sobre o *queixo*:

Parte I, 12. Em metáfora de queixo⁶

- D'isso é que eu me *queixo*.
- A esse equivoco, fiquei eu de *queixo* caído.
- Agora estava eu, para lhe dizer que? Xó, bom pinote!
- Já de rir me doem os *queixos*, porque equivococ tão mal mastigados, fazem-me remoer de raiva e moer a paciência.
- Vamos marchando a outra metáfora; que falta para o primeiro dialogo, a barba.

A metáfora está composta por cinco intervenções em torno ao *queixo*. Vê-se, no texto, a presença de jogos de palavras e expressões cristalizadas como *me queixo*, *de queixo caído* e *me doem os queixos*. No entanto, não podemos identificar quantos personagens fazem parte desta cena e que falas podem ser atribuídas a cada um deles. Essa mesma metáfora poderia contar com a presença de dois personagens – A e B – que se alternam no diálogo:

Parte I, 12. Em metáfora de queixo

- A: — D'isso é que eu me *queixo*.
- B: — A esse equivoco, fiquei eu de *queixo* caído.
- A: — Agora estava eu, para lhe dizer que? Xó, bom pinote!
- B: — Já de rir me doem os *queixos*, porque equivococ tão mal mastigados, fazem-me remoer de raiva e moer a paciência.
- A: — Vamos marchando a outra metáfora; que falta para o primeiro dialogo, a barba.

⁶ Os fragmentos ilustrativos constam, em igual teor, das duas edições da obra (1875 e 1916).

Ou até mesmo de cinco personagens distintos – A, B, C, D e E –, cada um com uma fala na cena:

Parte I, 12. Em metáfora de queixo

A: — D'isso é que eu me *queixo*.

B: — A esse equivoco, fiquei eu de *queixo* caído.

C: — Agora estava eu, para lhe dizer que? Xó, bom pinote!

D: — Já de rir me doem os *queixos*, porque equivocados tão mal mastigados, fazem-me remoer de raiva e moer a paciência.

E: — Vamos marchando a outra metáfora; que falta para o primeiro diálogo, a barba.

Se, por um lado, o texto teatral, por sua estrutura dialógica, se apresenta como uma excelente fonte para a seleção de formas de tratamento de segunda pessoa, a ausência de identificação e descrição dos personagens nos leva a repensar, em termos metodológicos, como depreender o valor do uso das formas nas diferentes relações sociais estabelecidas entre os personagens, isto é, seu valor pragmático.

Vejamos mais alguns exemplos de metáforas relacionadas a partes do corpo, com algumas formas de tratamento destacadas:⁷

Parte I, 3. Em metáfora de cara

— O senhor ainda não viu a *cara* ás metáforas: assente em uma cousa, que se quiser metter-se a equivoquista, ha de ser *descarado*.

— Isso é velho.

— Vão brincar com a maçã do escaravelho: antes *descarado*, que ter duas *caras*.

— Sim, mas sempre *cara* de galhofa, ás vezes custa caro; e *cara* de aço nunca é boa.

— Não o nego, que para *careta* só *cara* de frade, e frade *carola*.

— Pois a minha *cara* defende a minha pousada: *cara* deslavada nunca a tive: equivocados, eu! qual *carapuça*!

— **Vossê**, para defender a sua *cára*, fez do pousadeiro *máscara*.

⁷ Embora também sejam registradas ocorrências da forma nominal de tratamento *o senhor*, neste trabalho, nos limitaremos a considerar somente as formas pronominais *Você*, *Vossa Mercê*, *Vós* e *Tu*.

Parte I, 12. Em metáfora de barba

- Para essa metáfora venho eu de *barba* feita.
 - Bom anexim para um homem com *barbas* no rosto!
 - Antes aquele foi de *bigode*.
 - Por estas, que *Barbosa* não diria outro tanto.
 - N'esses ditos é **vossa mercê** *barbato*.
 - Nem me vi ainda tão *abarbado* como **vossa mercê**.
 - Sim, tem lido *Barbuda*.
 - Não; os seus equívocos são de *Cancer*.
 - Podiam ser de *Calderon* nos papéis de *barbas*, se as deitar de *remolho*.
 - Ao menos tiro-as melhor de vergonha.
 - *Barbas* tem **vossê** para isso! O outro, que escapou por inocente a *Herodes*.
- [...]

De uma forma geral, já nos conta Menon (2006) sobre as formas encontradas no texto na posição de sujeito:

[...] em Melo o uso de *vossê(s)*, já completamente pronominalizado, é muito freqüente, apesar de aparecerem todas as maneiras de se dirigir ao interlocutor: *tu, vós, o senhor, Vossa Mercê*. (MENON, 2006, p. 135)

Em *Feira dos Anexins* são inúmeros os exemplos de *Você*:

- (1) Diga **vossê** alguma cousa.
- (2) **Vossê** entesta comigo?
- (3) Sim; e não nos franza a testa; porque **vossê** é o papa equívocos.
- (4) A **vossê** ninguém lhe punha o punhal aos *peitos* para que falasse sério: **vossê** se ofereceu sem *peito*.

A forma de tratamento *Você*, atestada com muita frequência no texto, coexiste com outras formas de tratamento. Juntamente com ela aparece *Vossa Mercê*, como aponta o exemplo (5):

- (5) **Vossa mercê** é o mais honrado calca rabo d'esta terra. E bem podiam os senhores ter-lhe outro respeito.

Além dessa forma de tratamento, uma outra forma presente é *Vós*, como vemos em (6-7):

- (6) Homem, a mim ainda me não vieram os do siso; mas vós, que penteais discrições d'ancião, tereis dentes de cavallo marinho.
- (7) Oh homem! Vós com ellas Paris?

Podemos notar também em (8-9) a presença da forma *Tu*:

- (8) Também tu parece, que queres que te dente?
- (9) Tu és meu amigo, homem; basta que *m'amas*?

Em termos quantitativos, temos os seguintes resultados para a posição de sujeito:

Tabela 1. Resultados quantitativos gerais: posição de sujeito

Você	395/412 - 96%
Vossa Mercê	7/412 - 2%
Vós	5/412 - 1%
Tu	5/412 - 1%

Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

Foi possível recolher um total de 412 dados na posição de sujeito. Desse total, a grande maioria, 395 dados, se refere à forma *Você*, o que equivale a 96% das ocorrências. As demais formas de tratamento apresentam baixa produtividade no texto: 2% de *Vossa Mercê* (7 dados); 1% de *Vós* (5 dados); e 1% de *Tu* (5 dados).

Focalizemos agora somente a forma *Você*. Além da posição de nominativo, isto é, sujeito (10), a forma *Você* também pode ser registrada nas demais posições sintáticas, como já apontava Menon (2006, p. 135): “Cabe ressaltar que *vossê(s)* apareceu em todas as funções gramaticais”, tais como acusativo ou objeto direto (11), dativo ou objeto indireto (12), oblíquo ou complemento de preposição (13) e genitivo ou possessivo (14):

- (10) **Vossê** é o que até agora nos lograva.
- (11) Vossê, o descanso **o** faz crear *barriga*.
- (12) **A vossê**, n'essas cousas, não se **lhe** embarça tanto a lingua.
- (13) Pois eu, nú em pelle me quero **com vossê**.
- (14) Vossê, para defender a **sua** cara, fez do pousadeiro mascara.

Quantitativamente, temos os seguintes resultados:

Tabela 2. Distribuição de formas do paradigma de *Você* de acordo com a relação gramatical

Nominativo	395/459 - 86%
Acusativo	12/459 - 3%
Dativo	41/459 - 9%
Oblíquo	8/459 - 2%
Genitivo	3/459 - 1%

Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

De um total de 459 formas relativas ao paradigma pronominal de *Você*, a posição de sujeito (nominativo) é a mais produtiva, com 86% do total de dados (395 ocorrências). A relação de objeto indireto (dativo) é a segunda mais frequente no texto, com um total de 9% dos casos (41 dados). A menor produtividade é reservada aos contextos de objeto direto (acusativo), complemento de preposição (obliqua) e possessivo (genitivo), com 3%, 2% e 1% de frequência, respectivamente.

Uma vez entendido que, no plano morfossintático, a forma de tratamento *Você* é a mais produtiva em *Feira dos Anxins* e pode ser encontrada em todos os contextos sintáticos típicos de formas pronominais, façamos uma breve incursão pelo terreno da pragmática. Como mencionado anteriormente, a exploração do valor social no uso da forma não pode contar com informações essenciais sobre a relação social estabelecida entre os interlocutores envolvidos no uso e recepção da forma, uma vez que os personagens não são identificados e descritos. Nesse caso, poderemos inferir em que relação social a forma está sendo utilizada a partir de formas auxiliares presentes em cada fala, como vocativos, adjetivos etc.

A partir de uma análise qualitativa dos dados extraídos da obra, podemos perceber que a forma pronominal *Tu* aparece no texto como uma forma de intimidade entre os interlocutores. Vejamos alguns exemplos:

(15) Tu és meu **amigo**, homem; basta que *m'amas*?

(16) Não são estas (respondia o meu desejo) as penas, que se devem lançar ao ar: se tu, **amor**, me prestares as azas, mas que me ameace o castigo d'Icaro, de boa vontade voara o meu desejo a ser Dedalo.

Por meio dos exemplos supracitados, pode-se depreender que o pronome *Tu* seja

utilizado em relações simétricas, mais solidárias, leitura sugerida por formas que estão em destaque como “amigo” e “amor”. No primeiro caso, em (15), a forma *Tu* poderia ser utilizada numa relação de amizade; já em (16), numa relação amorosa. Seja como for, não parece haver relações de poder ou hierarquia social entre os personagens envolvidos na cena.

Já a forma *Vós* parece ter um comportamento híbrido, transitando entre valores típicos de relações simétricas e assimétricas:

- (17) Não sabeis, **namorado coração, amante desejo**, que são marés, e que aqui vos não quer o mar?

Em (17) é possível cogitar a utilização da forma *Vós* em relações sociais isentas de hierarquia, tal como as relações simétricas. Nesse exemplo, *Vós* é encontrado em contexto similar ao *Tu*, no que se refere ao discurso amoroso, o que fica mais claro com a utilização de marcas como “namorado coração” e “amante desejo”.

Já em relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), como ocorre no discurso religioso em (18), também podem ser encontradas ocorrências de *Vós*:

- (18) **São Luiz**, dae fala ao menino !

Uma outra forma de tratamento que coexiste com *Você* em *Feira dos Anexins* é *Vossa Mercê*. Vejamos:

- (19) N’esses ditos é vossa mercê barbato.

Em (19), temos um dado de *Vossa Mercê* em um contexto em que não se verificam diferenças de níveis hierárquicos entre os interlocutores, o que sugere uma relação simétrica, ainda que não seja de muita proximidade. Por outro lado, exemplos como (20) e (21) apontariam para uma forma de mais cortesia:

- (20) Sou **seu captivo, meu senhor**: vossemecê que é mamposteiro, ahi ás mãos lavadas dirá o que quizer, que tem privilegio.

(21) Vamos a outro capítulo, **senhor capitão**. Guie vossa mercê a metaphora.

Nos exemplos (20-21), temos por hipótese que essas ocorrências podem estar localizadas em diálogos de personagens inseridos em relações assimétricas ascendentes, isto é, de inferior a superior, o que pode ser inferido por “meu senhor” e “senhor capitão”, por exemplo.

E, por fim, vejamos a forma de tratamento mais produtiva em *Feira dos Anxins: Você*. Tal como ocorre com *Vossa Mercê*, e também com *Vós*, a forma *Você* pode ser encontrada em relações hierárquicas e de maior distanciamento e respeito. Essa leitura pode ser depreendida pela utilização do vocativo “senhor”:

(22) Basta, **senhor**; vossê em campo esgrimindo com a espada, olhe não lhe quebre os espelhos!

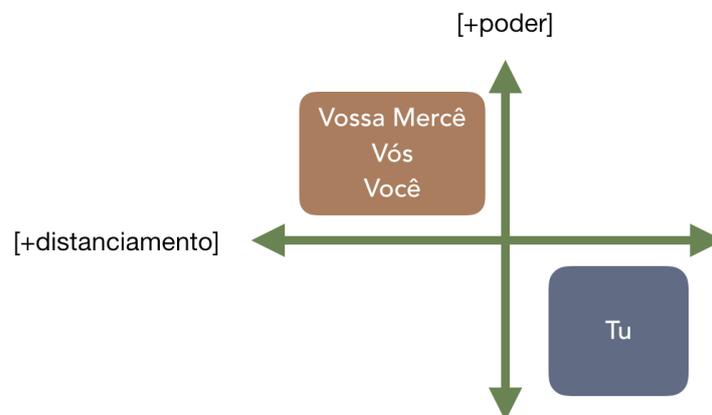
(23) Ah **senhor**, esse equivoco espetou vossê com o bicheiro.

Além desse uso, também podemos encontrar *Você* com caráter mais neutro, sendo uma forma compartilhada por um determinado grupo social, mesmo que não haja aproximação entre os interlocutores:

(24) Vossê é barba leda; não hade fazer tal, ainda que fora ao Barbado de Leça.

Em síntese, podemos tecer os seguintes comentários:

Figura 3. Valores pragmáticos das formas de tratamento: sistematização dos resultados



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

O eixo vertical codifica informações sobre as relações que se dão em torno ao poder, ao passo que o eixo horizontal se refere às relações em torno à solidariedade. Neste último caso, embora não haja hierarquia entre os envolvidos na cena interativa, essas relações podem ser mais distantes ou mais íntimas.

Em *Feira dos Anexins*, a forma pronominal *Tu* parece ser utilizada em relações simétricas mais íntimas, de amor ou amizade. *Vossa Mercê*, *Vós* e *Você*, por outro lado, podem ser encontradas em relações simétricas, com mais ou menos distanciamento, além de relações assimétricas, sendo utilizadas de inferior para superior. Embora estejamos conscientes do limite de nossa análise, tendo em vista as dificuldades impostas pela natureza do texto, podemos entender, em sentido lato, que a forma de tratamento *Você*, ainda que se apresente sintaticamente ocupando, em maior ou menor medida, todos os contextos sintáticos específicos de uma forma pronominal, no plano pragmático parece não haver, ainda, uma diferenciação nítida entre a forma original *Vossa Mercê* e a nova forma em gramaticalização *Você*.

Pode-se, sim, depreender a partir dos dados o fato de *Você* parecer não ocupar os mesmos domínios de intimidade de *Tu*, o que encontra eco na análise feita por Fernandes (2009):

Embora os personagens e o cenário não sejam descritos, imagina-se que o embate representa um desafio entre homens, em lugar público, sob assistência de outros, o que explica a preferência por *você* – mais respeitoso – a *tu* – extremamente íntimo e familiar –, durante todo o diálogo. Cabe lembrar que, mesmo hoje, em Portugal, o emprego de *você* mantém um distanciamento entre os interlocutores. Projetando-se para o passado, quando o pronome tinha maior proximidade cronológica com seu antecessor cerimonioso, *Vossa Mercê*, é de se esperar que o seu caráter distanciador fosse, no mínimo, igual ao atual (FERNANDES, 2009, p. 42, grifo nosso).

Como conclusão, é possível pensar em uma fotografia dinâmica, na qual *Você* coexiste com a forma original *Vossa Mercê* ainda nos terrenos da polidez, mas também apresenta usos diversos, típicos de processos de gramaticalização, como seu uso mais frequente em relações simétricas menos solidárias, sem, contudo, chegar a competir com *Tu* nos terrenos da intimidade.

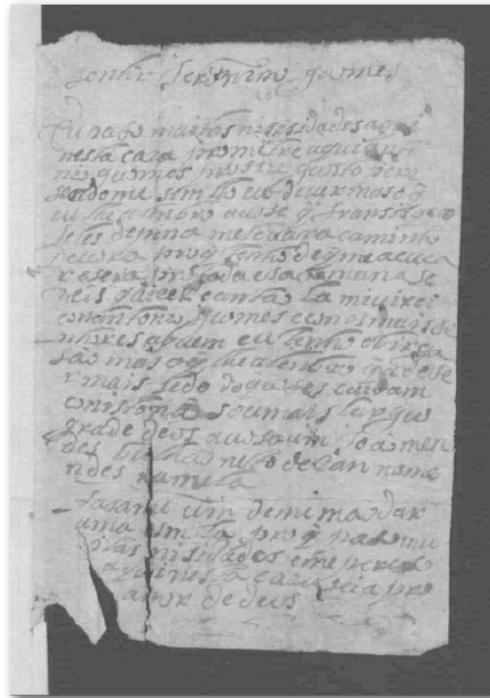
5. Duas datas, duas histórias

Até aqui, demos a conhecer um pouco do texto *Feira dos Anexins*, de D. Francisco

Manuel de Melo e exploramos as formas de tratamento encontradas, tanto em termos quantitativos, como qualitativos. Como tentamos deixar claro, ainda que haja propostas como a de Menon (2009) para que a data da primeira abonação de *Você* seja recuada de 1666 a 1665, não há, até onde sabemos, textos literários de momentos distintos à segunda metade do século XVII que possam ser possíveis candidatos a conterem o primeiro registro da nova forma de tratamento.

Se isso pode ser uma verdade momentânea para os textos literários, o mesmo não pode ser dito em relação a outras tipologias textuais. Uma busca em diversas plataformas de *corpora* do português nos mostra uma carta escrita em 1638 com o que pode ser, até agora, o primeiro registro de *Você* em textos não literários⁸.

Figura 4. Fac-símile de uma carta escrita em 1638 que contém a forma de tratamento *Você*



Fonte: Corpus P.S. – Post Scriptum, Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna, CARDS4008.

Vejamos uma transcrição conservadora do texto:⁹

⁸ A carta em questão pertence ao corpus P.S. - Post Scriptum, Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna, organizado pela professora Rita Marquilhas da Universidade de Lisboa, disponível em <<http://ps.clul.ul.pt>>.

⁹ Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt/index.php?action=file&cid=Revistas/EdictorMerged/CARDS4008.xml&jmp=w-35>. Acesso em: 3 jan. 2019.

senhor Jerónimo guomes

Eu paso muitas nisisidades aqui nesta caza pro me tre aqui antonio guomes pro seu guosto peresendome sem lho eu devermas o q eu lhe alenbro a vose q fransisquo teles de pina me levara caminho D evora proq tenho de q me acuzar e sera pro todaesa semana se

Deos quizer e antão la mi virei con antonio guomes e con os mais senhores a quem eu tenho obirgasão mas o qlhe alenbro q a de ser mais sedo do q voses cuidam con isto não sou mais larguo grade deos a vosa vm

João mendes bulhão neto de janna mendes ramela

fasame vm de mi mãodar uma esmola proq paso muitas nisidades e me pereço aqui nesta caza seja pro amor de deos

Trata-se de uma carta não autógrafa escrita em 1638 por João Mendes Bulhão, cardador, preso em uma cadeia pública, para Jerónimo Gomes. No texto, o autor faz ameaças veladas ao destinatário e pede ajuda por estar passando necessidades na prisão.

A forma *Você*, grafada como *vose*, coexiste com a forma de tratamento original *Vossa Mercê*, na forma abreviada *vm*, sendo registrada uma única vez no singular, na posição de objetivo indireto (eu lhe alenbro a *vose*), e no plural, como sujeito (*voses* cuidam). Embora a coexistência entre a nova forma em gramaticalização e a forma original exista, tais formas não disputam as mesmas seções da carta: *Você* está presente no corpo da carta e *Vossa Mercê* em seções mais formulaicas como a despedida e o P. S.

No plano pragmático, no entanto, ambas as formas coexistem na codificação da mesma relação social. Ainda que haja atos ilocucionais diversos proferidos pelo remetente, ganham destaque a súplica e o pedido de ajuda, o que confere uma hierarquia à relação, podendo ser caracterizada como assimétrica ascendente, isto é, de inferior para superior. Nesse tipo de relação, observa-se o valor pragmático original de *Vossa Mercê*, de forma de respeito e distanciamento.

Parece, assim, que duas histórias diferentes precisam ser contadas: a história dos textos literários e a história dos textos não literários, caracterizados aqui pelos documentos epistolares. Essas histórias se justificam não somente pela datação (1665/1666, de um lado, e 1638, de outro), como também pelo valor pragmático sinalizado pelos textos.

Considerando exclusivamente textos literários, a literatura salienta um giro pragmático da forma *Você*, se comparada à forma original *Vossa Mercê*, e costuma descrevê-la como uma forma degradada e decadente, a partir dos séculos XVII/XVIII, sendo utili-

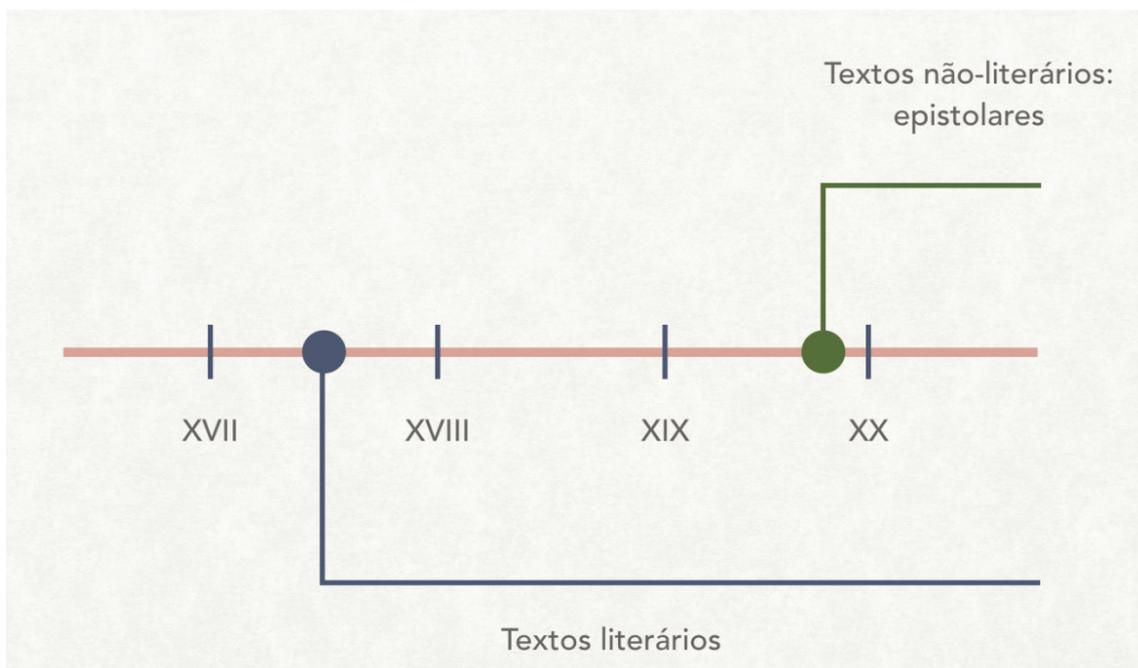
zada em relações assimétricas descendentes, de superior para inferior, como mostram as palavras do filólogo Cintra e do dicionarista Bluteau:

Preocupação de muitos, antes de mais nada, em não serem tratados por Vossa Mercê e muito menos por uma das formas fonéticas decadentes vossancê ou você (esta última, salvo erro, atestada até agora pela primeira vez pouco antes de 1666), formas abreviadas intimamente associadas à degradação semântica da já antiga fórmula de cortesia (CINTRA, 1972, p. 27, grifo nosso).

Vossê. Trato usado com gente inferior, entre vòs, & vossa mercè. (BLUTEAU, 1728, p. 580, grifo nosso).

Tudo leva a crer que o sabor depreendido de textos literários apontaria para uma forma de tratamento já em gramaticalização, distanciando-se da carga de polidez original que *Vossa Mercê* poderia comportar. Tem-se, assim, um descompasso entre a história contada pelos textos literários e a história contada pelos textos epistolares quanto ao valor pragmático do tratamento *Você*:

Imagem 3. Histórias da forma de tratamento *Você* em diferentes tipologias textuais: giros pragmáticos em relação à forma original *Vossa Mercê*



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

Diferentemente do que ocorre com textos literários, em que se verifica um comportamento diferenciado entre *Você* e *Vossa Mercê* – mais acentuado nas palavras de filólogos e dicionaristas do que no texto que analisamos, *Feira dos Anexins* –, os documentos epistolares mostram que *Você* é capaz de manter seu caráter cerimonioso até fins do século XIX ou inícios do século XX, quando passa a disputar espaço com *Tu* nos terrenos da cortesia (RUMEU, 2013; LOPES et al., 2018; COSTA et al., 2018), ao menos no português brasileiro.

Considerações finais

Neste artigo, o nosso objetivo central foi dar a conhecer o texto intitulado *Feira dos Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, assim como levantar elementos que permitissem a problematização da datação do primeiro registro da forma de tratamento *Você*. Sintetizemos, então, os pontos centrais.

Ainda que *Feira dos Anexins* tenha tido tanta difusão na literatura como candidato ao texto contendo o primeiro registro de *Você*, esse assunto, como tentamos mostrar, merece ser revisto. A datação de *Você* é questionada por Menon (2009), a partir dos seguintes argumentos: (i) a obra *Feira dos Anexins* é póstuma. A data de 1666 é atribuída em função do ano de morte do autor; (ii) tendo sido publicada somente em 1875, mais de dois séculos após a sua redação, a obra pode ter sido alvo de atualizações e intervenções por parte do editor; (iii) em termos mais linguísticos, *Feira dos Anexins* destoa das demais obras do mesmo autor e de outros textos coetâneos não somente pelo uso da forma *Você* em detrimento das demais formas de tratamento, como também pela sua elevada produtividade. As plataformas de *corpora* podem também auxiliar a discussão, disponibilizando uma carta de 1638 que contém um registro da nova forma de tratamento *Você*.

Ainda assim, devido ao “valor simbólico” adquirido pela obra e pela datação oferecida, foi de nosso interesse realizar uma investigação mais detalhada do texto. Em *Feira dos Anexins*, *Você* coexiste com outras formas de tratamento como *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *O Senhor*. Em termos quantitativos, as taxas de uso de *Você* superam, em larga escala, as demais formas de tratamento. No plano sintático, *Você* ocorre na posição de sujeito (nominativo) e nas demais posições típicas dos pronomes, como objeto direto (acusativo), objeto indireto (dativo), complemento de preposição (oblíquo) e possessivo (genitivo). No que se refere à sua carga pragmática, diferentemente da forma *Tu*, que só é registrada em relações simétricas de amor e amizade, a forma *Você* parece ser encontrada nos mesmos contextos de *Vós* e *Vossa Mercê*: relações simétricas menos solidárias e relações

assimétricas ascendentes (de superior a inferior), marcando respeito e distanciamento. Esses resultados gerais sugerem um comportamento mais semelhante entre *Você* e a forma original que lhe deu origem *Vossa Mercê*.

Se considerarmos que os estudos com base em textos epistolares (RUMEU, 2013; LOPES et al., 2018; COSTA et al., 2018) mostram que *Você* se mantém como forma cortês de tratamento até o final do século XIX, esses resultados gerais podem evidenciar comportamentos distintos em função da tipologia textual: textos literários sugerem que, desde os primeiros registros, tem-se uma forma não só desgastada foneticamente, mas também pragmaticamente; por outro lado, textos epistolares parecem mostrar que o desgaste fonético não foi acompanhado pela perda de informações pragmáticas, uma vez que, nesse tipo de textos, *Você* continua sendo uma forma de cortesia até o final do século XIX ou início do XX.

Referências

CHACOTO, Lucília. La Feria de Anexins de Don Francisco Manuel de Melo: estudio literario y paremiológico. *Critica del testo*, XI/1-2, 2008, p. 31-42.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante da; GOMES, Valéria Severina; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. Variação e Tradição: uma análise do Tu e Você na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989). *LaborHistórico*, 4 (1), 2018, p. 55-71. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.17490>

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta* 13, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, Editora da UFPR. 1996.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, 3 (2), 2017, p. 114-132. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v3i2.17150>

FERNANDES, Elaine Cássia Pereira. *Você como pronome de segunda pessoa no Brasil: motivações e percursos histórico, literário e gramatical*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; CASTILHO, Ataliba T. de. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018, v. 4, p. 24-141.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística*. Mestrado (Letras Vernáculas – Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MENON, Odete P. S. A história de você. In: GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane A.; MURAKAWA, Clotilde A. A. (Orgs.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: LEFCL/ São Paulo: Cult. Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MENON, Odete P. S. Sobre a datação de você, ocê e senhorita. *Fórum Linguístico*, v.6, n. 1, Linguístico, Florianópolis. 2009, p. 45-71.

MOURA, Kássia Kamilla de. *A implementação de você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

RUMEU, Márcia Cristina de B. *A Implementação do Você no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel*. Doutorado (Letras Vernáculas – Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Maria Sofia D. F. Godinho Silva. *Feira dos anexins de Dom Francisco Manuel de Melo: estudo da tradição e edição*. Mestrado (Literatura e Cultura Portuguesas – Época Moderna). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997.

SOUZA, Christiane Maria Nunes de. Por que reeditar (e reler) “O tratamento você em português: uma abordagem histórica”. *LaborHistórico*, 3 (2), 2018, p. 108-113. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v3i2.17149>

WILLIAMS, Thomé. Sociolinguistic Aspects of Forms of Address in Portugal and Brazil: TU or VOCÊ. *Intercultural Communication Studies XIII*: 3, 2004.



Data de submissão: 09/04/2019

Data de aceite: 27/10/2019

EU LHE ALEMBRO A VOCÊ: SOBRE O LUGAR DE VOSSA MERCÊ E VOCÊ NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

*EU LHE ALEMBRO A VOCÊ: ABOUT THE SPACE
OF VOSSA MERCÊ AND VOCÊ IN THE HISTORY OF PORTUGUESE*

Vanessa Martins do Monte | [Lattes](#) | vmonte@usp.br
Universidade de São Paulo

Resumo: A mudança nas normas de polidez afeta e reconfigura o sistema de tratamentos de uma dada língua. Localizar fontes primárias escassas, como os manuscritos quinhentistas e seiscentistas, permite que se estude, para além das formas de tratamento, a formação de um novo acordo de polidez, assentado em uma nova sociedade que começa a se formar em meados do século XVI na América Portuguesa. São índices desse novo sistema as formas *vossa mercê* e *você*. Os arranjos feitos no início do processo de colonização afetaram as formas e funções de cortesia do que viria a se tornar o português brasileiro (PB), daí a ênfase que damos aos séculos XVI e XVII. Investigamos neste texto (a) fontes documentais manuscritas quinhentistas e seiscentistas que trazem ocorrências abundantes de *vossa mercê* e que nunca foram analisadas em pesquisas sobre formas de tratamento; (b) o uso das formas *vossa mercê* e *você* a partir de uma obra literária e de fontes metalinguísticas; e tecemos observações à luz da investigação proposta. Uma das contribuições deste artigo é a atestação do *terminus a quo* da palavra *você*, que data de 1638. Outras decorrências da análise levada a cabo são a defesa de uma necessária interdisciplinaridade dos estudos de Filologia, Paleografia e Linguística Histórica, além da constituição de um diálogo efetivo entre os projetos coletivos estaduais que pesquisam a história do PB, considerando-se sua sócio-história comum.

Palavras-chave: Filologia; Etimologia; Formas de tratamento; Vossa mercê; Você.

Abstract: The change in politeness rules affects and reconfigures the treatment system of a given language. Finding scarce primary sources, such as the 16th and 17th century manuscripts, allows us to study, in addition to the forms of treatment, the formation of a new politeness agreement. This new agreement is based on a new society that began to be formed in American Portuguese in the middle of the 16th century. The indices of this new system are the forms *vossa mercê* and *você*. The arrangements made at the beginning

of the colonization process affected the courtesy forms and functions of what would become the Brazilian Portuguese (BP), which are the reasons why this paper emphasizes the 16th and 17th centuries. We investigate in this article (a) manuscripts produced between 16th and 17th centuries that have never been analysed by the perspective of the Portuguese's address system and (b) the use of *vossa mercê* and *você* in literary texts and in metalinguistic sources. In the end of the paper, final observations are made in the light of the proposed research. One of the contributions made by this study is the register of the *terminus a quo* of the word *você*, which dates from the year 1638. We argue for the interdisciplinarity of Philology, Paleography and Historical Linguistics studies and for the constitution of an effective dialogue between the state collective projects that investigate the BP history, considering its common socio-history.

Keywords: Philology; Politeness; Forms of address; Etymology; *Vossa mercê*; *Você*.

1 Introdução

O estudo das formas de tratamento em português tem se concentrado no período do século XVIII em diante. Não se pode deixar de lado, no entanto, os séculos iniciais de formação de uma nova sociedade na América Portuguesa. As relações que vão se forjando nesse contexto interessam imensamente a esse estudo, uma vez que a criação de novos acordos de polidez provoca alterações no sistema de tratamentos, reconfigurando-o. São índices dessa reconfiguração as formas *vossa mercê* e *você*. O estudo desse fenômeno linguístico em tal período impõe dificuldades consideráveis, uma vez que são raros os manuscritos quinhentistas e seiscentistas lavrados na América que nos restaram e ainda mais escassos aqueles que nos fornecem pistas histórico-linguísticas confiáveis para o estudo. Com base em uma perspectiva filológica, defende-se que os arranjos feitos no início do processo de colonização afetaram as formas e funções de cortesia, criando, desde muito cedo, o quadro de tratamentos que caracterizará o português brasileiro (PB).

A quantidade de pesquisas sobre as formas de tratamento em língua portuguesa é digna de destaque. O fato de haver um conjunto comparativamente amplo de formas distintas para se referir ao interlocutor é uma das explicações para o volume de investigações. Comparando-se ao francês, que possui o formal *vous* em contraste ao informal *tu*, a língua portuguesa apresenta *tu*, *você* e variantes no tratamento informal, e *o/a senhor/a* no formal, dentre outras expressões. Tanto no português europeu contemporâneo quanto no português brasileiro verifica-se variedade de formas nas dimensões formal, informal

e neutra (COOK, 1997, 2013). Tais formas não são, em sua maioria, pragmaticamente coincidentes nos sistemas de polidez português e brasileiro (LOPES et al., 2018).

A investigação mais recente sobre a formação de sistemas pronominais distintos no português brasileiro e no português europeu contemporâneo se deve mormente aos amplos e profícuos projetos de investigação sobre a história da língua portuguesa no Brasil. Iniciativas como o PHPB – Projeto para a História do Português Brasileiro – e suas ramificações regionais lançaram luz¹ sobre esse aspecto que já era fruto de reflexões importantes (CINTRA, 1972; LUZ, 1958).

Os estudos que se produziram tendo como foco a representação pronominal de segunda pessoa do singular frequentemente centram-se na observação dos pronomes em si e dos seus paradigmas. Para estudos de natureza diacrônica, no entanto, propõe-se aqui a volta do olhar para o sistema de polidez, do qual são índices as formas nominais e pronominais de tratamento. Advoga-se a favor da observação do fenômeno dos tratamentos a partir da conformação de um novo sistema de cortesia, o que traz reflexões importantes sobre a formação do sistema pronominal do PB. São índices desse novo sistema as formas *vossa mercê* e *você*, daí a ênfase dada a essas expressões neste artigo.

Adota-se como pressupostos teóricos para a abordagem proposta aqueles trazidos pela Filologia, aqui entendida como uma perspectiva de estudo do texto escrito e de valor histórico. Como se trata de pesquisa com viés diacrônico que remonta ao início da formação do Brasil, é necessário que se lidem com textos escritos, manuscritos ou impressos. O exame de tais textos prima pela análise de sua materialidade (TOLEDO NETO, 2018). Em estudos linguísticos, sobretudo aqueles que têm como centro as formas de tratamento, é indispensável que se levem em conta aspectos codicológicos e paleográficos, tendo em vista que as abreviaturas são a forma convencional de registrarem-se a forma *você*, geralmente abreviada *v.*, e as demais fórmulas corteses de tratamento.

Este artigo se divide em três partes. Na primeira, apresenta-se uma análise a partir de documentos manuscritos, que se revelam fontes importantes para a investigação das formas *você* e *vossa mercê*. O *corpus* de documentos manuscritos foi construído a partir de cartas privadas publicadas pelo Projeto P.S. Post Scriptum (CLUL, 2014), seguindo rigorosos pressupostos filológicos e eletronicamente processadas.

Na segunda parte, trazemos alguns comentários sobre as mesmas formas a partir de fontes metalinguísticas e de uma das raras obras literárias em que se atesta o uso de *vossa mercê*. As fontes metalinguísticas utilizadas foram dois dicionários de Raphael Bluteau

¹ O PHPB é um projeto idealizado pelo Professor Emérito Ataliba de Castilho, da Universidade de São Paulo. Destaca-se, na área dos tratamentos, a publicação de autoria de Lopes et. al., publicada em 2018.

(1712-1728, 1721) e a *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens [...]* de Madureira Feijó (1734). À exceção das obras de Gil Vicente, de onde são frequentemente extraídos os exemplos de usos das formas de tratamento (cf. CINTRA, 1972), são escassos e praticamente desconhecidos os textos literários quinhentistas e seiscentistas que atestam as formas analisadas. Por isso, decidimos nos valer da edição crítica da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Comédia Ulissipo*, provavelmente publicada em 1561 (SANTOS, 2006). Por conta da raridade das fontes, ressalvamos que a segunda parte do artigo é comparativamente mais exígua do que a primeira.

Na terceira e última parte, tecem-se observações finais à luz da investigação proposta.

2 (Re)contando a história de *vossa mercê* e *você* por meio de documentos

O pioneirismo do estudo sobre as formas de tratamento em português costuma ser atribuído à Marilina dos Santos Luz (1958). Uma das frases célebres da autora e que ainda motiva muitas das pesquisas recentes sobre nosso complexo sistema de tratamentos é a seguinte: “A maior revolução no sistema de tratamento português foi provocada pelo aparecimento da terceira pessoa do singular, aplicada à segunda pessoa do discurso.” (LUZ, 1958, p. 49).

Sobre as formas que nos interessam mais de perto neste artigo, Luz (1958) situa o uso da expressão “pedir por mercê” nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, datadas do séc. XIII. Os primeiros registros escritos de *vossa mercê* são atestados nas atas das cortes de 1331. Durante todo o século XIV, o uso da forma ainda é tímido e não concorre com outras formas para se dirigir ao rei, o que passa a acontecer apenas no segundo quartel do século XV. Luz (1958) afirma ainda que as crônicas quatrocentistas de Fernão Lopes atestam mais frequentemente o uso de *vós* e de *senhor* para se dirigir ao rei, apesar de registrarem também o tratamento *vossa mercê* tanto para o rei quanto para a rainha. Segundo Cintra (1972), as formas *vossa mercê*, *vossa alteza* e *vossa senhoria* são sempre proferidas por estrangeiros, castelhanos ou italianos, nas crônicas de Lopes. Nas cortes de 1490, no entanto, Luz (1958) não encontra ocorrências de *vossa mercê*.

O século XV, segundo o levantamento feito por Luz (1958), assiste à proliferação de formas de tratamento honoríficas, usadas para se dirigir ao rei, mas também aos nobres da corte. Data desse século também a criação das dignidades de *duque*, *marquês*, *barão* e *visconde* (LUZ, 1958, p. 135). A forma *vossa senhoria* é atestada pela primeira vez em 1442, como tratamento real, passando a concorrer com *vossa mercê*. A forma *vossa alteza*

também começa a ser usada para o tratamento régio. A forma mais frequente durante o quatrocentos, no entanto, ainda é *vossa mercê*, segundo atestam os documentos estudados por Luz (1958). Do século XV em diante, entretanto, a forma *vossa senhoria* “fixa-se num nível nitidamente superior ao de *Vossa Mercê*. Por isso, durante séculos, vai tornar-se numa aspiração de todo aquele que quer subir na escala social o ser tratado por *Vossa Senhoria*.” (CINTRA, 1972, p. 22).

Cintra (1972), outro nome de referência na área de estudos concernentes ao tratamento, analisa detidamente a obra de Gil Vicente, indicando ser a adequação do tratamento uma preocupação generalizada daqueles que viviam nas cidades durante os quinhentos. Segundo Cintra (1972, p. 56), nas farsas e comédias vicentinas, a forma *vossa mercê* se alternava com *vós*, sendo usada “com certa parcimónia, sempre que um personagem deseja mostrar-se particularmente cortês para com outro pertencente àquilo que poderemos considerar a pequena burguesia das grandes cidades”.

Ao final do séc. XVI, atesta-se uma expansão do tratamento *vossa mercê*, fato que teria pressionado a corte a publicar as chamadas *Leis de Cortesia* ou *Leis dos Tratamentos*. A primeira delas foi publicada em 1597, e *vossa mercê* consta apenas do interior da fórmula epistolar de encerramento “Deus guarde a *vossa mercê*”. É importante notar, portanto, que o tratamento *vossa mercê* não servia mais nem para tratar a pequena burguesia urbana, muito menos os nobres. Segundo Durães (2017, p. 87):

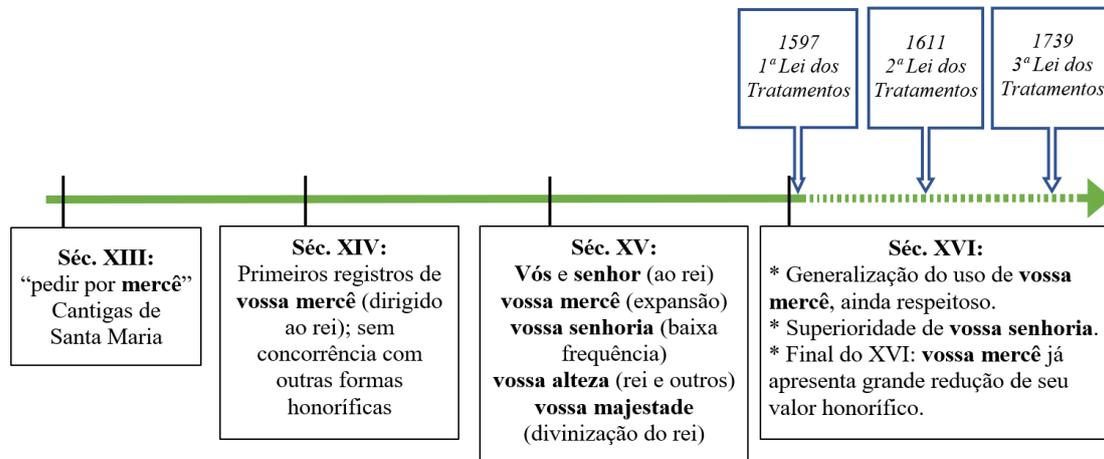
A codificação dos graus de honra era uma prerrogativa real e este foi um dos aspetos no qual o rei não se coibiu de exercer o seu poder normalizador. As sucessivas Leis dos Tratamentos, publicadas em 1597, 1611 e 1739, ampliada em 1759, ao definirem uma elite restrita merecedora dos distintivos epítetos de Excelência, Senhoria e Dom, acabaram por contribuir para a delimitação formal e objetiva da camada superior da sociedade.

Sobre a lei de 1739, Monte (2015, p. 419-420) afirma que

D. João V, devido à confusão que se sucedia nos tratamentos e à extensão no uso de *vossa senhoria*, é obrigado a promulgar uma nova lei. O monarca revoga o conteúdo da lei de 1597, à exceção da parte em que se dispõem os tratamentos devidos ao rei, às rainhas, aos príncipes herdeiros, princesas, infantes e infantas. Nota-se, assim, que as formas mais especializadas, dirigidas aos representantes máximos do poder monárquico, a saber *majestade* e *alteza*, não sofreram muitas transformações, nem parecem ter sido utilizadas indevidamente.

A Figura 1, a seguir, apresenta um esquema representativo das informações centrais sobre as formas de tratamento trazidas por Luz (1958) e Cintra (1972):

Figura 1 – Esquema da evolução das formas de tratamento em português, de acordo com Luz (1958) e Cintra (1972)



Fonte: Da autora.

A tentativa de atestar a primeira ocorrência da forma *você* na língua portuguesa costuma atribuí-la ao texto *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, datando-a de 1665 ou 1666. O ano de 1665 é a data que consta, por exemplo, do Dicionário Houaiss (HOUAISS, VILLAR, 2012). A informação do ano de 1666 como a primeira ocorrência de *você* ficou cristalizada e é amplamente disseminada na literatura linguística, como mostra detalhadamente Franco (2017). Menon (2006, 2009) também discute a datação a partir das obras de Francisco Manuel de Melo, levantando a hipótese de a forma não ser corrente à época e ter sido fruto de uma alteração editorial, de um suposto *vossa mercê* ao reduzido *você*, promovida quando de sua primeira publicação, quase dois séculos depois, em 1875.

Fato é que, tanto do ponto de vista filológico quanto etimológico², a data a ser considerada para a ocorrência seria o ano de 1875, que é a data efetiva da publicação da obra. Até que se encontre a primeira versão manuscrita seiscentista ou mesmo alguma edição impressa da obra anterior a 1875, da qual não se tem notícia, a data fidedigna da primeira ocorrência de *você*, ou *terminus a quo*, tem de ser a data efetiva de quando a obra *Feira de Anexins* veio a lume:

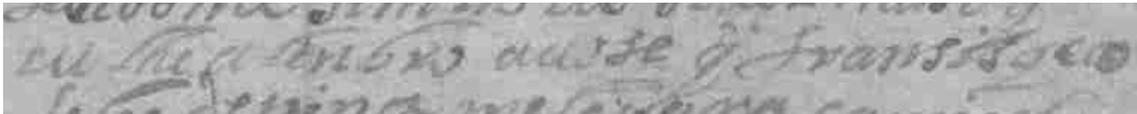
² Sobre a questão do estabelecimento do *terminus a quo* nas pesquisas etimológicas, ver Viaro & Bizzocchi, 2016. Nos trabalhos envolvendo a construção do DELPo – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (<https://delpo.prp.usp.br/>) –, nos deparamos com a necessidade de atestar rigorosamente a data de publicação da obra sob o risco de atestar uma falsa ou discutível retrodatação.

É importante salientar que se trata de um texto editado após a morte do autor. A datação de 1666 acabou sendo atribuída por ser esse o ano de falecimento de D. Francisco Manuel de Melo. A obra foi publicada pela primeira vez em 1875, por Inocêncio Francisco da Silva, e sua segunda edição foi revisada em 1916. (FRANCO, 2017, p. 39)

A alusão à história da retrodatação da forma *você* indica um procedimento que foi bastante corrente nos estudos diacrônicos de forma geral, que é o de buscar atestações em documentos impressos. Atualmente, no entanto, com a ampla gama de edições de textos manuscritos preparadas com rigor filológico e com o avanço das pesquisas em Humanidades Digitais (PAIXÃO DE SOUSA, 2013), já é bastante possível a investigação em *corpora* eletrônicos abertos e *online*. Um deles é o Projeto P.S. Post Scriptum, coordenado por Rita Marquilhas (CLUL, 2014). Nele, encontram-se fac-símiles de cartas privadas escritas durante a Idade Moderna em Portugal e na Espanha, acompanhados de suas edições conservadora e modernizada.

A vantagem de *corpora* idealizados a partir das ferramentas das Humanidades Digitais é, por exemplo, as inúmeras possibilidades de busca nos textos editados. Por meio desta busca relativamente simples, realizada no *site* do Projeto P.S. Post Scriptum, já é possível retrodatar a forma *você*, grafada *uose*, para 1638, conforme Figura 2 a seguir:

Figura 2 – Ocorrência de *uose* em trecho de carta de João Bulhão, de 1638



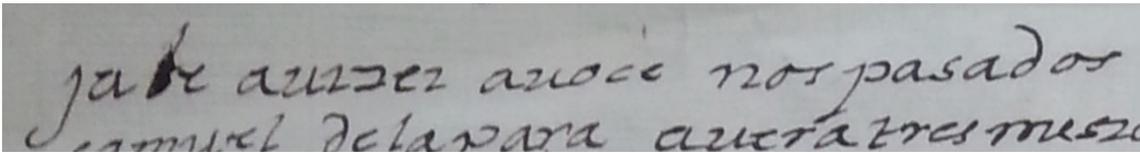
Transcrição: eu lhe alenbro a uose q fransisquo

Fonte: CLUL, 2014.

A carta em questão foi escrita pelo cardador João Mendes Bulhão, de 46 anos, que havia sido preso por judaísmo pelo Tribunal do Santo Ofício – Inquisição de Évora. Ele escreve a Jerónimo Gomes, fazendo-lhe ameaças veladas e pedindo-lhe ajuda por estar passando necessidades na prisão, conforme se lê na ficha catalográfica do documento (CARDS4008 - CLUL, 2014).

Continuando a pesquisa no mesmo *corpus* eletrônico, encontram-se duas missivas datadas de 1672 escritas por mulheres, Raquel da Silva e, sua filha, Sara da Silva, a Isaac del Sotto, respectivamente pai e avô das missivistas (PSCR1475 e PSCR1483 – CLUL, 2014). Tanto a filha quanto a neta o tratam por *você*, grafado *voce*.

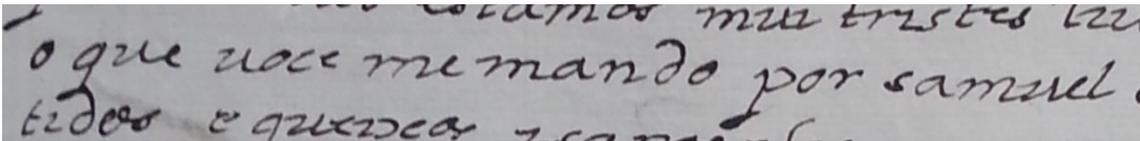
Figura 3 - Ocorrência de *uoce* em trecho inicial de carta de Raquel da Silva, de 1672



Transcrição: ja [l]e auizei a uoce nas passadas

Fonte: CLUL, 2014.

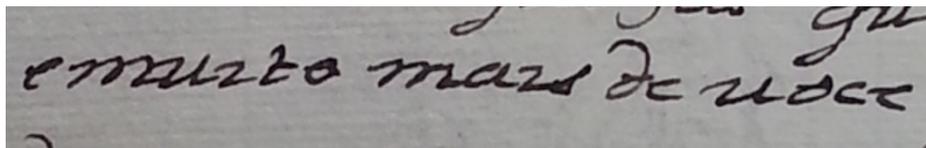
Figura 4 - Ocorrência de *uoce* em trecho medial de carta de Raquel da Silva, de 1672



Transcrição: o que uoce me mando por samuel

Fonte: CLUL, 2014.

Figura 5 – Ocorrência de *uoce* em trecho de carta de Sara da Silva, de 1672



Transcrição: e muito mais de uoce

Fonte: CLUL, 2014.

As cartas foram escritas desde o Suriname a Amsterdão e têm como tema comum o receio da invasão por potências estrangeiras³. Nota-se que a grafia é idêntica nas três ocorrências, com o uso sistemático de *u* por *v*, conforme é frequente em documentos do período. Assim como na missiva de 1638, não se nota aqui nenhum vestígio gráfico que pudesse indicar a tentativa de abreviar uma suposta forma de tratamento *vossa mercê*.

³ O contexto mais geral das cartas, segundo nos informa a ficha catalográfica dos documentos, é este: "Perante a suspeita de as comunidades sefarditas traficarem mercadorias e informações em prejuízo da Coroa inglesa, várias embarcações procedentes ou destinadas à Holanda por sua conta foram intercetadas. Efetivamente, as disposições constantes nos Atos de Navegação de Cromwell proibiam o trato comercial das colônias inglesas com a Holanda, a Espanha, a França e respetivas possessões ultramarinas. Os processos instaurados, à guarda no Supremo Tribunal do Almirantado, surgem no contexto de quatro momentos de grande crispação entre aquelas duas potências [...]. A documentação encontrada a bordo e preservada em arquivo - correspondência particular e registos de carga - constituiu testemunho documental da prática dos crimes de contrabando de mercadorias em alto mar. As cartas aqui descritas são ainda demonstrativas da qualidade das relações mantidas no seio de famílias sefarditas (judeus e conversos), com existência de redes estrategicamente distribuídas: de um lado, os colonos posicionados abaixo da linha do equador, mais precisamente numa área das Sete Províncias das Índias Ocidentais (o Caribe), no âmbito das possessões ultramarinas holandesas; do outro, familiares e parceiros de negócio, situados nos principais portos no Atlântico Norte, importantes centros de atividade financeira e mercantil." (CLUL, 2014)

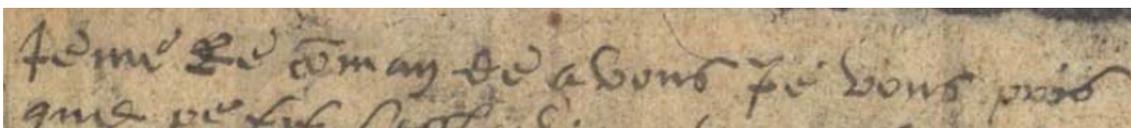
É bastante provável, portanto, que na língua falada, menos conservadora do que a escrita, a forma *você* já circulasse amplamente entre o final do século XVI e o início do século XVII. A investigação continuada em arquivos que contenham manuscritos desse período provavelmente revelará mais ocorrências da forma *você* e correlatas. Assim, é previsível que se recue ainda mais a sua primeira ocorrência.

Cabe comentar um raro exemplo encontrado no mesmo Projeto Post Scriptum. Trata-se de carta escrita por Estêvão de Torres à sua mulher Anna, originalmente em francês e cuja tradução foi ditada

pelo próprio por ordem dos inquisidores e registadas nas atas das sessões de interrogatório. Estêvão de Torres, residente havia dez anos em Portugal, foi preso pela Inquisição a 19 de setembro de 1549, acusado de comer carne durante a Quaresma e outros dias defesos e de crer e proferir afirmações consideradas heréticas. (CLUL, 2014)

O interessante desta carta é que a tradução do francês ao português conserva o pronome *vous* como *vós*, à exceção do trecho em que ele aparece numa fórmula epistolar e é traduzido por *vossa merce*: “encômendome em vossa merce” (PSCR1149 - CLUL, 2014). Vejamos as Figuras 6 e 7 a seguir com as imagens dos manuscritos:

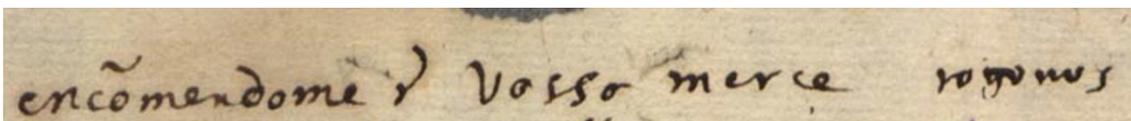
Figura 6 – Trecho de carta em francês de Estêvão de Torres, de 1549⁴



Transcrição: Je me recõmande a vous je vous pris

Fonte: Arquivo Nacional da Torre Tombo, PT/TT/TSO-IL/028/00350.

Figura 7 – Trecho da tradução da carta de Estêvão de Torres, de 1549, constante do processo inquisitorial



Transcrição: encõmendome ã vossa merce rogo uos

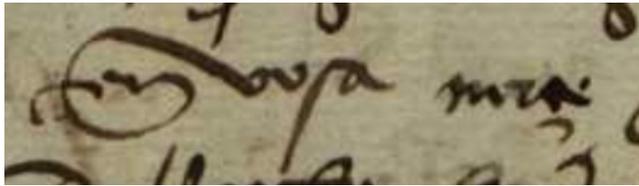
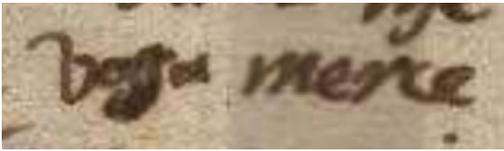
Fonte: Arquivo Nacional da Torre Tombo, PT/TT/TSO-IL/028/00350.

⁴ A carta em questão faz parte do processo de Estêvão de Torres e foi localizada diretamente no acervo digitalizado do Tribunal do Santo Ofício no site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT) (<http://digitarq.dgarq.gov.pt/>).

O exemplo da Figura 7 atesta o uso da forma *vossa merce* por extenso, sem sinais gráficos que indiquem tentativa de abreviação. Além disso, mostra que a forma é inserida numa estrutura altamente formulaica, presente em ambas as línguas românicas. Luz (1958) indica que a fórmula “me recomendo em *vossa mercê*” era bastante utilizada em epístolas, citando uma missiva do cronista Zurara ao rei de Portugal em que a referida fórmula aparece.

Com o objetivo de verificar se haveria outros exemplos da forma *vossa merce* escrita por extenso, efetuou-se uma busca exaustiva no *corpus* do Projeto Post Scriptum. Foram encontradas muitas ocorrências da forma escrita sem abreviaturas, como se observa na Quadro 1.

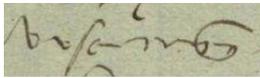
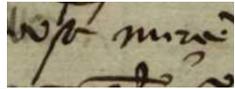
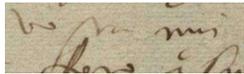
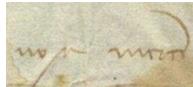
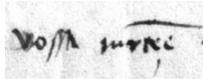
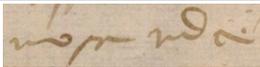
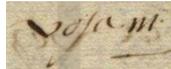
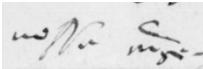
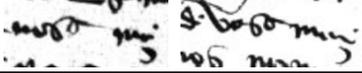
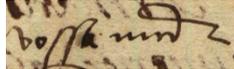
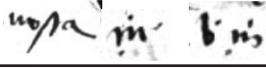
Quadro 1 – Exemplos da ocorrência de *vossa merce* por extenso


<i>Transcrição: em vosa merce</i> <i>carta de 1503, código PSCR0099 (CLUL, 2014)</i>

<i>Transcrição: vossa merce</i> <i>carta de 1569, código PSCR0103 (CLUL, 2014)</i>

Fonte: CLUL, 2014.

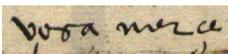
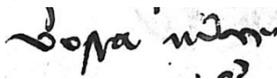
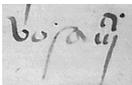
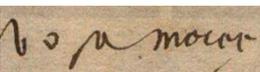
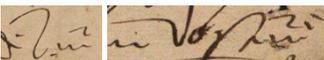
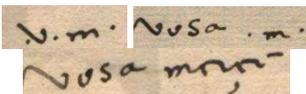
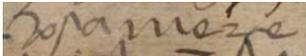
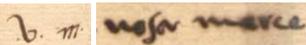
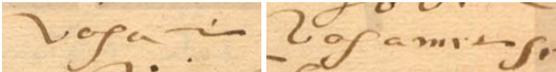
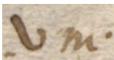
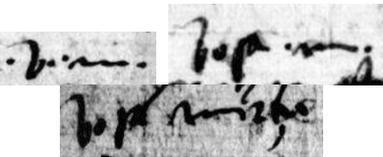
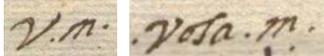
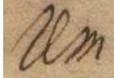
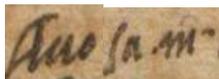
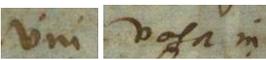
No Quadro 2 a seguir trazem-se os resultados dessa busca. Na primeira coluna, apresenta-se a numeração dos documentos em ordem crescente. Na segunda coluna, há o código do documento no *corpus* do Projeto Post Scriptum, com *link* clicável para facilitar o acesso. Na terceira, indica-se o ano em que a carta foi escrita ou, em alguns casos, um intervalo aproximado. Na quarta coluna, encontra-se a transcrição conservadora das formas e, por fim, a quinta coluna apresenta a imagem recortada da forma de tratamento.

Quadro 2 – Relação de documentos com a forma *vossa merce* e variantes gráficas⁵⁶

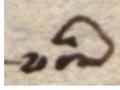
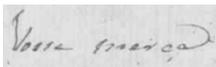
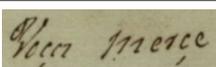
	Código PS	Ano da carta	Forma de Tratamento	Imagem da forma
1	PSCR0107	1500-1599 ⁵	vosa mce	
2	PSCR0099	1503	vosa merce	
3	PSCR0152	15--	vosa mçe	
4	PSCR0153	15--	Vm vosa merce	
5	PSCR0148	1514-1547	vosa merce	
6	PSCR0025	1516	vossa merce	
7	PSCR0024	1520	vosa mce	
8	PSCR0121	1525-1593	vm vosa m	
9	PSCR0120	1525-1593	vosa m	
10	PSCR0117	1530-1550	uossa mçe	
11	PSCR0014	1534-1537	vosa merce	
12	PSCR0002	1542	vosa mçe vosa meçe	
13	PSCR0008	1543	vossa mce	
14	PSCR0060	1544	VosaM VM	
15	PSCR0129⁶	1544	voça m vosa m	[não disponível]
16	PSCR0132	1544	vosa merse	[não disponível]
17	PSCR0133	1544	vosa merse	[não disponível]
18	PSCR0135	1544	vosa mce	[não disponível]

⁵ Algumas cartas possuem datação aproximada.

⁶ Esta carta bem como as duas seguintes pertencem “a um conjunto de dezoito cartas quinhentistas existentes no Arquivo Geral da Bélgica, em Bruxelas. Este conjunto de cartas foi escrito essencialmente entre os dias 20 e 25 de junho de 1544 e enviado de Lisboa a parentes e amigos residentes na Flandres. Segundo os dados apurados pelo arquivo onde estão alojadas, estas cartas foram enviadas por via marítima e terão sido apreendidas numa ação naval, nunca chegando à posse dos destinatários. Não se encontrou informação da data em que as cartas integraram as coleções do Arquivo Geral Belga.” (CLUL, 2014). É provável que, por não pertencerem ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), as cartas não tenham sido digitalizadas ou mesmo não se tenha obtido autorização para a divulgação das imagens.

19	PSCR0145	1544	vosa merçe	
20	PSCR0012	1545	vosa merçe	
21	PSCR0013	1545	vosa m ^{ce}	
22	PSCR1207	1545-1546	vosa merçe	
23	PSCR1211	1548	vm vosa mre	
24	PSCR0081	1550	vm vosa m vosa merçe	
25	PSCR0062	1554	vosa merce	
26	PSCR0096	1555	vm V merce	
27	PSCR0079	1558	vm uosa merce	
28	CARDS2254	1562	vosa m vosa merse	
29	PSCR0027	1563	vm	
30	PSCR0049	1577	vm vosa m vosa merçe	
31	PSCR1160	1577	Vm Vosa m	
32	PSCR3394	1578	UM	
33	PS1097	1580-1600	uosa m	
34	PS1099	1580-1600	vosa m	
35	PSCR1191	1587-1588	(a)uosa m	
36	PSCR1188	1587-1589	vosa m	
37	PSCR0086	1589	vm vosa m	

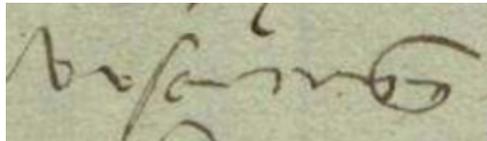
38	PSCR0087	1589	vm vosa m	
39	PS2517	1592	vos(s)a merce	
40	PSCR0045	1593	um uosa merce	
41	PSCR1134	1597	vm vosa merce	
42	PSCR1277	1600	Vm	
43	PSCR1391	1611	VM	
44	PSCR0380	1614	Vm vosa mer vosa m	[não disponível]
45	CARDS3040	1617	vm uossa m	
46	PSCR3397	1619	(a)VM	
47	PS1042	1619-1621	um uosa merce	
48	PSCR0443	1623	vm uosa merce	
49	PSCR0444	1623	vm uosa merce	
50	PSCR1359	1623	uosa m	
51	CARDS1040	1646	vm uosa m ^{ce}	
52	CARDS1034	1663	vosa mersse	
53	PSCR1399	1672	Vm	
54	PSCR1398	1672	VM	
55	CARDS1095	1708	uosa merce	
56	PSCR0541	1715	VM	
57	PS1046	1734	Vm	
58	CARDS2166	1776	VM ^{ce}	

59	CARDS0037	1791	vm ^{ce}	
60	CARDS6264	1803	Vm Vm ^{ce}	
61	CARDS6269	1803	vm ^e	
62	CARDS7140	1819	Vossa merce	
63	CARDS7149	1819	Voça merce	

Fonte: Dados obtidos de CLUL, 2014.

A carta de nº 1 (PSCR0107) mostra a importância de considerarmos a materialidade documental ao se investigar as formas de tratamento em uma pesquisa diacrônica. Fosse pela transcrição conservadora disponível no *site* do Projeto Post Scriptum, consideraríamos três variantes: *vosa me*, *vosa merce* e *Vmce*. A observação do original digitalizado, no entanto, permite que se veja claramente que se trata de apenas uma forma gráfica (conforme Figura 8 a seguir) que se repete ao longo da carta.

Figura 8 – Ocorrência de *vosa mce* na carta PSCR107



Fonte: CLUL, 2014.

O mesmo ocorre com a carta de nº 9 (PSCR0120), cuja transcrição conservadora indica a forma *vosa m*, e com a missiva nº 58 (CARDS2166), que apresenta a forma *Vossa Mce* na transcrição. Nenhuma das formas que traz o *Vossa* sistematicamente abreviado *V* é observada no manuscrito. Assim, comprova-se a indispensabilidade do contato com a reprodução fac-similar do manuscrito, a fim de se realizar observação paleográfica acurada, bem como a ampla facilidade que as ferramentas desenvolvidas no âmbito das Humanidades Digitais conferem à investigação acadêmica.

O Quadro 2 indica que a forma *vossa mercê* era constantemente grafada com pelo menos uma das palavras por extenso, geralmente *vossa*, durante todo o século XVI. Há muitos documentos quinhentistas, inclusive, onde a forma abreviada simplesmente não

aparece. Ao longo do século XVII, no geral, aumentam as ocorrências das duas palavras abreviadas, VM, apesar de alguns documentos ainda trazerem ambas as palavras por extenso. No século XVIII, a forma só aparece por extenso em um documento, surgindo abreviada em todos os demais⁷. Nas cartas do século XIX, verifica-se novamente a ocorrência da forma desenvolvida, embora seu uso indique um ato de impolidez (CULPEPER, 2011) ou, nos termos de Brown & Levinson (1987), um ato invasivo à face do destinatário, como veremos a seguir.

No Quadro 3 trazemos um resumo e a transcrição de trechos das duas missivas oitocentistas em que as formas aparecem desenvolvidas (CLUL, 2014).

Quadro 3 – Trechos de cartas novecentistas

	CARDS7140	CARDS7149
Resumo	O autor exige uma resposta a um contacto anterior e com várias ameaças.	O autor profere insultos e ameaças dirigidos ao destinatário.
Transcrição	Queira Vossa merce Responder logo logo para ivitar conçequeu- çias tristisimas de que se não Livra o que lhe juro. Reposta sem falta pelo Correio na forma que lhe de- tremino. alias não Se queixe.....	Meu Caro amigo pode Voça merce mandar ao Correio a Carta que ali por a quinze dias, Com particular Recomendação, limpe o Cu com ela - pode mandar Levantar dinhei- ro Se o tem no Siguro [...]
Autor	Manuel Maria de Saldanha Guedes	Manuel Maria de Saldanha Guedes
Destinatário	Gertrudes Rita	Domingos Gonçalves Fominica

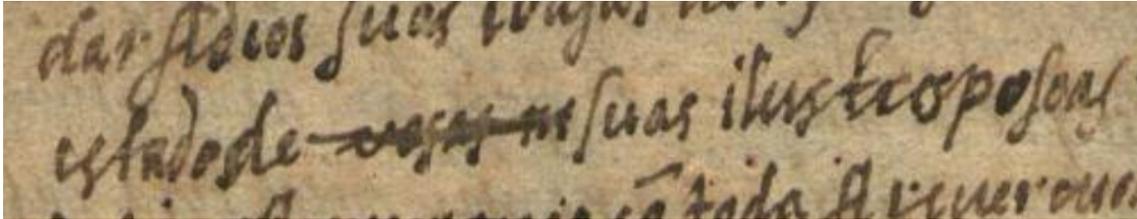
Fonte: CLUL, 2014.

Os excertos acima comprovam que a forma desenvolvida *vossa mercê* apresentava no início do séc. XIX um valor bastante descortês, radicalmente distinto de seu valor pragmático inicial. Para um cotejo breve, tomemos a missiva de nº 35, escrita entre os anos de 1587 e de 1588, que traz um importante exemplo do valor de *vossas mercês* à época (ver Figura 9 a seguir). Escrita por Joana de Mendanha, mulher culta que dominava latim, condenada e torturada pelo Tribunal do Santo Ofício, a missiva revela uma preciosa rasura: “estado de vosas m suas ilustres pessoas”. A observação paleográfica minuciosa, facilitada pelo modo de concepção do *corpus* do Projeto Post Scriptum, permite a visualização do tachado, que indica uma informação pragmática crucial: àquela altura a forma

⁷ Informa-se que, em relação ao século XVIII, como eram muitas ocorrências da forma *vossa mercê* abreviada VM, optou-se por selecionar apenas alguns documentos representativos para constar do Quadro 2. Ressalta-se, no entanto, o fato de ter sido encontrada somente uma carta com a forma por extenso no período.

vossa mercê muito provavelmente ainda carregava um alto grau de cortesia e deferência, podendo ser substituída pela expressão “suas ilustres pessoas”.

Figura 9 – Trecho da carta quinhentista de nº 35 (PSCR1191)



Fonte: CLUL, 2014.

O aumento no uso de abreviaturas para as formas honoríficas de tratamento ao longo do século XVII é fato também verificado em outras línguas europeias, como o alemão. Simon (2003, p. 88) afirma: “Although the employment of abstractions like these in addressee-reference is much older, it first becomes widespread in the 17th century.”

A observação paleográfica acurada de documentos modernos indica que as palavras e expressões mais frequentes na língua e também os sufixos mais utilizados estão sujeitos a maior taxa de abreviação. Portanto, o raciocínio oposto tem grandes chances de ser válido: quanto menos frequente um elemento, menor a chance de aparecer abreviado. Se esse for o caso, pode-se afirmar que a forma *vossa mercê* vai se tornando mais frequente ao longo do século XVI nos documentos de gente comum, cristalizando uma certa tradição diplomática epistolar, até que deixa de ser representada por extenso, tornando-se uma fórmula epistolar, em que aparece rotineiramente abreviada por VM e VM^e/Vm^{ce}, que são quase unanimidade no século XVIII.

3 As fontes metalinguísticas e uma obra literária quinhentista

As cartas manuscritas originais e autógrafas analisadas na seção anterior documentam um certo estado de língua, em sua dimensão escrita. É claro que o exame minucioso realizado, do ponto de vista de sua materialidade, permite que se lancem hipóteses mais ou menos seguras sobre a história paralela da língua falada, e mais do que isso, da língua falada pelo povo, que não dominava a arte de escrever. Saber se as pessoas nascidas no século XVI no Reino de Portugal usavam a forma *vossa mercê* na oralidade é pergunta difícil de ser respondida, mas as fontes metalinguísticas (GONÇALVES & BANZA, 2013) podem nos fornecer pistas importantes sobre uma parte da língua que necessariamente é fruto de uma reconstrução histórica realizada no presente.

No *Vocabulario Portuguez & Latino...*, do Padre Raphael Bluteau (1712-1728), conforme se observa nas Figuras 10 e 11 a seguir, o termo *vossancê* era descrito como termo rústico, definido pelo próprio dicionário como homem ou mulher do campo ou da vila, numa clara oposição aos habitantes da cidade.

Figura 10 – Verbetes Vossancê e Vossê

VOSSANCÊ. Termo rustico. *Vid. Vossê.* Na Farça do Fidalgo aprendiz, traz Dom Francisco Manoel esta palavra, para mostrar a rusticidade de hum Mestre de esgrima, que entrando começa assim, fallando com Dom Gil:
Guarde Deos a Vossancê.
D. Gil. *O Ayo, pois isto he O que vos disse inda agora?*
A. *Pois se elle termo não tem, Que importa, que falle assim.*
D. Gil. *Vem me elle ensinar a mim? Pois ensinayo tambem.*
VOSSÊ. Tratou usado com gente inferior, entre vòs, & vossa mercê.
Vosso. Pronome possessivo da segunda pessoa, que significa o que he daquelle, ou daquelles a quem se falla. *Tuus, tua, tuum,* (fallando a hum só) *Vester, vestra, vestrum,* (fallando a muitos.) **Vossos.** Plural de vosso. *Tui, tuæ, tua.* (fallando a hum só.) *Vestri, vestræ, vestra,* fallando a muitos.

Fonte: Bluteau (1712-1728, p. 580).

Figura 11 – Verbetes Rústico

RÚSTICO. Homem do campo: *Rusticus homo.* Cic. Phedro diz, *Mulier Rustica,* por mulher do campo.
Rustico. Grosseyro, Villaõ, Descortez. *Rusticus, a, um.* Usa Seneca do comparativo *Rusticior.*
A vida Rustica. *Vita Rustica.* Cic.
Algum tanto rustico. Algũa cousa grosseyro, villaõ, &c. *Rusticulus, a, um.* Cic.

Fonte: Bluteau (1712-1728, p. 402).

A palavra *ocê* (grafada *vossê*) aparece como sinônimo de *vossancê*. A abonação vem de texto de autoria de Dom Francisco Manoel de Melo, autor de *Feira dos Anexins*, que atestaria a primeira ocorrência da forma *ocê*. A obra de sua autoria utilizada por Bluteau é *O Fidalgo Aprendiz*, que foi publicada pela primeira vez em 1665, em Lyon, no interior das *Obras métricas*⁸. Na farsa, o termo *vossancê* surge na boca de um rústico mestre de esgrima que a utiliza para tratar um nobre. Cabe destaque o fato de a forma surgir numa típica estrutura formulaica “Guarde Deus a [pessoa do interlocutor]”. Tal estrutura é muito provavelmente uma tradição discursiva bastante forte, permeando tanto a cultura letrada e escrita quanto o campo da oralidade, como se vê na referida passagem.

De qualquer maneira, é digno de nota o lugar híbrido ocupado pela forma, que não era percebida como cortês pelo nobre que a recebeu, entretanto pertencia à semântica da cortesia para o servo que a utilizou. Vê-se então uma certa diglossia nos falares plebeus e nobres, da qual a forma de tratamento é um índice.

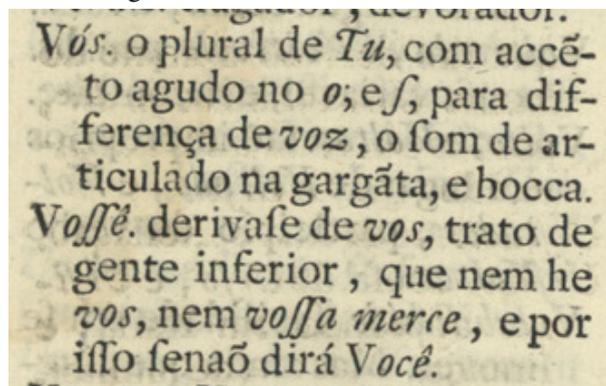
⁸ Para mais informações sobre a transmissão do texto *O Fidalgo Aprendiz*, consultar Verdelho (1998).

Conforme Bluteau (1712-1728), a forma *você*, grafada *vossê*, é definida como um tratamento intermediário entre *vós*, a essa altura já destituído de sua cortesia, e *vossa mercê*, que ocuparia um lugar mais cortês. Não há abonação da forma, o que parece indicar que a versão manuscrita da obra *Feira dos Anexins* não teria tido grande circulação quando da época de sua composição, em meados do séc. XVII.

Em obra menos conhecida de Bluteau, o *Diccionario Castellano* (1721), o autor coloca *Vossè* como tradução de *Usted*, comprovando que as formas já circulavam amplamente no século XVII, a ponto de serem dicionarizadas no início do século XVIII.

Madureira Feijó (1734) em sua *Orthographia...* apresenta conforme a Figura 12, a seguir, os vocábulos *vós* e *vossê*.

Figura 12 – Verbetes *Vós* e *Vossê*



Fonte: Feijó (1734, p. 542).

Feijó (1734) define *vós* simplesmente como o plural de *tu*, dando pistas de que a forma usada para um interlocutor único já estava em desuso. Acrescenta-se um comentário de ordem fonética e ortográfica, descrevendo a diferença dialetal entre a pronúncia das fricativas sibilantes apicais e predorsodentais e indicando que a ortografia deveria conservar a variedade da pronúncia. Já no caso de *Vossê*, Feijó (1734, p. 542) opta por uma descrição mais extensa, abordando três dimensões linguísticas: (i) a morfológica, ao indicar que a palavra teria se derivado de *vós*; (ii) a pragmática, situando a forma num *continuum* idêntico ao de Bluteau, entre *vós* e *vossa merce*; (iii) fonética ou ortoépica, ao afirmar que não se dirá *Você*.

Esta última leitura é conclusão obtida a partir da ambiguidade gerada pela afirmação “e por isso senão dirá *Você*”. Nesse caso, uma leitura possível, mas menos provável, seria “não se usará *você*”, interpretando-se o verbo “dizer” como sinônimo geral de “falar”. Porém, como o próprio título da obra de Feijó indica, *Orthographia, ou arte de escrever, e*

pronunciar com acerto a lingua portugueza [...], o autor estava preocupado com a dicção, daí a interpretação de como não deveria ser pronunciado o vocábulo: em vez de *Voçê* (/s/ apical), deveria-se dizer *Vossê* (/s/ predorsodental).

A par das fontes lexicográficas, é importante observar também, sobretudo em pesquisas de pragmática histórica, os textos literários. Comenta-se, a seguir os usos de *vossa mercê* em uma obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Comédia Ulissipo*, que foi “publicada provavelmente no ano de 1561 ou em data anterior” (SANTOS, 2006, p. 10). Conforme afirmado na seção inicial, são raras as obras literárias dos séculos XVI e XVII em que constem as formas *vossa mercê* e *ocê*. Cabe ressaltar o que diz a autora do estudo e da edição crítica da obra:

A intriga retrata o meio social da Lisboa quinhentista, tornando-se, deste modo, um testemunho de grande valor documental. [...] Esta comédia apresenta marcas estilísticas específicas e inovadoras. Jorge Ferreira de Vasconcelos é um defensor acérrimo do português, que contrapõe ao castelhano, língua preferencial da corte, ou ao latim, língua de cultura. Ao afastar o português do castelhano e do latim, conferindo-lhe, muito embora, o estatuto de língua românica, o Autor atribui-lhe identidade própria como marca patriótica e, na esteira de Fernão de Oliveira, João de Barros, António Ferreira, partilha a defesa da língua pátria como reduto da identidade cultural. Nesta peça, a língua castelhana e as expressões latinas são utilizadas com características sociais (a Sevillana, os advogados, os cristãos). Mantendo a mesma linha de pensamento, o Autor faz corresponder a cada estrato social o nível de língua apropriado, que, consoante as personagens, ora se aproxima da linguagem da rua, plena de provérbios, ora está próxima da linguagem culta da corte; esta linguagem é enriquecida com citações e máximas de autores da antiguidade clássica, ou com referências a poetas ou composições poéticas dos cancioneiros ibéricos. Mas a característica mais marcante da produção literária deste Autor é a valorização da língua portuguesa, que realiza com objectivos políticos, fazendo o contraponto com a língua castelhana e com o latim. Os jogos de palavras, os antónimos, os provérbios, as máximas, os exemplos, a organização das falas segundo os modelos da retórica antiga enriquecem e revelam um estilo marcado pela diversidade. (SANTOS, 2006, p. 28-32)

Nota-se pela análise acima um autor comprometido com a defesa da língua portuguesa sobre a língua vizinha, a castelhana, e sobre o latim. Nessa tentativa de valorizar a língua, cria níveis linguísticos diferenciados para cada um dos estratos sociais a que pertencem seus personagens.

Vejamos alguns exemplos de uso da forma *vossa mercê* na comédia, que aparece timidamente, assim como a forma *tu*, quando comparadas à forma *vós*, preferencial em

todas as relações⁹. A primeira ocorrência de *vossa mercê* situa-se na segunda cena, na boca de uma personagem jovem, Glicéria, que conversa com sua irmã, Tenolvia, e com a mãe, Filotecnia. É à matrona que dirige a fala: “Vossa mercê nunca há-de ser por nós, por mais que homem queime as pestanas pela satisfazer nunca é contente.” Trata-se de relação assimétrica ascendente, o que poderia indicar certa cortesia. Porém, acontece num momento específico do diálogo, em que a filha ataca a mãe e a acusa de não defendê-las (ela e a irmã) de seu pai. Nesse momento, prescinde-se da forma *vós* até então usada e opta-se por *vossa mercê*. Na sequência, a forma aparece acompanhada de “senhora” no diálogo do criado Hipólito com a donzela Glicéria: “Vossa mercê, senhora, vê como eu ando safado?”. Um terceiro uso vem de Régio, que estava mais acima do estatuto social da criadagem, e utiliza a forma, também acompanhada por “senhor”, para se dirigir ao galante Alcino: “Ah senhor, vossa mercê dece logo, e tomará púcaro de agoa asserenada, qual nunca bebeu juiz de porto de Muge?”. Novamente antecedida por “senhor”, a forma surge na fala de Costança, mulher viúva para tratar o jovem Alcino: “– Senhor – tornou ela – vossa mercê me quer meter em um negócio muito estranho, e alheo da minha arte.”. Por duas vezes, a forma aparece na estrutura formulaica “Beijo as mãos a vossa mercê”. O criado Barbosa utiliza-a também acompanhada de “senhor” para se dirigir a outro criado, Hipólito: “– Vossa mercê senhor sabe o que eu tenho sabido de vossa amiga a gentil Florença la bella?”.

O fato de aparecer acompanhada da forma *senhor/senhora* em muitos diálogos, tanto entre criados quanto entre donzelas e cavalheiros, parece indicar que era forma corrente e que estava associada a uma certa cortesia, ainda que pudesse ser usada de forma irônica, como ato ameaçador da face, como o faz Glicéria em relação à mãe. Além disso, a forma era frequentemente usada na estrutura formulaica “beijo as mãos a[de] vossa mercê”, favorecendo a hipótese de esta configurar uma forte tradição discursiva, tanto na fala quanto na escrita.

4 Observações Finais

Pelo exame das fontes metalinguísticas, documentais e da obra literária, discutimos sobre alguns pontos fundamentais na diacronia das formas *vossa mercê* e *você*. O primeiro deles, de natureza metodológica, é a produtividade da associação de áreas do conhecimento próximas, mas que não necessariamente se interconectam: a Filologia, a Paleografia e a Linguística Histórica. É somente a partir do entendimento da Filologia enquanto perspectiva de estudo do texto escrito, associado às observações críticas advindas da Paleografia, que se pode dar conta do estudo de alguns fenômenos linguísticos no

⁹ As formas mais honoríficas *vossa excelência*, *vossa senhoria* e *vossa majestade* não ocorrem no texto.

âmbito da Linguística Histórica. Acresça-se à interdisciplinaridade descrita, os ganhos advindos das Humanidades Digitais, que permitem a criação de objetos novos, a partir, por exemplo, da associação das reproduções fac-similares às camadas de edição do texto.

O segundo ponto que se pretendeu esclarecer é a situação de antiguidade da forma *você* (considerando a amplitude verificada de formas gráficas) tanto na escrita, conforme comprovação documental, quanto na língua corrente do século XVI. Um achado importante é a retrodatação da palavra *você*, fundamentada em documentação fidedigna e etimologicamente confiável, cuja primeira atestação passa a ser o ano de 1638. O principal argumento a favor da antiguidade da forma *você* na língua portuguesa assenta-se sobre o universal conservadorismo da escrita perante a fala. Ou seja, se a forma já aparecia em cartas de cidadãos comuns da primeira metade do século XVII é muito provável que já estivesse na boca dos falantes, assim como estava seu par castelhano *usted*, ao longo dos quinhentos.

O terceiro ponto, advindo do anterior, é o fato de que ao Brasil, junto à língua de seus primeiros colonizadores, muito provavelmente chega já a forma *você*, que vai se fixar numa região caracterizada justamente por poucos movimentos populacionais em comparação a outras durante os primeiros séculos da América Portuguesa. Nesse sentido, para algumas regiões do Brasil não se pode falar de *você* como estratégia inovadora, fruto de uma implementação tardia, ocorrida no séc. XIX ou mesmo no séc. XX. O que parece ter ocorrido no território compreendido pelas Capitanias de São Vicente e de Santo Amaro e, posteriormente, naquele das capitanias que viriam a se constituir a partir daquelas — a saber, a de São Paulo, de Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso —, é a fixação da forma *você* como tratamento generalizado. Somente mais tarde, ao longo do século XIX, período caracterizado por movimentos populacionais intensos, é que a forma *você* começa a se implementar na região do Rio de Janeiro, zona caracterizada pela forma *tu*.

Nesse sentido, outro ponto que nos parece fundamental na história do português brasileiro, é nos aproveitarmos das pesquisas regionais associando-as necessariamente ao conhecimento sócio-histórico que possuímos sobre a constituição desses territórios e das populações que ali habitaram ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, principalmente. Dessa forma, poderemos começar a tentar constituir as isoglossas fundadoras do português brasileiro, tão necessárias nos estudos de Linguística Histórica e, assim, os conceitos de inovação e conservação poderão ser relativizados em função da própria história do português brasileiro e não em função do português europeu.

Um último ponto que nos parece importante destacar é que há duas evoluções lin-

guísticas em paralelo ocorrendo simultaneamente. A primeira é a evolução da forma *vossa mercê*, que parece acontecer predominantemente na escrita, mas que surge também nas reduções *vossancê* e similares, próprias da oralidade. Essa evolução tem suas particularidades e é necessário que as investiguemos. Para isso, precisa ser considerada como forma autônoma e não somente como forma genética que origina o atual pronome *você*. A segunda evolução, esta que é amplamente estudada por ser justamente fundamental na história do PB, é a da forma *você*, muito mais difícil de ser investigada nos primórdios da América Portuguesa por ser pouco registrada nas fontes documentais. Assim, o estudo inicial dessa forma deve necessariamente se basear em hipóteses elaboradas a partir de edições digitais de manuscritos e de um movimento concentrado de descoberta de novas fontes quinhentistas e seiscentistas.

Referências

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>. Acesso em 12 abr. 2019.
- BLUTEAU, Raphael. Dicionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino, *Vocabulário Portuguez e Latino*, VIII, Lisboa Occidental, Na Officina de Pascoal da Silva, 1721, [6], 3-189.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness*. Cambridge: Cambridge, 1987.
- CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- CLUL (Ed.). *P.S. Post Scriptum*. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. Lisboa, 2014. Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt>. Acesso em 12 abr. 2019.
- COOK, Manuela. Uma Teoria de Interpretação das Formas de Tratamento na Língua Portuguesa. *Hispania*, Birmingham, v. 80, n. 3, p. 451-464, sep. 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/345821>. Acesso em 12 abr. 2019.
- COOK, Manuela. Portuguese Pronouns and Other Forms of Address, from the Past into the Future—Structural, Semantic and Pragmatic Reflections. *Ellipsis - Journal of the American Portuguese Studies Association*, New Brunswick, v. 11, p. 267-290, 2013. Disponível em: <https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/84/105>. Acesso em 12 abr. 2019.
- CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- DURÃES, Andreia Maria. *Casas de cidade: processo de privatização e consumos de luxo nas camadas intermédias urbanas (Lisboa na segunda metade do século XVIII e início do*

século XIX). 2017. 489 f. Tese (Doutoramento em História) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37469076/Casas_de_cidade_processo_de_privatiza%C3%A7%C3%A3o_e_consumos_de_luxo_entre_as_camadas_m%C3%A9dias_urbanas_Lisboa_na_segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XVIII_e_in%C3%ADcios_do_s%C3%A9culo_XIX_. Acesso em 24 set. 2019.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens* / pelo seu mestre João de Moraes Madureyra Feyjo... Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734. Disponível em: <http://purl.pt/13>. Acesso em 12 abr. 2019.

FRANCO, Davi. Você: uma análise sociopragmática dos seus primeiros registros na literatura. *Anais do XVII Colóquio de Pós-graduação e Pesquisa em Letras Neolatinas*, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 37-44, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/site/wp-content/uploads/2018/05/Anais-XVII-PPGLEN-vers%C3%A3ofinal.pdf#page=37>. Acesso em 12 abr. 2019.

GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. Fontes metalinguísticas para o português clássico: O caso das Reflexões sobre a Língua Portuguesa. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. (Coord.) *Património Textual e Humanidades Digitais: Da antiga à nova Filologia [online]*. Lisboa: Publicações do Cidehus, 2013, p. 73-111. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1088>. Acesso em 12 abr. 2019.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva e Instituto Antônio Houaiss, 2012. Edição online. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2019.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, Célia Regina dos Santos et al. (Org.). *História do Português Brasileiro: Mudança sintática das classes de palavras: perspectiva funcionalista*. v. 4. São Paulo: Contexto, 2018. p. 24-142.

LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento no português arcaico – subsídios para o seu estudo. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 7, 8 e 9, p. 256-363, 1958.

MENON, Odete Pereira da Silva. A história de você. In: GUEDES, Marymarcia et al. (Org.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: LEFCL/ São Paulo: Cult. Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MENON, Odete Pereira da Silva. Sobre a datação de você, ocê e senhorita. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 45-71, 2009.

MONTE, Vanessa Martins do. *Correspondências Paulistas: As formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2015.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Texto digital: uma perspectiva material. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v. 1, p. 15-60, 2013.

SANTOS, Maria do Rosário Calisto Laureano. *A Comédia Ulissipo de Jorge Ferreira de Vasconcelos: Estudo e edição crítica*. 2006. 536 f. Tese (Doutoramento em Estudos Portugueses) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/15004>. Acesso em 12 abr. 2019.

SIMON, Horst. From pragmatics to grammar. Tracing the development of respect in the history of the German pronouns of address. In: TAAVITISAINEN, Irma; JUCKER, Andreas H. (Ed.). *Diachronic Perspectives on Address Term Systems*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 2003. p. 85-123.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a Crítica Textual? In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. (Org.). *Paleografia e suas interfaces*. 1ed. v. 1. Salvador: Memória & Arte, 2018, p. 292-303.

VERDELHO, Evelina. As edições de O Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manuel De Melo. *Humanitas*, Coimbra, Universidade de Coimbra, v. 50, tomo II, p. 867-886, 1998. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas/50/49.2_Verdelho.pdf. Acesso em 12 abr. 2019.

VIARO, Mário Eduardo; BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de proposições e discussões etimológicas. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 3, p. 579-601, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942016000300579&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 abr. 2019.



Data de submissão: 13/04/2019

Data de aceite: 07/10/2019

O SISTEMA DE TRATAMENTO EM CARTAS BAIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE A POSIÇÃO DE SUJEITO¹

THE TREATMENT SYSTEM IN LETTERS FROM BAHIA:
AN ANALYSIS ABOUT THE SUBJECT POSITION

Elane Santos e Santos | [Lattes](#) | lanysnts@gmail.com
Universidade Estadual de Feira de Santana

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda | [Lattes](#) | marianafag@gmail.com
Universidade Estadual de Feira de Santana

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro | [Lattes](#) | zenaide.novais@gmail.com
Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do sistema de tratamento na posição de sujeito, evidenciado em 91 cartas pessoais baianas produzidas entre 1906-2000 por sertanejos pouco escolarizados. A amostra foi editada por Santiago (2012), que, a partir do estudo de Marquilhas (2000), caracteriza os redatores como “inábéis”, isto é, escreventes situados em fase inicial de aquisição da escrita. Nesse sentido, busca-se contribuir com o mapeamento do sistema pronominal da língua portuguesa, descrevendo, em um *corpus* representativo da variedade português popular brasileiro (PPB), a alternância entre as formas de referência à segunda pessoa do discurso, identificando as estratégias que condicionam os usos das formas de tratamento pelos remetentes das cartas através da Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). Sendo assim, esta pesquisa encontra-se inserida no âmbito da Linguística Histórica sócio-histórica (MATTOS E SILVA, 2008a), que contempla os fatores extralinguísticos, ou sociais, e os intralinguísticos, e da análise através do aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). De acordo com Lopes e Cavalcante (2011), com base em Scherre et al. (2009; 2015), o português brasileiro (PB) é constituído por três subsistemas de tratamento na posição de sujeito: (I) *você*, (II) *tu*, (III) *você – tu*. Os dados analisados revelaram na amostra o emprego das formas tratamentais *o/a senhor/a*, *vosmecê*, *você* e *tu*. Entretanto, demonstrou-se vigorar nas cartas de sertanejos baianos o subsistema tratamental exclusivo de *você*, que se comporta como estratégia mais solidária, empregada especialmente em relações sociais do tipo *simétrico*.

Palavras-chave: Sistema de tratamento; Cartas pessoais baianas; Português popular brasileiro.

¹ Este estudo é um recorte da dissertação de mestrado de Santos (2019), intitulada: *Para a história do português popular brasileiro: o sistema de tratamento em cartas baianas do século XX*. Esta pesquisa obteve financiamento da CAPES.

Abstract: This article presents an analysis of the subject position treatment system, shown in 91 personal letters from Bahia written by poorly educated country people between the years of 1906-2000. The sample was edited by Santiago (2012), who based on Marquilha's (2000) study, characterizes the writers as "unable", that is, those who are in the early writing acquisition stage. In this respect, we aim at contributing to the Portuguese Language pronominal system mapping, describing the interchange of treatment forms in the second person speech adopting the representative *corpus* of the popular Brazilian Portuguese (PBP) variety, identifying the strategies that condition the use of treatment forms by writers through the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960). Therefore, this research is in the field of sociohistorical Historical Linguistics (MATOS E SILVA, 2008a), which regards to extralinguistic or social factors, the intra-linguistic ones and to the variationist sociolinguistics approach analysis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). According to Lopes and Cavalcante (2011), as stated in Scherre et al. (2009; 2015), Brazilian Portuguese (BP) is composed of three subsystem treatments positioned as the subject: (I) *você*, (II) *tu*, (III) *você – tu*. The analyzed sample data revealed the use of the *o/a senhor/a*, *vosmecê*, *você* and *tu* treatment forms. However, the use of the exclusive treatment subsystem *você* was prominent in the letters written by the country people from Bahia, which acted as a more solidary strategy, applied specially in the *symmetrical* social relation kind.

Key-words: Treatment system; Personal letters from Bahia; Popular Brazilian Portuguese.

1 Considerações iniciais

Apresenta-se, neste estudo, o perfil da variação entre as formas de referência à segunda pessoa do discurso na posição de sujeito pleno em uma amostra composta por 91 cartas, produzidas durante o século XX (1906 – 2000) por sertanejos baianos pouco escolarizados oriundos das localidades de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no Estado da Bahia. Nos últimos anos, diversos estudos têm apontado divergências no sistema de tratamento nas regiões brasileiras. Sabe-se que o português herdou do latim um sistema dual de referência à segunda pessoa *Tu*, no singular, e *Vós*, no plural. Entretanto, de acordo com Cintra (1986 [1972]), no Brasil houve a fixação de duas formas, na esfera íntima, para referência à segunda pessoa do discurso no singular, as quais são *Tu* e *Você*.

Lopes e Duarte (2007) relatam que, através da união do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular e com a supressão do paradigma de 2ª pessoa do plural, por meio

das possibilidades combinatórias de *você* com *te~lhe*, *teu~seu/tua~sua*, etc, e de *vocês* com *lhes~vocês*, etc., o pronome *você* já se encontra “[...] perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada ‘segunda pessoa direta’” (LOPES; DUARTE, 2007, p. 1).

Portanto, nota-se que os resultados da variação existente entre as formas de tratamento em referência à segunda pessoa do singular no Brasil apresentam particularidades a depender do contexto e da região em que são utilizados. Nesse sentido, Scherre et al. (2015) apresentam uma releitura da proposta de mapeamento da alternância *tu/você* no PB, apresentada em Scherre et al. (2009). Essa proposta foi elaborada em seis subsistemas que levam em conta a concordância feita pelo pronome, a saber: só *você*, mais *tu* com concordância baixa, mais *tu* com concordância alta, *tu/você* com concordância baixa, *tu/você* com concordância média e *você/tu* sem concordância. De acordo com os autores, o subsistema só *você* é suprarregional, ou seja, pode ser encontrado em algumas localidades das cinco regiões brasileiras.

Lopes e Cavalcante (2011) fazem uma síntese dos subsistemas apresentados em Scherre et al. (2009). Segundo as autoras, coexistem no PB três subsistemas de tratamento na posição de sujeito: o primeiro é o de *você* exclusivo ou prioritário; o segundo refere-se ao uso de *tu* preponderante com ou sem concordância; e o terceiro evidencia o emprego de *você/tu*. Para as autoras, o subsistema de *você* exclusivo pode ser encontrado na maior parte das regiões brasileiras, contudo o subsistema identificado em localidades de todas as regiões brasileiras é o de *Você/Tu*.

Assim sendo, esta pesquisa busca descrever a variação entre as formas de tratamento em um *corpus* baiano representativo do português popular do século XX, contribuindo com os estudos sobre o português do Brasil e com o entendimento do nosso quadro pronominal atual. Desse modo, esta pesquisa encontra-se inserida no âmbito da Linguística Histórica sócio-histórica (MATTOS E SILVA, 2008a), e da análise através do aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

Por conseguinte, além desta seção introdutória, este artigo é composto por quatro seções que abordam: o *corpus* de pesquisa (seção 2); a metodologia empregada (seção 3); os dados e os resultados obtidos (seção 4); e por fim as considerações finais (seção 5), seguidas das referências.

2 O corpus analisado

A amostra analisada pertence ao acervo *Cartas de Sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu* e é composta por 91 cartas² pessoais escritas entre 1906-2000 por 43 sertanejos oriundos da zona rural dos municípios de Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizados na região do semiárido baiano. No tocante à naturalidade dos remetentes, as cartas analisadas dividem-se em três amostras:

Quadro 1 - Divisão do *corpus* por município

AMOSTRA	MUNICÍPIO	QUANTIDADE DE CARTAS
<i>Amostra I</i>	Riachão do Jacuípe	58 cartas
<i>Amostra II</i>	Conceição do Coité	24 cartas
<i>Amostra III</i>	Ichu	9 cartas
Total		<i>91 cartas</i>

Fonte: Informações extraídas de Santos (2017, p. 87).

A amostra foi editada por Santiago (2012), que levantou o perfil biográfico dos remetentes e destinatários das cartas a partir de entrevistas com alguns destinatários, remetentes e familiares, observação de documentos pessoais de remetentes e informações significativas encontradas nas cartas. Os remetentes participam do mesmo contexto sociocultural, sendo 20 homens e 23 mulheres: os homens trabalhavam com a agricultura e a criação de animais; as mulheres desempenhavam as funções domésticas e muitas ainda se ocupavam do trabalho no campo, com o plantio e a criação de animais. Os destinatários, assim como os remetentes, pertencem ao mesmo contexto sociocultural, trabalham com a agricultura, a criação de animais e estudaram pouco, basicamente em suas residências. Das 91 cartas que compõem o *corpus*, 77 foram enviadas a 8 destinatários e 14 cartas avulsas foram encaminhadas a 11 destinatários.

Observa-se que a grande maioria dos redatores possui pouca escolaridade, tendo ocorrido em casa o primeiro acesso às letras, já que a ascensão ao ambiente escolar era de difícil acesso à população rural.

De acordo com Santiago (2012), em relação à inabilidade da escrita, os remetentes que frequentaram a escola não apresentam diferença em relação àqueles que só estudaram os primeiros anos. “[...] De modo geral, todos os remetentes, independente de como tiveram acesso às primeiras letras, apresentam, nos seus produtos gráficos, aspectos próprios a adultos em fase de aquisição da escrita” (SANTIAGO, 2012, p. 52). Na seção seguinte

² As cartas fazem parte do banco de dados da plataforma *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) (Fapesb 5566/2010 – Consepe 202/2010) coordenado pelas Professoras Dr^a. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Dr^a. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda na Universidade Estadual de Feira de Santana.

serão apresentados os aspectos teórico-metodológicos empregados neste trabalho.

3 A metodologia utilizada

Esta pesquisa insere-se no campo da Linguística Histórica sócio-histórica, conforme Mattos e Silva (2008a), que considera os fatores extralinguísticos ou sociais e os intralinguísticos, e da análise através do aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista defendida por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), que, por possuir uma metodologia refinada, proporciona ferramentas ao pesquisador para elencar variáveis, coletar, codificar dados linguísticos, como também mecanismos computacionais para a análise do fenômeno desejado. Também se levou em consideração, nesta análise, a teoria do Poder e Solidariedade elaborada por Brown e Gilman (1960). Segundo os autores, os papéis sociais estão intimamente relacionados ao uso de determinadas formas linguísticas e, assim, possibilitam a compreensão sobre como a sociedade está estruturada. Sendo assim, o emprego de determinada forma tratamental é vinculado a relações sociais que podem ser de Poder ou Solidariedade. As relações no âmbito do poder evidenciam hierarquia e são, portanto, assimétricas. Desse modo, quando a relação se estabelece entre alguém que tem menos poder para o outro que é hierarquicamente superior, tem-se uma relação *assimétrica ascendente*; nas relações inversas, tem-se uma relação *assimétrica descendente*. Já nas relações entre componentes do mesmo grupo social, nas quais não se evidencia uma hierarquia, ocorre relação *simétrica*.

Assim sendo, os resultados quantitativos e qualitativos das formas nominais e pronominais de tratamento encontradas no *corpus* analisado seguiram um dos fundamentais pontos tratados pela pesquisa sociolinguística laboviana, que são os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam paralelamente, em níveis distintos, nas ocorrências de variação e mudança. Por essa razão, procurou-se observar quais fatores condicionam a variação entre as formas de referência à segunda pessoa nas cartas de sertanejos baianos. Para isso, levou-se em conta 8 grupos de fatores, como se pode observar no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Os grupos de fatores analisados

VARIÁVEL DEPENDENTE	Referência à 2ª pessoa do discurso no singular
VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGÜÍSTICAS	VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGÜÍSTICAS
Paralelismo discursivo	Naturalidade dos remetentes
Tipo de frase	Localização do remetente quando da escrita da carta
-	Relação entre remetente e destinatário
-	Sexo do redator
-	Tipologia das cartas
-	Data de escrita das cartas

Para quantificação das ocorrências em cada grupo de fatores, utilizou-se o programa computacional de análise estatística *GoldVarb X* (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). O programa trata os dados estatisticamente, pois avalia, quantitativamente, o efeito de atuação de cada grupo de fatores, além da interação entre os vários grupos, determinando a frequência, o peso relativo³ e sua relevância estatística. Desse modo, a partir de um panorama geral de frequências de uso, obtido pela análise quantitativa, foi possível verificar os contextos que possibilitaram o emprego das formas tratamentais pelos remetentes das cartas. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos através da análise quantitativa e qualitativa dos dados.

4 A posição de sujeito nas cartas de sertanejos baianos

Nesta seção, busca-se apresentar as formas tratamentais encontradas nas cartas de sertanejos baianos que fazem referência ao interlocutor na posição de sujeito pleno. O levantamento de tais formas revelou que a variação se concentra entre os dados de *o/a senhor/a*, *you* e *vosmecê*, como se pode observar na Figura 1, abaixo:

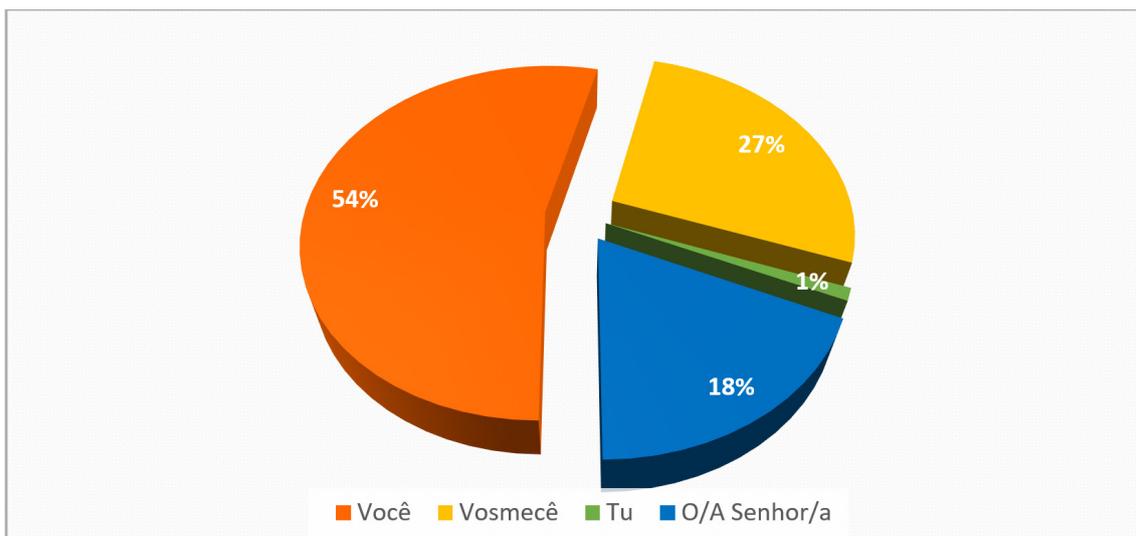


Figura 1 - O tratamento na posição de sujeito nas cartas de sertanejos baianos

Os resultados gerais apresentaram um total de 93 ocorrências de formas de tratamento em posição de sujeito. A forma *you* obteve maior destaque, com 54% de produtividade (50 ocorrências), seguida da forma *vosmecê*, com 27% (25 ocorrências), e o tratamento *o/a senhor/a* com 18% de produtividade (17 ocorrências). O pronome *tu* registrou apenas uma ocorrência em posição de sujeito pleno. A seguir, apresentam-se alguns exemplos⁴ dos tratamentos encontrados no *corpus* de sertanejos baianos:

³ Em razão da pouca quantidade de ocorrências e por estar trabalhando com uma variável dependente enéaria, decidiu-se não utilizar a “rodada” dos pesos relativos, mas trabalhou-se apenas com a frequência de uso dos dados.

⁴ As ocorrências no *corpus* em estudo apresentam variação gráfica, aspecto analisado no trabalho de Santiago (2012).

- (1) “[...] **você** entregue este| bilete a datinho” (MC – 36)
- (2) “[...] **tu** da| um abraço ni ana” (FPS – 47)
- (3) “[...] Agora Comadre **vosomece** dei muita| lembrança i um Aperto di mão|
A compadri Antonio que eu mando|” (JMS – 66)
- (4) “[...] **u senhor** dar| Lembrança a Pedro e a Françisca” (JCO – 31)

Com base nos resultados revelados pela análise quantitativa, busca-se nas subseções seguintes demonstrar quais fatores condicionam o uso das formas de tratamento no *corpus*. Primeiramente, serão apresentadas as variáveis internas, ou linguísticas: paralelismo discursivo e tipo de frase; e, posteriormente, as externas, ou extralinguísticas: naturalidade dos remetentes, localização do remetente quando da escrita da carta, relação entre remetente e destinatário, sexo do redator, tipologia das cartas e data de escrita das cartas.

4.1 Paralelismo discursivo

A análise desta variável possibilitou controlar a combinação de formas tratamentais em uma mesma carta. Trabalhou-se com a hipótese de Martins (2010), em que a análise deste grupo se sustenta, “[...] na premissa de que a produção linguística de uma série de referências pronominais de segunda pessoa pelo mesmo falante tende a favorecer a repetição do primeiro da série” (MARTINS, 2010, p. 74). A Tabela 1, adiante, apresenta a frequência geral das formas tratamentais *você*, *o/a senhor/a* e *vosomecê*:

Tabela 1 - O paralelismo discursivo nas cartas de sertanejos baianos

Fatores	Formas			Total
	<i>Você</i>	<i>O/A Senhor/a</i>	<i>Vosomecê</i>	
Primeiro da série não precedido	14/22 (63%)	6/22 (27%)	2/22 (10%)	22/92 (24%)
Isolado não precedido	5/8 (62,5%)	2/8 (25%)	1/8 (12,5%)	8/92 (8,7%)
Precedido de você	31/31 (100%)	-	-	31/92 (33,7%)
Precedido de o/a senhor/a	-	8/8 (100%)	-	8/92 (8,7%)
Precedido de vosomecê	-	1/23 (4,3%)	22/23 (95,7%)	23/92 (25%)
Total				92/92 (100%)

Os resultados expostos na Tabela 1 apresentam um total de 92 ocorrências de formas tratamentais em posição de sujeito. Como já mencionado, o pronome *tu* registrou apenas uma ocorrência, e por esta razão foi excluído da análise quantitativa.

Ao analisar a Tabela 1, observa-se que o fator *primeiro da série não precedido* apresenta uma maior utilização da forma *você*, com 63% de frequência (14 ocorrências), em relação aos tratamentos de *o/a senhor/a*, que obtiveram 27% de produtividade (6 ocorrências), e *vosmecê*, que expôs 10% de frequência (2 ocorrências). No que se refere aos dados gerais, sabe-se que o *corpus* apresenta maior índice percentual de uso da forma *você*, com isso, segundo a hipótese testada, a realização de uma série de referências à segunda pessoa pelo mesmo falante tende a propiciar a repetição do primeiro elemento da série que, neste caso, apresentou maior produtividade da forma *você*, como se pode observar através do exemplo abaixo:

- (5) “[...] Oi Dalva estar bem espero que| **voce** esteja com saúde aqui estar| todos com saude graças a Deus.| Eu fiz uma ótima viagem deu| tudo certo com eu inmaginava eu xegei| cinco [...] H^a da tarde na Fazenda. Aqui|meu amo eu inmagino com e dura a| nossa saudade cerar que **você** lembra| o dia douze eu não vou esquecer.]” (RAC – 85)

Em relação ao fator *isolado não precedido*, nota-se que dos oito dados encontrados, cinco correspondem à forma *você* (62,5%); dois referem-se à forma *o/a senhor/a* (25%) e apenas um dado diz respeito ao tratamento *vosmecê* (12,5%). Apesar da pouca quantidade de ocorrências, pode-se inferir que, quando o tratamento utilizado se encontra isolado de outras formas, o pronome *você* demonstra uso preponderante. Como expõe o exemplo abaixo:

- (6) “[...] João o fim desta doas linha e somente| para **voce** falar com os menino que venha| para dar uma asinatura da casa do Ichu| que vendiro e precisa da asinatura de todos| e venha de ano novo que estamos esperando| eu e todos estamos enpaz graça Deus e| Nada Mais do seu Irmão|” (MCO – 35)

A análise do fator *precedido por você* revela que, quando esta forma é empregada, há uma inclinação à sua reutilização, isso pode ser percebido através do uso categórico de *você* (100%) neste fator, com 31 ocorrências:

- (7) “[...]S ceu pai não ge| gi [.] **voce** conciga o nocu Romaci e **voce**| ge [.] temina com migo peri e mi responde” (JMA– 64)

Se o fator formas *precedidas de você* apresentou-se como contexto que beneficia a utilização das formas de *você*, já era de se esperar que o fator formas *precedidas de o/a senhor/a* propiciasse o uso de *o/a senhor/a*. Sendo assim, nesta variante, tais formas nominais também apresentaram uso categórico, com produtividade de oito dados.

Ao verificar o fator formas *precedidas de vosmecê*, observou-se o uso majoritário dessa forma nominal de tratamento (95,7% - 22 ocorrências), entretanto este fator evidenciou uma ocorrência de outro tratamento, a forma nominal *o/a senhor/a* (4,3%), situação que não ocorreu em outras variantes precedidas por formas tratamentais. Esse fato pode ter ocorrido em razão da forma *vosmecê*, utilizada especialmente nas cartas do início do século XX (1906-1908), ainda resguardar um caráter cerimonioso da sua antiga forma nominal *vossa mercê*, especialmente por ter sido encontrada em relações *simétricas menos solidárias* (aspecto a ser analisado na subseção 4.5) Esse traço de cortesia também é característico da forma *o/a senhor/a* reconhecida como tratamento polido/cerimonioso. Abaixo, apresenta-se o exemplo desta ocorrência e de formas precedidas por *vosmecê*:

- (8) “[...] esta| com 3 ou 4 carta **vosmece** me escrevi i eu| não lhe arespondir nem uma então| hojin chegou a occazião di eu lhe comta os meus pascado para ver [.] si| pur meio dessa eu posso colher as suas| noticias [...] si e uma das pescoas **que** eu estimo| **a Sinhora** e uma dellas pur eu não lhe escrever di sempri como lhi escrevi<↑a>| esto não hostra **que** eu não mi esqueco| di **vosmecê**” (JMS– 66)
- (9) **vosmece** devi esta bem tristi com migo| mas no mesmo [.] tempo **vosmece** bem| podi saber **que** entri nois não entra| contrariedadadi eu [?] lhi amar| não tem dia i mem hora” (JMS– 67)

Portanto, verifica-se que o pronome *você* nas cartas de sertanejos baianos do século XX demonstra ser produtivo nos contextos funcionais de *paralelismo discursivo*, ocorrendo de forma preponderante na maior parte das variantes em estudo. Desse modo, nota-se a confirmação da hipótese testada, na qual o primeiro elemento de uma série inclina-se a contribuir para a sua repetição ao longo de uma produção linguística. Entretanto,

também se observa que outros fatores podem influenciar na utilização de determinadas formas tratamentais, pois houve nesta variável um caso de forma tratamental precedida por outra forma. Nesse sentido, a fim de verificar os contextos variáveis ao uso das formas tratamentais no *corpus*, a subseção seguinte apresentará os resultados exibidos pela variável *Tipo de frase*.

4.2 Tipo de frase

A análise desta variável possibilitou verificar se o uso das formas tratamentais poderia ser condicionado em razão do tipo do enunciado. Andrade (2010), ao analisar a variação entre as formas *tu*, *você* e *cê* em uma amostra constituída por dados orais da cidade de Brasília, observou que o uso de *tu* e *cê* mostrou-se favorecido por enunciados interrogativos, enquanto a variante *você* foi desfavorecida, segundo a autora: “A hipótese para medir esse fator surgiu a partir da percepção de que, em orações mais exaltadas, com entonação mais emotiva ou “cantada” (tom alto ou ascendente), a ocorrência de *tu* parece ser favorecida” (ANDRADE, 2010, p. 107). Assim, visando constatar se o tipo de frase poderia influenciar no uso de determinadas formas tratamentais em uma amostra manuscrita, analisaram-se os enunciados declarativos, interrogativos, exclamativos e imperativos que continham as formas tratamentais no *corpus*. A Figura 2, a seguir, apresenta os resultados:

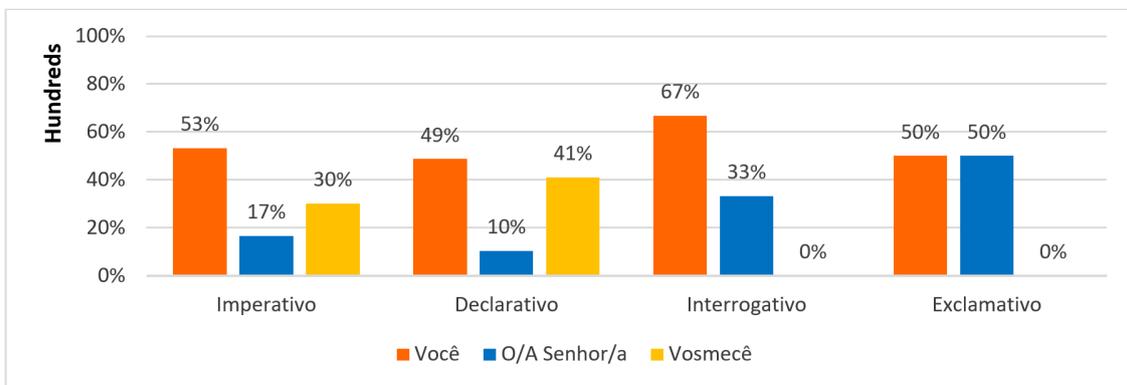


Figura 2 - O uso das formas de tratamento em relação ao tipo de frase

Conforme retrata a Figura 2, de modo geral, a forma *você* demonstra ser mais utilizada, exceto apenas em enunciados do tipo exclamativo em que a forma *o/a senhor/a* aparece desempenhando os mesmos índices percentuais do *você*. As orações imperativas que são aquelas utilizadas para expressar um pedido, ordem, convite, etc., apresentaram maior produtividade da forma *você* com 53% de frequência (16 dados), seguida de *vosmecê* com 30% de produtividade (9 dados), tendo a forma *o/a senhor/a* alcançado 17% de produtividade (5 dados), como se pode observar nos exemplos (10) a (12):

- (10) “[...] e **você** pitanga tomi| comta de minhas galinhas i minha| Porqua” (MC – 37)
- (11) minha Comadre vou lhi| pidir um favor [.]. **vosmece**| fasca uma vizita a Garcina| i dei um aperto di mão a maria| i a Nenen i diga a sinhora|” (JMS– 67)
- (12) “[...] Conpade **o senhora** pase uma| bensão ni antonia i nos [.]| utros” (LFO– 32)

Os enunciados declarativos retratam a constatação de determinado fato pelo locutor. Nesse tipo de oração, houve maior produtividade da forma *você*, apresentando frequência de uso em torno de 49% (19 ocorrências), seguida da forma *vosmecê*, com 41% de produtividade (16 ocorrências). Já as formas de *o/a senhora/a*, nesse contexto, alcançaram índices percentuais ao redor de 10% (4 dados) Os exemplos abaixo apresentam o uso de tais formas em enunciados declarativos:

- (13) “[...] Bom Pitanga si **você** [.]. não vendêu u|Jumento não tem que vender” (SFS – 40)
- (14) masno mesmo [.]. tempo **vosmece** bem| podi saber que entri nois não entra| contrariedade” (JMS– 67)
- (15) commadi foi a maor Aligiar| que eu tivi na mia vida comdo| **a cinhor** min esqueveu” (AFS – 45)

As orações interrogativas, utilizadas especialmente para fazer questionamentos ao interlocutor, também apresentaram maior contexto de uso da forma *você*, com 67% de frequência (14 ocorrências), seguida da forma *o/a senhora/a* que alcançou maiores índices percentuais do que os apresentados nos contextos anteriores, com 33% de frequência (7 ocorrências). Não houve produção, nesse contexto, da forma de origem nominal *vosmecê*. Os exemplos abaixo são de orações interrogativas:

- (16) “[...] commo vai| **a cinhora** di saudi com ceu| filinhos” (AFS – 45)
- (17) “[...] O que foi que aconteceu que **voce** não veio” (AHC – 58)

As orações exclamativas desempenham a função de exprimir a natureza das emoções do locutor. Assim sendo, o *corpus* em análise apresentou poucas ocorrências de for-

mas tratamentais nesse tipo de enunciado: apenas 1 dado de *o/a senhor/a* e 1 dado de *você*, tendo ambas as formas apresentado 50% de produtividade. Não houve produção da forma *vosmecê* nesse tipo de frase, como se pode observar nos exemplos abaixo:

(18) “[...] se **a senhora** | queria me perdôe |” (MMO– 76)

(19) “[...] **você** é, tudo | eu peço que você apareça” (AHC – 54)

Sendo assim, os resultados apresentados indicam que o *você*, no *corpus* em análise, é amplamente beneficiado em praticamente todos os tipos de enunciados observados, sendo estes: interrogativos, imperativos e declarativos, seguido da sua forma antecedente *vosmecê*, segunda forma mais empregada nos contextos imperativos e declarativos; o tratamento *o/a senhor/a* foi o segundo mais utilizado em enunciados interrogativos, e obteve a mesma frequência de uso do *você*, em enunciados exclamativos. Desse modo, ao averiguar o emprego das formas tratamentais e os tipos de frases, observou-se que diferentemente do que ocorreu no estudo de Andrade (2010), em que as variantes *tu* e *cê* demonstraram ser favorecidas em orações de entonação mais ascendente como as interrogativas; o *corpus* em estudo revela que o *você* é preponderantemente empregado em basicamente todos os contextos.

Por conseguinte, dando continuidade à análise, na próxima subseção serão abordadas as motivações sociais em torno da utilização das variantes evidenciadas no *corpus* em estudo.

4.3 Naturalidade dos remetentes

Esta variável proporciona analisar se a localidade em que os redatores estão inseridos reflete no uso das formas tratamentais. Sendo assim, o contexto social a ser investigado refere-se às comunidades baianas em que residem os remetentes, a saber: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. Logo, trabalha-se com a hipótese, partindo de Labov (2008 [1972]), de que a análise do contexto social em que os informantes estão inseridos pode revelar um sutil padrão de estratificação.

Dos 43 remetentes, foi possível verificar o local de nascimento de 38; destes, 24 são naturais de Riachão do Jacuípe, 12 são de Conceição do Coité e 2 do município de Ichu. Dos cinco remetentes que não puderam ter a confirmação da naturalidade, conforme Santiago (2012, p. 48), “[...] pode-se afirmar, todavia, por inferência, a partir das entrevistas realizadas com os destinatários e com alguns remetentes, e também pelo conteúdo das

cartas, que são naturais dos mesmos municípios que os demais”. Dessa forma, dois desses redatores são oriundos do município de Riachão do Jacuípe, e três são da localidade de Conceição do Coité.

A Figura 3, a seguir, apresenta a frequência de uso das formas tratamentais nas localidades analisadas.

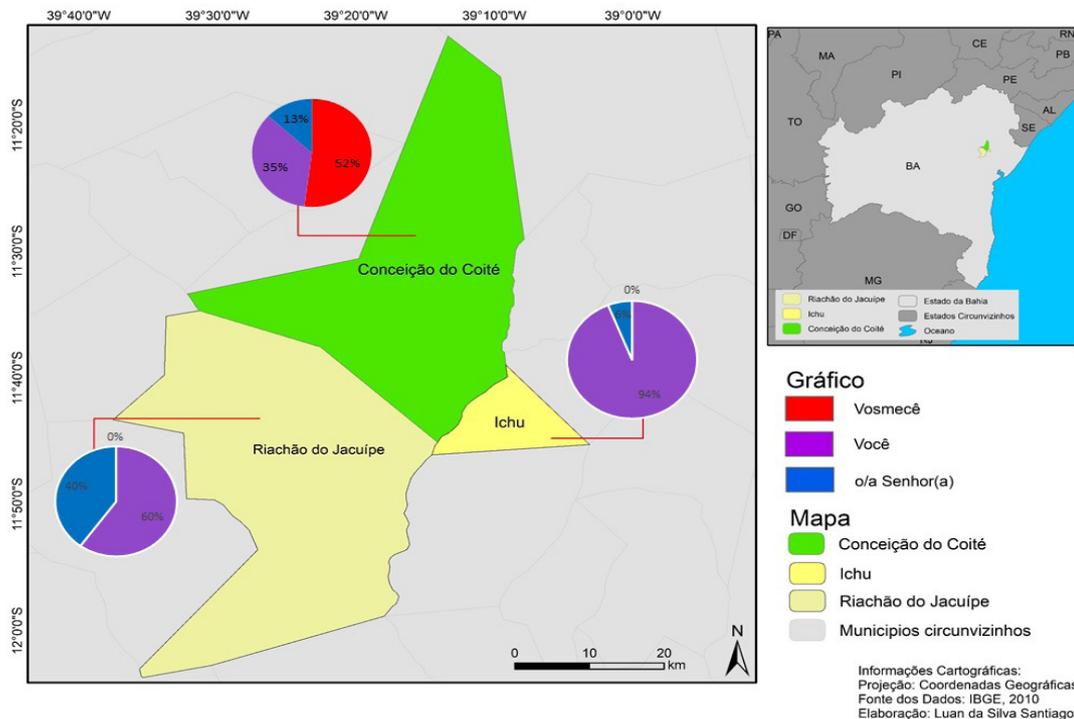


Figura 3 - As formas de tratamento em relação à naturalidade dos remetentes

De acordo com a Figura 3, os remetentes naturais do município de Riachão do Jacuípe apresentaram, em referência à 2ª pessoa do discurso no singular, maior frequência de uso da forma *você*, com 60% de produtividade (15 ocorrências); já o emprego de *o/a senhor/a* nessa localidade alcançou índices percentuais em torno de 40% (10 ocorrências), não havendo a produção da forma tratamental *vosmecê* nas cartas de remetentes desse município.

Os missivistas provenientes dos demais municípios analisados, também apresentaram altos índices de uso da forma *você*. Em Conceição do Coité, a forma tratamental *vosmecê* apresentou 52% de frequência (25 ocorrências), seguida de *você*, com 35% de produtividade (17 ocorrências) e *o/a senhor/a*, com 13% de produtividade (6 ocorrências). Vale salientar que apenas as cartas do início do século XX (1906-1908) apresentaram ocorrências de *vosmecê*, sendo que todas as missivas desse período foram produzidas por

redatores de Conceição do Coité, não havendo cartas das outras localidades em análise no período em questão. E, apesar de evidenciar nesta localidade a utilização de *você* e *vosmecê*, faz-se necessário ressaltar que tais formas não coexistiram⁵, ou seja, não foram utilizadas no mesmo período de tempo.

Os redatores pertencentes ao município de Ichu apresentaram índice de uso do *você* em torno de 94% (18 ocorrências), enquanto a forma *o/a senhor/a* alcançou 6% de produtividade (1 ocorrência).

Dessa forma, embora não conseguindo obter a mesma quantidade de cartas/remetentes para as localidades analisadas, a amostra em estudo apresenta a escrita de redatores provenientes do sertão baiano em um período de pouco acesso à educação escolar. Entretanto, observou-se que o índice de produtividade do *você* e da sua antiga forma *vosmecê* são os mais altos. Esses resultados podem indicar como o *você* já se encontra implementado no sistema pronominal apresentado pelas cartas de sertanejos baianos, sendo amplamente empregado nos contextos situacionais do pronome *tu* em praticamente todas as localidades analisadas.

4.4 Localização do remetente quando da escrita da carta

Esta variável busca verificar a relação entre a localidade ou contexto social em que os remetentes estão inseridos e o uso das formas de tratamento. Trabalhou-se com a hipótese de que a análise do contexto social torna-se muito importante para o entendimento de fenômenos variáveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Todos os remetentes são brasileiros nascidos no estado da Bahia. Em 62 cartas há indicação do local em que foram escritas, sendo que a maioria foi produzida na zona rural baiana, especialmente nos municípios de origem dos remetentes: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu; 16 cartas foram escritas fora da Bahia: 15 de São Paulo e 1 do Distrito Federal (Brasília), nas cartas que não apresentavam identificação da localidade, foi possível inferir, com base no conteúdo das mesmas e pela relação com outras cartas do mesmo remetente, que estas também foram, em sua quase totalidade, produzidas nas localidades mencionadas, a saber: 16 cartas em São Paulo, 7 na zona rural de Riachão do Jacuípe, 4 na zona rural de Conceição do Coité, 1 na zona rural de Ichu e 1 na zona rural de Candeal, perfazendo um total de 32 cartas escritas fora da Bahia.

Todavia, 25 cartas do redator Antonio Fortunato da Silva endereçadas ao seu amigo

⁵ O uso das formas tratamentais e o período de tempo em que foram empregadas será analisado na subseção 4.8 *Data de escrita das cartas*.

João Carneiro de Oliveira, foram retiradas da análise geral, pois percebeu-se que 77,6% da produção da forma *o/a senhora* no *corpus* provinha das correspondências desse remetente. Desse modo, essa variável analisa apenas as formas tratamentais encontradas em 6 cartas produzidas fora da Bahia, tendo as cartas produzidas na Bahia quantidade total de 59. Porém, mesmo diante de uma quantidade desproporcional em relação às variantes em análise, decidiu-se descrevê-las buscando possíveis indícios de influência da localidade em que se encontra o redator para referência à segunda pessoa do discurso. A Tabela 2, a seguir, apresenta os resultados indicados pelo programa *GoldVarb X* para a variável em análise:

Tabela 2 - A referência à 2ª pessoa em relação à localização do remetente ao escrever a carta

Fatores	Formas tratamentais			Total
	<i>Você</i>	<i>/A Senhor/a</i>	<i>Vosmecê</i>	
Cartas escritas na Bahia	44/80 (55%)	11/80 (13,8%)	25/80 (31,2%)	80/92 (87%)
Cartas escritas fora da Bahia	6/12 (50%)	6/12 (50%)	-	12/92 (13%)
Total				92/92 (100%)

De acordo com a Tabela 2, observa-se um total de 92 ocorrências de formas tratamentais na posição de sujeito. As cartas escritas na Bahia apresentaram maior frequência de uso do *você* (55%) 44 ocorrências, seguido da forma *vosmecê*, com 25 ocorrências (31,2%) e da forma *o/a senhor/a*, com 11 ocorrências (13,8%). Os poucos dados das cartas escritas por remetentes baianos fora da Bahia, residentes no Estado de São Paulo (São Paulo e Campinas) e no Distrito Federal (Brasília), demonstraram índices percentuais de uso idênticos para as formas *o/a senhor/a* e *você*, ambas com 6 ocorrências (50% de frequência). A forma *vosmecê* não apresentou produtividade em cartas escritas por redatores fora do território baiano.

Os estudos de Martins et al. (2015) sobre a implementação do *você* em cartas pessoais do Nordeste (Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte) apontam que, na Bahia, a polarização linguística ocorre, especialmente, a partir da década de 1930, em que a forma nominal *o(a) senhor(a)* passa a marcar poder, e a solidariedade prossegue se constituindo através do uso preponderante do *você*. Sendo assim, o *corpus* em questão, constituído por cartas produzidas por sertanejos baianos pouco escolarizados, revela que, no século XX (1906-2000), o uso de *você* era predominante nas cartas escritas no território baiano, e

também muito utilizado pelos redatores baianos residentes em outras localidades; tais resultados contribuem para ratificar a ideia de o *você* já estar totalmente implementado no território baiano como pronome de 2ª pessoa no período em análise.

4.5 Relação entre remetente e destinatário

Para a análise desse fator, adotou-se a proposta de divisão dos dados a partir dos pressupostos da *Teoria do Poder e Solidariedade* (BROWN; GILMAN, 1960), que busca averiguar como determinados fatores linguísticos estão relacionados a estruturas sociais de poder ou solidariedade. Assim sendo, as relações sociais de inferior para superior são denominadas de *assimétrica ascendente* (\uparrow); de superior para inferior denomina-se de *assimétrica descendente* (\downarrow); e a relação entre membros do mesmo grupo social é intitulada de *simétrica*. Aliada a essa divisão, propôs-se também constatar a distinção entre as relações *mais solidárias* [+sol.] e *menos solidárias* [-sol.], sendo a primeira instituída a partir do grau de intimidade demonstrado entre remetente e destinatário das cartas ou relação familiar mais próxima; e as relações consideradas *menos solidárias* foram as exibidas entre as relações de amigos menos privadas e as relações familiares mais distantes.

A Tabela 3, adiante, demonstra as frequências de uso nas relações sociais das formas nominais e pronominais de tratamento em cartas de sertanejos baianos do século XX.

Tabela 3 - O uso das formas de tratamento nas relações sociais entre remetentes e destinatários

Relação social	Formas Tratamentais				Total
	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>O/A Senhor/a</i>	<i>Vosmecê</i>	
Simétrica [+sol.]	47/81 (58%)	1/81 (1,2%)	11/81 (13,6%)	22/81 (27,2%)	81/93 (87%)
Simétrica [-sol.]	-	-	1/4 (25%)	3/4 (75%)	4/93 (4,3%)
Assimétrica \downarrow [+sol.]	3/3 (100%)	-	-	-	3/93 (3,2%)
Assimétrica \downarrow [-sol.]	-	-	-	-	-
Assimétrica \uparrow [+sol.]	-	-	5/5 (100%)	-	5/93 (5,4%)
Assimétrica \uparrow [-sol.]	-	-	-	-	-
Total	50/93 (53,8%)	1/93 (1,1%)	17/93 (18,3%)	25/93 (26,9%)	93/93 (100%)

A partir dos resultados⁶ exibidos, observa-se que a relação *simétrica mais solidária* [+sol.], que ocorre entre membros do mesmo grupo social, como amigos íntimos, namorados, irmãos, cunhados mais próximos, foi a relação social que mais se destacou na amostra em estudo, apresentando o uso de todas as formas de tratamento encontradas. Observa-se que a forma *você* é utilizada em relações *mais solidárias simétricas* [+sol.] (58% de produtividade – 47 ocorrências) e *assimétrica descendente* (↓) *mais solidária* [+sol.] (100% de produtividade – 3 ocorrências), ratificando os resultados de Martins et al. (2015, p. 32), que afirmam: “[...] na Bahia, a forma *você* parece ter entrado no sistema pronominal da 2ª pessoa por relações assimétricas descendentes e simétricas”.

A forma nominal *vosmecê*, estágio anterior da forma *você*, é utilizada, primeiramente, na relação *simétrica mais solidária* [+sol.] (27,2% de produtividade – 22 ocorrências), seguida da *relação simétrica menos solidária* [-sol.] (75% de produtividade – 3 ocorrências), o que denota o uso de formas relacionadas a *você* especialmente nos contextos situacionais de intimidade/proximidade.

De acordo com Martins et al. (2015), a partir do século XX, o uso da forma nominal *o/a senhor/a* passa a marcar poder; entretanto, nesse ponto, as cartas de sertanejos indicam que tal forma de tratamento também ocorre em relações da esfera *simétrica mais solidária*, apresentando 13,6% de produtividade (11 ocorrências) e em relações da esfera *assimétrica ascendente* (↑) *mais solidária* [+sol.] com 100% de produtividade (5 ocorrências). Logo, demonstra-se que a forma nominal *o/a senhor/a* conserva aspectos de formalidade ou cerimoniosidade, especialmente por ser encontrada em relações de inferior para superior (*assimétrica ascendente* (↑)). Nesse sentido, os resultados evidenciados corroboram as pesquisas que afirmam que, no decorrer do século XX, a forma tratamental *você* desassocia-se decisivamente do vínculo de polidez da sua forma de tratamento original *vossa mercê* e passa a ocupar os mesmos contextos funcionais de uso do pronome *tu*, ou seja, passa a ser utilizado em relações de intimidade, como demonstram os exemplos a seguir:

- (20) “[...] **voscê** entregue este| bilete a datinho e não poso faszer| mais linhas e var mi descupando us erro| que e sua Irimã̃n que lhi qu|r bem Mariazinha Carneiro di Oliveira|” (MC– 36)

⁶ A análise desse grupo de fatores apresenta 93 ocorrências de formas tratamentais em razão da inclusão do pronome *Tu*, que obteve apenas 1 ocorrência na amostra. Entretanto, acreditando na relevância deste dado, decidiu-se considerá-lo na análise dessa variável, no intuito de averiguar em qual relação social (BROWN; GILMAN, 1960) esse pronome foi utilizado.

- (21) **você** é, tudo| eu peço que **você** apareça é| continunhi escrevendo par mim| que eu continunhi par você|” (AHC-54)
- (22) “[...] Zezete manda me dizer como vai todios| air que eu escrever par dimisio e não| teve repostada todo dia porcura e mao| tem manda mi dizer ais novidade| por air. Zezete **voce** teve novidade| e não mandou mi dizer| foi **você** e Neraudo que foi o| padrinho de cazamento de Zifirino| si foi manda mi dizer.]” (ZLS -70)

4.6 Sexo do redator

A variável *sexo* é uma das mais analisadas em pesquisas sociolinguísticas. Para o estudo desse fator, busca-se analisar se há distinção entre o uso das formas tratamentais empregadas por homens e mulheres. O *corpus* é constituído por cartas de 43 redatores, 20 homens e 23 mulheres; desse modo, a amostra apresenta certa estabilidade em relação ao fator *sexo*. A Figura 4, a seguir, expõe os resultados:

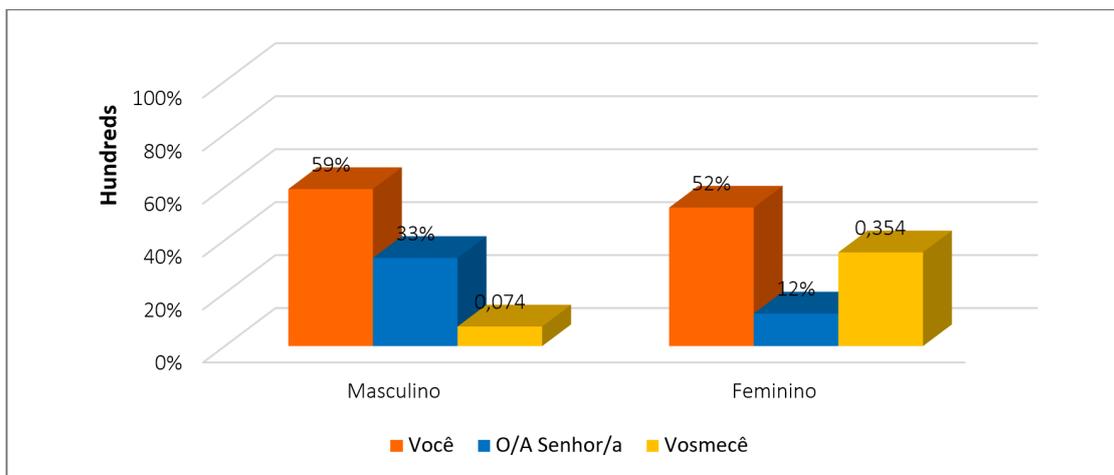


Figura 4 - O emprego das formas tratamentais em relação ao sexo do emissor

Com base na Figura 4, observa-se que os remetentes do sexo masculino empregaram mais a forma *você*, que obteve 59% de produtividade (16 ocorrências), seguida da forma nominal *o/a senhor/a*, que apresentou 33% de frequência (9 ocorrências), o tratamento *vosmecê* alcançou menores índices percentuais em cartas produzidas por redatores do sexo masculino, totalizando 7% de frequência, apenas 2 ocorrências. As missivistas do sexo feminino utilizaram amplamente o tratamento *você*, que demonstrou frequência de uso ao redor de 52% (34 ocorrências), seguida da forma *vosmecê*, que alcançou índices

percentuais de 35% (23 dados); a forma *o/a senhor/a* apresentou entre as redatoras do sexo feminino frequência de uso em torno de 12% (8 dados).

Portanto, avista-se, na amostra em estudo, que a forma *você* foi amplamente utilizada por missivistas do sexo masculino e do sexo feminino; dentre os homens, observou-se que após o tratamento *você*, a forma mais utilizada é *o/a senhor/a*, tratamento considerado cortês/cerimonioso, tendo a forma *vosmecê* alcançado poucos índices percentuais; contudo, essa forma é a segunda mais utilizada em cartas escritas por mulheres, sendo a primeira forma o tratamento *você*. Logo, nota-se na amostra uma diferença de expressão entre homens e mulheres.

Em vista disso, de modo geral, percebe-se no *corpus* em estudo que o *você* é o pronome usual para referência ao interlocutor, entretanto também se observa a natureza impulsionadora das mulheres sertanejas, ao utilizarem essencialmente as formas *vosmecê* (estágio anterior do *você*) e *você* para referência à segunda pessoa do discurso. Sabe-se que a documentação analisada apresenta cartas da esfera íntima, o que leva a ratificar a preferência pelo pronome *você* em relações de foro privado.

4.7 Tipologia das cartas

Ao analisar essa variável, pretendeu-se constatar se o teor das cartas influencia na utilização das formas de tratamento. Assim, trabalhou-se com base na hipótese formulada por Pereira (2012), segundo a qual as cartas familiares e amorosas possuem uma tendência à utilização de estratégias mais íntimas, ao passo que as cartas que abrangem pedidos tenderiam ao uso de formas cerimoniosas. A Figura 5, abaixo, apresenta o uso das formas tratamentais encontradas nos tipos de carta em análise:

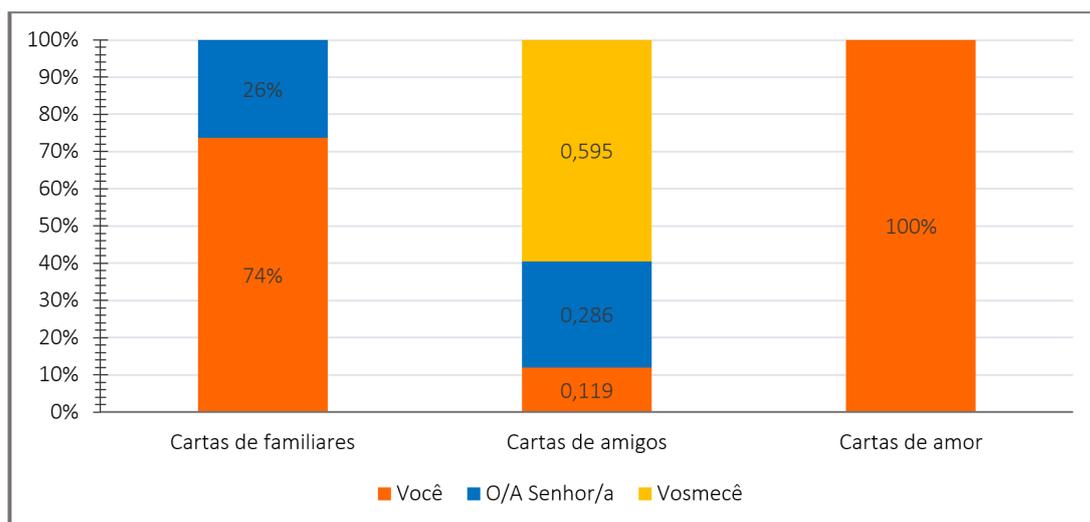


Figura 5 - As formas de tratamento em função da variável tipologia das cartas

Observa-se que o fator *cartas de amigos* apresenta a utilização de todas as formas tratamentais encontradas na amostra, sendo a grande maioria, 25 dados (59,5%), referente à forma *vosmecê* (único fator a apresentar utilização de tais formas), seguida do tratamento nominal *o/a senhor/a* com 12 ocorrências (28,6%), o pronome *você* apresentou pouca produtividade entre as cartas dessa esfera, com apenas 5 ocorrências (11,9%), o que denota a utilização de um tratamento respeitoso entre os interlocutores que fazem parte do mesmo campo social, como demonstram os exemplos abaixo:

- (23) “[...] o fim desta duas linhas i só a lhi dizer que estamos| com sauda grasa au nosso bom deus| eu itodos meus estamos alegres mande| dizer como vai **a senhora** com todos seus pra eu| ficar contente comadi” (NIN – 51)
- (24) Primeiro que tudo *muito*| Estimarei si estas duas linha| em contra **Vosmece** Gozanto| amais feliz Saude e touda| *Excelentíssima* famelha” (AML – 81)
- (25) “[...] ci Pitanga [...] cando **vocer** vendir a| Taba mande u Dinhero” (SFS – 41)

Já nas *cartas de familiares*, nas quais se espera uma relação mais íntima entre os redatores, a forma *você* foi mais empregada, com 74% de produtividade (14 ocorrências), ao lado do tratamento *o/a senhor/a*, com 26% de frequência (5 ocorrências), utilizado em relações do tipo *assimétrica ascendente*, como as de: filho(a)-mãe, sobrinho(a)-tio(a), nora-sogra, afilhada-madrinha, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (26) “[...] tudos esta bem i madi| dese com esta **a Seiora** oliha mãe| eu tive om problema qui o baracco| quiaio por cima de mi e de mirada|” (VAN – 86)
- (27) João o fim desta doas linha e somente| para **voce** falar com os menino que venha| para dar uma asinatura da casa do Ichu| que vendiro e precisa da asinatura de todos| e venha de ano novo que estamos esperando| eu e todos estamos enpaz graça Deus e| Nada Mais do seu Irmão|” (MCO – 35)
- (28) “[...] ana **voce** de um abraco e dete omabeca| ni debrando e abraco en toda a minha| amigas que ainda selinbra de min| Deus der us bom tempos para nois| todos e com vão de bom tinpo ai e vor| lhe pregontar si niqinha ja se cazor ou não” (MC – 50)

Nas *cartas de amor*, observou-se apenas a utilização da forma *você* com 31 ocorrências (100%), como se observa nos exemplos a seguir:

- (29) **você** é, tudo| eu peço que você apareça” (AHC– 54)
- (30) “[...] eu nunca tive vontade de terminar com você| olá Se **voce** que termina e disto u nocu-|la tomi esta tiludi S ceu pai não ge” (JMA– 64)
- (31) “[...] Oi Dalva estar bem espero que| **voce** esteja com saúde aqui estar| todos com saúde graças a Deus.” (RAC– 85)

Portanto, os fatores analisados na variável *tipologia das cartas* indicam que o *você* é amplamente empregado em cartas da esfera íntima (familiares e amorosas), ou seja, é o pronome utilizado para o tratamento na esfera privada.

4.8 Data de escrita das cartas

Para análise desta variável, trabalhou-se com a hipótese de que, a partir da década de 30 do século XX, a forma *você* teria sido implementada no quadro pronominal brasileiro (MACHADO, 2006; SILVA, 2012; entre outros). O *corpus* analisado é constituído por 91 cartas pessoais escritas entre 1906-2000. Entretanto não há um equilíbrio entre a quantidade de missivas e os intervalos de tempo observados, pois grande parte das cartas concentra-se na segunda metade do século XX, principalmente entre as décadas de 50, 60 e 70. Partindo desse levantamento, a variável *Data de escrita das cartas* foi elaborada com intervalos de tempo em torno de dez anos, levando em conta o período em que houve produção escrita.

A Figura 6, a seguir, apresenta o índice de uso das formas tratamentais durante o período analisado (1906-2000), para uma melhor compreensão, a divisão do período de tempo foi feita por décadas e não pelo ano de produção das cartas.

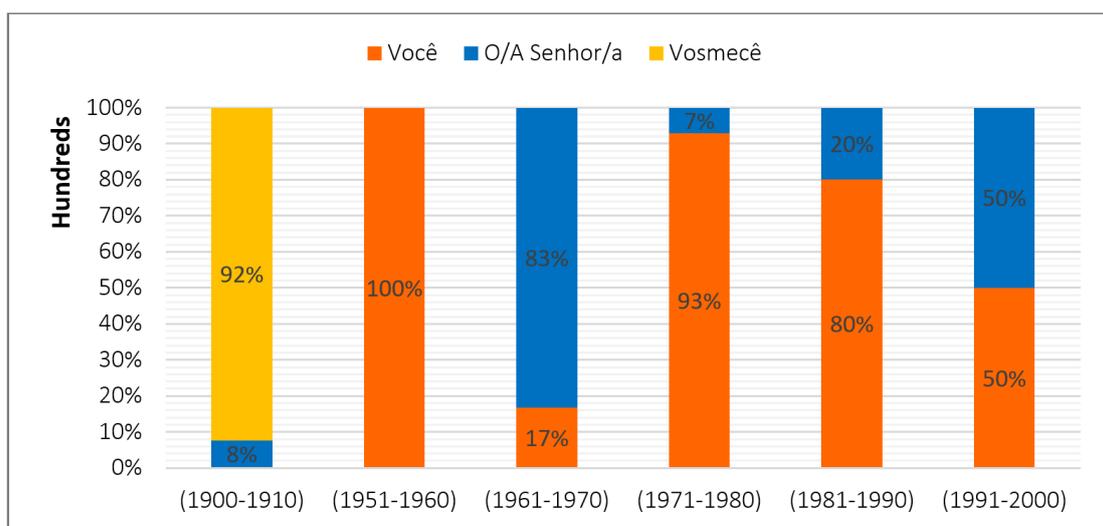


Figura 6 - O uso das formas de tratamento durante o século XX nas cartas de sertanejos baianos

De acordo com a Figura 6, no início do século XX (1900-1910)⁷, o índice de uso das formas tratamentais apresenta emprego majoritário de *vosmecê* com 92% de frequência (24 ocorrências), seguido da forma *o/a senhor/a* com 8% de produtividade (2 ocorrências), tais ocorrências de *o/a senhor/a* foram produzidas pela mesma remetente, *Josepha Maria da Silva* (JMS), que utiliza predominantemente a forma *vosmecê*. Apenas nesse intervalo de tempo houve produção escrita dessa forma tratamental.

O segundo período analisado (1951-1960)⁸ apresenta apenas a produção escrita da forma *você* (100% de frequência) 9 ocorrências; já o terceiro período (1961-1970)⁹ apresenta a menor produtividade de uso do *você*, 17% de frequência (1 ocorrência), enquanto o tratamento *o/a senhor/a* exibe 83% de produtividade (5 ocorrências); a quarta década (1971-1980)¹⁰ expõe uma maior utilização da forma *você* com 93% de frequência (27 dados) e um decréscimo na utilização de *o/a senhor/a* que apresenta 7% de produtividade (2 dados); os anos de (1981-1990)¹¹ também exibiram altos índices percentuais de *você* com 80% de produtividade (4 ocorrências), enquanto a forma *o/a senhor/a* apresentou 20% de frequência (1 ocorrência); a última década analisada (1991-2000)¹² revela um empate entre a frequência de uso dos tratamentos *você* e *o/a senhor/a*, ambos apresentaram 50% de produtividade nesse período, com 3 ocorrências cada um. Os resultados apresentados indicam que nas cartas de sertanejos baianos pouco escolarizados houve uma concorrência entre a utilização das formas *você* e *o/a senhor/a*, em referência à segunda pessoa do discurso no singular. Contudo, nota-se que a forma *você*, de modo geral, obteve maior produtividade, tendo também a sua forma antecedente (*vosmecê*) apresentado maior índice percentual de uso em relação ao pronome *o/a senhor/a* no início do século XX.

5 Considerações finais

Neste artigo, apresentou-se um recorte de um estudo sobre formas de tratamento em 91 cartas pessoais baianas produzidas por redatores semialfabetizados. A análise do *corpus* contou com a descrição de 8 variáveis (2 linguísticas e 6 extralinguísticas). A variável linguística *Paralelismo discursivo* demonstrou que a forma *você* revela ser altamente produtiva nos contextos funcionais analisados, confirmando a hipótese apresentada, na

⁷ Este período de tempo representa apenas a primeira década do século XX. Nele, como já mencionado na subseção 4.1 *Paralelismo discursivo*, houve produção escrita dos redatores no período de 1906-1908.

⁸ Neste período houve produção escrita entre os anos de 1951, 1953, 1955, 1956 e 1959.

⁹ Neste período houve produção escrita entre os anos de 1962, 1963, 1965, 1966, 1967 e 1970.

¹⁰ Neste período houve produção escrita entre os anos de 1973, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979.

¹¹ Neste período houve produção escrita entre os anos de 1983 e 1990.

¹² Neste período houve produção escrita entre os anos de 1992, 1994, 1995 e 2000.

qual a realização de uma série de referências à segunda pessoa pelo mesmo falante tende a propiciar a repetição do primeiro elemento da série. A variável *Tipo de frase* indicou que o *você* foi o tratamento amplamente beneficiado em praticamente todos os tipos de enunciados analisados (imperativo, declarativo, interrogativo e exclamativo), seguido da sua forma antecedente *vosmecê*, que foi a segunda forma mais empregada em orações imperativas e declarativas.

Em relação às variáveis extralinguísticas, a análise do fator *Naturalidade dos remetentes* evidenciou que o índice de produtividade do *você* foi majoritário em praticamente todas as localidades analisadas, seguido da sua antiga forma *vosmecê* que obteve maiores índices percentuais nas cartas de remetentes oriundos do município de Conceição do Coité.

A variável *Localização do remetente quando da escrita da carta* atesta que as missivas produzidas na Bahia demonstraram maior frequência de uso do *você* (55%), seguido de *vosmecê* com 31,2% de produtividade, tendo a forma *o/a senhor/a* apresentado apenas 13,8% de produtividade; já as cartas produzidas por remetentes baianos fora da Bahia, residentes no Estado de São Paulo (São Paulo e Campinas) e no Distrito Federal (Brasília), revelaram mesmo percentual de uso entre a forma *o/a senhor/a* e *você*, com 6 ocorrências cada. Logo, tais resultados evidenciam que o emprego do *você* era preponderante nas cartas escritas no território baiano, não sendo essa característica uma influência externa.

A variável *sexo do redator* exibiu que o *você* é o pronome usual para referência ao interlocutor, tanto por homens quanto por mulheres, contudo tal pronome juntamente com a sua forma antecedente (*vosmecê*) exprimiram maior produtividade nas cartas produzidas por mulheres.

Em relação à variável *Tipologia das cartas*, o fator *cartas de amigos* demonstrou a utilização de todas as formas treatmentais encontradas na amostra, com 25 dados de *vosmecê* (59,5%), 12 ocorrências de *o/a senhor/a* (28,6%) e 5 ocorrências de *você* (11,9%); o fator *cartas de familiares* revelou maior produtividade do *você* com 14 ocorrências (74% de produtividade), seguidas de *o/a senhor/a*, com 26% de frequência (5 ocorrências); já as *cartas de amor* apresentaram uso categórico do *você* com 31 ocorrências. Tais resultados indicam que tal forma é amplamente empregada em cartas da esfera íntima, ou seja, cartas de familiares e amorosas.

A variável *Data de escrita das cartas* denota uma concorrência no *corpus* entre as formas *você* e *o/a senhor/a*. Entretanto, observou-se que a forma *você*, de modo geral, obteve maior produtividade na amostra.

A partir da divisão das relações sociais com base na *Teoria do Poder e Solidariedade* (BROWN; GILMAN, 1960), foi possível analisar a *Relação entre remetente e destinatário*. Assim, observou-se que as relações de superior para inferior (*assimétrica descendente*) apresentaram apenas a utilização da forma *você*, que atuou como estratégia mais solidária; já nas cartas de inferior para superior (*assimétrica ascendente*) notou-se apenas o emprego da forma respeitosa *o/a senhor/a*; as relações sociais do tipo *simétrica* são aquelas que ocorrem entre membros pertencentes ao mesmo grupo social: a relação *simétrica mais solidária* apresentou o emprego de todas as formas tratamentais encontradas no *corpus*, sendo o *você* a forma preponderante com 58,8% de produtividade (47 dados); a relação *simétrica menos solidária* demonstrou emprego majoritário da forma *vosmecê* com 75% de produtividade (3 dados). Desse modo, tais resultados apontam que o *você* é o pronome de intimidade na amostra, atuando como estratégia mais solidária entre interlocutores.

Assim sendo, as cartas pessoais editadas por Santiago (2012) e analisadas neste trabalho, por demonstrarem uma escrita cotidiana, contribuem para a constituição histórica do PPB, em especial a variedade presente no interior do território baiano. Mattos e Silva (2008b, p. 24-25) salienta que para recuperar-se a história do PPB é necessário haver, “[...] o estudo vertical das variantes populares do português brasileiro, não só as urbanas, como vem sendo feito pela Sociolinguística, mas nas suas variedades rurais de todo o Brasil”.

Por conseguinte, a análise aqui apresentada, pautada na proposta de Lopes e Cavalcante (2011) com base em Scherre et al. (2009; 2015), destaca que, durante o século XX, no interior da Bahia, o subsistema de tratamento preponderante nas cartas de sertanejos é o de *você-exclusivo*; pesquisas com dados recentes afirmam que na capital baiana o subsistema que vigora também é o de *você-exclusivo*, contudo no interior verifica-se a presença do subsistema *você/tu sem concordância* (cf. Scherre et al. 2015).

Referências

ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos?* – A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. Dissertação (mestrado) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7005/1/2010_CarolinaQueirozAndrade.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. (Org.). *Style in language*. Cambridge-Mass: MIT Press, 1960, p. 252-81. Disponível em: https://www.ehu.eus/seg/_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português*. São Paulo: Contexto, 2010.

CINTRA, Lindley. *Sobre <<formas de tratamento>> da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986 [1972].

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam Philadelphia, J. B. Publishing Company. 1982, p. 17-92.

LOPES, Celia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*. v. 25, p. 30-65, 2011. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/25_linguistica_030_065.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

LOPES, Celia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, Jânia M.; ALKMIM, Mônica A. (Org.). *Para a história do português brasileiro: estudos sobre mudança linguística e história social*. v. 1. Belo Horizonte: Ed. FALÉ/UFMG, 2007, p. 28.

LOPES, Celia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do Gelne*, p. 187-2012, 2013, Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9416/6770>. Acesso em: 15 mar. 2019.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARTINS, Germano Ferreira. *A Alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas*. 2010. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6996/3/2010_GermanoFerreiraMartins.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

MARTINS, Marco Antonio et al. Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4783/3491>. Acesso em: 15 mar. 2019.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma Pauta de pesquisa. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 11-30, 2008b. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/cotidiano1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.laborhistorico.letras.ufrj.br/Mestrado/PereiraRO.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SANTIAGO, Huda da Silva. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de mãos “cândidas” do sertão baiano*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012 [inédito]. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/monografias/SANTIAGO_H-Mestrado-2012.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019.

SANTOS, Lorena Enéas Rosa. *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano: (1906-2000)*. 2017. 239f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/607?mode=full#preview-link0>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SANTOS, Elane Santos e. *Para a história do português popular brasileiro: o sistema de tratamento em cartas baianas do século XX*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo lingüístico. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte, v.7, 1998. p. 29-59, jul./dez.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. *Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro*. In: SIMELP, 2., 2009, Portugal. Anais... Évora: Universidade de Évora, 2009.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO Jussara (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 131-72.

SILVA, Paula Fernandes. *O Tratamento no Início do Século XX: uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



Data de submissão: 11/04/2019

Data de aceite: 18/11/2019

**A PERCEÇÃO E A ACEITABILIDADE
DE FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS EUROPEU (PE):
UMA ABORDAGEM EXPERIMENTAL**

THE PERCEPTION AND ACCEPTABILITY
OF ADDRESS FORMS IN EUROPEAN PORTUGUESE (EP):
AN EXPERIMENTAL APPROACH

Célia Regina Lopes | [Lattes](#) | celiar.s.lopes@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Antónia Mota | [CV](#)
Universidade de Lisboa

Resumo: O objetivo do trabalho é apresentar os resultados de um experimento realizado em Lisboa para detectar o valor social assumido pelas variantes *tu* e *você* no português europeu. Um teste de julgamento de aceitabilidade das formas de segunda pessoa em variação na posição de sujeito foi realizado com 34 participantes portugueses seguindo o modelo realizado por Oliveira, Lopes e Carvalho (2016) com falantes do Rio de Janeiro. O objetivo do experimento foi analisar a percepção que os falantes do PE teriam das estratégias de tratamento empregadas para estabelecer uma comparação entre PE e PB. A proposta estabelece uma interface entre a perspectiva Sociolinguística laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e a Sociopragmática (BRIZ, 2004) por um viés experimental (KENEDY, 2015). Os resultados do experimento em Lisboa evidenciaram, diferentemente do que fora observado no Rio de Janeiro, um alto grau de aceitabilidade de *tu* nos diferentes tipos de interação controlados. O mesmo não se verificou para a variante *você*, que incitou nos participantes um comportamento mais vacilante durante o julgamento, principalmente, quando a forma aparecia como sujeito focalizado. Os resultados mostraram ainda que a forma verbal de 3SG, como sujeito nulo, não seria uma correlata da variante *você*, pois apresentou aceitação positiva nas relações assimétricas, o que não ocorreu necessariamente com o *você* explícito.

Palavras-chave: Segunda pessoa; Variação linguística; Sistemas de tratamento; Diferenças entre Português Brasileiro e Português Europeu.

Abstract: The aim of this paper is to present the results of an experiment carried out in Lisbon to detect the social value assumed by the variants *tu* and *você* ('you') in European Portuguese (EP). An experiment of acceptability of the second person forms in subject position was done with 34 Portuguese participants following the model presented by Oliveira, Lopes and Carvalho (2016) with participants from Rio de Janeiro. The objective of the experiment was to analyze the perception that the EP speakers would have of the address forms used in order to establish a comparison between EP and BP (Brazilian Portuguese). The paper proposes an interface between the Sociolinguistic perspective (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) and the Sociopragmatics (BRIZ, 2004) in an experimental perspective (KENEDY, 2015). The results of the experimental test conducted in Lisbon showed, unlike the ones observed in Rio de Janeiro, a high degree of acceptability of the form *tu* ('you') in different types of controlled interaction. The same result did not occur for the variant *você* ('you'), which prompted the participants a more hesitant behavior during the test, especially when the address form appeared as a Focused Subject (Overt Subject). The results also showed that the 3SG verbal form, as null subject, would not be a correlative of the variant *você* (you), since it presented positive acceptance in the asymmetric relations, which did not necessarily occur with the Overt Subject *você* ('you').

Keywords: Second person; Linguistic variation; Address systems; Differences between Brazilian Portuguese and European Portuguese.

APRESENTAÇÃO

Os estudos sobre os sistemas de tratamento pronominal de segunda pessoa (doravante 2SG), no português brasileiro (doravante PB), demonstraram que a inserção de *você*, no quadro pronominal, ao lado de *tu* levou à formação de um paradigma híbrido ou misto, com variações geográficas, sociolinguísticas e pragmáticas (*tu* e/ou *você*) (cf. RUMEU, 2008; LOPES; CAVALCANTE, 2011, LOPES et al., 2012; SCHERRE et al., 2015):

Tu-exclusivo

- (1) Achei que **tu estava** cansado.
- (2) Achei que (**tu**) **estavas** cansado.

Você-exclusivo

- (3) Achei que **você estava** cansado.

Você ~ tu

- (4) **Tu não deve(s)** pensar em bobagens, **você sabe** que eu gosto de você.

Para o português europeu (doravante PE), os trabalhos de Duarte (2011) e Carreira (2004) enfatizam que a complexidade tratamental se dá em outros moldes: uso amplo de *tu* presente na desinência verbal (2), além do emprego de formas nominais, incluindo prenomes (5-6). No PB, exemplos como (5-6), em que o tratamento é feito com formas nominais em referência ao interlocutor, principalmente prenome, na posição de sujeito, se restringiriam à fala de adultos com crianças na primeira infância. Seu uso entre adultos causaria estranhamento no PB e talvez seja aceito apenas em interrogativas como em (6). Há ainda o uso recorrente no PE do verbo com desinência formal de 3ª pessoa com referência à segunda pessoa do singular sem pronome explícito (8), algo menos comum no PB, em que a presença do pronome é mais frequente (9):

- (5) **A menina** quer sair?
(6) **A senhora/o rapaz** vai descer no próximo ponto de ônibus?
(7) **A Joana** está cansada.
(8) **Chegou** atrasado de novo na escola¹.
(9) **Você** quer sair?

Os sistemas de tratamento são bastante diferentes entre si. Enquanto no PB o emprego de *você* é, por sua neutralidade, amplamente aceito e reconhecido pelos seus falantes nas mais diferentes relações interpessoais e regiões, seu uso no PE pode ser considerado inadequado em várias situações interativas e *quase inadmissível* em outras tantas (cf. DUARTE, 2011, p. 87-88; GUILHERME; BERMEJO, 2015, p. 170).

A complexidade do sistema pronominal de 2SG do PB se amplia em relação ao PE se forem levados em conta (i) a presença/ausência da desinência verbal canônica de segunda pessoa² (1 e 2) e (ii) o valor social das formas variantes em cada região brasileira.

¹ Aqui o sujeito seria *você* no PB ou o prenome no PE.

² Estamos chamando de canônica a desinência verbal tradicionalmente considerada como de segunda pessoa. Estariam, neste caso, os morfemas *-ste* no {Pretérito Perfeito do Indicativo} e o *-s* nos demais tempos verbais.

Na proposta de Scherre et al. (2015), por exemplo, são identificados em termos diatópicos, pelos menos, seis sistemas de tratamento no português do Brasil falado com base na presença, ou não, da concordância verbal canônica³ estabelecida entre o pronome sujeito e o verbo (*tu falas* vs. *tu fala* _). A questão da concordância afeta obviamente a descrição do fenômeno em função da avaliação social negativa que a ausência da concordância verbal ainda desperta entre os falantes na sociedade brasileira.

Com o intuito de detectar valores positivos ou negativos pelas variantes *tu* e *você* no PB, Oliveira, Lopes e Carvalho (2016) realizaram um teste de julgamento de aceitabilidade ou adequabilidade dessas formas em variação na posição de sujeito com falantes do Rio de Janeiro. O intuito era verificar a percepção dos participantes, tendo em vista a influência do tipo de relação interpessoal (simétrica ou assimétrica). O experimento⁴ foi aplicado inicialmente a falantes do Rio de Janeiro pelo fato de ser uma das localidades do Brasil em que as duas formas coexistem no mesmo contexto de uso⁵. As formas variantes em diferentes contextos situacionais foram apresentadas no experimento em legendas inseridas em fragmentos de cenas de filmes e seriados estrangeiros. Os resultados do experimento evidenciaram um alto grau de aceitação de *você* nos diferentes tipos de interação controlados. O mesmo não se verificou para a variante *tu*, que incitou nos participantes um comportamento mais vacilante durante o julgamento com maior incidência de nota 3 em uma escala de 1 a 5.

Essa metodologia experimental se mostrou como uma técnica alternativa bastante eficaz para avaliação e percepção dos falantes sobre os usos tratamentais. Os testes experimentais, no modelo testado, parecem ser vantajosos para compreender como determinada comunidade de fala (até aqui a do Rio de Janeiro) julga o uso de *tu* e *você*, além de facilitar a identificação mais precisa dos valores sociopragmáticos que podem estar atrelados a essas variantes em cada comunidade analisada com maior distanciamento.

A aplicação desses primeiros testes de percepção/adequação a partir da análise do tratamento em seu contexto de uso (em cenas de vídeo) abre uma perspectiva interessante para os estudos sociolinguísticos por introduzirem uma alternativa metodológica diferente para dar conta do *problema da avaliação* nos processos de mudança (WEINREICH;

³ Para facilitar a descrição comparativa entre PE e PB e pela falta de terminologia adequada, estamos nos referindo à presença de concordância verbal entre o pronome *tu* e o verbo quando as marcas desinenciais de segunda pessoa estão presentes. A ausência das desinências canônicas, mencionadas na nota anterior, está sendo considerada como ausência de concordância verbal. Neste último caso, podemos também usar a denominação de verbo na 3ª pessoa (3SG) apenas para facilitar e uniformizar terminologicamente o texto.

⁴ O experimento foi preparado sob a supervisão do Professor Doutor Eduardo Kennedy da UFF a quem muito agradecemos pela orientação preciosa e imprescindível.

⁵ A ideia obviamente é realizar o mesmo experimento em outras localidades.

LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Obviamente que o refinamento da técnica e a sua aplicação a diferentes comunidades de fala contribuirão para uma descrição mais apurada do fenômeno. Trata-se ainda de um experimento piloto.

Tendo como base o experimento feito no Brasil para a análise da percepção/adequação das formas, resolveu-se aplicar a portugueses de Lisboa o mesmo teste feito com brasileiros (por enquanto do Rio de Janeiro), fazendo, obviamente, os ajustes linguísticos necessários para que as escolhas lexicais e certas estruturas linguísticas não se sobreponham ao fenômeno em foco da pesquisa: formas de tratamento verbo-pronominais.

O objetivo do experimento piloto é analisar a percepção que os falantes do PE têm das estratégias de tratamento empregadas para estabelecer uma comparação entre PE e PB. A proposta procura assim estabelecer uma interface entre a perspectiva Sociolinguística laboviana (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006]) e Sociopragmática (BROWN; GILMAN, 1960; BRIZ, 2004, etc) por um viés experimental (cf. DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015). As hipóteses testadas nos experimentos de percepção e avaliação foram levantadas a partir dos resultados obtidos em alguns dos estudos que descrevem os usos linguísticos das formas de tratamento feitos até o momento no Brasil (cf. RUMEU, 2008; MACHADO, 2006; LOPES *et al*, 2009, SCHERRE *et al*, 2015, etc).

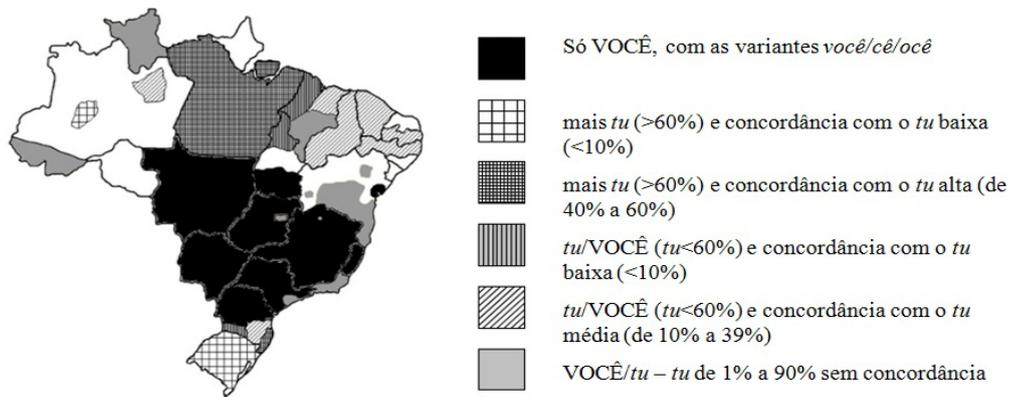
O artigo está organizado em quatro partes além desta introdução e das considerações finais. No item 2, é descrito o objeto de estudo com base nos estudos de autores brasileiros e portugueses sobre os sistemas de tratamento de segunda pessoa nos dois territórios. Nas seções 3 e 4 são apresentados os pressupostos teóricos e a metodologia empregada para a realização do experimento em Lisboa. Na seção 5, apresentam-se os resultados gerais quantificados, contrastando, em um primeiro momento, com os resultados obtidos no teste realizado no Rio de Janeiro. Nesta seção são apresentadas ainda algumas observações relativas à atuação do fator etário dos participantes portugueses, concluindo a seção com a análise dos padrões estruturais testados. Em 6 e 7, são feitas as considerações finais e a indicação das referências bibliográficas utilizadas. Segue, por fim, um anexo com as frases experimentais utilizadas no experimento.

2 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: OS SISTEMAS DE TRATAMENTO NO BRASIL E EM PORTUGAL

2.1 Panorama geral dos estudos sobre o tratamento no Brasil e as análises empíricas do subsistema *você/tu* no Rio de Janeiro

A forte tradição de trabalhos sob a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa no Brasil já nos permitiu delinear, com base em dados de fala, alguns dos subsistemas de tratamento em vigor nas principais regiões brasileiras. O vasto levantamento feito por Scherre et al. (2015) dos estudos realizados por pesquisadores brasileiros, como mencionado, levou os autores a proporem a seis subsistemas, tendo em vista a presença ou não de concordância verbal, ilustrados na figura 01.

Figura 1. Mapeamento da variação *você/tu* no PB



Fonte: Scherre et al. (2015, p. 142).

Com relação aos resultados relativos ao Rio de Janeiro (localidade onde foi realizado o primeiro experimento piloto proposto), alguns estudos empíricos sobre o comportamento variável de *você* e *tu* com dados de fala apontam para um uso menos frequente do pronome *tu* (sem a desinência verbal canônica de 2SG) em relação ao emprego de *você* (cf. PAREDES SILVA, 1996, 2003; LOPES et al., 2009; SANTOS, 2012; LOPES; SANTOS, 2012). Os trabalhos de Paredes Silva (1996 e 2003) feitos com base em entrevistas sociolinguísticas dos anos de 1980 e 2000 e com gravações não ocultas (1989-90) mostram que os percentuais de *tu* não ultrapassaram 7% no falar carioca. O estudo de Santos (2012, p. 63-70, 91, 109) obteve 12% de frequência de uso para *tu* (12%) nas gravações ocultas de conversas estimuladas em diversos bairros do Rio de Janeiro.

O estudo de Santos (2012) é bastante representativo pelo fato de a autora ter leva-

do em conta perfis profissionais diferentes (ambulantes, vendedores, gerentes de banco e advogados) e regiões também distintas do Rio de Janeiro (RJ): centro da cidade, Tijuca (bairro conservador na zona norte) e Campo Grande (antiga região rural e distante do centro da cidade). As amostras foram organizadas seguindo uma metodologia similar a usada por Labov (1966): o entrevistador aborda um informante nas ruas ou em uma loja e pede orientação de como chegar a um determinado lugar ou como obter algum serviço. Trata-se de uma amostra constituída por sequências injuntivas, pois o entrevistado ensina o entrevistador a executar uma determinada tarefa. As questões gatilhos foram assim formuladas: *Como eu chego à rua X? Como eu posso revelar foto de câmera digital?* As respostas normalmente são iniciadas por uma das variantes: “*Tu/você vai por essa rua*”.

Santos (2012) obteve 648 ocorrências de formas de referência à 2SG na posição sujeito, sendo 318 de *você* (49%), 251 de verbo na 3SG (39%) e 79 dados de *tu* (12%). Em termos da distribuição geográfica, o pronome *tu* mostrou-se favorecido na região oeste (antiga área rural) da cidade do Rio de Janeiro e entre trabalhadores ambulantes no centro da cidade (em torno de 20%). Cabe lembrar que a forma *tu* ocorre no RJ sempre sem a concordância canônica (*tu fala* no lugar de *tu falas*), por isso seria considerada estigmatizada socialmente. Com relação ao nível de escolaridade, os resultados demonstraram que mesmo os informantes com mais de 12 anos de escolaridade e com nível superior completo apresentaram produtividade para *tu* semelhante à observada entre os falantes nos demais níveis de escolaridade (em torno de 10%). Esses resultados suscitaram a necessidade de discutir sobre os possíveis valores sociais assumidos por *você* e *tu* na fala do Rio de Janeiro, o que nos incitou a realizar os testes de avaliação de uso pelo viés experimental.

2.2 Breve descrição do tratamento em Portugal: estudos diversos

Para o português europeu, os estudos disponíveis não são, em geral, de natureza empírica nos moldes da Sociolinguística laboviana, mas calcados em: a) questionários que indagam sobre as formas de tratamento usadas para X ou Y; b) dados históricos, literários, dialetológicos; e c) perspectivas teóricas de cunho interacional (cf. CINTRA, 1972; GYULAI, 2011; GUILHERME; BERMEJO, 2015; MEDEIROS, 1985; HAMMERMÜLLER, 1993, LEŠKOVÁ, 2012; CARREIRA, 1997, 2001, 2002, 2004, etc). Os trabalhos centram-se bastante na proposição de critérios para distinguir a constituição do sistema de tratamento do português europeu, tendo em vista uma distribuição tríade⁶ entre *formas pronominais* (*tu, você, vocês*), *nominais* (*o senhor, o doutor, o*

⁶ Ver Cintra (1972, p. 12-13).

professor, o senhor Ministro) e verbais (___*Desejas*/___*Deseja* alguma coisa?). Critérios interacionais também são observados, opondo formas *alocutivas* (*tu, você, o(a) senhor(a), o(a) doutor(a), o João* etc.) e *delocutivas* (*ele(s), ela(s), o(a) senhor(a) professor(a),* etc.).⁷

No que se refere às formas verbo-pronominais, os estudos costumam reiterar a posição de Cintra (1972) quando afirmam que *você* no PE seria empregado entre iguais que não tenham, entretanto, intimidade. Seu emprego também seria usual, em alguns casos, nas relações de inferior a superior (filhos para pais). Entretanto, Guilherme e Bermejo (2015) afirmam que, nesses dois contextos tradicionalmente apontados, o emprego de *você* seria marcado como pejorativo ou indelicado (FARIA, 2009; CARREIRA, 2002). Na verdade, a suposta aceitação atribuída a *você* refere-se, segundo os autores, ao emprego de formas verbais de 3ª pessoa e não ao emprego explícito de *você* como sujeito pleno. Por razões diferentes, *você* no PE poderia ser considerado, como ocorre em geral no PB, como um tratamento *polifuncional*, por conta desses seus diferentes valores mencionados desde Cintra (1972). No PE, segundo Guilherme e Bermejo (2015), o uso de *você* é marcado pela neutralidade e caráter heterogêneo pelos seus vários contextos de uso (relações de poder assimétricas, intimidade entre classes mais abastadas e entre iguais com deferência). No PB, entretanto, a neutralidade de *você* assume outro caráter na maior parte das localidades. Diferentemente dos valores mencionados para o PE, a forma *você* no Brasil seria uma estratégia não-marcada que pode funcionar, ao mesmo tempo, como variante do íntimo *tu*, além de poder ser empregada em relações assimétricas, principalmente, entre conhecidos da mesma faixa etária. Trata-se de um uso bem generalizado que só é, eventualmente, substituído por *o senhor/a senhora* com pessoas bem mais velhas e nas relações transacionais entre completos desconhecidos para marcar distanciamento. Com base nessas distinções, a proposta do experimento no PE parece adequada, principalmente, para testar a natureza desse suposto valor *neutro* de *você*. Como Guilherme e Bermejo (2015) afirmam:

este valor neutro do pronome (**você**) parece não ser assim tão claramente entendido e **juçado por muitos falantes**. Isto é, **tal neutralidade é até certo ponto questionável por muitos**, na medida em que, no momento da seleção da forma de tratamento, é comum optarem-se por outras estratégias, nomeadamente, formas verbais de 3sg (sujeito nulo) ou grupos nominais. (GUILHERMO; BERMEJO, 2015, p. 170, grifo nosso).

O estudo realizado por Lešková (2012, p. 55) com base na aplicação de um ques-

⁷ Ver Carreira (1997) entre outros.

tionário a 88 falantes do português europeu também mostrou resultado semelhante. O julgamento das formas de tratamento aplicado pela autora levava em conta a oposição entre proximidade e distanciamento. Os resultados quantitativos confirmam, no geral, o que outros autores já destacaram: a forma *você* foi a estratégia menos produtiva em praticamente todas as situações intuitivas propostas. Numa sequência de perguntas, a autora apresentava as seguintes formas na posição de sujeito (*a senhora/o senhor, a senhora/o senhor + prenome, prenome, verbo na 3ª pessoa do singular, você, verbo na 2ª pessoa do singular*), formulando uma pergunta sobre horas: *A senhora/a senhora Maria/ A Maria/VP3/ você tem/tens horas?* Nos resultados globais, Lešková mostra que homens, em relações familiares ou entre amigos, optaram majoritariamente pela forma verbal associada a *tu* (*Tens horas?*) com 78% de frequência. Para pessoas de idade inferior, as formas na 3ª pessoa (3SG) (*Tem horas?*) e na 2ª pessoa (2SG) (*Tens horas?*) foram frequentes entre mulheres e homens. Enquanto estes mantiveram o tratamento *tu*⁸ (43%), aquelas optaram pelo verbo na 3ª pessoa (35%). Para pessoas de idade superior ou para desconhecidos, homens e mulheres escolheram preferencialmente o tratamento de base nominal (*o senhor/a senhora*). Cabe destacar ainda que, quando questionados sobre o fato de se sentirem ofendidos por serem tratados por *você*, 36,6% responderam que SIM e 63,64% responderam NÃO. A rejeição por *você* fica mais nítida com os resultados relativos à questão: *quando usa você?* A resposta mais frequente foi “não uso” com 53%. Na mesma linha interpretativa levantada por Guilherme e Bermejo (2015), o trabalho anterior de Lešková (2012, p. 62) já demonstrava que os portugueses têm um julgamento negativo para a forma *você*, porque o seu contexto de uso aparentemente não é bem delimitado.

Por fim, o estudo de Nascimento, Mendes e Duarte (2018) comenta que o sistema de tratamento do PE está sofrendo alterações nos últimos 30 anos, talvez por influência da televisão brasileira. As autoras ainda defendem que os jovens estariam usando a forma *você* nas relações assimétricas.

Com base, principalmente, nos resultados quantitativos de Lešková (2012) e nas observações de Guilherme e Bermejo (2015) e Nascimento, Mendes e Duarte (2018), algumas hipóteses foram formuladas para os primeiros testes realizados com falantes nativos do português europeu, em particular de Lisboa:

- a) existe uma diferença na avaliação das formas de tratamento verbo-pronominais: verbo na segunda pessoa (2SG), verbo na terceira pessoa (3SG) e *você* (sujeito pleno)

⁸ É preciso destacar que, diferentemente do que ocorre no Brasil, o pronome *tu* aparece explícito e o verbo, na maioria das vezes, está na sem a marca desinencial canônica de segunda pessoa, o teste aplicado a falantes do português europeu apresentava a forma verbal com desinência de segunda pessoa com ausência do pronome sujeito.

no português europeu. Tal diferença sofre influência do tipo de relação interpessoal e/ou pela proximidade ou distanciamento estabelecida entre os interlocutores;

b) a forma *você*, diferentemente do que ocorre, em geral, no Brasil, teria um julgamento negativo nas diferentes relações interpessoais (simétricas, assimétricas);

c) a forma verbal de 3SG, e não a variante *você*, teria julgamento mais positivo pelos falantes portugueses, nas mais diferentes relações interpessoais, ao passo que a variante *tu* (ou seja, a forma verbal na 2G) seria bem avaliada nas relações interpessoais de maior proximidade entre os interlocutores.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A preocupação com a percepção dos falantes em relação aos fenômenos linguísticos variáveis não é recente nos estudos sociolinguísticos. No ensaio de 1968, Weinreich, Labov e Herzog referem-se a essa questão como o *Problema da Avaliação* e o consideram uma importante propriedade para a análise dos processos de mudança linguística. Os autores defendem a importância de identificar correlatos subjetivos das mudanças objetivas observadas direta ou indiretamente. No primeiro caso, se medem as reações dos informantes a partir do valor do fenômeno variável, no segundo, se correlaciona a atitude do informante quanto ao seu comportamento linguístico.

A *percepção* estaria mais relacionada à análise indireta do problema da *avaliação*, pois, como afirma Oushiro (2015, p. 32), a percepção se relaciona às inferências conscientes e inconscientes feitas pelos usuários ao ouvir outro falante.

Diferentemente dos estudos que aplicam questionários para avaliar a forma de tratamento mais ou menos adequada a uma pessoa com certo perfil social – um idoso, um profissional etc (cf. BALSALOBRE, 2015), a nossa proposta de análise experimental visa a compreender como em duas comunidades de fala distintas (uma no Brasil e outra em Portugal) os falantes julgam o uso de *tu*, *você* e outras formas de referência à 2ª pessoa (prenome, verbo na 3SG, etc), tendo em vista os valores sociopragmáticos que podem estar atrelados a essas variantes. A nossa restrição aos questionários está no fato de nem sempre as respostas do informante corresponderem ao que ele efetivamente produz (ou acha que produz), pois suas possíveis respostas se baseiam meramente em convenções sociais. Por essa razão, consideramos que métodos alternativos, como o experimento proposto neste estudo, podem ser vantajosos, uma vez que o participante não sabe de antemão que o seu julgamento das cenas assistidas será da forma de tratamento empregada, mas se a legendagem é adequada à situação interativa mostrada nas cenas vistas.

Para a organização das cenas, são apresentados fragmentos de episódios de filmes e seriados, nos quais havia diversos tipos de relações sociais entre os personagens. Os tipos de relação controlados basearam-se nos fundamentos básicos propostos Brown e Gilman (2003 [1960]). Bastante recorrente para a análise do tratamento, os autores postulam que as relações sociais são governadas por um sistema bidimensional que marca Poder (P) e Solidariedade (S). O *Poder* representaria as relações verticais, diferenciáveis ou não recíprocas (diferentes faixas etárias, gêneros ou posições hierárquicas institucionais). As relações estariam governadas por algum tipo de hierarquia estabelecida em distintos níveis: pai-filho, professor-aluno, patrão-empregado etc. Se, ao contrário, existir uma relação horizontal ou recíproca, teríamos o eixo da *Solidariedade*. Os estudos que trabalham à luz desses pressupostos discutem ainda que as sociedades contemporâneas estariam se tornando mais abertas e igualitárias, substituindo o eixo do *Poder* pelo da *Solidariedade*. Nesse sentido, haveria a diminuição da frequência de tratamento verticalizado e hierárquico em favor de um tratamento horizontal e recíproco, talvez mais no Brasil que em Portugal, representados, por enquanto, pelo Rio de Janeiro e por Lisboa.

Briz (2004, p. 80) apresenta tais conceitos com base em outras noções. O autor considera que a *Solidariedade* se refere a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores, que são negociadas e construídas na interação, independentemente do estatuto social previamente definido. São relações mais simétricas ou de proximidade aquelas em que existe, ou se percebe, igualdade funcional entre os participantes da interação, no que diz respeito ao papel assumido, à idade, gênero ou profissão. Fatores sociopragmáticos são responsáveis pelas interações de maior proximidade, como o fato de os interlocutores terem mais experiências ou saberes compartilhados, maior grau de contato (físico ou ocular) e de compromisso afetivo. Esses elementos se encontram preferencialmente reunidos no caso das relações ditas *interpessoais*. As relações ditas *transacionais*, por sua vez, seriam assimétricas por definição, pois o papel funcional, os direitos e as obrigações se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

4 METODOLOGIA EMPREGADA

Para analisar a percepção dos participantes acerca dos pronomes *tu* e *você*, a partir do julgamento de seu uso em legendas de cenas de vídeos, foi proposto um experimento específico ao fenômeno em questão que foge um pouco dos modelos convencio-

nais da Linguística Experimental (cf. DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015). A técnica consiste em apresentar aos participantes enunciados que contenham o fenômeno linguístico em estudo e pedir a eles que respondam, através de uma escala de notas, o quão aceitáveis ou naturais são os enunciados em relação aos contextos de uso (cenas com relações simétricas e assimétricas). Trata-se de um teste *off-line* controlado⁹ e mascarado, sem ser explicitamente metalinguístico, uma vez que o participante analisa o fenômeno indiretamente julgando apenas a adequação das legendas assistidas por ele. Outro aspecto interessante do experimento é a presença de enunciados (legendas) contextualizados nas cenas recortadas de filmes/séries, o que é fundamental para o estudo do tratamento. Isso se deve ao fato de as escolhas tratamentais serem sensíveis ao perfil da relação entre interlocutores específicos, que interagem em uma situação comunicativa também específica (no caso, são os personagens que aparecem na cena).

Essa opção metodológica nos traz algumas vantagens. Primeiramente, a apresentação das variantes em forma de legenda resolve o problema da natureza dialógica do fenômeno variável em análise, visto que *tu* e *você* são formas linguísticas típicas das sequências textuais de diálogo, que seriam mais difíceis de construir sem o auxílio do vídeo. Além disso, nosso experimento, da maneira como foi elaborado, goza de maior validade ecológica, uma vez que o participante desempenha uma tarefa comum e familiar na sua vida cotidiana, que é assistir a cenas legendadas em vídeos curtos¹⁰, como ocorre em filmes/séries televisivas.

Outra decisão metodológica importante diz respeito às situações interativas nas quais apareceriam os pronomes de 2SG. Para a seleção das cenas utilizadas, são levados em conta vários contextos situacionais de maior/menor formalidade e a presença de personagens que possuíssem maior/menor intimidade entre si.

O Quadro 1 elenca as situações e os tipos de interlocutores selecionados para o experimento. Na primeira linha, indicam-se os pronomes que foram inseridos nas legendas do experimento. Na segunda linha, constam as relações previstas e nas respectivas colunas o contexto da cena:

⁹ Trata-se de um método não-cronométrico, porque não se mede o tempo de reação ou resposta do participante (ver detalhes em Maia e Finger, 2005, p. 401).

¹⁰ Os participantes eram informados que não se tratava do diálogo original do filme ou da série. Eles sabiam que eram legendas inseridas em vídeos que foram criadas para o experimento.

Quadro 01. Situações comunicativas e tipos de interlocutores selecionados para o experimento

VOCÊ		TU	
Relações simétricas	Relações assimétricas	Relações simétricas	Relações assimétricas
(1) Grupo de amigos conversando em um bar	(1) Advogada e prisioneiro (cliente)	(1) Casal discutindo em apartamento	(1) Aeromoça e passageiro no avião
(2) Casal discutindo a relação na rua	(2) Médico e paciente no hospital	(2) Dois presidiários na cadeia	(2) Rapaz e menino em casa
(3) Casal de namorados jovens conversando	(3) Advogado e presidiário na cadeia	(3) Casal de namorados jovens na praia	(3) Reunião de negócios
(4) Diálogo entre marido e mulher no altar do casamento	(4) Cliente e funcionária numa lanchonete	(4) Diálogo entre amigos de trabalho no escritório	(4) Cliente e funcionária no caixa do supermercado
(5) Dois amigos conversando no trem	(5) Advogada e Juíza no tribunal	(5) Duas amigas em um bar	(5) Policial e motorista em Blitz

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4.1 Etapas de elaboração do experimento e previsões iniciais

A primeira etapa da elaboração do experimento consistiu em assistir diversos vídeos de filmes e seriados *on-line* no site do *YouTube* para selecionar as cenas que poderiam atender aos requisitos de simetria/assimetria e/ou proximidade/distância entre os personagens e de (in)formalidade da situação. Para o experimento-piloto realizado no Brasil (Rio de Janeiro), foram controladas as seguintes variáveis independentes: o pronome de 2SG em si (*tu* ou *você*) e o tipo de relação social (simétrica e assimétrica).

A etapa seguinte à seleção dos vídeos prevê os recortes e edição de cenas no computador. Na edição, o som do original é apagado, visto que mantê-lo poderia desconcentrar os participantes durante o experimento. Cada cena é preparada com um tempo de duração aproximado de 15 segundos para não gerar um desgaste excessivo nos participantes, o que pode comprometer os resultados.

A terceira etapa consiste na elaboração das legendas adicionadas aos fragmentos de cena. Para o experimento aplicado em Lisboa, foram feitas adaptações linguísticas sob a supervisão de um nativo do português europeu para que o estranhamento vocabular, contextual e cultural não interferisse na análise do objeto de estudo. Foram 30 cenas selecionadas para o primeiro modelo de experimento aplicado em Lisboa, 20 delas continham um pronome de 2SG (10 cenas com *tu* e 10 cenas com *você*). As formas de tratamento apareciam sempre na última legenda de cada cena (exibida na cor vermelha). As outras 10 eram cenas distratoras, inseridas com o intuito de despistar os participantes quanto ao fenômeno investigado. A diferença, no entanto, entre as cenas experimentais e

as distratoras é que nestas últimas não havia pronome de 2SG (embora, como nas outras, a última legenda também aparecesse sinalizada na cor vermelha).

Após a fase de edição e legendagem descritas, as cenas são reunidas e programadas no *Psyscope* (COHEN; MACWHINNEY; PROVOST, 1993)¹¹, software gratuito bastante utilizado em experimentos psicolinguísticos. Através desse programa, as cenas podem ser aleatorizadas, isto é, programadas de maneira que cada participante possa assistir às 30 cenas em ordens diferentes.

A aplicação do teste aos participantes tem duas fases e leva, em média, 12 minutos para a sua realização completa. A primeira fase consiste em um treinamento. Os participantes recebem as instruções para a realização do experimento e avaliam 4 cenas extras. Os indivíduos são instruídos a assistir atentamente aos fragmentos, uma vez que não seria possível paralisar a exibição do vídeo ou rever a mesma cena. Na segunda fase, o teste é iniciado. As cenas trazem cinco legendas apresentadas na cor branca, com a finalidade de criar um pequeno diálogo para a situação representada no vídeo assistido¹². A cena final apresenta uma legenda na cor vermelha. Ao final de cada vídeo¹³, o participante tem que avaliar a qualidade do texto da legenda de cor vermelha, atribuindo notas de 1 a 5. A orientação dada aos participantes era a de que as notas seriam dadas em função de eles considerarem os usos linguísticos da legenda possíveis e/ou comuns em sua variedade ou dialeto. Essa avaliação é medida através da escala numérica de 5 pontos (escala *Likert*). Os participantes são orientados, assim, a atribuir Nota 1 (a mais baixa) para as legendas consideradas muito ruins ou inadequadas em relação à cena assistida no vídeo. A Nota 5 (a mais alta) é atribuída às legendas consideradas muito boas ou adequadas em relação à cena. As Notas 2, 3 e 4 são intervalares entre os extremos da escala. As notas são acionadas no teclado numérico do MacBook Pro, através do qual os participantes também controlam o início de cada nova cena, clicando na barra de espaços. Além de registrar automaticamente as notas atribuídas pelos participantes, o *Psyscope* (COHEN; MACWHINNEY; PROVOST, 1993) marca também o tempo que cada um deles levou para emitir sua nota, mas esse aspecto não foi usado por ora em nosso estudo.

Foi feito ainda um controle do perfil dos participantes (fatores extralinguísticos como o gênero, faixa etária e localidade de nascimento) a partir de uma ficha de identificação preenchida pelos participantes ao final do teste.

¹¹ Agradecemos ao Professor Doutor Eduardo Kenedy, da Universidade Federal Fluminense, pelo precioso auxílio nesta etapa de programação do experimento.

¹² Em anexo, apresentamos o texto completo das cenas com as frases experimentais.

¹³ A figura 2, em 5.2, apresenta o *print* completo de um dos diálogos usados no experimento para que se tenha ideia de como o experimento foi feito.

No teste realizado em Lisboa, tivemos quatro condições experimentais: *tu-simétrico*, *tu-assimétrico*, *você-simétrico*, *você-assimétrico*. Para cada condição foram propostos cinco padrões frasais distintos: (1) construções de tópico-comentário: **Você**, *inocente? Todos os presos dizem o mesmo*; (2) construções de elipse, sejam coordenadas sejam estruturas comparativas; *Sou tão culpado do crime quanto você* (~~é~~); (3) construção em que o pronome aparece dentro do sintagma nominal, com adjunto: *E [os rapazes, inclusive você,] SUJ levaram com a culpa*; (4) construções com sujeito pleno focalizado: *Foi você mesmo que nos disse*; (5) construções com sujeito nulo: ... é impossível, ___ só pode estar louca!

A previsão inicial era a de que os portugueses de Lisboa apresentariam um resultado bastante diferente do que fora observado no teste aplicado no Rio de Janeiro (Brasil): alto grau de aceitabilidade do uso de *tu* (como sujeito nulo) na maior parte das interações propostas e avaliação negativa quanto ao emprego de *você*: notas altas (entre 4 e 5) para *tu* e notas baixas para *você* (entre 1 e 2).

4.2 Participantes

O experimento foi aplicado a 35 indivíduos portugueses, mas um teste teve que ser descartado, porque o participante deu notas máximas para todos os itens experimentais, inclusive para os distratores ruins. Assim, contabilizamos 34 julgamentos, aplicados a 15 de estudantes, 14 de investigadores e 05 de professores da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova. Além da diferença em termos de categoria profissional, controlamos também outras variáveis grupais: o nível de escolaridade dos participantes, o gênero, a faixa etária e o local de nascimento. Participaram do teste 09 Doutores, 10 Mestres e 15 Licenciados. Em termos da distribuição por faixa etária e gênero, temos mais informações no quadro 2.

Quadro 02. Número de participantes que realizaram o experimento:
outras variáveis grupais controladas

Faixa etária	Idades	Nº participantes		Total
		Fem.	Masc.	
1	15 a 24 anos	10	4	14
2	25 a 34 anos	6	2	8
3	35 a 44 anos	4	2	6
4	Acima de 45 anos	5	1	6
	Total	25	9	34

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Todos os participantes vivem em Lisboa, mas são nascidos em localidades distintas, o que dá certa representatividade ao teste. Da área Setentrional tivemos cinco participantes: Chaves (1), Guarda (1), Seia (1), Porto (1) e Coimbra (2). Indo em direção ao centro-meridional, tivemos: Nazaré (1) e Ericeira (1). Oriundos de Lisboa foram 14 participantes, além de 02 de Torres Vedras. Mais do centro interior e do Sul, foram: Setúbal (1), Porto Alegre (1), Campo Maior (1), Évora (1), Beja (2), Faro (Portimão) (1). Ainda houve um participante de origem açoriana e dois oriundos de Angola. O mapa 1 ilustra a diversidade de origem dos participantes.

Mapa 1. Origem dos participantes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram organizados em uma planilha do *Excel* com as notas dos julgamentos dos participantes, as frases experimentais e outras informações do teste. Além de tabelas dinâmicas fornecidas pelo *Excel*, realizamos, a partir do Programa R, testes de significância estatística como o *WILCOXON*: método não paramétrico de comparação de médias e variância de duas amostras pareadas para confronto das diferenças das notas. O teste indica a significância das diferenças comportamentais apresentadas com base no *p-valor*. São consideradas estatisticamente significativas aquelas em que o *p-valor* é menor que 0,05 ($p < 0,05$) e não significativas quando o *p-valor* é maior do que 0,05 ($p > 0,05$). A significância indica se a diferença observada é ou não aleatória, isto é, se aconteceu ou não ao acaso. Serão apresentadas as variáveis estatisticamente relevantes (relação social e tipo de frase). Teceremos comentários sobre a faixa etária, embora essa última não tenha apresentado relevância estatística.

No total foram obtidos 680 julgamentos a partir das notas atribuídas pelos 34 participantes às 20 legendas do experimento: 340 avaliações para *tu* e 340 para *você*.

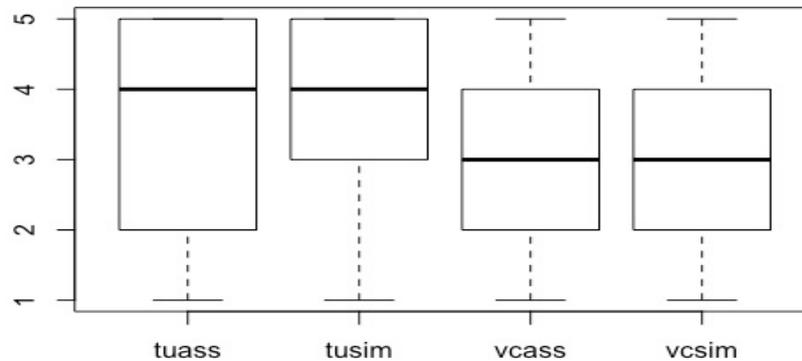
Como mencionado, a hipótese era a de que o tipo de relação (simétrica ou assimétrica) detectada na cena influenciaria no julgamento das legendas feito pelos participantes. Para o PE, representado por participantes de Lisboa, o pronome *tu* teria julgamento mais positivo¹⁴ nas cenas com dois tipos de relação, preferencialmente nos contextos de simetria entre os personagens envolvidos nas cenas vistas. A forma *você* teria julgamento mais negativo, ou seja, as notas seriam menores que 3 (cf. GUILHERMO; BERMEJO, 2015, entre outros).

Os resultados gerais estão no gráfico de caixas 01 (*boxplot*) que apresenta a concentração das notas atribuídas pelos participantes à forma *tu* ou *você* em função do tipo de relação. Os *boxes* representam a concentração das notas a partir da escala de 1 a 5. As linhas em negrito (mais densas) correspondem às medianas e indicam a tendência central das notas atribuídas¹⁵. Os tracejados, por seu turno, sinalizam apenas a dispersão das notas pela escala. Assim, pela ordem, o primeiro *box* representa a concentração das notas do pronome *tu* em legendas com cenas de relações assimétricas (= *tuass*), o segundo, as notas de *tu*-simétrico (*tusim*) e assim por diante (*você*-assimétrico = *vcass* e *você*-simétrico = *vcsim*):

¹⁴ Estamos chamando de positivo e negativo tendo em vista a escala Likert.

¹⁵ Na escala proposta de 1 a 5, se a mediana for 4 ou 5, isso significa que a condição teve uma avaliação positiva, ao passo que se a mediana for 1 ou 2, a condição em análise teve avaliação negativa. Medianas próximas de 3 sinalizam que o julgamento ficou em um ponto neutro.

Gráfico 1: Julgamento dos participantes de Lisboa para as formas de 2SG em função do tipo de relação:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O gráfico 1 confirmou nossa hipótese sobre o PE sobre a avaliação mais positiva para *tu* em relação ao pronome *você*. As legendas com o pronome *tu* foram as mais bem julgadas no experimento com mediana 4 nas cenas dos dois tipos de relação. Percebe-se, porém, que as caixas (*boxes*) para a avaliação da forma *tu* são diferentes: para *tu-simétrico* as notas se concentram entre 3 e 5, para *tu-assimétrico*, por sua vez, as notas estão distribuídas entre 2 e 5. Isso significa que o pronome *tu* foi mais bem avaliado nas cenas de relações simétricas do que nas assimétricas. Nessas últimas, recebeu um julgamento mais disperso em termos da escala de notas. Os julgamentos do pronome *você*, por outro lado, considerando os dois tipos de relação, são bastante equivalentes e se concentram entre os pontos 2 e 4 da escala com mediana 3 (julgamento mais neutro) nos dois tipos de relação.

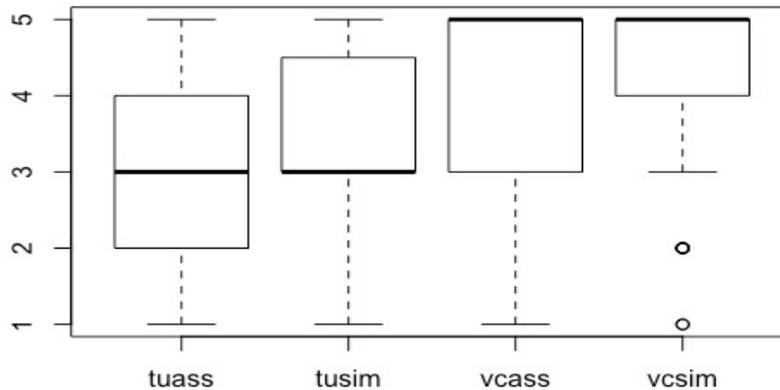
Em termos de relevância estatística, o teste *Wilcoxon*¹⁶ demonstrou que o resultado não foi aleatório, uma vez que o *p-valor* foi menor que 0,05 para as legendas com *tu* e com *você*. No teste realizado a partir do Programa R analisamos as notas atribuídas por tipo de relação com os dados de *tu* e *você* separadamente. Nos dois casos o teste estatístico indicou diferenças significativas ($p < 0,05$): para *tu-simétrico vs. tu-assimétrico* o *p-valor* foi de 0.0002007 e para *você-simétrico vs. você-assimétrico* foi de 0.002265. Confirmamos assim que o tipo de relação interferiu no julgamento das formas de 2SG no experimento realizado em Lisboa.

Antes de analisar outros aspectos que podem ter influenciado nesse resultado do experimento feito em Lisboa, vejamos o gráfico 2 do experimento realizado no Rio de

¹⁶ A fórmula do programa R utilizada foi: *wilcox.test* (NOTA ~ Relação) com os dados de *tu* e com os de *você* separadamente. Estamos chamando de “Relação” a oposição entre contextos simétricos *vs.* assimétricos.

Janeiro. É possível observar que há padrões bem nítidos de comportamento diferenciando a *reação/avaliação* dos participantes de origem portuguesa e brasileira para as formas *tu* e *você* das legendas analisadas:

Gráfico 2: Julgamento dos participantes do Rio de Janeiro para as formas de 2SG em função do tipo de relação:



Fonte: Adaptado de Lopes, Oliveira e Carvalho (2016, p. 126)

Se observarmos os resultados do experimento realizado no Rio de Janeiro ilustrado no gráfico 2, é possível perceber que os gráficos 1 e 2 apresentam um comportamento inversamente proporcional. No Rio de Janeiro, diferentemente do que ocorreu em Lisboa, foi o pronome *você*, e não *tu*, que teve uma boa avaliação em relação a *tu*. As medianas estão no topo da escala (nota 5) nos 2 tipos de relação para as legendas com *você*. O pronome *tu* apresentou uma mediana de 3 também nos dois tipos de relação. Os dados de *tu-simétrico* apresentaram uma dispersão das notas em direção à nota 4, enquanto o *tu-assimétrico* teve notas entre 2 e 4. A forma *você* nos dois tipos de relação obteve sempre notas altas no PB: acima de 3 nas cenas de relação assimétrica e entre 4 e 5 nas de simétrica.

Comparando os gráficos 1 e 2, percebemos padrões visuais bastante semelhantes se forem observados como uma *proporção inversa*: os resultados do experimento legendado para *tu* no PE (gráfico 1) correspondem ao que fora observado para *você* no PB (gráfico 2), da mesma forma que os resultados de *você* no PE correspondem aos resultados de *tu* no PB. Quer isso dizer que a aceitação pelos falantes do PE e do PB (representados respectivamente por Lisboa e Rio de Janeiro) das formas variantes de segunda pessoa é, por assim dizer, oposta ou contrária. Enquanto a forma *tu* é bem avaliada com notas altas no PE nas relações simétricas e assimétricas, no Brasil (em particular, entre os falantes do Rio de Janeiro), foi a forma *você* que obteve as notas mais altas.

Na próxima seção, comentaremos brevemente os resultados relativos ao fator etário

(sem significância estatística) e, na sequência, analisaremos os padrões de frases com a análise das frequências e do p-valor.

5.1 A atuação do fator etário

Como mencionado anteriormente, procurou-se estabelecer uma distribuição por quatro faixas-etárias com nove anos de diferença entre elas: F1 (de 15 a 24 anos), F2 (de 25 a 34 anos), F3 (de 35 a 44 anos) e F4 (mais de 45 anos). A distribuição por gênero não foi equilibrada, pois conseguimos mais mulheres do que homens para realizar o teste. A nossa hipótese era a de que os mais jovens apresentariam uma avaliação mais positiva para *você* nas relações assimétricas como defendem Nascimento, Mendes, Duarte (2018, p. 261).

Os gráficos de 3 a 6 confrontam os resultados tendo em vista o tipo de relação (simétrica e assimétrica) e a forma empregada no experimento por faixa etária. As colunas dos gráficos correspondem às faixas etárias (de F1 a F4) e as notas são indicadas por diferentes cores em cada coluna com os percentuais para os quatro grupos etários:

Gráfico 3. Frequências das notas dadas a *tu-simétrico* por faixa etária (Lisboa)

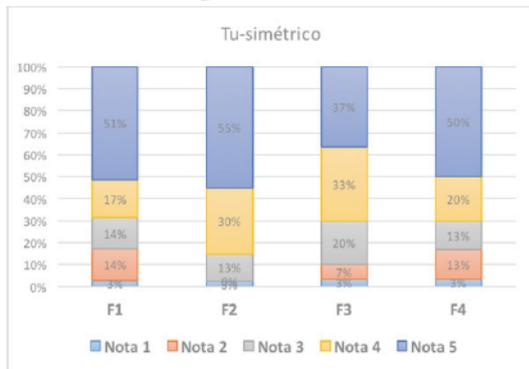


Gráfico 4. Frequências das notas dadas a *você-simétrico* por faixa etária (Lisboa)

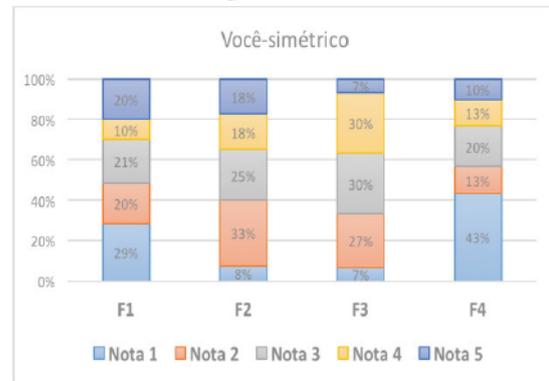


Gráfico 5. Frequências das notas dadas a *tu-assimétrico* por faixa etária (Lisboa)

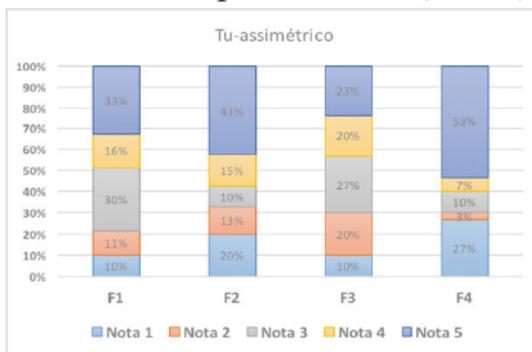
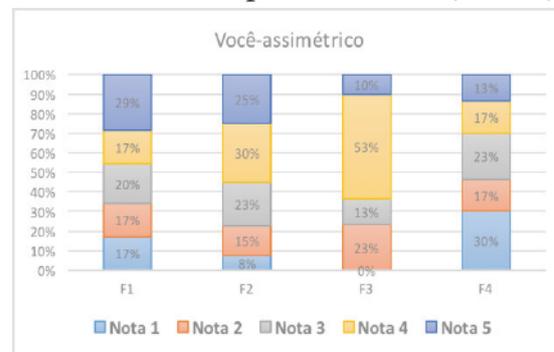


Gráfico 6. Frequências das notas dadas a *você-assimétrico* por faixa etária (Lisboa)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao observar as notas atribuídas ao tratamento *tu* (gráficos 3 e 5), nota-se que não houve discrepâncias entre os participantes de diferentes idades, pois a maioria reagiu positivamente ao seu emprego atribuindo a nota mais alta nos dois contextos: entre 40 e 50% para a nota 5. Houve, entretanto, um grupo que destoou ligeiramente dos demais. Trata-se dos participantes da faixa 3 que são os que têm entre 35 e 44 anos de idade. Diferentemente dos demais, estes participantes, por assim dizer adultos, tiveram um comportamento mais oscilante, particularmente, com as cenas de *tu*-assimétrico. Neste contexto, os percentuais apresentam-se com valores próximos de 20% para as notas de 2 a 5, o que demonstra algum tipo de estranhamento quanto às cenas avaliadas. Outro resultado curioso do gráfico 5 (*tu*-assimétrico) é a alta aceitação de *tu* na faixa etária mais velha (F4 com 53% de nota máxima).

A rejeição ao tratamento *você*, como vimos, foi bastante relevante em termos gerais e se confirma em todas as faixas etárias (gráficos 4 e 6). Há, entretanto, alguma irregularidade nas notas por faixa etária que pode sinalizar para uma mudança de comportamento da comunidade. Se observarmos a diferença entre as notas extremas (1 como pior avaliação e 5 como melhor avaliação da cena), nota-se que as faixas etárias também extremas da escala (os mais jovens contra os mais velhos) apresentaram um comportamento um tanto diverso. Aparentemente os mais jovens rejeitaram menos *você* se comparados aos mais velhos nos dois contextos. No gráfico 4 do *você*-simétrico, em termos comparativos, os mais jovens reagiram de maneira menos negativa a *você* do que mais velhos se forem observadas as notas mais altas e mais baixas dos dois grupos: 20% dos mais jovens atribuíram nota máxima (5) contra 10% dos mais velhos e estes mesmos jovens atribuíram 29% contra 43% dos mais velhos para a nota mais baixa (1). Aparentemente os mais velhos rejeitaram muito *você*, ao passo que os mais jovens, nem tanto assim.

Nas relações assimétricas (gráfico 6), deu-se o mesmo. Os mais jovens aceitaram mais do que os mais velhos (29% contra 13% para nota 5) e rejeitaram menos (17% contra 30% para nota 1).

Embora seja prematuro atribuímos uma mudança de comportamento por conta de não termos ainda resultados substanciais, os resultados do experimento parecem nos dar alguns indícios que a geração mais nova dos lisboetas não reage tão mal ao emprego de *você* quanto as gerações de pessoas mais velhas.

5.2 As estruturas linguísticas: os cinco padrões postulados para *tu* e *você*

Com o intuito de observar mais claramente a reação do participante à forma em si, foram propostas estruturas linguísticas que (a) efetivamente favorecessem a presença ex-

plícita de *você* e *tu* em contextos de variação e (b) claramente estabelecessem uma distinção entre sujeito nulo e pleno. Tal perspectiva foi adotada não só porque o PE, ao contrário do PB, é uma língua de sujeito nulo, mas também para que o experimento (i) permitisse identificar ora o julgamento da forma explícita (*tu* ou *você*) ora o julgamento das formas verbais associadas a eles, uma vez que, por hipótese, a desinência verbal de terceira pessoa (ou desinência zero) não teria necessariamente o valor negativo presente em *você*; (ii) possibilitasse nova a aplicação do teste com os falantes do PB que na maioria das localidades não realizam a concordância canônica de 2ª pessoa entre *tu* e o verbo em estruturas como: *tu fazes/fizeste*, etc. Para este último ponto, cabe ressaltar que tanto a presença quanto a ausência da desinência verbal de 2ª pessoa do singular poderia causar estranhamento aos falantes do PB. No primeiro caso, a presença das marcas desinenciais de 2SG (*tu fazes*) tem taxas de uso bastante baixas na maioria das localidades em que se usa *tu*, além do fato de existirem marcas locais próprias e bem pontuais¹⁷. No segundo caso, ou seja, a falta da desinência de 2ª pessoa ou a falta da concordância canônica nas legendas também poderia causar reação negativa dos participantes pelo fato de se tratar de um texto escrito (mesmo que seja uma legenda de um vídeo). A ausência da concordância verbal convencional é um fenômeno linguístico ainda estereotipado socialmente no PB e, em função desse aspecto, não se teria como avaliar se o julgamento do participante estaria centrado na forma pronominal (*tu*) ou na forma do verbo (*fazes/faz*). Assim, por motivos diferentes, procurou-se controlar também no experimento ora o foco no pronome ora o foco no verbo, como será mostrado adiante.

Foram então previstos os seguintes padrões sintáticos para cada condição experimental, privilegiando a presença das formas variantes *tu* e *você* na posição de sujeito, ou não, em alguns padrões postulados. Seguem os padrões sintáticos e as frases de cada estrutura postulada com o código¹⁸ do dado experimental ao lado do exemplo:

Padrão 1: Construções de tópico-comentário com uma das formas variantes, como pronomes fortes, em posição de tópico:

Tu, doente da garganta? Que tolice! (**tuass04**)

Tu... A Rita não está a sair com o chefe por amor. (**tusim04**)

Você, inocente? Todos os presos dizem o mesmo. (**vcass01**)

Você, ao meu lado... para sempre. (**vcsim04**)

¹⁷ Em Pernambuco e em outras localidades brasileiras, por exemplo, pode ocorrer uma forma alternativa para a desinência de 2ª pessoa no pretérito perfeito: *Tu fosse ao cinema ontem* (no lugar de *Tu foste ao cinema ontem*), como mostraram Scherre et al (2015), mas tal variante também é pouco produtiva e reconhecida como marca local.

¹⁸ Os dados codificados constam do anexo 1. O código de cada dado indica se é um item experimental *tu* ou *você* (*vc*), seguido pelo tipo de relação (assimétrico abreviado como *ass* e simétrico como *sim*) e por fim, o número do item experimental.

Padrão 2: Construções de elipse, sejam coordenadas sejam estruturas comparativas em ambos os casos com verbo elíptico:

Nós somos honestos... mas *tu* não ~~(és)~~. (**tuassim03**)

Assim, ficarei tão feliz quanto *tu* ~~(ficarás)~~. (**tusim03**)

Sou tão culpado do crime quanto *você* ~~(é)~~. (**vcass03**)

Não sou doente como *você* ~~(é)~~. (**vcsim02**)

Padrão 3: Construção em que o pronome aparece dentro do sintagma nominal, com adjunto, mas não tem nenhuma relação sintática com o verbo:

[Nem *tu*, nem ninguém]SUJ pode mudar de lugar agora. (**tuass01**)

[Ninguém, nem *tu*,] SUJ vai conseguir casar com ele. (**tusim05**)

A sua mãe, o seu pai e até *você*, todos morreremos um dia. (**vcass02**)

E [os rapazes, inclusive *você*,] SUJ levaram com a culpa. (**vcsim05**)

Padrão 4: Construções com sujeito pleno em que o pronome aparece focalizado com operadores:

E *tu mesma* podes guardar-me as compras. (**tuass04**)

Nem tu sabes do que sou capaz! (**tusim02**)

Só *você* para achar que acreditei nessa história. (**vcass05**)

Foi *você mesmo* que nos disse. (**vcsim01**)

Padrão 5: Construções com sujeito nulo:

Por acaso, *sabes* quem sou eu? (**tuass05**)

Volta aqui! *Vais-te* arrepender! (**tusim01**)

... é impossível, só *pode* estar louca! (**vcass04**)

Sabe que eu tenho que estudar. Tem que perceber isso! (**vcsim03**)

Os resultados estão indicados nos gráficos 7-10. Os valores percentuais das notas dadas a cada padrão estão no eixo *x* e os padrões estão indicados por diferentes cores nas legendas.

Gráfico 7. Frequências das notas dadas a *tu-simétrico* por padrão estrutural (Lisboa)

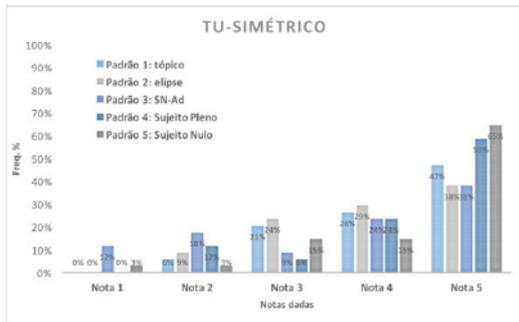


Gráfico 8. Frequências das notas dadas a *você-simétrico* por padrão estrutural (Lisboa)

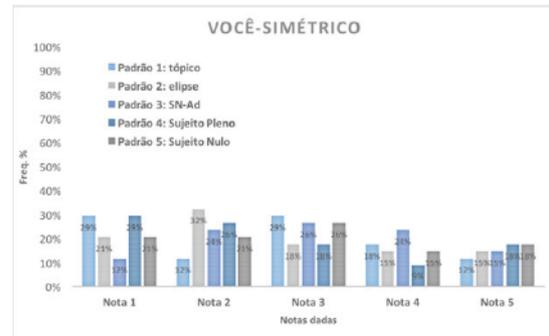


Gráfico 9. Frequências das notas dadas a *tu-assimétrico* por padrão estrutural (Lisboa)

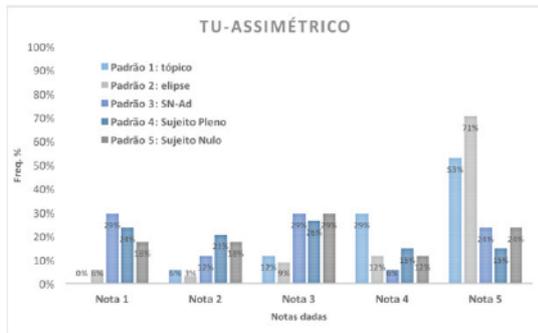
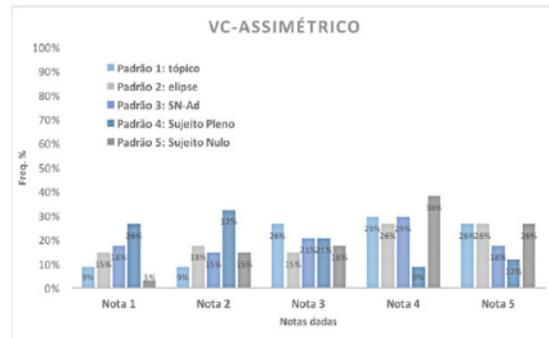


Gráfico 10. Frequências das notas dadas a *você-assimétrico* por padrão estrutural (Lisboa)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os resultados apresentados nos gráficos de 7 a 10 são mais complexos, mas há aspectos bastante regulares que podem levar a certas generalizações. Aparentemente, nas relações simétricas (gráficos 7 e 8), os padrões sintáticos não interferiram sobremaneira nos resultados, uma vez que nos contextos previstos como *tu-simétrico* (gráfico 7) todos os padrões sintáticos postulados apresentaram índices altos de frequência regulares e semelhantes para a *nota máxima* (5). Houve, entretanto, uma leve rejeição para os padrões 2 e 3.

Para o *você-simétrico* (gráfico 8), o comportamento observado também foi bem equivalente, só que agora com *notas baixas* em todos os padrões sintáticos previstos. No gráfico 8, observa-se que os índices de frequência ficam em torno dos 20% nas notas mais baixas da escala (de 1 a 3), ou seja, a forma *você* foi rejeitada em tal contexto independentemente das estruturas em que ocorria.

Nos contextos considerados como *assimétricos* (gráficos 9 e 10), os padrões sintáticos previstos geraram resultados um tanto discrepantes entre os participantes portugueses, não necessariamente influenciados pela estrutura em si, mas talvez pelo contexto da relação. Uma análise mais detalhada dos dados submetidos ao julgamento dos participantes pode elucidar os aspectos que interferiram nesses resultados.

As frases para *tu-assimétrico* tiveram notas bem altas (acima de 50%) para os padrões 1 (tópico) e 2 (elipse do verbo), exemplificado em (10) e (11), mas houve incerteza para os padrões 3, 4 (sujeito pleno focalizado) e 5 (sujeito nulo), ilustrados de (12) a (14), que apresentaram frequências em torno de 20% para as notas 3 e até mesmo nota 1:

- (10) *Tu*, doente da garganta? Que tolice!
- (11) Nós somos honestos... mas *tu* não.
- (12) Nem *tu*, nem ninguém pode mudar de lugar agora.
- (13) E *tu mesma* podes guardar-me as compras.
- (14) Por acaso, *sabes* quem sou eu?

Acreditamos que a divergência possa estar associada mais ao contexto de uso do pronome na legenda do que à estrutura em si. Vejamos a análise desses dados experimentais (10-14):

Em (10), o diálogo é travado entre um adulto e uma criança em uma relação assimétrica em termos etários, mas de forte proximidade no que se refere ao contato, vivências comuns, compromisso afetivo, etc. Trata-se de um adulto que está oferecendo um gelado (sorvete no PB) a um menino dentro de uma casa. Tal contexto favorece o emprego de *tu*. Em (15), temos as legendas completas da cena e na figura 02:

- (15) Adulto: E aí, miúdo! Que tal um gelado?
Adulto: Está uma delícia!
Adulto: Tenho aqui mais um!
Garoto: Não, obrigado! Tenho medo de ficar doente da garganta.
Adulto: Ora!
Adulto: *Tu, doente da garganta? Que tolice!*

Figura 02. Sequência das cenas relativas a um *tu-assimétrico* com um dado experimental de padrão 1 (construções de tópico-comentário)



Fonte: Cenas recortadas do *YouTube* para montagem do experimento.

O dado experimental (11), reproduzido de maneira completa dentro da cena, em (16), está inserido em um diálogo estabelecido entre dois homens numa interação profissional em uma sala reservada, aparentemente um escritório. Visualmente na cena há uma relação transacional, segundo Briz (2004, p. 80), pois o papel funcional dos interactantes está mais sujeito a convenções sociais. A natureza da conversa, uma espécie de negociata financeira, acaba por dar, entretanto, um caráter de proximidade ou cumplicidade entre os interactantes em termos da identidade de grupo, marcada até mesmo pela repreenda que ocorre no diálogo. Consideramos que também neste caso temos um contexto propício ao emprego de *tu*:

(16) Homem 1: O que foi decidido na reunião?

Homem 2: Os empresários querem trinta mil. Ofereci-lhes vinte mil. Prometi pagar o restante depois. Desconfiaram... garanti-lhes que somos honestos.

Homem 1: *Nós somos honestos... mas tu não.*

Diferentemente dos dois casos anteriores, a frase do *padrão* 3, ilustrada em (12), gerou certa insegurança e rejeição entre os participantes portugueses. Neste caso, tanto o contexto quanto a estrutura podem ter atuado simultaneamente na sua rejeição observada entre os participantes do julgamento. Na cena completa, reproduzida, em (17), a forma *tu* ocorre em uma conversa de uma comissária de bordo com um passageiro. Diferentemente dos contextos anteriores, todos os parâmetros são de distância comunicativa que é desfavorecedora do tratamento *tu* em uma situação assimétrica prototípica: [- proximidade], [- vivências comuns], [- compromisso afetivo], [- identidade grupal], etc.

(17) Aeromoça: Há algum problema com a cadeira?

Passageiro: Não gostei deste lugar. Quero trocar.

Aeromoça: Não é permitido mudar os passageiros de lugar.

Passageiro: Mas há cadeiras livres.

Aeromoça: Regras são regras.

Aeromoça: *Nem tu, nem ninguém pode mudar de lugar agora.*

Os dados experimentais (13) *E tu mesma podes guardar-me as compras* e (14) *Por acaso, sabes quem sou eu?* podem ter sido rejeitados por estarem associados a um contexto marcadamente assimétrico que é desfavorecedor de *tu*. Em (13), tem-se uma ordem inusitada de uma cliente a uma funcionária de uma loja e, em (14), um motorista se dirige rispidamente à abordagem policial.

Em suma, como quisemos mostrar analisando o contexto de uso de cada cena, consideramos que a divergência entre as notas atribuídas aos dados experimentais de *tu-assimétrico* estão mais associadas ao tipo de relação do que propriamente ao padrão estrutural em si.

No caso das frases com *você-assimétrico*, o padrão estrutural pode ter tido maior atuação nos resultados. No geral, as frequências foram oscilantes em todas as notas, mas identificam-se frequências um pouco mais altas para o *padrão* 5 do sujeito nulo (nota 4

com 38% e 5 com 26%) e forte rejeição para o *padrão 4* do sujeito pleno focalizado (nota 1 e 2, respectivamente com, 26% 32%). Embora seja um experimento piloto, os resultados confirmaram as hipóteses de outros trabalhos sobre o valor negativo do tratamento *você* no português europeu, além da não-associação obrigatória entre *você* e a forma verbal na terceira pessoa: no PE o sujeito nulo de 3ª pessoa não é negativamente marcado e não necessariamente relacionado ao tratamento *você* por conta do uso de formas nominais ou prenomes para o tratamento da segunda pessoa, como, *A menina/Fulana quer café?* (cf. LEŠKOVÁ, 2012; GUILHERMO; BERMEJO, 2015).

Pelo fato do PE ser uma língua de sujeito nulo, diferentemente do PB, que tende a preencher o sujeito¹⁹, resolvemos analisar a reação dos participantes tendo em vista os dados de sujeito pleno focalizado e nulo (padrões 4 e 5), principalmente para *você*, observando as diferenças de perfis sociais dos participantes. Cabe lembrar que, nas frases com sujeito expresso, os pronomes (*tu* ou *você*) aparecem sempre focalizados com operadores para que a rejeição à construção fosse menor (o que não necessariamente surtiu efeito como veremos).

5.3 Sujeito nulo vs. sujeito focalizado: diferenças estatísticas

Nos gráficos 11 e 12 a seguir computamos apenas os dados experimentais dos padrões 4 e 5 (sujeito nulo e sujeito focalizado) por forma de 2SG em cada tipo de relação. Embora o número de dados seja mais reduzido, os gráficos confirmam nossas previsões iniciais:

Gráfico 11: Distribuição das notas atribuídas às frases do **padrão 4 (sujeito focalizado)** em Lisboa

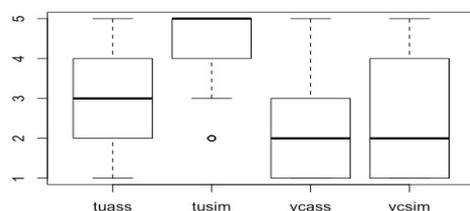
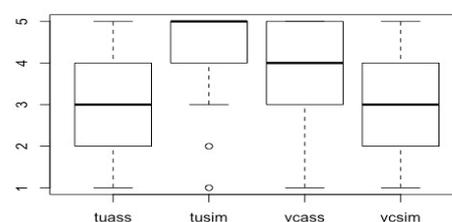


Gráfico 12: Distribuição das notas atribuídas às frases do **padrão 5 (sujeito nulo)** em Lisboa



Fonte: Elaborado pelas autoras.

¹⁹ Para maiores detalhes, ver Duarte (2018) entre outros trabalhos que discutem o PB como língua de sujeito nulo *parcial*.

No gráfico 11 que representa os julgamentos das frases com sujeito focalizado, vemos uma diferença entre os resultados relativos a *tu* e a *você*. No primeiro caso, a mediana para as legendas que traziam *tu* em cenas de relação simétrica atingiu o ponto máximo da escala 5, enquanto nas cenas com assimetria as legendas de *tu* obtiveram um julgamento mais neutro (mediana 3). Os julgamentos para *você* nos dois contextos atingem medianas bem mais baixas (mediana 2). O gráfico 12 referente aos julgamentos de frases de sujeito nulo apresenta um resultado idêntico para as legendas com *tu* se comparado com o gráfico 11. Entretanto, os julgamentos para *você* são completamente diferentes e mostram medianas bem mais altas, principalmente, para as cenas de assimetria (mediana 4).

Assim, nota-se que não houve diferença entre os julgamentos para as legendas com *tu* seja em frases com sujeito nulo e sujeito pleno focalizado, mas os julgamentos para *você* foram distintos: rejeição em frases de sujeito focalizado e aprovação em frases de sujeito nulo. A análise estatística feita com o teste *Wilcoxon*²⁰ confirmam que essas diferenças são significativas para *você* (p-valor = 0.001194) e não para *tu* (p-valor = 0.4375) nas frases nulas e plenas.

Enquanto no gráfico 1, com todos os julgamentos das frases, as medianas para as legendas com *você* eram neutras (mediana 3) em cenas com simetria e assimetria, os gráficos relativos aos sujeitos focalizados e nulos mostraram que a aceitação do sujeito nulo foi bem maior do que a do sujeito focalizado para *você* nas duas relações. O *você-nulo*, ou melhor dizendo, a forma verbal na terceira pessoa do singular é mais bem avaliada nas relações assimétricas do que nas simétricas com médias que atingem o ponto máximo da escala. A forma plena do pronome *você*, entretanto, desencadeia outro tipo de reação entre os participantes, uma vez que as médias baixas configuram rejeição a legendas com *você* nas frases de sujeito focalizado.

Mesmo que ainda não sejam conclusivos, os experimentos reiteram, de certa forma, (1) uma rejeição ao emprego explícito de *você* para a segunda pessoa no PE; (2) o emprego do verbo na terceira pessoa sem sujeito preenchido não é necessariamente interpretado como “tratar alguém por *você*”. Por tal razão, consideramos que, a variante *sujeito nulo + verbo na 3ª pessoa* não é negativamente marcado e não é uma correlata da variante *você + verbo* no PE; (3) a forma verbal na terceira pessoa é uma estratégia bem aceita nas relações assimétricas; (4) a forma *tu* (como sujeito nulo ou focalizado) é bem avaliada nas relações simétricas.

²⁰ wilcox.test (NOTA ~ ESTRUTURA-pleno-nulo)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares obtidos a partir dos experimentos realizados em Lisboa dialogam com nossas hipóteses e previsões iniciais e apontam para novos caminhos de investigação:

a) a forma *tu* apresentou julgamentos mais positivos dos participantes nos dois tipos de relação com médias mais altas nas relações simétricas;

b) a forma *você*, diferentemente do que ocorre, em geral, no Brasil, teve um julgamento *negativo* (média 3 ou abaixo de 3) nas cenas de diferentes relações interpessoais (simétricas, assimétricas), entre os falantes portugueses que participaram do experimento. Em termos comparativos, as avaliações foram levemente mais *positivas* (acima de 3) para cenas com relações assimétricas e entre os participantes mais jovens;

c) existe uma diferença quanto ao julgamento das formas de tratamento verbo-pronominais: verbo na segunda pessoa (2SG), verbo na terceira pessoa (3SG) e *você* (sujeito pleno) no português europeu;

d) aparentemente, a forma verbal de 3SG não seria correlata da variante *você*, pois apresenta aceitação positiva nas relações assimétricas, o que não ocorre necessariamente com o *você* explícito, como observado na comparação entre as frases do padrão 4 (sujeito focalizado) e 5 (sujeito nulo) analisadas estatisticamente com o teste *Wilconx* realizado no Programa R;

e) a análise da percepção/avaliação dos usos linguísticos pelo viés experimental, ainda que seja uma proposta piloto, mostrou-se frutífera, reiterando que uma perspectiva mais integrativa entre diferentes correntes teóricas pode auxiliar a sociolinguística no que concerne à questão da atuação do *problema de avaliação* nos processos de mudança linguística.

REFERÊNCIAS

BALSALOBRE, S. R. G. *Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127872>. Acesso em: ?

BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada em la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural* – Estudios sobre el discurso de cortesía em español. Barcelona: Ariel, 2004, p. 67-93.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. SEBOOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge; Massachusetts: The MIT Press, 1960.

CARREIRA, M. H. A. *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais*. 1995. Tese (Doutorado), Universidade de Paris IV, Sorbonne, 1995.

CARREIRA, M. H. A. *Semântica e discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora, 2001.

CARREIRA, M. H. A. *La designation de l'autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. Instabilités linguistiques dans les langues romanes*. Travaux et Documents, n. 16, p. 173-184, 2002.

CARREIRA, M. H. A. *Les formes d'allocation du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs*. Franco-British Studies, p. 35-45, 2004. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf. Acesso em: 02 fev. 2008.

COHEN J.D.; MACWHINNEY B./ FLATT M.; PROVOST J. PsyScope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments, and Computers*, 25(2), 257-271, 1993.

CINTRA, L. F. L. *Sobre « formas de tratamento » na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

DERWING, B. L. & DE ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.). *Processamento da Linguagem*. Pelotas: Educat, 2005, p. 401-442.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no português brasileiro. In: CYRINO, S.; MORAIS, Maria A. Torres. *História do Português Brasileiro: mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, I. M.. Formas de tratamento em português: Entre léxico e discurso. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.18 (28): 84-104, jan./jun. 2011.

FARIA, R. F. N. *O Fenómeno da Delicadeza Linguística em Português e em Inglês*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Sociais Humanas, UCP, 2009.

GUILHERME, A. R. B.; BERMEJO, V.L.. Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em Português Europeu. *Labor-Histórico*, Rio de Janeiro, 1 (2): 167-180, jul.-dez, 2015.

GYULAI, É. V. G. *Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira*. 2011. Dissertação (Mestrado), Universidade do Porto, 2011.

HAMMERMÜLLER, G. *Die Anrede im Portugiesischen. Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anderkonventionen und Portugiesischen*. 46 (L'adresse en portugais. Une recherche sociolinguistique des conventions et des formes d'adresse du portugais européen contemporain. Uma análise sobre a complexidade de sistema das formas de tratamento em Português – tradução de Carreira). Tese (Doutorado), Universidade de Kiel, 1993.

- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LEŠKOVÁ, Jana. *As formas de tratamento em Português Europeu*. Olomouc. Diplomová práce (Mgr.). UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI. Filozofická fakulta, 2012.
- LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Orgs.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.
- LOPES, C. R. dos Santos; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você - sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística*, Madrid, v.25, p.30 –65, 2011.
- LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; SANTOS, V. M., SILVA, A. S. *Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca*. In: *Neue Romania* des Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin, v.39, 2009, p.49-66.
- LOPES, C. R. dos S.; SANTOS, V. M. Variation of 2nd person pronouns in Rio de Janeiro/ Brazil: Social stratification in large cities. Paper presented at Sociolinguistics Symposium 19 *Language and city*, Freie Universität Berlin, 2012.
- MACHADO, A. C. M. *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MAIA, Marcus; FINGER, Ingrid. *Processamento da linguagem*. Pelotas: Educat, 2005.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo. *Complementação verbal. Estudo sociolinguístico*. 1988. Tese (Doutorado), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1988.
- MEDEIROS, S. M. de O. *A Model of Address From Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese*. Tese (Doutorado), Universidade do Texas, Texas, 1985.
- NASCIMENTO, M. F. BACELAR, MENDES, Amalia; DUARTE, Maria Eugenia. Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p. 245-262, 2018.
- OLIVEIRA, T. L.; LOPES, C. R. S; CARVALHO, B. B. A expressão da 2ª pessoa do singular em cenas legendadas: variação e percepção numa abordagem experimental. *Revista Todas as Letras*. São Paulo, v. 18 (2), 2016, p.117-132.
- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015.395 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAREDES SILVA, V. L. A variação você/tu na fala carioca. Comunicação apresentada no 1º Encontro de Variação Linguística do Cone Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Setembro de 1996.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.) *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003, p. 160-169.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. 2008. 928f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTANA, É. E. da P.; CARDOSO, S. A. Os pronomes *tu* e *você* para identificação do interlocutor: capitais do sudeste brasileiro com base nos dados do Projeto ALiB. In: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. de A. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*. Vol. III, Londrina: UEL, 2014, CDROM.

SANTOS, V. M. dos. *“Tu vai para onde?... Você vai para onde”*: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHERRE, M. et al. Variação dos pronomes ‘*tu*’ e ‘*você*’. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYAN; SHARMA (Eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].



Data de submissão: 16/11/2018

Data de aceite: 17/09/2019

ANEXO 1: Frases experimentais

Pronome tu: relações assimétricas

tuass01 [11] aeromoça-passageiro

Aeromoça: Há algum problema com a cadeira?

Passageiro: Não gostei deste lugar. Quero trocar.

Aeromoça: Não é permitido mudar os passageiros de lugar.

Passageiro: Mas há cadeiras livres.

Aeromoça: Regras são regras.

Aeromoça: **Nem tu, nem ninguém pode mudar de lugar agora. (A1) = AD**

tuass02 [15] conversa-do-picolé -

Adulto: E aí, miúdo! Que tal um gelado?

Adulto: Está uma delícia!

Adulto: Tenho aqui mais um!

Garoto: Não, obrigado! Tenho medo de ficar doente da garganta.

Adulto: Ora!

Adulto: **Tu, doente da garganta? Que tolice! A2**

tuassim03- 28 – reunião de negócios

Homem 1: O que foi decidido na reunião?

Homem 2: Os empresários querem trinta mil. Ofereci-lhes vinte mil. Prometi pagar o restante depois. Desconfiaram... garanti-lhes que somos honestos.

Homem 1: Nós somos honestos... mas tu não.

tuass04 - [35] supermercado

Caixa: Não aceitamos cartão de crédito.

Cliente: O quê?

Caixa: Pagamento só em dinheiro.

Cliente: Não me diga!

Cliente: Não sabia que não aceitavam cartão.

Cliente: Volto depois...

Cliente: **E tu mesma podes guardar-me as compras.**

tuass05 - [39] policial-e-motorista

Policial: Passar o sinal vermelho é uma infração grave.

Policial: E num cruzamento perigoso como este...

Policial: Vou multá-lo!

Policial: Desculpe lá, mas é o meu trabalho!

Motorista: Eu estava atrasado para uma reunião.

Policial: Não interessa. Lei é lei!

Motorista: Como é que é?

Motorista: **Por acaso, sabes quem sou eu?**

Pronome tu: relações simétricas

tusim01 [16] briga-apto

Homem: Acho que devemos separar-nos.

Mulher: Concordo... a minha paciência esgotou-se!

Mulher: Uma sogra não pode interferir na vida do casal!

Homem: Mentira!

Mulher: Está a arruinar o nosso casamento!

Homem: Adeus!

Mulher: **Volta aqui! Vais-te arrepender!**

tusim02 - cadeia-detentos

Detento: Eles vão pagar caro por me porem aqui.

Vou acabar com eles.

Não restará nenhum vivo.

Detento 2: Para de planejar mais crimes.

Não vês que estás no fundo do poço?

Detento 1: Juro que vou sair daqui!

Vingo-me de todos!

Não me interessa nada. Só quero vingança!

Detento 2: Acabou-se! Matarei todos os traidores!

Detento 1: Não ficarei aqui!

Detento 2: Eles escaparam.

Cala-te!

Nem tu sabes do que sou capaz!

tusim03 - [22] praia-casal

Rapaz: Sabes, Júlia, eu estive a pensar...

Conhecemo-nos há tanto tempo ...

Estamos sempre juntos

um a ajudar o outro...

Moça: É verdade! Estamos sempre juntos....

Rapaz: Não percebo por que ainda não somos namorados.

Moça: Estou à espera que me peças em namoro.

Assim, ficarei tão feliz quanto tu.

tusim04 [29] escritório

H1: A Rita da Tesouraria anda a sair com o chefe...

H2: Ah...toda a gente sabe que ele até dorme em casa dela!

Há pessoas que fazem de tudo para ascender na carreira...

H1: Sim...mas a Rita. Ela nunca faria isso.

Tu... A Rita não está a sair com o chefe por amor.

tusim05 (5) [36] mulheres-no-bar

M1: O Caio telefonou-me ontem

Queria saber como eu estava...

...conversamos melhor...

...há chances de voltarmos...

M2: Posso parecer insensível

Mas...

Ninguém, nem tu, vai conseguir casar com ele.

Pronome você: relações assimétricas

vcass01 - advogada-prisioneiro

Advogada: Michel, conte-me a verdade.

Preso: Eu não fiz nada.

Advogada: Você, inocente? Todos os presos dizem o mesmo. A2

vcass02 - [21] hospital-medico-paciente

Paciente: Quanto tempo ainda tenho?

Médico: É muito cedo para uma resposta definitiva.

Paciente: Sei que o meu estado é grave.

Médico: Descanse um pouco.

Médico: É melhor não pensar nisso agora.

Paciente: Pode falar, Doutor.

Paciente: Prefiro saber a verdade.

Médico: A sua mãe, o seu pai e até você, todos morreremos um dia

vcass03 - [26] detetive-presidiário

Advogado: Saiu a sua condenação.

Preso: Não pode ser.

Preso: Eu não matei aquela mulher.

Advogado: As provas são incontestáveis.

Preso: **Sou tão culpado do crime quanto você.**

vcass04 - [37] pedindo na lanchonete

Atendente: Olá! Posso ajudar?

Cliente: Quero o menu de hambúrguer e batatas fritas com refrigerante.

Atendente: Sinto muito. Essa promoção acabou ontem.

Cliente: Acabou como?

Atendente: Já não há.

Cliente: Mas, o meu filho comprou agora...

... é impossível, só pode estar louca!

vcass05 - (3) [41] tribunal

Advogada: Todos sabem que na noite do crime Ana Parsons estava em casa...

...a cuidar da mãe doente.

Exijo a liberdade da minha cliente

Juíza: Existe algo que comprove este facto?

Nenhuma prova?

A suspeita será condenada.

Só você para achar que acreditei nessa história.

Pronome você: relações simétricas

vcsim01- [2] amigos no bar

Idoso: Quem quer cerveja?

Jovem1: Albert... Ninguém vai beber aqui.

Estou a convencer a malta a ir a outro sítio.

Vamos para a Brown ou para a Wonk?

Vamos!

Jovem 2: A Brown fechou há que tempos!

Jovem 1: Ah, não!

Jovem 2: **Foi você mesmo que nos disse.**

vcsim02 - [5] casal discutindo

Homem: Eu vou-me embora.

Mulher: Faça como quiser.

Homem: Encontrei isto dentro da sua bolsa.

E então?

Vai continuar a negar que tem um caso?

Mulher: Não dá mais.

Não sou doente como você.

vcsim03 [5] conversando no carro

Mulher-jovem: Então, já vai?

Rapaz: É, amanhã tenho teste na Faculdade.

Preciso de estudar.

Mulher-jovem: A sério?

Rapaz: Não me olhe assim.

Sabe que eu tenho que estudar. Tem que perceber isso!

vcsim04 - [10] casamento

Noivo: Na alegria e na tristeza.

Na saúde e na doença.

Com todo o amor.

Noiva: Para partilhar, respeitar e cuidar.

Com todos os meus defeitos

Você, ao meu lado... para sempre. (A2)

vcsim05 [14] conversa no trem

Moça: Da escola!

Da escola elementar Castelo...

Encantado.

Rapaz: É uma que tinha a parede toda rabiscada.

Moça: Fui eu que rabisquei.

Rapaz: O quê?

Moça: Eu que rabisquei...

E os rapazes, inclusive você, levaram com a culpa.

Frases distratoras: ruins (usos inadequados)

Distruim01 – 34-igreja

Homem: Olá! Desculpe por entrar sem avisar.

Homem: Eu passei para fazer uma oração.

Homem: Já estou de saída.

Homem: Volto noutro dia.

Freira: Não existe hora certa para entrar na Casa do Senhor.

Todos podem entrar na Igreja...

Quando sentirem vontade.

Deus aprova, meu lindo

Distruim02 – 38-pai e filho na trilha

Filho: Caramba! Por que não me disse que a subida ia demorar tanto?

Pai: Já percorremos mais da metade, filho!

Estamos quase a chegar.

Filho: Estou cansado, pai.

Pai: Eu sei, mas é assim mesmo.

Agora não dá para voltar, temos que continuar.

Falta pouco agora.

Chega, eu quero voltar agora...velhote!

distruim03 – 40-rapazes no trailer

Rapaz 1: Por que isto está no chão? Coisas do meu pai de certeza.

Rapaz 2: Para que quer o teu pai esses frascos?

Rapaz 1: Sei lá, ele gosta de colecionar coisas velhas.

A família é louca, meu senhor.

Distruim04 – 30-homens brigando basquete

Homem 1: O que foi, parceiro?

Homem 2: Eu avisei que nunca mais os queria ver por aqui.

Mas acho que o recado não ficou muito claro.

Agora vou cumprir o que prometi.

Homem 1: E qual era a promessa?

Homem 2: É melhor não querer saber.

Homem 1: **Eu até comprei-te um bolo. Vamos dividir.**

Disruim05 – 25-Criança-adolescentes

Mocinha: Pai, está tudo bem consigo?

O que houve?

Criança: **Este parvalhão tinha que aprender.**

Frases distratoras: boas

Distbom01 – 03-Briga em casa

H1: O parvo aqui já sabe de tudo. Mentiroso!

H2: O meu próprio irmão na cama com a minha mulher.

Eu já vi o vídeo. Traidor.

H2: Eu já disse que esse vídeo é montagem!

H1: **Saia da minha frente agora!**

Distbom02 – 13-Casal-adolescente-entrevista

Entrevistador: Onde é que os pombinhos se conheceram?

Garota: No colégio. E apaixonamo-nos.

Entrevistador: E o que tem ela de especial?

Garoto: Tudo. Ela é linda... E é muito inteligente.

E simpática.

Entrevistador: Sei... E por que ele?

Hum... Por tudo... Ele é muito giro também.

Distbom03 – 07-Briga na cozinha

Mulher: O que estás a fazer?

Homem: Estou a fazer uma tosta.

Mulher: E por que não me chamaste?

Não aguento mais isto.

Homem: Do que estás a falar?

Mulher: Deste nosso distanciamento.

Homem: Quem não está a aguentar sou eu...

Estamos a brigar por motivos tolos.

Distbom04 – 09-Menina escrevendo

Mocinha: Esse texto não me está a sair das mãos.

Rapaz: Porquê?

Mocinha: Não sei...

Leia.

Rapaz: Não

Mocinha: O quê?

Rapaz: **Agora nós vamos lanchar.**

Distbom05 – 12-Conferência

Promotora: Então, o senhor piloto afirma que não estava alcoolizado.

Piloto: Afirmando

Aquela garrafa...

...não era minha.

Promotora: Não era sua...

Era de quem?

Piloto: **A garrafa de vodka era da hospedeira de bordo.**

Cenas do treino:

Treino – 13-Casal na lanchonete

Rapaz: Direito?

Desistiu de estudar Letras?

Mocinha: Letras é mais adequado ao meu perfil...

Mas os meus pais estiveram a conversar comigo.

E insistiram para eu fazer Direito.

Foi isso...

Rapaz: Porquê?

Mocinha: **Porque Letras é uma carreira que não dá dinheiro.**

Treino – 42-depoimento

Promotor: Testemunhas a viram no local e na hora do assassinato!

Ré: Eu não fiz nada

Ré: Eu saí do trabalho mais cedo...

e fui para casa.

Promotor: Por que é que a senhora saiu mais cedo?

Ré: **Que raio de pergunta é essa? Pronto, terminei o trabalho mais cedo.**

O ESTATUTO VARIÁVEL DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO DOS SÉCULOS XIX E XX

THE VARIABLE STATUTE OF 2ND PERSON SINGULAR IMPERATIVE CONSTRUCTIONS
IN WRITTEN BRAZILIAN PORTUGUESE FROM 19TH AND 20TH CENTURIES

Juliana Sander Diniz | [Lattes](#) | sanderdinizju@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Márcia Cristina de Brito Rumeu | [Lattes](#) | mrumeu@ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais (PNPD/CAPES)

Resumo: Neste artigo, apresentamos algumas evidências históricas (séculos XIX e XX) da atual realidade sincrônica variável do imperativo de 2ª pessoa do singular (*vem vs. venha*). Com base em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas redigidas por brasileiros cultos cujos perfis sociolinguísticos (filiação, faixa etária, nível de escolaridade, profissão) foram levantados (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), comprovamos a preferência dos missivistas cariocas pelas construções imperativas associadas ao subjuntivo, acompanhando a forma nominativa de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular (*você*). Comprovamos ainda que as construções imperativas vinculadas às formas de indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (cartas mistas) figuram como contextos de influência intermediária, em termos probabilísticos, na aplicação da regra variável em análise. Isso significa interpretar que as cartas em que também há o *você-sujeito* (*tu/você-suj.*) parecem expor rastros históricos do imperativo abasileirado já em amostras escritas do século XIX como uma repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal (cf. LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011).

Palavras-chave: Imperativo gramatical; Alternância *tu/você*; Imperativo abasileirado.

Abstract: In this article, we present some historical evidence (19th and 20th centuries) of the current synchronic variable statute of 2nd person singular imperative (*vem/venha*). Based on personal letters produced by well educated Brazilians from Rio de Janeiro, whose social profiles (affiliation, age group, level of education, profession) were reconstructed (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), we at-

tested the writers' preference for imperative constructions tied to the subjunctive mode, when the 2nd person singular subject form (*você*) was used. We also attested that the imperative constructions related to indicative forms *tu/você-subject* in contexts of alternation (mixed subject letters) worked, probabilistically, as moderate influence contexts regarding the application of the variable rule analyzed. The interpretation of the letters in which *você-subject* (*tu/você-subj.*) occurs suggest historical traces of the *abrasileirado* imperative even in written samples from the 19th century, as a repercussion of *você* entering in the pronominal system (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011).

Keywords: Grammatical imperative; *tu/você* alternation; *abrasileirado* imperative.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, trazemos à discussão a expressão variável das construções imperativas de 2SG (*fala/fale, veja/vê, diz/diga*) em missivas cariocas dos séculos XIX e XX. Considerando que análises linguísticas sincrônicas (SCHERRE, 2007) evidenciaram a expressão do imperativo de 2^a pessoa do singular (doravante 2SG) como um fenômeno cuja motivação é atualmente diatópica no português brasileiro (doravante PB), assumimos que cabe a reconstrução histórica desse fato linguístico em sincronias passadas (1860-1989).

Nesse sentido, partimos do fato de que a motivação geográfica relacionada à expressão variável do imperativo apresenta-se de forma binária com formas verbais no indicativo e no subjuntivo, ainda que não estejam em distribuição complementar entre as formas pronominais *tu* e *você*. Em termos gerais para o PB atual, o cenário de expressão variável do imperativo de 2SG aponta para o predomínio de construções imperativas com o indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) nas regiões sul, sudeste e centro-oeste, de construções imperativas com o subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) no nordeste do Brasil e de equilíbrio entre as duas formas especificamente em Fortaleza (SOARES, 1980), João Pessoa (PEDROSA, 1999) e Salvador (SAMPAIO, 2001; ALVES, 2005). Como evidência de um panorama de simetria entre as formas verbais no indicativo ou no subjuntivo (*deixa vs. deixe, recebe vs. receba, abre vs. abra, dá vs. dê; diz vs. diga, vai vs. vá*), como também apontado por Scherre (2007, p.192-195), temos as construções imperativas recifenses discutidas por Alves (2001). Acrescentemos, tendo em vista as considerações de Loregian-Penkal (2004, p.133) à luz de Scherre (2007, p.193), o predomínio das construções imperativas com o indicativo em contexto de *você-sujeito*, o imperativo *abrasileirado* (“*Vem pra Caixa você também. Vem*”), cf. Paredes Silva *et al.* (2000), no município catarinense de Lages, em consonância com a discussão de Bonfá, Pinto e Luiz (1997, p.10-11). Cabe ainda destacar os estudos precursores tais como o de Faraco

(1982) e de Menon (1984) que se voltaram para o imperativo mesmo que não o tenham abordado a partir do controle de critérios linguísticos e extralinguísticos numa perspectiva sociolinguística *stricto sensu*.

Além do panorama de configuração variável das construções imperativas de 2SG cuja distribuição geográfica já foi comprovada no âmbito do PB falado, consideramos relevante voltarmos o foco também para as evidências históricas do imperativo abrazeirado como uma das consequências da implementação do *você* no seu sistema pronominal, cf. já discutido por Diniz (2018). Nesse sentido, optamos, neste texto, por enveredarmos não só pelos dados de construções imperativas consubstanciadas com o indicativo (imperativo verdadeiro) e com o subjuntivo (imperativo supletivo) como expressão de uma regra variável, mas também pelas evidências históricas das construções de imperativo abrazeirado em missivas oitocentistas e novecentistas.

Uma vez exposto o estatuto variável das construções imperativas de 2SG em sincronias passadas como o tema em discussão neste texto, passamos às questões que o impulsionam. São elas:

- (I) as construções imperativas de 2SG que se deixavam evidenciar nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas mostravam-se mais produtivas com formas no indicativo ou no subjuntivo?
- (II) em contexto de *você-sujeito*, as construções imperativas de 2SG se deixariam evidenciar, já entre fins do século XIX e o século XX, vinculadas, em algum nível, com formas verbais de indicativo?

Com base nessas perguntas propulsoras desta discussão, aventamos as seguintes hipóteses: (1^a) No que se refere às construções imperativas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo, supomos que, na escrita culta carioca oitocentista e novecentista, o *você* se mostrasse profícuo nas construções imperativas estruturadas com o subjuntivo, cf. discutido por Rumeu (2016); (2^a) Em relação ao imperativo abrazeirado, conjecturamos que, já no século XIX (cf. Figura 1 correspondente ao excerto 6), seja possível entrevermos traços do uso do imperativo aliado a formas de indicativo em contexto discursivo de *você-sujeito* (imperativo abrazeirado nos termos de Paredes Silva *et alii*, 2000), interpretando-os como uma das repercussões da inserção do *você* no sistema pronominal do PB, cf. Lopes (2007), Lopes e Cavalcante (2011).

Optamos por distribuir esta reflexão em quatro seções. Nas considerações iniciais, circunscrevemos a discussão acerca do imperativo, tendo em vista os objetivos, as questões e as hipóteses. A seguir, apresentamos não só como interpretamos os traços morfossintáticos das construções imperativas de 2SG (CARDOSO, 2006), mas também discutimos os pressupostos teórico-metodológicos no âmbito da sociolinguística histó-

rica (CONDE SILVESTRE, 2007, HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) norteadores, por sua vez, do processo de constituição de amostras históricas confiáveis às análises linguísticas. Na sequência, apresentamos os resultados gerais das construções imperativas de 2SG, atentando especificamente aos vestígios históricos do imperativo brasileiro nos séculos XIX e XX. Nas considerações finais, chegamos a algumas generalizações relacionadas à expressão variável das construções imperativas de 2SG na escrita culta carioca oitocentista e novecentista.

2 Os traços morfossintáticos das construções imperativas de 2SG: critérios norteadores

O imperativo é interpretado como um modo verbal marcado pelo ato ilocutório diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA 2006, p. 73-74). Além da função pragmática concretizada através da diretividade do ato ilocutório capaz de incutir-lhe os valores semânticos de ordem, pedido, sugestão (CUNHA; CINTRA, 1985), o modo imperativo é caracterizado por traços morfossintáticos específicos, cf. Mateus, Brito & Faria (2003). Assim sendo, atentemos para a discussão dos padrões morfológicos e sintáticos (CARDOSO, 2006; SCHERRE, 2007) que imprimem tal valor ilocutório.

Do ponto de vista morfológico, admitimos que as construções imperativas resguardam sua expressão estrutural através das formas verbais no indicativo sem o morfe [-s] para a expressão do imperativo verdadeiro tanto em relação à 2SG (1), quanto no que se refere à 2PL (2) no período trovadoresco da língua portuguesa, cf. discutido por Favaro (2016, p. 122). Optamos, neste texto, por expor em itálico os dados das construções imperativas de 2SG.

- (1) “Sennor, ¹*acorre* a tua coitada” (CSM 16, v.58)
- (2) “Varões, ²*levade*-a já fora da vila cab’ o camião [...]” (CSM 255, v.98-100)

Em termos sintáticos, interpretamos que as construções imperativas podem se deixar evidenciar de forma mais transparente não só através da expressão nula do sujeito (3) cf. Cardoso (2006), mas também através da forma verbal subjuntiva na oração independente (4), considerando a prevalência do *você* para a referência ao sujeito de 2SG na comunidade idiomática do PB atual.

- (3) *Faz* a lição de casa.
- (4) *Faça* a lição de casa.

Em síntese, assumimos as seguintes generalizações morfossintáticas responsáveis por garantir a força ilocucionária diretiva às construções imperativas de 2SG:

¹ A forma verbal “acorre” está no sentido de “socorrer”.

² A forma verbal “levade” está no sentido de “levar”.

(i) nas construções imperativas de 2SG, a regra variável se deixa evidenciar na alternância entre formas de indicativo (5a) e de subjuntivo (5b) como uma das consequências da inserção do *you* no paradigma pronominal do PB, responsável por anular a distinção formal entre as expressões do imperativo de 2ª e 3ª pessoas do singular (5);

(5)³ “*Vem* pra Caixa você também. *Vem!*”

(5a) “*Vem* pra Caixa tu também. *Vem!*”

(5b) “*Venha* pra Caixa você também. *Venha!*”

(ii) o emprego de formas verbais indicativa ou subjuntiva combinadas ao sujeito pronominal de 2SG nulo, em (6) e (7), ou pleno, em (8), constituem aspectos sintáticos que tendem a assegurar ao imperativo gramatical tal especificidade ilocutória.

(6) “[...] *Pede* a Deos minha Filha pela saude de teu Pae. Reconheço que a minha existência é necessaria ao bem dos nossos. [...] a Rozinha tem havido demora sendo provavel que a esta hora já Você_{su} tenha recebido.” (Carta de você-sujeito. JPF. RJ, 16.07.1879.)

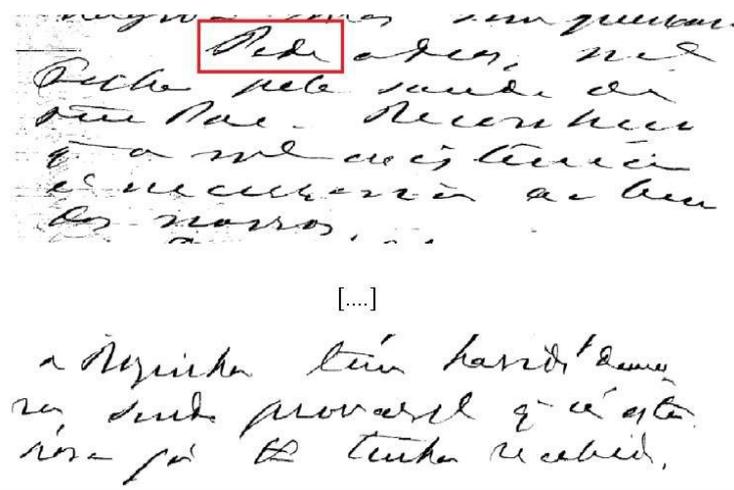
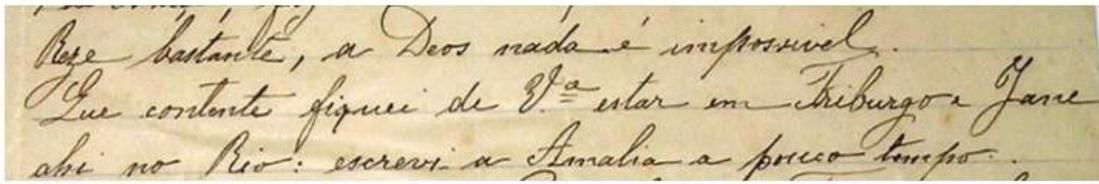


Figura 1: Trechos do fac-símile de missiva redigida por JPF. RJ, 16.07.1879.

(7) “[...] Reze bastante, a Deos nada é impossivel [...] Que contente fiquei de Você_{su} estar em Friburgo e Jane ahi no Rio: escrevi- a Amalia a pouco tempo. [...] Quando poder me mande um terço, que seja forte. [...] Sempre que poder me escreva. [...] *Recebe* o coração affectuoso e um terno osculo desta [...]” (Carta de você-sujeito. MLPCAM. PE, 28.01.1933)

³ Texto propagandístico amplamente divulgado no espaço midiático brasileiro.



[...]

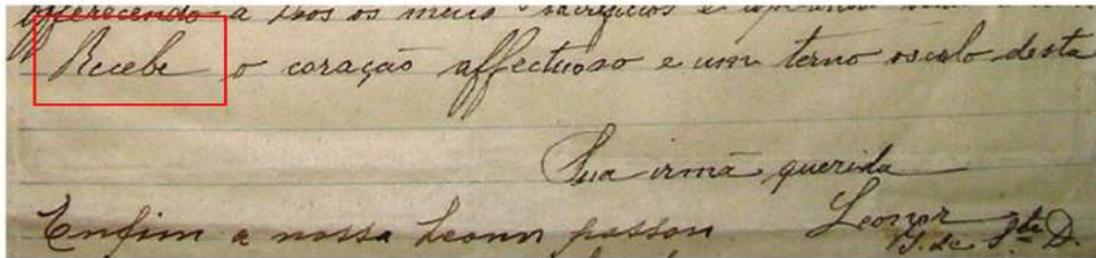
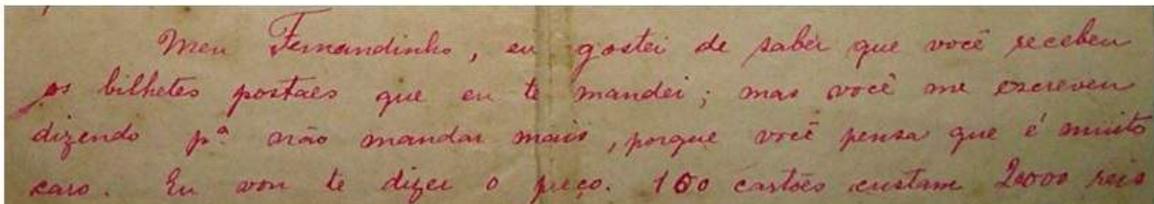
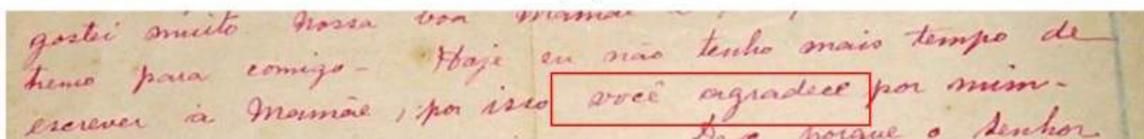


Figura 2: Trechos do fac-símile de missiva redigida por MLPCAM. PE, 28.01.1933.

- (8) “Meu Fernandinho, eu gostei de saber que você_{SUJ.} recebeu os bilhetes postaes que te mandei; mas você_{SUJ.} me escreveu dizendo para não mandar mais, porque você_{SUJ.} pensa que é muito caro. [...] Hoje eu não tenho mais tempo de escrever á Mamãe, por isso você_{SUJ.} agradece por mim. [...] Que alegria quando eu voltar Padre para o Brasil, não é? Mamãe, Papae Papae Pedreira, todos ficarão contentíssimos, não achas_{SUJ.}?” (Carta de alternância tu/você-suj. Pe. J. Paris, 15.10.1905.)



[...]



[...]

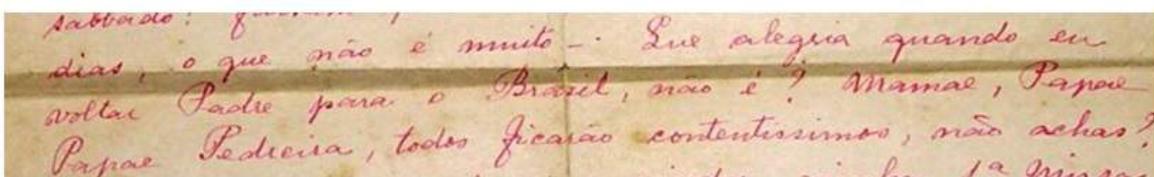


Figura 3: Trechos do fac-símile de missiva redigida por Pe. J. Paris, 15.10.1905.

Observemos que as construções imperativas estruturadas através das formas verbais *pede* (6), *recebe* (7) e *agradece* (8), formalmente vinculadas ao paradigma pronominal de *tu*, apresentam-se como evidências do imperativo abrazeirado em fins do século XIX (1879) e na 1ª metade do século XX (1905 e 1933) como ilustramos também através dos excertos de seus fac-símiles expostos, respectivamente, nas Figuras 1, 2 e 3.

Uma vez expostos os parâmetros morfossintáticos responsáveis por salvaguardar o valor diretivo das construções imperativas de 2SG, passamos à discussão dos princípios da sociolinguística histórica condutores desta análise voltada para sincronias passadas do PB.

3 Fundamentação teórico-metodológica: os pressupostos da sociolinguística histórica

Considerando que as línguas humanas configuram-se não só estruturalmente, cf. previa Saussure 2008 [1915], mas também socialmente, assumimos que as suas evidências de expressão variável podem ser descritas e analisadas nos níveis estrutural e social numa dinâmica de heterogeneidade ordenada. Deixamo-nos guiar pela ideia de que os potenciais de variação e mudança linguística atuantes na atual sincronia do PB já se manifestaram em suas sincronias pretéritas (*The uniformitarian principle*), cf. Labov (1994, p. 21). Nesse sentido, ao assumirmos o princípio do uniformitarismo da mudança linguística, adotamos o presente como ponto de partida para a apreensão e interpretação da expressão variável do imperativo de 2SG em sincronias passadas como uma evidência explícita do paradoxo diacrônico (*Historical paradox*), cf. Labov (1994, p. 11), ou seja, propomos, neste texto, uma análise que admite o presente como o ponto de partida para uma incursão ao passado do PB (séculos XIX e XX).

Ao voltarmos o foco para o passado, a justeza das generalizações acerca de realidades linguísticas pretéritas está diretamente vinculada à fidedignidade das fontes históricas em relação ao momento histórico que representam. Ao linguista-pesquisador cabe o trabalho de compor as suas próprias amostras de textos históricos, o que lhe exige atenção redobrada em relação ao “problema dos filtros” (ROMAINE, 2010), visto que as interpretações teóricas acerca de realidades linguísticas pretéritas embasam-se em textos históricos remanescentes no interior dos arquivos públicos e privados (CONDE SILVESTRE, 2007; ROMAINE, 2010; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012). Tendo em vista que a descrição e a análise de realidades linguísticas passadas dependem

dos registros escritos que resistiram à ação do tempo, cabe também ao linguista-pesquisador a capacidade de separar traços da língua oral que tendam a misturar-se com traços da língua escrita (AGUILLAR, 1998).

Nesse sentido, a fim de selecionar, levantar e organizar amostras homogêneas de textos históricos (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012, p. 63), cuidando não só da identificação da origem (brasileira ou portuguesa) do autor do texto histórico (através da análise linguístico-paleográfica da tinta que escorre da pena do escrevente, cf. Tarallo, 1993), mas também da reconstrução, o mais completa possível, do perfil social desse informante (*filiação, idade, nível de escolaridade, profissão*) com base na metodologia discutida por Lima, Marcotulio e Rumeu (2019), Rumeu (2013), Hernández-Campoy e Schilling (2012), Lobo (2001), passamos à descrição do método de trabalho com textos históricos do PB.

4 O trabalho com amostras linguísticas históricas: as missivas pessoais em foco

A reconstrução da língua portuguesa de sincronias passadas passa pelo processo de levantamento e análise de amostras remanescentes, tendo sempre em vista os traços de hipercorreção, mistura dialetal e “erros” do escriba (LABOV, 1994, p. 11) que poderiam se confundir com os traços fidedignos de uma dada realidade linguística pretérita. Acrescente-se a isso também o fato de que, em amostras históricas, só termos acesso aos dados positivos, ou seja, aos dados evidentes nos registros escritos. Some-se a isso também o fato de que aos traços grafo-fonéticos, grafológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do PB escrito em sincronias passadas o linguista-pesquisador somente tem acesso indireto através dos textos escritos.

Tendo em vista que uma investigação sociolinguística numa perspectiva histórica só pode se valer essencialmente de *corpora* escritos, é preciso ponderarmos acerca do(s) gênero(s) e subgênero(s) textual(is) mais propícios à revelação do vernáculo do PB. Considerando o modelo de Koch e Oesterreicher (1985, 1994 *apud* ELSPASS, 2012), assumimos os gêneros textuais do meio escrito no *continuum* delineado entre os polos dos textos do ‘imediatismo’, como uma conversa íntima, e da ‘distância’, tal como um contrato em termos legais. Isso posto, a fim de identificar traços de variação e mudança em sincronias passadas, entendemos que o gênero textual *carta pessoal* e os seus subgêneros *familiares, amorosas e de amizade* estejam mais próximas da “língua do imediatismo” por permitirem evidenciar traços linguísticos do vernáculo do PB. Assim sendo, optamos por

levantar evidências históricas das construções imperativas de 2SG em cartas pessoais que como um gênero textual movido pelo caráter dialógico e íntimo das relações familiares, amorosas e de amizade tendem a expor traços da oralidade do PB.

Considerando que cabe ao linguista-pesquisador manter um posicionamento ético e responsável perante a sua pesquisa, descreveremos mais especificamente três parâmetros (*autoria, autenticidade e validade social e histórica*) que tendem a orientar os resultados das análises linguísticas embasadas em amostras linguísticas históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012). Entendemos a impossibilidade de realizar para os estudos de sociolinguística histórica a mera transposição da metodologia variacionista de base laboviana, pois as fontes documentais disponíveis que chegam às mãos do investigador histórico costumam ser “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis com a produção real de seus falantes” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35). Faz-se necessário, por outro lado, a construção de uma metodologia para o levantamento e análise dos estudos no âmbito da sociolinguística (RUMEU, 2013; LOBO, 2001). Para esta análise, trouxemos à tona 226 missivas pessoais que evidenciam as relações amorosas (14 cartas), familiares (165 cartas) e de amizade (47 cartas) entre os missivistas. Trata-se de cartas redigidas por cariocas cultos no exercício de atividades educacionais, religiosas, políticas, intelectuais e de secretariado público levantadas no interior do Arquivo Nacional (RJ) e do Acervo dos Escritores Mineiros (UFMG). Optamos, neste texto, por proteger a identidade dos missivistas cujas cartas estão em análise, retomando-as a partir das letras iniciais de seus nomes. Isso posto, passaremos a uma breve abordagem dos parâmetros da *autoria, autenticidade e validade social e histórica* das amostras históricas.

A questão da *autoria* dos textos escritos está voltada para a acurada certificação acerca da autoria das amostras históricas. Isso quer dizer que cabe ao linguista-pesquisador verificar se o texto foi escrito pela própria mão de quem o assina (texto autógrafa) ou se teria sido escrito por um punho distinto daquele de quem o assina (cópia de época ou não), ou seja, as análises no âmbito da sociolinguística histórica mantêm-se ancoradas também nos conhecimentos paleográficos numa perspectiva interdisciplinar ao processo de edição de *corpora* históricos. Neste trabalho, priorizamos o levantamento, a transcrição e a análise de missivas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) produzidas e assinadas por escreventes nascidos no espaço geográfico do Rio de Janeiro.

Ainda que as missivas pessoais apresentem traços de uma interação dialógica (ELSPASS, 2012, p. 162), a variação atestada nos *corpora* pode não retratar fidedigna-

mente o vernáculo do PB. A questão da *autenticidade* linguística discutida por Hernández-Campoy e Schilling (2012) deixa-se evidenciar também em função de o registro escrito estar mais propenso à expressão da norma-padrão, o que se expõe, por outro lado, nas evidências de possíveis hipercorreções, mistura dialetal e erros do escriba cf. Labov (1994, p.11). Assim sendo, cabe ao linguista-pesquisador não só atentar ao problema dos filtros, cf. Romaine (1982), mas também evidenciar reflexos do vernáculo do missivista. Acreditamos que as missivas amorosas, de amizade e familiares cariocas tendam a expor o vernáculo do PB dos séculos XIX e XX, visto que as temáticas exploradas nas cartas pessoais denotam a intimidade das interações travadas entre os missivistas. A autenticidade das cartas também não pode deixar de ser interpretada sem que consideremos o alto nível de escolaridade dos missivistas, ainda que o nível de intimidade das relações sociais seja clarividente e, portanto, muito promissor às análises linguísticas acerca da expressão da norma objetiva do PB (CUNHA, 1995) em sincronias passadas.

Nos estudos de sociolinguística histórica, faz-se necessária a reconstrução dos perfis sociais dos informantes, a fim de interpretarmos os padrões de variação em relação ao contexto social. No entanto, nem sempre a tarefa de assegurar a *validade social e histórica* da pesquisa é algo simples, tendo em vista que “geralmente sabemos muito pouco sobre a posição social dos informantes, e não mais acerca da estrutura social da comunidade”⁴ (LABOV, 1994). Voltando o foco especificamente para as cartas íntimas que embasam a análise dos dados deste trabalho, constatamos que os acervos pessoais de ilustres escritores se mostram como profícuas fontes de trabalho, já que o elevado prestígio social dos missivistas justifica o fato de missivas íntimas oitocentistas e novecentistas terem sido cuidadosamente resguardadas por largos períodos de tempo no interior de arquivos públicos e privados. Isso quer dizer que uma vez que as cartas pessoais tenham sido produzidas por renomados redatores, torna-se muito mais fácil reconstruirmos os perfis sociais dos escritores, assegurando a *validade socio-histórica* da pesquisa. Com o intuito de conferir validade socio-histórica à pesquisa sociolinguística, o processo de reconstrução da história de vida dos missivistas está intimamente relacionado ao fato de as cartas serem originais *autógrafas*, já que é com base em tal constatação de caráter linguístico-paleográfico que se passa a ter certeza acerca da *autoria* e, conseqüentemente, da *validade social e histórica* do manuscrito.

⁴ “we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community”.

Uma vez expostos os parâmetros de levantamento das amostras de missivas históricas, passamos à análise geral das construções imperativas de 2SG especificamente correlacionadas às opções de pronome-sujeito também de 2SG.

5 As construções de imperativo de 2SG: a alternância entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas

Tendo em vista a expressão variável das construções imperativas de 2SG, passamos aos resultados gerais relacionados à expressão do modo imperativo vinculado às formas de indicativo (*tu*) e às formas de subjuntivo (*você*). Inicialmente, trazemos os resultados estatísticos da rodada geral dos dados (*make cell*) em função da seguinte variável dependente: construção imperativa associada ao indicativo (*tu*). Em termos metodológicos, os dados de imperativo de 2SG levantados em 226 cartas pessoais (1860-1989) foram submetidos ao programa Goldvarb para a expressão dos efeitos estatísticos (Tabela 1) da regra variável em análise (imperativo de *tu* ou imperativo de *você*) nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas.

Tabela 1: Distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG nas cartas cariocas.

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
INDICATIVO (TU)	SUBJUNTIVO (VOCÊ)
290/732	442/732
(40%)	(60%)

Em termos gerais, observamos uma significativa alternância entre a opção pelas formas subjuntivas, em 60% dos dados (442 ocorrências), e pelas formas indicativas, em 40% (290 ocorrências), em relação ao total de 732 construções imperativas de 2SG analisadas nas cartas oitocentistas e novecentistas em cena, tendo em vista a discussão de Diniz (2017)⁵ que, por sua vez, confirma os resultados de Rumeu (2016)⁶ e infirma os resultados de Silva (2017)⁷. Passamos à distribuição dos dados das construções imperati-

⁵ Diniz (2017) levantou 732 estruturas de imperativo de 2SG com base na análise de 226 cartas produzidas entre os anos 1872 de 1980 pelos missivistas da família Pedreira-Ferraz Magalhães e pelos seguintes escreventes cariocas: Cecília Meireles, Carlos Lacerda, João de Almeida Lisboa, Marques Rebello e Stella Leonardos.

⁶ Rumeu (2016) levantou 545 estruturas de imperativo de 2SG com base na análise de 170 cartas pessoais trocadas entre os membros da família Pedreira-Ferraz Magalhães entre os anos de 1872 e 1948.

⁷ Em Silva (2017, p.52), temos os seguintes resultados para as construções imperativas nas 524 cartas pessoais cariocas oitocentistas e novecentistas de distintas famílias cariocas (1857-1980): 50,8% (400/787) para o imperativo indicativo (paradigma de *tu*) e 49,2% (387/787) para o imperativo subjuntivo (paradigma de *você*).

vas de 2SG vinculadas aos pronomes-sujeito nas cartas cariocas analisadas.

5.1 As construções imperativas correlacionadas aos pronomes-sujeito de 2SG: distribuição geral dos dados

A análise da correlação entre as construções imperativas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo e as formas pronominais usadas para a referência ao sujeito de 2SG é orientada pelo intuito de verificarmos se as estruturas imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo) acompanhariam ou não as escolhas tratamentais na posição de sujeito das cartas (*tu-sujeito*, de *você-sujeito* e de alternância *tu/você*). Nesse sentido, pretendemos também testar a hipótese de que o *você* tenha avançado, gradual e paulatinamente, pelos espaços funcionais do *tu*, cf. já amplamente discutido por Cardoso (2006), Lopes e Cavalcante (2011), Rumeu (2013).

Tabela 2: Distribuição das construções imperativas em relação ao contexto de sujeito de 2SG nas cartas cariocas.

SUJEITOS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
Cartas de <i>tu</i> e <i>você</i> (sujeito 2SG)	85/191 (45%)	106/191 (55%)	191/732 (26%)
Cartas de <i>você</i> (sujeito 2SG)	44/310 (14%)	266/310 (86%)	310/732 (42%)
Cartas de <i>tu</i> (sujeito 2SG)	161/230 (70%)	69/230 (30%)	230/732 (31%)
Cartas de FNT ⁸ (sujeito 2SG)	-	01/01 (100%)	01/732 (01%)
TOTAL	290/732 (40%)	442/732 (60%)	732/732 (100%)

Com base na análise da distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG correlacionados ao contexto de sujeito, constatamos que, de um modo geral, seja a opção pelo indicativo (*tu*), seja a opção pelo subjuntivo (*você*) parece ter acompanhado o *pronomes-sujeito*, assumindo uma configuração de simetria entre as estruturas sintáticas imperativas e as não-imperativas de 2SG. Pormenorizando a análise, observamos, nas cartas de *você-sujeito*, a preferência por construções imperativas estruturadas com o subjuntivo (86%, 266/310), ao passo que prevalecem, nas cartas de *tu-sujeito*, as construções imperativas associadas ao indicativo (70%, 161/230). Em (9) e (10), ilustramos algumas construções imperativas associadas ao subjuntivo e ao indicativo em contextos de *você-sujeito* e de *tu-sujeito*, respectivamente.

⁸ Leia-se “FNT” por “forma nominal de tratamento”.

- (9) “[...] Naotinho recebido letras suas, mas como Você_{sujeito} tem podido ser mais frequente em a estimavel correspondencia com a vossa mãe e irmã [...] Nas suas orações ao Alto *recommende* sempre o Pae que é tam amigo seu [...]” (JPCF. RJ, 20.05.1886.)
- (10) “[...] *Fazi* com que o teu marido e Pae não me mandem o carro sem animal de montaria porque temos logo no dia seguinte precisão de que os muares estejam vigorosos para conduzir nos. [...] Já encommendei as velas bentas que me pediste_{sujeito}. [...]” (JPCF. RJ, 05.02.1877.)

Constatamos um intenso nível de alternância entre as construções imperativas associadas ao subjuntivo (55%, 106/91) e ao indicativo (45%, 85/191). Ainda que a produtividade das cartas mistas não tenha sido tão alta, apenas 26% dos dados (191/732), pareceu-nos interessante o fato de justamente o contexto de variação entre as formas *tu/você* para a referência ao sujeito de 2SG ter funcionado como o contexto de maior produtividade do *imperativo abraçileirado*, o que pode ser interpretado como uma evidência para a comprovação da hipótese de Lopes (2007, p.104) acerca da inserção do *você* no quadro pronominal do PB ter repercutido no modo imperativo. Em síntese, temos mais evidências do *imperativo abraçileirado* (sujeito *você* em contexto de imperativo associado ao indicativo) nas cartas de alternância *tu/você* (45%, 85/191) e de *você-sujeito* (14%, 44/310), reforçando a hipótese de a inserção do *você* refletir-se também nas construções imperativas de 2SG. Nas cartas cariocas de *você-sujeito*, ilustramos, de (11) a (14), especificamente, o *imperativo abraçileirado*.

- (11) “[...] *Immagina* que consolação! [...] Essa nota Você_{sujeito} achará graça [...]” (MLPCAM. PE, 11.06.1920.)
- (12) “[...] Mano, se voce_{sujeito} pudesse me arranjar um d’esse aparelho de ouvir melhor como Mámãe deu a Amalia eu ficaria muito contente e nossa Madre pagaria a importancia. [...] Já emprimiram a terceira edição da beographia de Mamãe? se não *ve* se me arranja uns esemplares [...]” (MBPCAM. SP, 28.12.1926.)
- (13) Mande-me dizer se você_{sujeito} nasceu 85 ou 86. [...] Amanhã vou comeeçar uma novena á Santo Ignacio; as suas intencções estaram de certo. *Tem* todo o cuidado comsigo, para melhor poder louvar a Nosso Senhor. [...]” (MLPCAM. 21.07.1926.)
- (14) Si faltar volumes você_{sujeito} peça ao Caio mas não deixe de mandar para todos. Vou comeeçar a fazer força para o Premio Felipe de Oliveira. Para o Gulhermino você_{sujeito} *repara* que eu mandei na lista manuscrita. [...]” (MR. RJ, 26.10.1947.)

Nas construções imperativas de *tu-sujeito*, ainda que a preferência dos cariocas tenha sido por construções imperativas associadas ao indicativo (70%, 161 oco), como identificamos em (15). Observamos que, em 30% dos dados, a opção foi por estruturar o imperativo com formas de subjuntivo, cf. está ilustrado em (16).

(15) “[...] Acabando tu_{sujeito} de ler esta carta – dá beijos em ambos por mim, e dá um abraço em teu marido que eu mando [...]” (JPCF. RJ, 08.11.1878.)

(16) Já encommendei as velas bentas que me pediste_{sujeito}. Tudo quanto é desejo teu, tome como desejo meu e só dezoje (agora é verbo) imediatamente realizar. [...]” (JPCF. RJ, 05.02.1877.)

A ocorrência de estrutura imperativa de 2SG vinculada ao subjuntivo em carta cuja referência ao interlocutor deu-se unicamente através da forma nominal de tratamento “Minha querida Diná” (17). Nessa sentença, não houve dados de referência pronominal ao sujeito quer por *tu* (nulo ou pleno), quer por *você*, mas o sujeito de 2SG foi evocado através de uma FNT.

(17) “Minha querida Diná [...] Fique certa de que não sou homem de ficar satisfeito facilmente e tenho alergia à adulação. [...]” (CL. 13.12.1960.)

Em suma, confirmamos a hipótese de que, nas cartas cariocas, prevaleceu a tendência ao pronome-sujeito de 2SG influenciar as construções imperativas também de 2SG. Nesse sentido, observamos que, nas cartas de *tu-sujeito*, predominaram as construções de imperativo verdadeiro (70%), ao passo que, nas cartas de *você-sujeito* e nas cartas mistas (*tu/você-sujeito*), respectivamente, mostram-se profícuas as estruturas de imperativo supletivo (86%, 55%). Por outro lado, apesar de o imperativo supletivo, verificado em 55% dos dados, ter prevalecido em contexto de alternância *tu/você-sujeito*, esse índice percentual está levemente abaixo da média geral que, por sua vez, aponta para 60% de imperativo supletivo, o que pode sugerir o contexto de variação *tu/você-suj.* como um contexto também favorecedor do *imperativo verdadeiro* nas cartas cariocas analisadas.

5.2 O efeito probabilístico do pronome nominativo de 2SG sobre as construções de imperativo verdadeiro nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas

Considerando a descrição dos resultados gerais das construções de imperativo verdadeiro (*tu*) e supletivo (*você*) nas cartas cariocas analisadas, os contextos que se mostraram relevantes às construções de imperativo com formas de indicativo na respectiva ordem de triagem do Pacote de Programas Goldvarb foram os seguintes: (1) o sujeito

pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*),⁹ (2) a polaridade da estrutura imperativa,¹⁰ (3) a relação social entre os missivistas,¹¹ (4) os períodos das cartas,¹² (5) o paralelismo fônico e¹³ (6) o número de sílabas do verbo da construção imperativa em sua forma infinitiva. Ainda que tenhamos tido seis grupos de fatores¹⁴ selecionados pela rodada do Goldvarb no nível Varb do VARBRUL (VARiABLeRULe) para a expressão dos pesos relativos da regra variável em questão, optamos por discutir, neste artigo, tão somente a influência do pronome nominativo de 2SG (1º grupo selecionado) em relação às construções imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo). O valor de aplicação assumido para essa rodada como evidência de *stepping up* foi o indicativo associado às construções imperativas de 2SG. Essa escolha justifica-se não só pelo intuito de revelar evidências históricas do imperativo abrigado, já em sincronias passadas do PB, mas também de discutir a influência do pronome de referência ao sujeito de 2SG nas construções imperativas tam-

⁹ Em relação à polaridade da estrutura imperativa, Diniz (2017, p.144) observou que as sentenças afirmativas com índices percentual e probabilístico de 46% e 0.671 mostraram-se como contextos favorecedores às construções de imperativo associadas ao indicativo, comprovando a hipótese de Scherre (2007, p. 207) em relação às sentenças afirmativas como propulsoras desse tipo de estrutura imperativa.

¹⁰ No que se refere à relação social entre os missivistas, Diniz (2017, p.148) constatou que algumas das relações travadas no âmbito familiar (avô-neto (57%, 0.996), pai-filho (78%, 0.987), mãe-filho (89%, 0.973) e tio(a)-sobrinho(a) (80%, 0.636)) e no âmbito amoroso (43%, 0.801 para a relação marido-mulher) mostraram-se propícias às construções imperativas associadas ao indicativo (*tu*).

¹¹ Em relação aos períodos de escritura das cartas, Diniz (2017, p.150) evidenciou a primeira década do século XX (1900-1909) como o período de uma maior probabilidade de expressão das construções imperativas associadas ao indicativo com 0.679 (56%) que é, de certa forma, mantida e progressivamente incorporada, nas décadas de 20 e 30 do século XX, através dos elevados índices probabilísticos de 0.687 (47%) e 0.707 (34%), respectivamente.

¹² No que diz respeito ao paralelismo fônico, Diniz (2017, p.145-146) teceu as seguintes sínteses: (I) Verbos de 2ª e 3ª conjugações com oposição menos marcada (paradigma especial) favoreceram o imperativo na forma indicativa (0.621, 53%), cf. observado por Scherre (2004) especificamente em contexto discursivo de *você* nos diálogos da Turma da Mônica e também retomados por Scherre (2007) em relação aos condicionamentos da variação do imperativo no PB; (II) Verbos de paradigma irregular cuja oposição é mais marcada (*diz/diga, vê/veja, sê/seja*) favoreceram o imperativo com forma verbal indicativa (0.575, 44%); (III) Verbos da 1ª conjugação com vogal precedente mais aberta [+aberta] (0.484, 32%) pareceram assumir uma influência intermediária em relação ao favorecimento do imperativo de 2SG associado ao indicativo, ao passo que os verbos da 1ª conjugação com vogal precedente menos aberta [-aberta] (0.420, 43%) pareceram inibir as construções imperativas associadas ao indicativo; (IV) Verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações cujos paradigmas são mais marcados (0.244, 33%) e verbos irregulares cuja oposição é menos marcada (0.237, 29%) desfavoreceram fortemente as construções imperativas com o indicativo nas cartas cariocas analisadas.

¹³ Tendo em vista o número de sílabas do verbo em sua forma não-finita Diniz (2017, p.147) assumiu que os verbos polissílabos (0.718, 53%) e trissílabos (0.609, 47%) mostraram-se favorecedores do indicativo nas construções imperativas de 2SG das cartas cariocas. Por outro lado, os monossílabos (0.468, 43%) e os dissílabos (0.396, 31%) evidenciaram, respectivamente, efeitos intermediário e desfavorecedor, o que encontra, em parte, respaldo nas considerações de Scherre (2007), tendo em vista a força *intermediária* interpretada por Scherre *et alii* (2000, p.1339) para os verbos dissílabos (82%, 0.47) e trissílabos (78%, 0.45), ao passo que para os verbos monossílabos (91%, 0.86) Scherre *et alii* assumiram tratar-se de um contexto favorecedor à aplicação do indicativo nas construções imperativas.

¹⁴ O *input* de seleção foi 0.050.

bém de 2SG (*vem* (tu) *versus venha* (você)). O alto nível de significância conferido pelo programa computacional Goldvarb ao pronome nominativo de 2SG (primeiro grupo selecionado cujo nível de significância foi .000 no processo de *stepping up*) mostra a expressividade do pronome-sujeito que parece mesmo ter motivado as construções imperativas de 2SG, cf. já discutido por Rumeu (2016) e por Diniz (2018).

Tabela 3: O efeito do pronome nominativo de 2SG (em cartas de *tu-suj.*, em cartas de *você-suj.* e em cartas de *tu/você-suj.*) sobre as construções de imperativo com formas de indicativo.

SUJEITOS PRONOMINAIS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS (%)	PESOS RELATIVOS
Cartas de <i>tu-sujeito</i>	161/230 (79%)	0.897
Cartas de <i>tu e você-sujeito</i>	85/191 (45%)	0.464
Cartas de <i>você-sujeito</i>	44/310 (14%)	0.180
TOTAL	290/731 (40%)	

Em termos gerais, constatamos que as cartas de *tu-sujeito exclusivo* (primeiro grupo de fatores estruturais selecionados pelo Goldvarb) com o peso relativo de 0.897 (79%) apresentam-se como um proficiente contexto de implementação das construções imperativas vinculadas ao indicativo, cf. ilustramos em (18) e (19).

(18) “[...] *Fortifica-te* portanto, para mais tarde poderes_{suj.} arrastar com vantagem os embates [...]” (JCAM. RJ, 18.12.1896.)

(19) “[...] Meu filho por tudo, e até por aquelle pensamento do Nencio *atende* aos meus conselhos. *Sê* prudente, *conserva-te* n’uma posição superior [...]” (ZPAM. RJ, 06.07.1919.)

Por outro lado, também é possível constataremos, com índices percentual e probabilístico – 45% e 0.464 – que os contextos de variação *tu* e *você* na função de sujeito de 2SG, cf. observamos em (20) e (21), parecem influenciar intermediariamente a aplicação da regra de expressão do imperativo associado ao indicativo, tendo em vista também o fato de a produtividade do indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (45%) ter se mostrado acima da média geral (40% = 290/731) nessa rodada da regra variável em análise.

(20) “[...] Veja se você_{suj.} pode ir ao Rio. [...] Espero, querida, e *confia* em nós. Em ti, que és_{suj.} dona do mundo, pela sua mocidade invencível, em mim, que sou

uma coisa tua, um amigo, um companheiro, um homem que precisa do teu amor. E sou o mesmo que você_{sujeito} conheceu [...]” (CL. 25.06.1937.)

- (21) por ahi Você_{sujeito} vê minha amizade por meu irmão. *Recebe* lembranças de Don Oreste Dona Agusta e do pobre quin tero Don Juan. Quando visite o tumulto de nossa santa mãe não te esqueças_{sujeito} de pedir pelas minhas intenções. [...] Pasei a manhã muito agradável escrevendo a *Você* parece que estavas_{sujeito} aqui.” (MRPCAM. La plata, 01.02.1948.)

Interessante é o fato de o contexto de alternância *tu/você*-sujeito (*cartas mistas*) ter se mostrado como um condicionamento que tende moderadamente a impulsionar as construções imperativas associadas ao indicativo, evidenciando o imperativo abasileirado em amostras históricas do PB escrito entre fins do século XIX e o século XX.

6 Considerações finais

Antes de passarmos a algumas generalizações acerca da expressão variável do imperativo de 2SG, é importante esclarecermos que as análises linguísticas consubstanciadas em amostras históricas imprimem restrições às generalizações finais, tendo em vista o desequilíbrio não só entre os subgêneros das missivas pessoais (amizade, amor, familiar), mas também em relação à quantidade de missivas produzidas por homens e mulheres em todas as faixas etárias (juventude, adulez e senilidade). Passemos a algumas generalizações vinculadas às questões e às hipóteses assumidas nas considerações iniciais deste texto.

Prevaleram, nas cartas oitocentistas e novecentistas analisadas, as construções imperativas estruturadas com formas de subjuntivo (60% dos dados, 442/732). Essa constatação coaduna-se às expectativas iniciais, considerando não só o fato de as evidências de *você-sujeito* terem sido mais profícuas e, conseqüentemente, o subjuntivo nas construções imperativas, mas também o fato de as missivas terem sido escritas por representantes da norma-padrão (redatores cultos), mesmo em interações marcadas pelo tom de intimidade das missivas. Ainda que a ideia seja a de que, em fins do século XX, os cariocas preferem as construções imperativas associadas ao indicativo (SAMPAIO, 2001, p. 61-62), averiguamos a preferência dos missivistas cariocas pelas construções imperativas associadas ao subjuntivo, acompanhando a forma nominativa para a referência ao sujeito de 2SG (*você*). Essa constatação não nos causa estranhamento, se trouxermos à cena o fato de que, entre fins do século XIX e o decorrer do século XX, o *você* tenha avançado pelos espaços funcionais do *tu* no espaço carioca, cf. Cardoso (2006), Lopes e Cavalcante

(2011), Souza (2012), Rumeu (2013), Rumeu (2016), Silva (2017).

As construções imperativas vinculadas às formas de indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (cartas mistas) parecem evidenciar uma influência intermediária, em termos probabilísticos, na aplicação da regra variável em análise (0.464, 45%, 85/191). Acreditamos ser uma evidência sintomática da repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011) o fato de justamente as cartas em que *tu* e *você* alternam na referência ao sujeito de 2SG figurarem como o contexto que tende a projetar, ainda que moderadamente, as construções de imperativo genuinamente brasileiras, cf. Paredes Silva *et alii* (2000), Scherre (2007).

Nesse sentido, constatamos o contexto de sujeito pronominal de 2SG como a variável linguística mais importante para a aplicação das construções imperativas associadas ao indicativo. Acrescentemos ainda o fato de que são justamente as cartas mistas, ou seja, as cartas em que o *você* também se expõe (cartas mistas, *tu/você-suj.*) que funcionam como um contexto que parece já apontar rastros históricos do imperativo abrazeirado no século XIX, dialogando assim também com os resultados de Rumeu (2016, p.322) em relação às cartas cariocas oitocentistas e novecentistas.

Referências

ALVES, G. C. **Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

ALVES, A. P. O.; ALVES, J.S. **A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador**. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2005.

AGUILLAR R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.). **Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII**. Tübingen: Narr, 1998. p. 219-242.

BONFÁ, C. R. Z.; PINTO, I.A.; LUIZ, I. **Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis**. Florianópolis: UFSC/CEP, 1997. (Série de Estudos Diacrônicos).

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 433-506.

CARDOSO, D. B. B. O imperativo gramatical no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, 2006, v. 14, n. 2, p. 317-240.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].

- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos. 2007.
- CUNHA, C. **A Questão da Norma culta**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985.
- DINIZ, J. S. **A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro**: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters And Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012. p. 156-169.
- FARACO, C. A. **The imperative sentence in Portuguese**: a semantic and historical discussion. Thesis (PhD in Modern Languages) – University of Salford, Salford, 1982.
- FARIA, I. H. O uso da linguagem. In: MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p.55-84.
- FAVARO, G. S. **Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria**. Tese de Doutorado – Unesp/Araraquara, 2016.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2014.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012, p. 63-79.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, v. I.
- LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.). **História do português brasileiro: corpus** diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.
- LOBO, T. C. F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX**. Volume II. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (orgs). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.
- LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S.O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. In: **Linguística**. 2011, v. 25, p. 30-65.

MENON, O. P. S. **O imperativo no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1984.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G.; RIBEIRO, T. Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo. **Revista Gragoatá**, UFF, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

PEDROSA, J. L. R. Concordância verbal com o pronome ‘tu’ na fala pessoense. In: **CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2**. Anais... Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York. 2010 [1982].

RUMEU, M. C .B. **Língua e sociedade: a história do pronome ‘você’ no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum: Estudos da Linguagem**, 2016. v. 19, p. 310-341.

SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix. 2008 [1915].

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**. 2007, v. 51, n. 1, p. 189-222.

SILVA, E. N. **Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOARES, M. E. S. **As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

SOUZA, J.P.F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’ aquém e d’ além mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.



Data de submissão: 29/11/2018

Data de aceite: 11/09/2019

ANÁLISE DIATÓPICO-DIACRÔNICA DOS COMPLEMENTOS PRONOMINAIS DE VERBOS NA ESCRITA BRASILEIRA DOS SÉCULOS XIX E XX

DIATOPIC-DIACHRONIC ANALYSIS OF VERBS PRONOUN COMPLEMENTS IN BRAZILIAN WRITING OF THE 19TH AND 20TH CENTURIES

Marco Antonio Rocha Martins | [Lattes](#) | marco.martins@ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina | CAPES-Instituto Humboldt | CNPq

Kássia Kamilla de Moura | [Lattes](#) | moura.kassia@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Franklin Costa da Silva | [Lattes](#) | nilknarf28@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: No campo disciplinar da sintaxe diacrônica, apresentamos neste artigo um mapeamento diatópico-diacrônico dos pronomes complementos de verbos com referência à segunda pessoa, com foco nas formas dativas, em cartas pessoais escritas no Brasil dos séculos XIX e XX. Esse mapeamento nos permite sistematizar argumentos a favor da hipótese de que formas inovadoras da gramática do PB se implementam primeiro na região Nordeste quando comparada com as regiões Sudeste e Sul no vasto território brasileiro. Os resultados mostram para a região Nordeste um quadro em que formas associadas ao pronome *você* são mais recorrentes para os complementos verbais nas funções acusativa, dativa e oblíqua, de um modo geral, e que as formas dativas, de modo mais particular, (1) o pronome *te* é significativamente pouco frequente e o pronome *lhe* se mostra implementado no sistema pronominal desde o início do século XX e (2) a frequência de nulos e de formas preposicionadas (preposição + *você/tu*) aumenta significativa e gradativamente no curso do século XX. Esse quadro se contrasta àquele encontrado para as regiões Sudeste e Sul, sobretudo no marco temporal em que tais mudanças se implementam na escrita.

Palavras-chaves: Dativos; Formas pronominais completivas; Cartas particulares; Português Brasileiro; Mudança diatópica.

Abstract: In the field of diachronic syntax, we present in this article a diatopic-diachronic mapping of second person verbal complements, focusing on the dative forms, in personal letters written in Brazilian Northeast in both 19th and 20th centuries. This mapping allows us to systematize arguments in favor of the hypothesis that innovative forms of BP grammar are first implemented in the Northeast when compared to the Southeast and South in the vast Brazilian territory. Results demonstrate that, in the Northeast, forms associated with the pronoun *você* are more recurrent for verbal complements in the accusative, dative and oblique functions, in general, and that, for the dative forms, in particular, (1) *te* is significantly infrequent while *lhe* has been implemented in the pronominal system since the beginning of the 20th century; and (2) the frequency of null and of prepositional forms (preposition + “*você/tu*”) has significantly and gradually increased during the 20th century. These results contrast with those found for the Southeast and South of Brazil, especially in the time frame in which these changes are implemented.

Keywords: Datives; Personal pronouns; Private letters; Diachronic syntax; Brazilian Portuguese; Diatopic change.

Introdução¹

Apresentamos neste artigo uma análise diatópico-diacrônica das formas pronominais completivas de verbo com referência à segunda pessoa, com foco nos complementos dativos, em cartas pessoais escritas no Brasil no curso dos séculos XIX e XX. O objetivo é sistematizar argumentos para a hipótese defendida em Martins et al. (2015) e Martins (a sair) de que a escrita da região Nordeste do Brasil apresenta características mais inovadoras já em finais do século XIX e início do XX quando comparada a outras regiões no vasto território brasileiro. Para cumprir esse objetivo, retomamos resultados dos estudos de Moura (2017) sobre os complementos verbais nas funções acusativa, dativa e oblíqua e de Costa da Silva (2017) sobre as formas dativas e apresentamos um mapeamento das mudanças nas formas de complemento com referência à segunda pessoa em cartas pessoais escritas no Nordeste brasileiro. Destacamos que são mobilizados na análise pres-

¹ Marco Antonio Rocha Martins destaca que este artigo foi escrito durante o período em que foi *Visiting Professor* na Universidade de Colônia/Alemanha: Projeto “Position of the subject and proclisis in neutral contexts [XP]V in 19th century Brazilian writing: Reflexes of a parametric change in BP”, financiado por uma bolsa de estudos do Instituto Humboldt/CAPES (Processo número 88881.145464/2017-01). Este projeto está integrado ao projeto “A posição do sujeito pré-verbal e das estruturas [XP-clitic-Verb] na escrita brasileira do século XIX”, financiado pelo CNPq com a bolsa de estudos de produtividade PQ-2 (processo 310094/2017-8). Agradecemos aos pareceristas da Revista pelas valiosas leituras e contribuições. Os erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

supostos da sociolinguística variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e da sociolinguística histórica (cf. CONDE SILVESTRE, 2007), assim como do modelo de Brown e Gilman (1960).

Uma análise dessa natureza se justifica porque apesar de haver muitos estudos sobre formas pronominais em outras funções gramaticais poucos são os que verticalizam a discussão para as formas completivas, e, mais especificamente, as dativas.

O *corpus* analisado se constitui de 410 cartas pessoais escritas nos séculos XIX e XX em três estados da região Nordeste: 296 cartas do Rio Grande do Norte, 36 cartas de Pernambuco, e 78 cartas da Bahia. Parte dessas cartas pertence ao banco de dados do *Projeto História do Português Brasileiro (PHPB)*, que, em âmbito nacional e organizado em equipes regionais, busca coletar, editar e catalogar materiais referentes a gêneros textuais diversos, com o objetivo de contribuir para o estudo da história do português escrito no Brasil². Mais informações sobre o *corpus* serão apresentadas nas seções 2 e 3.

As categorias morfossintáticas de complementos verbais analisadas neste artigo vão além das formas tratamentais *tu* e *você* propriamente ditas; antes, se estendem àque-las associadas ao pronome *tu* ou a um sistema de *tuteamento* e ao pronome *você* ou a um sistema de *voceamento*, além, é claro, das formas nulas associadas a um ou a outro sistema. Em relação às categorias morfossintáticas de complementos verbais acusativos, as variantes encontradas na diacronia do português escrito no Brasil, no curso dos séculos, são os pronomes *te* (1)³, *o/a* (2), *lhe* (3), *você* (4) e formas nulas \emptyset (5):

- (1) [...] Deixe-me andar assim no teu caminho, por toda a vida amor, de vagarinho até a morte me levar consigo... tu és a vida da minha própria vida por isso e que TE amo amo 365X365, que Deus TE conserve bonita e bela para mim[...]. (Carta de Walter Oliveira para Lucinha, 31|03|93).
- (2) [...] V. já deve saber que não O esqueci. É que estava doente. [...]. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 17/4/1925).
- (3) [...] Aqui estar tudo bem comigo graças a Deus, e desejo que esta chegue em suas maos e LHE encontre com muita saude e que você alcance todos os seus objetivos[...]. (Carta de Walter Oliveira para Lucinha, 18|10|92).
- (4) [...] Minhas lembranças a todos os seus. Mamãe e papai, Cotinha e minha

² As cartas utilizadas por Costa da Silva (2017) estão disponíveis no *site* do Projeto PHPB, acessível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/corpora-manuscritos>. Das cartas utilizadas por Moura (2017), parte está disponível no *site* do projeto e parte são documentos inéditos organizados pela autora.

³ Os dados citados neste artigo foram extraídos, em sua maioria, de Moura (2017) e Costa da Silva (2017). Trazem informações sobre os escreventes, o local e a data de escrita das cartas.

- mulher, todos abraçam V. desejando felicidades e a prompta saída de João Alberto[...]. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 27/4/31).
- (5) [...] Meu amor, lamento sinceramente que tenhas dúvidas sobre este que tanto te ama e que Ø admira sobre este que é capaz de dar a vida por ti caso fosse preciso. Te adoro. Lucinha vai estes pensamentos especialmente pra você. [...] (Carta de Walter Oliveira para Lucinha, 8|12|92).

as variantes para as formas dativas são: *te* e *prep. + ti* (6), *lhe* (7), *prep. + você/tu* (8), e formas nulas Ø (9):

- (6) venho mesmo com a pobreza de minha inteligência diser-TE que Hoje distante de TI. (Ruzinete a Lourival, Patu, 26 de-2-1946).
- (7) LHE mandei por José Carambola, que já LHE forneci as listas (João a Theodosio de Paiva, Monte Alegre, 6-06-1917).
- (8) a. agradeço tudo isto A VOCÊ. (Walter a Lucinha, Diadema, 21-07-1994).
b. Lucinha liguei PRÁ VOCE no dia de seu aniversário. (Walter a Lucinha, sem local e data).
b. PARA VOCÊ milhões de beijos. (Walter a Lucinha, sem local e data).
b. [...] Mas não perdi a esperança, os dias correm até que o tempo chega, pois, o passado negro não quero já mais, apelo PARA TU, para o futuro para que o meu sonho seja realizado[...]. (Carta de Lourival para Ruzinete, 17/2/1946).
- (9) Não mandei hotem as galinhas Ø (João a Theodosio de Paiva, Monte Alegre 8-05-1917) e para remeter o dito algodão Ø. (João a Theodosio de Paiva, Monte Alegre, 4-10-1918).

as variantes para as formas oblíquas são: *prep. + você* (10) e formas nulas Ø (11):

- (10) a. [...] você é uma pessoa muito marcante que marcou minha vida para sempre, quando estou COM VOCÊ do meu lado esqueço que o mundo existiu para me será amor ou paixão acho que é mais que amor é algo bem diferente [...]. (Carta de Walter Oliveira para Lucinha, 5|5|92).
b. Tudo isso é feito sem que me esqueça DE VOCÊ. Do quanto você é capaz de fazer, além do ótimo que fez e faz. Aprenda a escrever carta comprida, seu bilheteiro. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 19|10|41).

- (11) [...] O melhor que tenho tido em minha vida é não esperar senão bonde e missa. Idéas, elogios, rapapés, frechisbeques litterários, vem quando contra o provável. Tradução - a única maneira d'eu desconfiar Ø e de seu talento seria um livro compreendido inteiramente. [...]. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 25|8|24).

O artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e das referências. Em 1, apresentamos um breve panorama da implementação do pronome *você* na função de sujeito no português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX, considerando especificamente as regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país; em 2, apresentamos resultados sobre os complementos acusativos, dativos e oblíquos com referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais do Rio Grande do Norte; em 3, apresentamos resultados sobre o complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular e plural em cartas pessoais de três estados da região Nordeste; e em 4, para concluir, resumizamos os resultados empíricos encontrados em busca de evidências para a hipótese aqui investigada.

1. A implementação do pronome *você* na função de sujeito no português do Brasil

Apresentamos aqui, muito brevemente, um quadro panorâmico da implementação do pronome *você* em oposição ao pronome *tu* na posição de sujeito no português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX, considerando diferentes estudos com base em cartas pessoais escritas nas regiões Nordeste (1.1), Sudeste (1.2) e Sul (1.3) do país.

1.1 Região Nordeste

Martins et al. (2015) analisaram 813 cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos nos estados do Rio Grande do Norte (RN), de Pernambuco (PE) e da Bahia (BA)⁴. A análise contemplou as motivações sócio-pragmáticas e as relações interpessoais entre os escreventes condicionadoras para o uso de formas tratamentais. Os resultados gerais mostraram que o pronome *você* em oposição ao pronome *tu*, como forma de tratamento nos mesmos contextos sócio-discursivos, mesmo em relações simétricas, estava já implementado em cartas pessoais da primeira década do século XX, ou mesmo antes, no

⁴ Na amostra da Bahia (BA), foram analisadas 383 cartas pessoais, relativas ao período de 1810 a 1990, do acervo do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) e identificados 838 dados de formas de tratamento de referência à segunda pessoa na posição de sujeito, entre sujeitos preenchidos e nulos (*Vossa Excelência, Vossa senhoria, o senhor, Vossa mercê e tu*); na amostra de Pernambuco (PE), foram analisadas 126 cartas pessoais datadas de 1869 a 1969 e identificados 354 dados de formas tratamentais (*você, tu, Vossa Mercê e o/a senhor/a*); na amostra do Rio Grande do Norte (RN), foram analisadas 304 cartas e levantados 892 dados de formas tratamentais (*você, tu e o/a senhor/a*). As cartas de PE e do RN estão em sua maioria disponíveis no site dos corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro. A análise dos autores é retomada em Lopes et al. (2018).

final do século XIX. Dos diferentes subsistemas de tratamento na escrita brasileira dos séculos XIX e XX – (i) de *você* exclusivo, (ii) de *tu* exclusivo e (iii) de alternância *você* ~ *tu* – propostos por Lopes e Cavalcante (2011), Martins *et al.* (2015) apresentam evidências empíricas robustas de que, em cartas da região Nordeste, o subsistema de tratamento que vigorou desde o final do século XIX foi o de *você* exclusivo na posição de sujeito, conforme exemplifica o excerto em (12) a seguir e ilustram os gráficos da Figura 1, a seguir.

(12) [...] Eu queria que VOCÊ fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e CONVERSASSE em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, VOCÊ peça para no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de reverver [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: VOCÊ procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique aelle dos rádios Philco que possuo, bons, e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, PEÇA para avaliar. [...] (de Mário Sette para o filho, 29 de outubro de 1937, Pernambuco/Acervo Mário Sette).

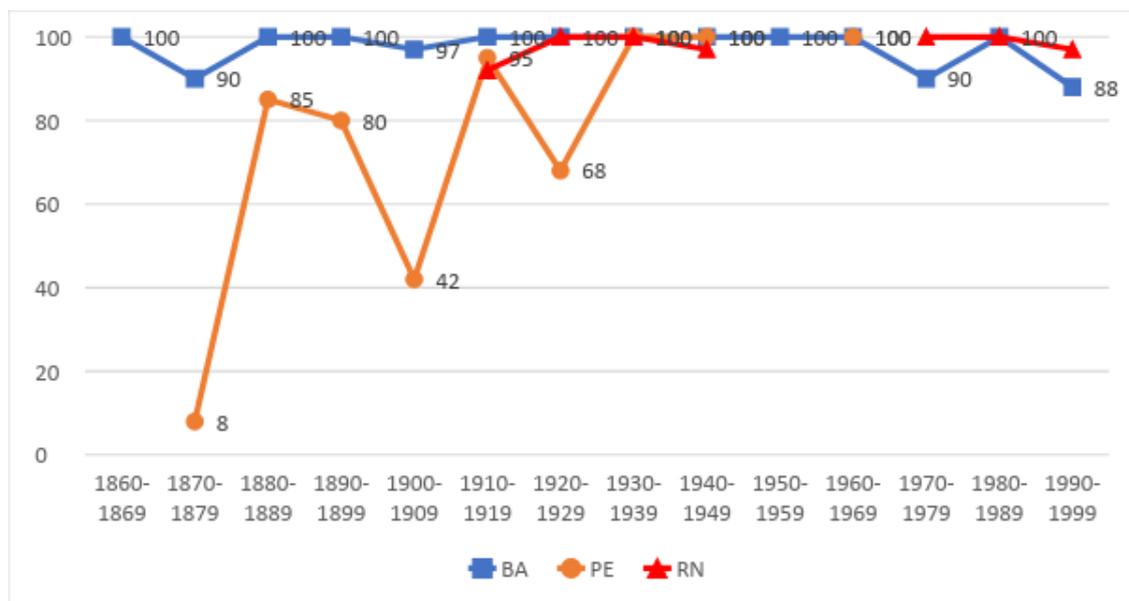


Figura 1: Implementação do pronome *você* na posição de sujeito em cartas pessoais da região Nordeste: Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia (1860-1999), resultados adaptados de Martins *et al.* (2015, p. 46)⁵.

⁵ Os resultados apresentados nos gráficos fazem referência ao total de uso das formas *você* versus *tu* nos resultados encontrados. Para observar aqui a implementação de *você* nos mesmos contextos sócio-discursivos de *tu*, foram excluídos os usos das demais formas tratamentais nas cartas (*Vossa Excelência*, *Vossa senhoria*, *o senhor* e *Vossa mercê*). Para uma análise pormenorizada, remetemos o leitor a Martins *et al.* (2015).

Em cartas baianas, o pronome *você* aparece já como uma forma consolidada no sistema de tratamento da segunda metade do século XIX (entre 1860 e 1899), com percentuais de/ou muito próximos a 100%, em oposição ao pronome *tu*⁶.

Em cartas pernambucanas, de igual modo, há um “forte predomínio” do uso do pronome *você* em finais do século XIX: 80% em 1980-1889, na média dos 80% em cartas das últimas décadas desse século, com a consolidação desse uso em cartas do século XX (100% nas últimas décadas analisadas). Os 64 usos do pronome *tu* da amostra (do total de 354 dados analisados com todos os pronomes), distribuídos ao longo do período analisado, estão sempre associados a motivações sócio-pragmáticas, ocorrendo eventualmente nas relações assimétricas descendentes (entre pais e filhos) e em relações simétricas em contextos mais íntimos entre amigos e entre casais, com temáticas amorosas.

Em cartas norte-rio-grandenses, o *você* é a forma pronominal categórica já em cartas da primeira década do século XX (92%) e os usos do pronome *tu* são motivados por relações amorosas e fraternais – cartas de namorado(a)/noivo(a) para namorada/noiva; e de marido para mulher ou e de mulher para marido⁷.

Esse quadro mostra que a frequência do pronome *você* na região Nordeste sempre foi mais alta em comparação com a variante *tu*, desde os finais do século XIX. Prevalece, portanto, um subsistema de tratamento de *você* (quase) exclusivo, já bastante consolidado como forma tratamental.

1.2 Região Sudeste

Como muitos trabalhos têm evidenciado, o quadro apresentado na subseção anterior não é aquele encontrado nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Lopes et al. (2018), retomando estudos anteriores (LOPES; RUMEU, 2015; entre outros), apresentam uma excelente descrição das formas tratamentais na região Sudeste, no estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e sistematizam uma análise de 522 cartas pessoais dos

⁶ Quando consideradas todas as formas tratamentais encontradas, os autores mostram uma baixa frequência do pronome *você* no final do século XIX (14,3%) em oposição às demais formas de tratamento (*Vossa Excelência*, *Vossa senhoria*, *o senhor*, *Vossa mercê* e *tu*), mas a frequência de uso desse pronome sobe para 100% logo no início do século XX, entre 1900 e 1929, como mostra o gráfico na Figura 1. Uma segunda forma muito recorrente nas cartas do século XIX foi o pronome *Vossa Excelência*. Citando Martins et al. (2015, p. 30): “*Vossa Excelência* aparece nas cartas com 40% de frequência na primeira metade do século XIX (1810-59), atingindo 82% na segunda metade daquele século”.

⁷ Na amostra do Rio Grande do Norte, há cartas do período de 1940 a 1959 com altos índices de *tu* (62% e 100%), mas são todos dados em cartas de amor trocadas entre o casal Lourival e Ruzinete. Por entendermos aqui que são usos motivados por relações interpessoais e por contexto amoroso das cartas, esses dados foram excluídos do gráfico na Figura 1. Para mais detalhes a respeito ver Moura (2013), Martins et al. (2015) e Lopes et al. (2018).

séculos XIX e XX⁸. A implementação do pronome *você* em cartas pessoais nesses estados pode ser observada nos gráficos da figura 2 a seguir:

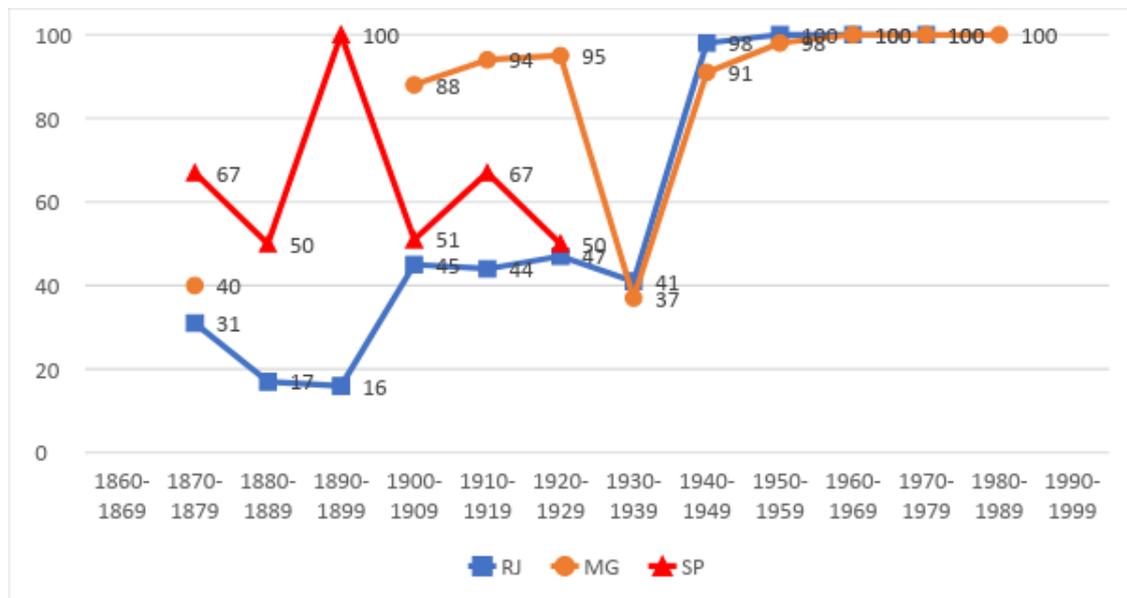


Figura 2: Implementação do pronome *você* na posição de sujeito em cartas pessoais da região Sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (1860-1999), resultados adaptados de Lopes et al. (2018, p. 50, 69 e 82)

Em cartas cariocas, o pronome *você* não foi produtivo até o início do século XX (com percentuais de 31% em 1870-1879, 17% em 1880-1889 e 16% em 1890-1899) quando comparado ao uso do pronome *tu*. A partir da década de 1930, há um significativo aumento no uso de *você*, de 41% em cartas de 1930-1939 para uma média de 98% em 1940-1949 e atinge 100% nos demais períodos da segunda metade do século XX. A curva desenhada pelo gráfico leva Lopes et al. (2018) à hipótese de que houve três estágios na implementação de *você*, tendo em vista a análise de cartas escritas no RJ: “I. de 1870 a 1899: *tu* era mais frequente que *você*; II. de 1900 a 1939: *tu* e *você* apresentando frequências próximas; III. de 1940 a 1979: predomínio de *você* sobre *tu*.” (LOPES et al., 2018, p. 50).

Em cartas mineiras, considerando a totalidade dos dados, há uma “alta produtividade de *você*, 84% (189 dados), em oposição às baixíssimas frequências de uso de *tu*,

⁸ Na amostra do Rio de Janeiro (RJ), foram analisadas 366 cartas pessoais escritas entre 1870 e 1979 e identificados 1.525 dados de *você* e *tu*; na mostra de Minas Gerais (MG), foram observadas 89 cartas mineiras escritas entre 1850 e 1989 e 266 dados de *você*, *tu* e *Vossa Mercê*; na amostra de São Paulo (SP), foram analisadas 67 cartas escritas entre 1870 e 1930 e identificados 148 dados de *você*, *tu*, *o/a senhor/a*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência* em posição de sujeito.

12% (28 dados) e do *Vossa Mercê*, 4% (9 dados)” (Lopes et al., 2018, p. 50). Há, ainda, uma concentração do uso do pronome *tu* em cartas da década de 1930, que, nas palavras desses autores, é motivada por “relações familiares de superior para inferior das cartas mineiras novecentistas: de pais para filhos e entre irmãs.” (p. 76). De um modo geral, portanto, o sistema com *você* exclusivo parece ter sido o que vigorou nas cartas mineiras desde a primeira década do século XX, com uma média de 90%, e a queda dessa forma na década de 1930 a 1939 seria motivada pela natureza da amostra, nas palavras dos autores.

Esse mesmo quadro pode ser encontrado em cartas paulistas de 1870 a 1930, em que a análise “aponta para a tendência de que o pronome *você* apresenta um uso majoritário ao longo do tempo, compreendido como uma estratégia neutra que perpassa a maioria das relações sociais.” (LOPES et al., 2018, p. 90). No equilíbrio entre o uso dos pronomes *você* e *tu*, dos dados analisados para SP, a variante *tu* desinencial “ocorre em contextos em que há a intenção de estabelecer intimidade e afeto” (p. 90).

Em MG e em SP, portanto, o quadro se diferencia, em parte, daquele encontrado para o RJ, em que a frequência de uso do pronome *você* aumenta significativamente na década de 1930.

1.3 Região Sul

Um quadro ainda mais diferente em relação à implementação do pronome *você* na função de sujeito tem sido desenhado em trabalhos com dados de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. Nunes de Souza e Coelho (2013; 2015), com base na análise de 71 cartas pessoais escritas por ilustres e não ilustres de duas cidades – Florianópolis e Lages –, mostram que o pronome *você* parece estar ainda em processo de implementação durante o século XX. Há, de acordo com as autoras, diferenças diatópicas relevantes entre as cidades de Florianópolis (no litoral) e Lages (na serra), de modo que ainda na segunda metade do século XX há altos índices de *tu* na função de sujeito⁹.

Da implementação do pronome *você* na função de sujeito no português escrito no Brasil, portanto, podemos concluir que parece haver diferenças diacrônica-diatópicas entre três regiões do Brasil: *você* parece se implementar como pronome sujeito em cartas da região Nordeste ainda em finais do século XIX, e esse mesmo quadro parece ser o encontrado em cartas de MG e SP, desconsideradas as poucas ocorrências de *tu*. Diferentemente, em cartas do RJ, há uma clara implementação do *você* na escrita a partir da década de 1930. Em cartas de SC, a implementação parece ainda estar em processo no curso da segunda metade do século XX.

⁹ Esses resultados são retomados em Lopes et al. (2018).

2. Formas pronominais completivas de verbo com referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais no Rio Grande do Norte/região Nordeste

Moura (2017) analisou as formas de complementos verbais com referência à segunda pessoa do singular, nas funções acusativa, dativa e oblíqua, em 296 cartas pessoais escritas no estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste brasileiro, no período de 1916 a 1994, como ilustram as informações sistematizadas no quadro 1 a seguir¹⁰:

CONJUNTOS DE CARTAS, ORGANIZADOS POR INFORMANTES	PERÍODO DE ESCRITA	NÚMERO DE CARTAS	SUBSISTEMA UTILIZADO NA POSIÇÃO DE SUJEITO
Irmãos Paiva	1916-1925	61	Exclusivo de <i>você</i>
Câmara Cascudo – ilustre	1924-1944	84	Exclusivo de <i>você</i>
José Geraldo	1943-1944	32	Exclusivo de <i>senhor(a)</i>
Lourival Rocha	1946-1972	34	Misto (<i>tu~você</i>)
Rusinete Dantas	1946-1951	16	Exclusivo de <i>tu</i>
Joana Rocha	1973-1989	20	Exclusivo de <i>você</i>
Desemb. Manoel Onofre – ilustre	1973-1999	19	Exclusivo de <i>você</i>
Walter Oliveira	1992-1994	30	Misto (<i>tu~você</i>)

Tabela 1: Corpus de cartas pessoais analisado por Moura (2017).

A autora fez uma análise variacionista dos complementos verbais, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), considerando (1) formas de *tu* versus formas de *você*, para a totalidade dos dados e para cada uma das três funções em separado, e (2) formas preenchidas versus nulas, para a totalidade dos dados e para cada uma das três funções em separado. Foram encontradas 646 ocorrências entre formas preenchidas (que somam 591) e nulas (que somam 55); do total de formas pronominais preenchidas, foram analisadas 218 (36,9%) associadas ao pronome *tu* e 373 (63,7%) associadas ao *você*, o que mostra uma preferência pelas formas associadas ao pronome inovador também na posição de complemento verbal nessas cartas, do estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste brasileiro. No que concerne às funções sintáticas das formas pronominais de P2, do total de 591 dados, a distribuição dos dados é a seguinte: 305 (51,6%) ocorrências de formas pronominais de P2 na função dativa; 220 (37,3%)

¹⁰ Seguindo a proposta de Lopes e Cavalcante (2011), o *corpus* foi organizado de acordo o subsistema pronominal na posição de sujeito encontrado nas cartas, de *tu*, *você* ou o *senhor* exclusivo, ou de misto. O *corpus* se organiza em escreventes “ilustres” para designar pessoas que tiveram, além do acesso ao ensino superior, uma vida pública reconhecida versus “não ilustres”. Mais informações sobre o *corpus*, remetemos ao trabalho de Moura (2017).

dados de formas pronominais de P2, na função acusativa e 66 (11,2%) ocorrências de formas pronominais de P2, na função oblíqua.

A distribuição das formas pronominais associadas aos pronomes *tu* e *você* nas cartas por escrevente no curso do século XX pode ser visualizada Figura 3 a seguir:

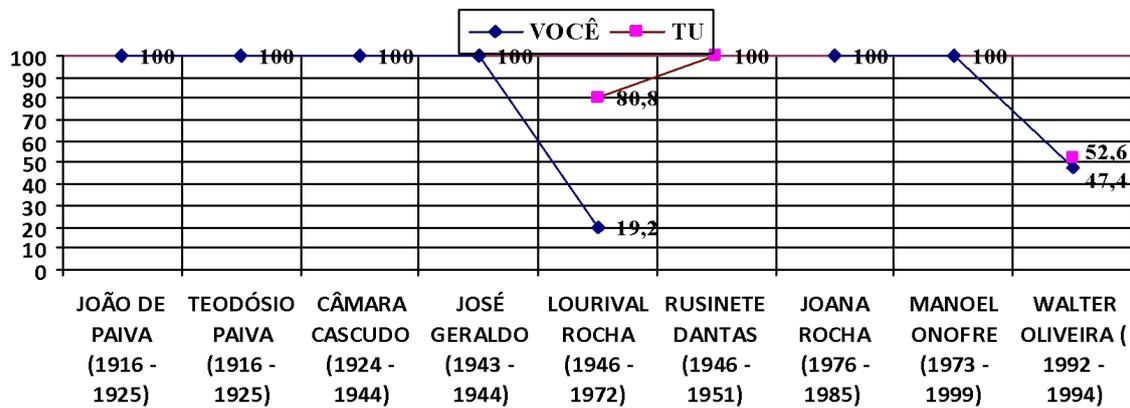


Figura 3: Complementos verbais com referência à segunda pessoa do singular em cartas do RN em função do escrevente (MOURA, 2017, p. 105).

Em quase todas as décadas do século XX, as formas pronominais de P2 na posição de complemento estão associadas (categoricamente, 100%) ao pronome *você*, o que confirma nossa hipótese de que o pronome *você* parece ser o padrão na escrita da região Nordeste no curso de todo o século XX, também nessa função. Somente em cartas dos escreventes Ruzinete Rocha (que nasceu em 1931), Lourival Rocha (que nasceu em 1922) e Walter Oliveira (que nasceu em 1960) há formas associadas ao pronome *tu*, que, como mostra a autora, estão sempre em cartas com conteúdos amorosos. Queremos destacar aqui que, justificados os poucos (em sócio-discursivos bem específicos) usos de formas do *tu* para a referência ao complemento verbal de segunda pessoa do singular na amostra, há um uso expressivo e quase categórico de formas do *você* em cartas de quase todos os escreventes, o que parece revelar um sistema de *você* já implementado na escrita no Rio Grande do Norte no nordeste brasileiro, desde a primeira metade do século XX, nas funções acusativa, dativa e oblíqua.

Quando analisadas as amostras em separado por função, Moura (2017) mostra que as formas de *você* na função de complemento dativo são mais produtivas entre os escreventes ilustres, como mostram os dados da tabela 2 a seguir:

	VOCÊ	TU	TOTAL
ILUSTRES	88,3% - 128/145	11,7% - 17/145	47,5% - 145/305
NÃO ILUSTRES	65% - 104/160	35% - 56/160	52,5% - 160/305

Tabela 2: Distribuição de complementos verbais com referência à segunda pessoa do singular na função dativa em relação à categoria social (MOURA, 2017, p. 120).

Do total de 145 dados de informantes ilustres, 128 (88,3%) são com formas associadas ao inovador *você* em oposição ao *tu* com 17 dados (11,7%). O escrevente ilustre Luís da Câmara Cascudo, por exemplo, empregava nas cartas que escrevera a Mário de Andrade apenas formas dativas associadas ao inovador *você* ou formas nulas, como exemplificam os excertos a seguir.

- (13) [...] Sempre LHE direi que recebi sua carta [...]. (Carta de Câmara Cascudo a Mário de Andrade, 26|6|25).
- (14) [...] Direi A V. que “Raça” é tronco de raminho fino. Laranja muito doce fica secca. [...]. (Carta de Câmara Cascudo a Mário de Andrade, 26|6|25).
- (15) [...] O argentino-columbiano leu o Escrava vezes e está suando de entusiasmo. Mandei seu endereço para que elle enviasse a chronica a respeito do livro. Para meu fôro intimo pergunto A V.[...] (Carta de Câmara Cascudo a Mário de Andrade, 9|7|25).

Em relação ao não preenchimento do complemento com referência à segunda pessoa do singular, Moura (2017) encontrou apenas 55 ocorrências ao longo do século XX, sendo 42 (76,4%) dessas em função dativa, conforme dado em (17), 12 (21,8%) em acusativa (18) e 1 (1,8%) em oblíqua (19):

- (16) [...] Remetto Ø esse livréco meu. O primeiro. Não leia. Registre e mande um abraço pela minha grande prova de amizade. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 25|8|24).
- (17) [...] O primeiro. Não Ø leia. Registre e mande um abraço pela minha grande prova de amizade. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 25|8|24).
- (18) [...] O melhor que tenho tido em minha vida é não esperar senão bonde e

missa. Idéas, elogios, rapapés, frechisbeques litterários, vem quando contra o provável. Tradução - a única maneira d'eu desconfiar Ø e de seu talento seria um livro compreendido inteiramente. [...]. (Carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, 25|8|24).

Para os complementos verbais dativos com referência à segunda pessoa, as formas nulas são mais frequentes em cartas de escreventes com o subsistema exclusivo de *você* e, mais especificamente, na escrita do informante ilustre Luiz da Câmara Cascudo, como ilustra o gráfico na figura 4.



Figura 4: Distribuição dos complementos dativos não realizados quanto à diferenciação dos escreventes (MOURA, 2017, p. 129).

Esses resultados deixam claro que formas pronominais de complementos verbais de segunda pessoa associadas ao pronome *você* são quase categóricas em cartas pessoais no estado do Rio Grande do Norte no curso de todo o século XX, e as poucas formas de *tu* são motivadas por relações interpessoais entre os escreventes em cartas pessoais de amor. Das formas associadas ao pronome *você*, o pronome *lhe* é muito recorrente e os nulos são pouco frequentes no século XX, estando associados em sua grande maioria a complementos dativos. O uso do pronome *lhe* como complemento de segunda pessoa era já muito recorrente em cartas do Rio Grande do Norte do início do século XX mesmo em cartas que tratam de assuntos mais íntimos, ambiente favorcedor do uso das formas associadas ao *tu*.

Das formas acusativas analisadas por Moura (2017), foram encontradas 220 ocor-

rências, distribuídas em 143 (65%) associadas ao pronome *tu* e 77 (35%) ao pronome *você*. As formas encontradas foram os pronomes *o/a (s)*, *você*, *te* e *lhe* e dessas, esse último na função acusativa é a forma mais recorrente, mostrando um quadro diferente daquele encontrado em cartas da região Nordeste, como também mostram Andrade, Carneiro e Lacerda (2016) para cartas da Bahia.

Considerando esse quadro, para melhor visualizar as inovações no uso dos complementos verbais em cartas pessoais do Nordeste brasileiro, numa perspectiva diatópico-diacrônica, apresentamos na próxima seção uma análise particularizada das formas dativas com referência à segunda pessoa do singular.

3. Complementos dativos

3.1 Região Nordeste

Costa da Silva (2017) investigou um *corpus* de 248 cartas pessoais escritas entre 1910 a 1999 dos estados do Rio Grande do Norte¹¹, de Pernambuco e da Bahia no Nordeste brasileiro e apresenta uma análise variacionista de 610 ocorrências de complementos dativos com referência à segunda pessoa do singular, considerando as seguintes variantes: (a) os pronomes átonos *te* e *vos* e *ti* preposicionado (cf. 19), (b) o clítico *lhe* (20), (c) o pronome nulo (21), e (d) os pronomes *você* e *tu* preposicionados (22).

- (19) a. [20,2 CP RN] ainda não tenho uma resposta pra TE dizer. (Walter a Lucinha, São Paulo 18.10.91).
b. Com os mais attenciosos cumprimentos VOS apresento o XI volume dos “Archivos do Museu (Alipio de Miranda Ribeiro ao Excelentissimo Sr. Governador do Estado da Bahia, Feira de Santana, 17-12-1901).
b. Este que é capaz de dar a vida POR TI caso fosse preciso. (Walter a Lucinha, São Paulo, 08-12-1992).
- (20) [20,2 CP RN] também não creio estar pedindo-LHE nada demais. (Walter a Lucinha, São Paulo, 22-05-93).
- (21) [20,2 CP RN] Lucinha, peço (☹) que se possível mim ligue domingo. (Walter a Lucinha, São Paulo, 20-11-92).
- (22) a. [20,2 CP RN] Você creia ou não, nunca escrevi PARA VOCÊ o que não sentisse. (Renné a Otto, Ilhéus, 14-04-49).
b. [20,2 CP RN] o passado nêgro não quero ja mais, apelo PARA TU, para o futuro para que o meu sonho sêja realizado. (Lourival a Ruzinete, Mumbaça, 17-02-1946).

¹¹ No *corpus* investigado por Costa da Silva está parte das cartas analisadas por Moura (2017).

A implementação das quatro variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular nas cartas dos três estados no curso do século XX em três períodos pode ser observada nos gráficos da figura 5 a seguir¹²:

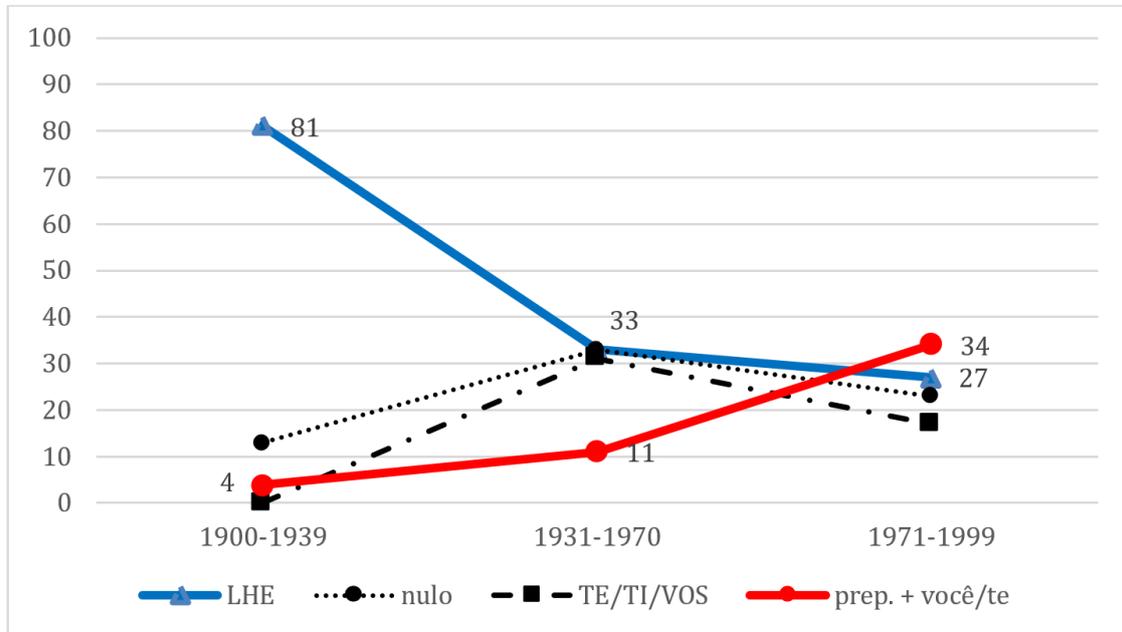


Figura 5: Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais da região Nordeste (1900-1999) - (COSTA DA SILVA, 2017, p. 76).

O seguinte quadro pode ser sistematizado do seguinte modo:

As formas pronominais *te/ti/vos* já não são recorrentes em textos de 1900 a 1930. Há um aumento na frequência de uso dessas formas ao longo das décadas seguintes, mas, como aponta o autor, esse aumento ocorre nas cartas de 1931 a 1970, da escrevente Ruzinete que faz uso categórico de um sistema de *tu* (conforme quadro 1 acima) e escreve todas as correspondências aqui analisadas para o seu namorado/noivo/marido no período de 1946 a 1972. De acordo com a análise de Costa da Silva, essa não é a tendência geral nas cartas analisadas, mas uma particularidade das cartas da escrevente Ruzinete.

Há uma queda bastante acentuada na frequência de uso do pronome *lhe* de 1900-1930 (81%) para os períodos de 1931-1970 (33%) e de 1971-1999 (27%). O uso da forma inovadora *lhe* já parece se mostrar muito frequente em textos do início do século XX e cai significativamente a partir de textos de 1970.

¹² Destacamos aqui que o interesse central nesta seção não é analisar a variação entre as formas do paradigma de *você* e de *tu*, motivo pelo qual agrupamos todas as formas preposicionadas, mesmo entendendo que se tratam de paradigmas distintos.

Há um aumento na frequência de nulos para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular: de 13% em textos de 1900-1930, sobe para 31% em textos de 1931-1970 e passa a 23% em textos de 1970-1999.

Há um evidente incremento nas cartas da variante inovadora com formas preposicionadas (*preposição + você/tu*) no curso do século XX, de 4% para 11% e 34% em textos escritos a partir de 1931.

Podemos conjecturar que a mudança associada ao uso da forma inovadora *lhe* para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular já estava por completo implementada no sistema de dativos no início do século XX na escrita do Nordeste e perde espaço primeiro para os nulos, que começam a aparecer timidamente em cartas do início do século XX, e depois para as formas mais inovadoras preposicionadas, cuja frequência de uso aumenta de 4% de 1900-1930 para 11% e 34% em cartas das décadas de 1931-1970 e 1971-1999.

3.2 Região Sudeste

Oliveira (2015) analisou 318 cartas escritas entre o período de 1880 a 1980 do Rio de Janeiro e encontrou 811 ocorrências de complementos dativos, estando os dados distribuídos em quatro sincronias nos gráficos da figura 6 a seguir.¹³

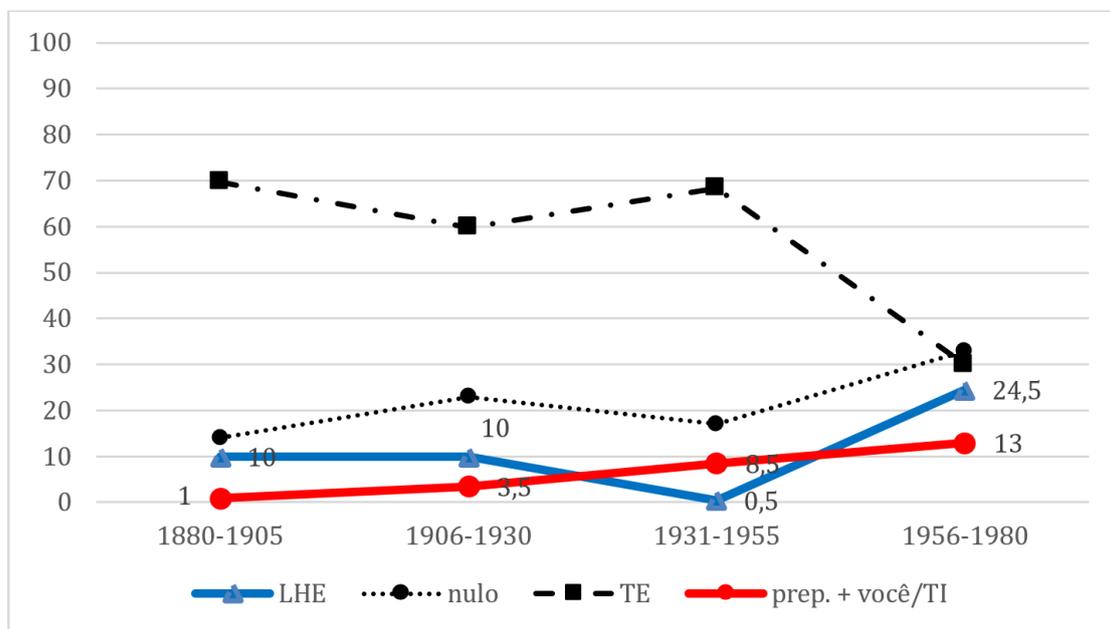


Figura 6. Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais do Rio de Janeiro (1900-1999) - (OLIVEIRA, 2015, p. 87).

¹³ Apresentamos nos gráficos apenas os resultados referentes às variantes *lhe*, *te*, *preposição (a/para) + você* e *nulo* do estudo e Oliveira (2015), a fim de compararmos com os resultados de Costa da Silva (2017) para a região Nordeste.

Em linhas gerais, as tendências das mudanças atestadas em cartas da região Nordeste para as quatro variantes parecem ser as mesmas que as encontradas em cartas cariocas. Há, no entanto, algumas especificidades em relação ao período em que observamos a implementação das variantes:

- (i) Sobre a forma pronominal *te*, há uma queda na frequência de uso de 69,6% em cartas de 1880-1905 para 30% nas de 1956-1980.
- (ii) Sobre a forma pronominal *lhe*, há nas cartas cariocas um tímido incremento na frequência de uso das cartas de 1880-1905 (10%) para as de 1956-1989 (24,5%). A frequência de uso da forma *lhe* se contrasta àquela encontrada em cartas do Nordeste, pois no RJ o *lhe* parece se implementar no curso do século XX, com um significativo aumento em cartas da década de 1931.
- (iii) Sobre as formas nulas, Oliveira mostra um leve incremento na frequência de uso de 14,5% em 1880-1905 para 30% em 1956-1989 e esse aumento também parece ser sensível à escrita a partir da década de 1931.
- (iv) Sobre as formas preposicionadas, considerando que Oliveira (2015) não encontra nenhuma ocorrência de *prep. + tu*, há um pequeno incremento na frequência de uso da forma *prep. + você* inovadora da gramática do PB, de 1,4% nas décadas de 1880 a 1905 para 13% na segunda metade do século XX, em cartas de 1956 a 1980.

Fica evidente que a tendência na frequência de uso dos nulos acompanha a tendência de uso do pronome *lhe* nas cartas cariocas e esse quadro é diferente daquele encontrado nas cartas do Nordeste, em que as formas preposicionadas (*preposição + você/tu*) desenham uma curva de mudança que se implementa no sistema do século XX.

3.3 Região Sul

Esse quadro se apresenta ainda mais diferente em cartas da região Sul. Nunes de Souza (2015) analisa três conjuntos de cartas de escreventes de duas cidades do estado de Santa Catarina de 1882 a 1992¹⁴. Dos resultados apresentados pela autora, fica evidente que em cartas do estado de SC, no que se refere às quatro variantes:

- (i) O uso do pronome *te* é ainda muito frequente no final do século XIX e no século XX, de 1882 a 1992.

¹⁴ A análise da autora toma como referência uma amostra de 1882 a 1898 com cartas de Cruz e Sousa; uma amostra de 1932 a 1992 com cartas de Maura de Senna; e uma amostra de 1984 a 1992 de Harry Laus.

- (ii) A frequência de uso do pronome *lhe* como complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular é muito baixa em toda a amostra, com poucos dados em cartas de Maura de Senna, uma escrevente que mostra sempre um aspecto mais inovador, segundo a autora.
- (iii) Os nulos são de igual modo muito pouco frequentes.
- (iv) Quase não há formas preposicionadas nas cartas catarinenses. A autora encontra apenas 5 ocorrências de *prep + você* nas mesmas cartas de Maura de Senna.

Os mesmos resultados para os estados do Rio de Janeiro e de Santa Catarina podem ser encontrados no estudo de Oliveira, Carvalho e Silva (a sair), com base em uma amostra extraída de 255 cartas particulares cariocas e catarinenses. Os autores analisaram 291 dados em cartas de SC, com as variantes assim distribuídas: 77% de *te*; 8,2% de *lhe*; 11,3% de nulos; 2,4% de *prep. (a/para) ti*; e 1% de *(a/para você)*; e 357 dados em cartas do RJ, assim distribuídos: 55,2% de *te*; 10,4% de *lhe*; 25% de nulo; 2,2% de preposição *(a/para) ti*; e 6,4% de *(a/para você)*. Esses resultados ratificam aqueles apresentados em Oliveira (2015) para o RJ e em Nunes de Souza (2015) para SC. A evolução para cada uma das variantes nos dados de SC na análise de Oliveira, Carvalho e Silva, em dois períodos, o final do século XIX e a segunda metade do século XX, estão expressos nos gráficos da figura 7 a seguir.

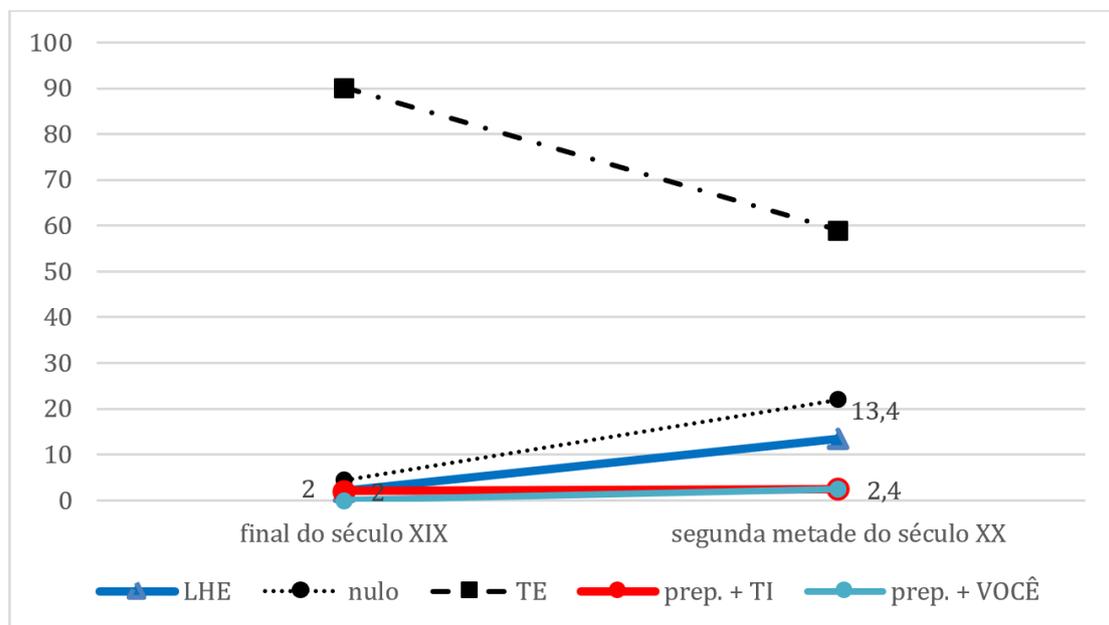


Figura 7: Implementação das formas dativas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais de Santa Catarina (final do século XIX e segunda metade do século XX) - (OLIVEIRA; CARVALHO; SILVA, a sair, p. 10)

Esses resultados deixam ainda mais evidente a implementação das variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular em cartas do estado de SC, com o uso do pronome *te* ainda muito frequente no final do século XIX (90,2%) e na segunda metade do século XX (56%); um pequeno aumento na frequência de uso do pronome *lhe*, com 13,4% em cartas da segunda metade do século XX; um pequeno incremento da forma nula; e a quase ausência de formas preposicionadas, com as preposições *a* ou *para* + *ti* ou *você* na amostra.

Os resultados que sistematizamos nesta seção sobre os complementos dativos com referência à segunda pessoa do singular em cartas de três regiões do Brasil no curso dos séculos XIX e XX mostram que a implementação no contínuo temporal das variantes é diferente. Em cartas da região Nordeste, há uma distribuição diacrônico-diatópica bastante particular em que (i) a variante pronominal *te* é significativamente menos frequente já no início do século XX; (ii) a variante inovadora *lhe* já se mostra implementada no sistema pronominal desse período e o que se observa é uma acentuada queda na frequência de uso dessa forma no curso do século XX; e (iii) a frequência de uso das formas (mais) inovadoras nulas e preposicionadas, sobretudo desta última, são incrementadas no sistema.

4. Sumarizando para concluir: particularidades das formas pronominais completivas de verbo com referência à segunda pessoa na escrita do Nordeste brasileiro em comparação com demais regiões

Os resultados que retomamos neste artigo nos permitem delinear (o início de) um mapeamento diatópico-diacrônico dos complementos verbais com referência à segunda pessoa em cartas pessoais escritas em três regiões do Brasil dos séculos XIX e XX e apresentar mais argumentos para a hipótese defendida em Martins et al. (2015) e Martins (a sair) de que formas inovadoras da gramática do PB se implementam primeiro na região Nordeste quando comparada com as regiões Sudeste e Sul.

Os resultados de Moura (2017) mostram que formas associadas ao inovador *você* são mais recorrentes para os complementos verbais nas funções acusativa, dativa e oblíqua em cartas do estado do Rio Grande do Norte no século XX. Das formas associadas ao pronome *você*, o pronome *lhe* é muito recorrente e os nulos são poucos frequentes em todo o curso do século XX, estando associados em sua grande maioria a complementos dativos. O uso do pronome *lhe* como complemento de segunda pessoa era já mais fre-

quente, mesmo em cartas com temáticas mais íntimas, ambiente favorecedor do uso das formas associadas ao *tu*.

Com um olhar verticalizado para os complementos dativos com referência à segunda pessoa, os resultados de Costa da Silva (2017) mostram que a mudança associada ao uso da forma inovadora *lhe* parecia já estar por completo implementada no sistema de dativos no início do século XX na escrita do Nordeste e vai perdendo espaço primeiro para os nulos, que começam a aparecer timidamente em cartas do início do século XX, e depois para as formas mais inovadoras preposicionadas, cuja frequência de uso aumenta de 4% de 1900-1930 para 11% e 34% em cartas das décadas de 1931-1970 e 1971-1999.

Assim, podemos concluir que em cartas da região Nordeste há uma distribuição diacrônico-diatópica bastante particular em que (i) a variante pronominal *te* é significativamente menos frequente já no início do século XX; (ii) a variante inovadora *lhe* já se mostra implementada e o que observamos na escrita é uma acentuada queda na frequência de uso dessa forma; e (iii) a frequência de nulos aumenta, assim como aumenta significativamente a frequência das formas preposicionadas (*prep. + você* e mesmo *prep. + tu*). Esse quadro corrobora a hipótese de que a escrita no Nordeste apresenta traços inovadores da gramática do PB que se antecedem no contínuo temporal no curso dos séculos XIX e XX. Muito naturalmente, uma amostra com um número maior de dados extraídos de diferentes gêneros textuais deve ser analisada para que possamos colorir com mais propriedade um mapa dos pronomes complementos da escrita no vasto território do Brasil dos séculos XIX e XX.

Referências

ANDRADE, A. L.; CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. de O. Formas tratamentais em cartas baianas: sujeito e outras funções. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, p. 257, 2016.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of power solidarity. In: Sebeok, T.A. (ed.), *Style in*

Language. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960, p. 253-276.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística* histórica. Madrid: Gredos, 2007.

COSTA DA SILVA, F. *O emprego das formas dativas de segunda pessoa na escrita do Nordeste brasileiro do século XX: uma mudança em curso*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

LOPES, C. R.; MARCOTULIO, L., L.; BRITO, M. C. R. DE ; OLIVEIRA, T. L.; SOUZA, J. P. F ; COELHO, I. L.; GOMES, V. S.; CARNEIRO, Z.; ANDRADE, A. L.; MARTINS,

M. A.; OLIVEIRA, M. F.; MONTE, V. M.; SOUZA, C. M. N.; BALSALOBRE, S. R. G.; MOURA, K. K.; CRUZ, I. A.; CARDOSO, N. D. A reorganização no sistema pronominal de 2a. pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito. In: LOPES, C. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra - perspectiva funcionalista*. 1.ed.São Paulo: Editora Contexto, 2018, v. 4, p. 7-105.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro. v. 1, p. 12-25, 2015.

LOPES, C.; CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você sujeito e retenção do clítico te. *Linguística*, Madrid, vol. 25, 2011.

MARTINS, M. A.; ANDRADE, A. L. de; MOURA, K. K.; LACERDA, M.; GOMES, V. S.; CARNEIRO, Z. Para um panorama socio-histórico das formas de tratamento na função de sujeito na região nordeste. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro. v. 1, p. 26-48, 2015.

MARTINS, M. A. *Singularidades na sintaxe do português brasileiro escrito na região nordeste nos séculos XIX e XX*. A sair.

MOURA, K. K. *Formas de P2 na posição de complemento verbal em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MOURA, K. K. *A implementação do você em cartas pessoais Norte-rio-grandenses do século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro. v. 1, p. 49-61, 2015.

NUNES DE SOUZA, C.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE (UFC)*, v. 15, p. 213-243, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. N. *A alternância entre Tu e Você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. 2015. 181f. Tese (doutorado em Linguística) – UFSC, Santa Catarina, 2015.

OLIVEIRA, T. L.; CARVALHO, B. B. A.; SILVA, T. F. T. A. Convergências e divergências na expressão do dativo de segunda pessoa: análise de cartas pessoais catarinenses e cariocas dos séculos XIX e XX. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. O. S.; MARTINS, M. A.; GÖRSKI, E. M. *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português de Santa Catarina dos séculos XIX e XX*. Editora da UFSC, Florianópolis, a sair.

OLIVEIRA, T. L. de. Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro. v. 1, p. 81-98, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.



Data de submissão: 10/04/2019

Data de aceite: 11/09/2019